WAGNER ALONGE DA SILVA

Blogs entre o *continuum* e o *degradé*:

um estudo de gêneros ciberjornalísticos e critérios de noticiabilidade

Bauru – SP
2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Blogs entre o *continuum* e o *degradé*: um estudo de gêneros ciberjornalísticos e critérios de noticiabilidade

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Área de Concentração: Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Bauru, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Comunicação, orientada pelo Prof. Dr. Ricardo Alexino Ferreira.

Bauru – SP
2008

DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP – Campus de Bauru

Alonge da Silva, Wagner.

Blogs entre o continuum e o degradé: um estudo de gêneros ciberjornalísticos e critérios de noticiabilidade / Wagner Alonge da Silva. - Bauru, 2008

232 f. : il.

Orientador: Ricardo Alexino Ferreira

Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2008

Ficha catalográfica elaborada por Maria Thereza Pillon Ribeiro – CRB 3.869

comunicação
PÓS - GRADUAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

ATA DA DEFESA PÚBLICA DE MESTRADO DE WAGNER ALONGE DA SILVA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO, UNESP - CAMPUS DE BAURU.

Aos treze dias do mês de outubro de dois mil e oito, às quinze horas, na sala dos Órgãos Colegiados da UNESP - campus de Bauru, instalou-se a Comissão Examinadora da defesa pública de Mestrado, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Ricardo Alexino Ferreira (presidente), docente do programa de pós-graduação em Comunicação da UNESP - campus de Bauru; Profª. Drª. Nancy Nuyen Ali Ramadan, docente do departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, docente do programa de pós-graduação em Comunicação da UNESP - campus de Bauru, a fim de proceder à argüição pública de Mestrado de **WAGNER ALONGE DA SILVA**, discente do programa de pós-graduação em Comunicação, desta Faculdade, dissertação intitulada: **"Blogs entre o *continuum* e o *degradé*: um estudo de gêneros ciberjornalísticos e critérios de noticiabilidade"**. Abertos os trabalhos, foi dada a palavra a Profª. Drª. Nancy Nuyen Ali Ramadan, que argüiu o candidato por quarenta minutos, tendo este respondido em vinte minutos. Em seguida, o Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura argüiu o candidato por quarenta minutos, tendo este respondido em vinte minutos. Finalmente, o Prof. Dr. Ricardo Alexino Ferreira discorreu sobre o trabalho por vinte minutos. Logo após, reuniu-se a Comissão Examinadora tendo chegado ao seguinte julgamento que de público foi anunciado: Profª. Drª. Nancy Nuyen Ali Ramadan – conceito: "aprovado"; Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura – conceito:

comunicação

PÓS - GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

"aprovado" e Prof. Dr. Ricardo Alexino Ferreira – conceito: "aprovado". A Comissão Examinadora apresentou o conceito final: **"APROVADO"**. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai por mim assinada, Silvio Carlos Decimone _____ e pela Comissão Examinadora. Bauru, 13 de outubro de 2008.

Prof. Dr. Ricardo Alexino Ferreira
(Presidente)

Profª. Drª. Nancy Nuyen Ali Ramadan

Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura

Av. Eng. Luiz Edmundo Coube, s/n - Vargem Limpa - 17.033-360 - Bauru - São Paulo
Caixa Postal 473 - Fone/Fax: (14) 3103-6097 - e-mail: pgcom@faac.unesp.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA

Dissertação de Mestrado apresentada por **Wagner Alonge da Silva** ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, área de concentração em Comunicação Midiática, linha de pesquisa Processos Midiáticos e Práticas socioculturais, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de Bauru, para obtenção do título de **Mestre em Comunicação**, sob orientação do Professor Doutor Ricardo Alexino Ferreria.

BANCA EXAMINADORA

Membros:

_____
Profª. Drª Nancy Nuyen Ali Ramadan (USP/ São Paulo)

_____
Profº. Drº. Mauro de Souza Ventura (UNESP/Bauru)

Presidente e orientador:

_____
Profº. Drº. Ricardo Alexino Ferreira (UNESP/Bauru)

Bauru, 13 de Outubro de 2008.

Dedico este trabalho especialmente à minha mãe que com seu amor e dedicação incondicional sempre me apoiou a ir além e também a Emerson e Renata pela parceria e amor cúmplice.

AGRADECIMENTOS

"Na verdade só sabemos quão pouco sabemos- com o saber cresce a dúvida". Goethe

Sempre gostei de ler os agradecimentos em livros, dissertações e teses, mas expressar gratidão é realmente um grande desafio. As lembranças dos momentos em que fomos agraciados com a presença de pessoas especiais despertam emoções nostálgicas, de difícil tradução. O segredo parece estar em ser simples, em face da complexidade de tantas memórias afetivas.

Agradeço primeiramente a meus pais Alfredo e Fátima pelo apoio afetivo e material, sem eles mais esta conquista pessoal não seria completa e possível. Com ênfase ao empenho e batalha diária de minha mãe em sempre acreditar e fazer dos meus sonhos também os dela.

A Emerson por sua parceria dedicada, pelo apoio e paciência nestas muitas horas de tensão, dúvidas e concentração em que vivi refletindo ou dissertando. Obrigado por tudo, por ser companhia em Bauru, alento e razão de dedicação e sorrisos.

A minha irmã Renata por sua cumplicidade construída em cima de sinceridade e amizade materializada nas lindas lembranças de momentos de confidências fraternos. E a Leandro e Diego que são presença e beleza, cada um a seu modo na convivência do lar familiar em Marília.

Aos amigos, em especial, os que cultivei nesta curta jornada chamada pós-graduação em Bauru: Lídia, Lauren, Yuji, Vevila, Simone, Marta, Vanessa, Débora, Fabrício e todos os outros que compartilharam as reflexões e companhia no processo de aprofundamento desta busca reflexiva.

Às amigas da saudosa época de graduação que permanecem sendo queridas, carinhosas e cúmplices, Ana Elisa, Ana Rosa, Fernanda, Simone, Camilinha e Tati. Obrigado pelas conversas e pelos conselhos afetivos e acadêmicos.

Agradeço ao Professor Alexino por sua compreensão e estímulo e, sobretudo por sua crença de que no final tudo daria certo. Aos professores da pós-graduação, em especial Professora Maria Teresa Kerbauy, Professor Maximiliano, Professor Mauro Ventura e Cláudio Bertolli pela predisposição em dialogar e pensar junto o pensar.

A professora Nancy Nuyen Ali Ramadan por ter prontamente aceito nosso convite para participar da banca e colaborar com sua perspectiva na conjuntura de avaliação.

Agradeço em especial a CAPES que me ofereceu os subsídios para que pudesse me dedicar exclusivamente a esta pesquisa.

Aos secretários da seção de pós-graduação da FAAC, pelo apoio técnico acadêmico. E a todos os professores da graduação em Ciências Sociais da Unesp de Marília que me apresentaram o cenário da pesquisa. A todos os mencionados obrigado por tudo.

‘Um feixe de eus’. Na realidade não há nenhum eu, nem mesmo no mais simples, não há uma unidade, mas um mundo plural, um pequeno firmamento, um caos de formas, de matizes, de situações, de heranças e possibilidades. Cada indivíduo isolado vive sujeito a considerar esse caos como uma unidade e fala de seu eu como se fora um ente simples, bem formado claramente definido; e a todos os homens, mesmo aos mais eminentes, esse rude engano parece uma necessidade, uma exigência da vida, como respirar e comer. (Herman Hesse)

ALONGE, W. Blogs entre o *continuum* e o *degradé*: um estudo de gêneros ciberjornalísticos e critérios de noticiabilidade, 2008, 229 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2008.

RESUMO

A Internet tem atraído cada vez mais a atenção de pesquisadores como um novo espaço social no qual são gestadas novas formas de comunicação e convivência. Os weblogs seriam então um dos mais recentes canais midiáticos no âmbito do ciberespaço. Diante disso, objetivou-se neste trabalho investigar os critérios de noticiabilidade e valores-notícia que orientam a instauração de um possível novo formato noticioso nos blogs verificando os gêneros ciberjornalísticos das notícias no âmbito de sua emergência enquanto uma mídia no webjornalismo. Propôs-se, portanto, por meio de um estudo exploratório relacionar os dados obtidos junto ao levantamento processual empírico nos três blogs estudados aos questionamentos que perpassam tal reflexão; se o jornalismo praticado nos blogs repete o mesmo padrão da grande mídia, ou se o potencial multimidático destes canais altera os valores-notícias ou provocam um novo agendamento de fato para além do ocorrido na chamada mídia de massa. Seria o novo em curso ou o velho maquiado pela presença de recursos de personalização multimidiática? Nesse sentido, esta pesquisa busca fornecer subsídios teórico-empíricos mais abrangentes sobre os blogs inseridos na discussão ampla da cultura midiática e esfera pública virtual, contribuindo para suprir a lacuna do conhecimento referente a esse novo fenômeno comunicacional.

Palavras-chave: Weblogs; Esfera Pública; Novas Tecnologias da Comunicação; Gêneros Ciberjornalísticos; Critérios de noticiabilidade.

ALONGE, W. *Blogs between the continuum and the degradé: a study of ciber journalistic genres and noticiability criteria*, 2008, 229 f. *Dissertation (Post-graduation in Communication). Program of Post-Graduation in Communication. College of Architecture, Arts and Communication of* UNESP, Bauru – SP, 2008.

ABSTRACT

Internet has been drawing the interest of researchers as a new social space where new manners of communication and sociability are being sustained. Therefore, weblogs are one of the newest media channels at the scope of cyberspace. Moreover then the objective of this paper is to search the noticiability criteria e "news-value" that guide the establishment of a possible new journalistic configuration on blogs, to verify the ciber journalistic genres of piece of news whereas they rise as a journalistic media in webjournalism. So the proposal is to relate, by means of an exploratory study, the information achieved in the empiric processual survey within the analyzed blogs about the contestations that pass by this consideration; if the journalism that is executed on blogs repeats the same standards of the world media or the multimedia potential of this channels changes the "news-value" or promotes a new agenda, in fact, beyond what happens at the so-called mass media. Would it be that the new one is in motion or the old one is disguised by multimedia personalization resources? For that, this research intents to present ample theoretic and empiric subventions about the blogs introduced at the wide media culture and the virtual public sphere, that contribute to compensate for the lack of studies about this new communication phenomenon.

Keywords: *Weblogs, public sphere, new technologies of communication, ciber journalistic genres, noticiability criteria.*

LISTA DE IMAGENS

Página

Imagem 1- Modelo Habermasiano de uma esfera pública burguesa..... 43

Imagem 2 - Blog de Fernando Rodrigues..... 106

Imagem 3 – Blog de Josias de Souza..... 107

Imagem 4 – Blog de Luís Nassif..... 108

Imagem 5 - Enquete no blog de Fernando Rodrigues..... 112

Imagem 6- Notícia na Coluna de Fernando Rodrigues na Folha de S. Paulo no dia 01/08/2007..... 124

Imagem 7- Postagem no Blog de Fernando Rodrigues no dia 01/08/2007..... 125

Imagem 8- Postagem no Blog de Fernando Rodrigues no dia 01/08/2007..... 126

Imagem 9- Fragmento de Postagem no Blog de Fernando Rodrigues no dia 01/08/2007..... 127

Imagem 10- Postagem no blog de Josias de Souza no dia 20/07/2007..... 127

Imagem 11- Postagem do Blog de Josias de Souza 16/07/2007 : Exemplo de uso de Charge..... 128

Imagem 12- Postagem do blog de Luís Nassif: Exemplo de uso de link interno..... 129

Imagem 13- Postagem no blog de Josias de Souza no dia 21/07/2007..... 129

Imagem 14- Postagem do blog de Luís Nassif em 28/07/2007..... 130

Imagem 15 – Exemplo de Charge publicada..... 134

Imagem 16 - Exemplo de Charge publicada..... 134

Imagem 17- Post com presença de hipertexto do blog de Josias de Souza..... 135

Imagem 18 – Postagem do blog Fernando Rodrigues dia 17 de Julho 2007..... 136

Imagem 19 – Postagem do blog Fernando Rodrigues dia 19 de Julho 2007..... 137

Imagem 20- Aba para emissão de comentário nos blogs do portal UOL (Josias de Souza e Fernando Rodrigues)..... 138

Imagem 21- Aba para emissão de comentário no blog de Luís Nassif..... 138

Imagem 22- Regras de uso dos blogs da redação do portal UOL..... 141

Imagem 23- Regras de uso dos blogs da redação do portal UOL..... 142

Imagem 24- Parte de post do blog de Fernando Rodrigues dia 20/07/2007..... 143

Imagem 25- Comentário no blog de Fernando Rodrigues no dia 23/07/2007..... 144

Imagem 26- Postagem retificada pela interferência do comentário do leitor..... 145

Imagem 27 - Postagem do blog de Luís Nassif dia 21/07/2007..... 146

Imagem 28- Parte dos comentários referentes a tal post..... 147

Imagem 29- Postagem do blog de Luís Nassif do dia 21/07/2007..... 148

Imagem 30- Postagem do blog de Luís Nassif do dia 21/07/2007..... 148

Imagem 31- Postagem do blog de Luís Nassif, dia 21/07/2007..... 152

Imagem 32- Jornalismo on-line: prospectivas de 1995..... 157

LISTA DE TABELAS

Página

Tabela 1- Percentual de domicílios com posse e uso de computadores e acesso à Internet..... 52

Tabela 2- Quadro comparativo TICs 2005, 2006 e 2007..... 53

Tabela 3- Proporção de Domicílios com computador percentual sobre o total de domicílios..... 53

Tabela 4- Quadro comparativo entre jornalismo impresso e jornalismo on-line quanto ao acesso, espaço, texto, captação de notícia, fechamento da edição, usuário e memória..... 66

Tabela 5- Classificação proposta por Marques de Melo (1994)..... 85

Tabela 6- Grade classificatória proposta por Chaparro (2008)..... 90

Tabela 7- Quadro categórico cronologia de tipologia dos blogs, 2005..... 97

Tabela 8-Caracterização do tamanho das postagens na semana do dia 15 a 21/07/2007..... 135

SUMÁRIO

Página

INTRODUÇÃO..... 17

a) Objetivo..... 24

b) Metodologia de pesquisa..... 26

c) Estrutura da dissertação..... 26

CAPÍTULO 1 - As implicações dos weblogs na cultura pública midiática e no fazer jornalístico..... 29

1.1 A revitalização da esfera pública pela comunicação ciberespacial..... 29

1.2 A opinião: do advento da imprensa a ágora digital..... 36

1.3 Jornalismo on-line, jornalismo digital, webjornalismo..... 56

1.4 Weblogs: Definições, aspectos históricos e convergências..... 70

CAPÍTULO 2- Blogs: interseção híbrida expressa entre o *continuum* e/ou *degradé*..... 76

2.1 Blogs: os meios, as linguagens e a cultura..... 76

2.1.1 A cena brasileira..... 78

2.1.2 Blogs e receptor sujeito..... 80

2.1.3 Blogs: a informação no centro do palco..... 81

2.2 A teoria dos gêneros jornalísticos..... 84

2.3. Os gêneros ciberjornalísticos..... 92

2.4 Em busca de uma tipologia para os blogs jornalísticos..... 96

2.4.1 Classificação dos blogs de política..... 100

2.5 Classificando os blogs pesquisados..... 103

2.5.1 Descrição dos blogs analisados..... 105

2.5.2 Análise estrutural..... 109

CAPÍTULO 3 - Análise dos gêneros ciberjornalísticos e valores-notícia nos blogs..... 118

3.1 Valores-notícia: as determinantes da noticiabilidade dos fatos..... 118

3.2 O processo de seleção de notícias..... 122

3.3 Critérios para a análise dos gêneros e Valores-notícia nos blogs..... 133

3.4 Analisando os valores-notícias..... 149

3.4.1 Os valores- notícias de seleção..... 154

3.5 Transformações: os blogs entre o continuum e o degradé..... 159

3.6 Críticas e suspeições sobre o espaço público midiatizado..... 164

Considerações finais..... 170

Referências..... 177

Anexos..... 190

INTRODUÇÃO

> "Os blogs são um meio originário da rede, possivelmente o primeiro meio nativo da web". José Luis Orihuela, 2007.

Em abril de 2007 foi comemorada a primeira década da existência da chamada blogosfera, muito se repercutiu sobre o assunto na mídia impressa e claro na mídia digital[1]. Esta 'comemoração' é fundada no consenso de que no dia 1º de abril de 1997 Dave Winer publicou a primeira entrada do *Script News*[2], o weblog mais antigo, que continua sendo atualizado até hoje. Em 17 de dezembro daquele mesmo ano Jorn Barger cunhou o termo weblog para designar seu próprio site.

Hoje existem mais de 70 milhões destes sites pessoais, autogestados por seus autores - editores, também existem dados como pesquisa publicada em 2007 por *Technorati*[3], *site* que pesquisa dados em *blogs*, afirmando que a cada dia já foram criados entre 8 mil e 17 mil novos blogs e 275 mil comentários são colocados nos *blogs*, constituindo uma média de três *blogs* atualizados a cada segundo, evidenciando o alto grau de participação ativa nestas páginas. Nunca um canal de comunicação havia crescido a esta velocidade. A blogosfera, o espaço dos weblogs na rede, desde 2003 quando passou a ser medida vem se desenvolvendo a um ritmo que já chegou a se duplicar a cada seis meses, hoje dados demonstram que este ritmo tende a ter uma desaceleração.

Os weblogs têm sido muitas coisas ao longo destes dez anos, estão mudando assim como a própria rede que foi ao longo dos últimos anos se reconfigurando e tendo sua percepção social e seu impacto cultural, econômico, político e midiático transformados gradualmente.

---

[1] Ver discussão publicada no site do *The Wall Street Journal 'Happy Blogiversary'* por Tunku Varadarajan In: http://online.wsj.com/article/SB118436667045766268.html?mod=home_we_banner_left acessado dia 14 de julho de 2007 e também ' Los weblogs cumplen diez años de agitación' por José Luiz Orihuela publicado no site do jornal espanhol El País ; In: http://www.elpais.com/articulo/ocio/weblogs/cumplen/anos/agitacion/elpeputeccib/20070118elpciboci_1/Tes acessado no dia 18 de janeiro de 2007.

[2] http://www.scripting.com

[3] http://technorati.com

É possível estabelecer três momentos distintos da história dos weblogs a partir de alguns marcos que contribuíram para a maturação de tal canal e sua paulatina implantação não somente na história da rede, senão também na cultura contemporânea.

O próprio Winer reconhece que 'o primeiro weblog foi o primeiro site web', que corresponde ao site *What´s New* em 1992, no qual Tim Berners- Lee foi contando a marcha de desenvolvimento do projeto *World Wide Web (W.W.W.)* posto em funcionamento naquele ano em Genebra. Desde junho de 1993 o site *What's New* do navegador Mosaic que possuía uma estrutura particular de cronologia inversa das notícias, na qual as mais recentes apareciam sempre na parte superior da página, sucedida pelas anteriores; este site se converte na principal referência até junho de 1996.

Em Janeiro de 1998 Matt Drudge revela em sua página pessoal, *Drudge Report*, a pista que desencadeou o escândalo Clinton-Lewinsky. Em novembro do mesmo ano, Jesse James Garrett, compilou a primeira lista de weblogs que até este momento, não eram mais que duas dezenas de blogs, como ele disse "era uma época na qual se podiam ler diariamente nuns quinze minutos todos os weblogs que existiam na rede".

Neste momento eram poucos os pioneiros, os quais se limitavam fazer de suas páginas pessoais, ambientes de discussão do próprio tema Internet, software livres e pequenos 'furos' noticiosos. Esta primeira época dos pioneiros chegou ao seu fim com a aparição das primeiras ferramentas gratuitas da rede, para edição e hospedagem de weblogs: *Live Journal*[4] em março de 1999, *Pitas*[5] em julho de 1999 e fundamentalmente *Blogger*[6] no mês seguinte. Desde então o meio se tornou crescentemente popular e se estendeu para além do âmbito dos programadores e jornalistas, nascendo assim a blogosfera como comunidade.

O êxito de Blogger, que alcançou a cifra de 40.000 usuários em seus primeiros nove meses de funcionamento e que acabaria formando parte do vasto repertório de aquisições do Google em fevereiro de 2003, numa transação

[4] www.livejournal.com
[5] www.pitas.com
[6] http://www.blogger.com

milionária, demonstra a intensificação e solidificação da grande comunidade até então embrionária[7].

Os atentados de 11 de setembro de 2001 e de 11 de março de 2004 constituem o batismo de fogo do novo meio nos Estados Unidos e Europa nas quais se revelaram dramáticas as circunstâncias do poder da cobertura dos fatos baseadas na publicação de testemunhos pessoais. O início da Guerra do Iraque em 2003 foi o cenário fértil para a ação dos chamados *warblogs* (diários de guerra) nos quais muitos se manifestaram contrários a tal conflito e mesmo os envolvidos diretamente na zona de combate puderam narrar suas vivências, como foi o caso das crônicas de Salam Pax[8] um arquiteto iraquiano.

Em 2004 o dicionário *Merrian-Webster* reconheceu o termo weblog como a palavra do ano, assegurando sua inclusão na edição impressa em 2005. Tal como havia ocorrido em dezembro de 2004 com o tsunami asiático, em agosto de 2005 o furacão Katrina voltou a colocar os bloggers (editores dos blogs) na agenda global e contribuíram para que os meios tradicionais reconhecessem o potencial das novas formas de comunicação pública destes canais.

Quando em outubro de 2005 a *America on-line* comprou a rede de weblogs comerciais *Weblogs Inc* por 25 milhões de dólares, indubitavelmente se abriu uma nova etapa na blogosfera, caracterizada pela paulatina profissionalização e comercialização do meio.

Num curto espaço de tempo, os blogs passaram de uma simples aplicação informática, a um importante dispositivo de comunicação. Conforme enfatizou Canavilhas (2005) tanto no ensino, na literatura, na ciência ou na política, o recurso aos blogs cresceu rapidamente devido à simultaneidade de duas características: baixo custo e facilidade de manuseamento.

A partir de 2003 e 2004 ocorre a incorporação dos blogs nos grandes portais dos jornais americanos e europeus e um pouco depois também no Brasil. Neste

---

[7] "Google compra fabricante de software para blogs Pyra Labs"; http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u12288.shtml , acessado no dia 03 de abril de 2003.

[8] Durante a campanha militar no Iraque houve mesmo um registro de guerra feito a partir de Bagdá. Um diário de quem via as bombas cair e tinha histórias de um dia-a-dia numa cidade que estava no centro das atenções do mundo. Durante o auge da guerra contra o Iraque e a escassez de informações a chegar ao Ocidente, os informes mais eloqüentes nos chegaram graças a esse novo canal. Causou sensação o blog de um indivíduo em Bagdá narrando, em inglês, o cotidiano de sua cidade debaixo da guerra. Assinava-se *Salam Pax*, e, devido à alta qualidade de seu texto o jornal britânico *The Guardian* começou a publicar os blogs de *Salam Pax* em sua versão impressa.

momento tais jornalistas/bloggers criavam e mantinham os seus blogs seguindo mais a lógica da cultura do jornal impresso, ou seja, mantinham, de fato, colunas textuais diariamente em âmbito on-line.

Neste sentido, os blogs seriam apenas uma maquilagem nova para uma velha idéia: a idéia de se fazer uma coluna de opinião. Logo, não eram espaços de conversação; não fugiam a princípio a lógica de comunicação unidirecional. No portal on-line da Folha de S. Paulo, por exemplo, os blogs seriam extensões dos cadernos semanais (Ilustrada, esportes) seguindo apenas uma lógica da atualização constante e diária daquilo que antes era publicado no impresso semanalmente.

Nos EUA[9] os primeiros blogs criados, tiveram como finalidade fazer um contraponto à grande mídia. Aqui no Brasil aconteceu diferente, os blogs surgiram, em um primeiro momento, como uma forma de diversão, terapia, hobby, de autopromoção na medida que a maioria dos primeiros blogs eram diários pessoais virtuais de sujeitos que contavam sua vida íntima ou os utilizavam com outras finalidades particulares de socialização.

Já em 2005 no Brasil a maior parte das edições on-line de todo tipo de meios de comunicação tanto impresso como eletrônicos incorporam, com maior ou menor intensidade, blogs entre suas ofertas de conteúdos.

É possível dizer que houve sim um alargamento do espaço informativo e opinativo com os blogs nestes onze anos. Tornaram-se um fenômeno porque muitas e diferentes pessoas espalhadas pelo planeta aderiram a idéia. Os blogs participaram da história do 11 de Setembro, 11 de Março(Madrid), ataques de Londres, Guerra do Iraque, Tsunami; de eleições, criando assim uma rede de narrativas e opiniões individuais e coletivas dentro da esfera virtual hoje também chamada de Web 2.0.

A chamada Web 2.0 é um termo cunhado em 2003 em conferências organizadas pela empresa estadunidense *O´Reilly Media* para designar uma segunda geração de comunidades e serviços baseados na plataforma Web, como *wikis*, aplicações baseadas em folksonia e redes sociais. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à atualização nas

---

[9] No que representa os Estados Unidos, segundo um informe do Instituto norte-americano *Pew Internet Report*, dos 147 milhões de adultos com acesso a Internet, 57 milhões lêem blogs diariamente e 12 milhões mantêm seu próprio blog. (Nota do autor)

suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores.

Conforme define Tim O´Reilly (2004):

> Web 2.0 é a mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva. (O'REILLY, 2004, on-line)

Os impactos da internet nas empresas e práticas jornalísticas foram potencializados com a popularização da Web 2.0. O envolvimento de cidadãos comuns, antes considerados meros leitores, na publicação e edição de conteúdos jornalísticos tem se tornado uma prática cada vez mais comum. A esta tendência atribui-se o conceito de Jornalismo participativo, Jornalismo cidadão ou mesmo Jornalismo *Open-Source*[10].

Dentro deste novo contexto vemos surgir nomenclaturas que tentam denominar este novo cenário emergente, e assim ocorre a profusão de neologismos e reconfigurações do conceito jornalismo praticado no suporte digital, como por exemplo as denominações : ciberjornalismo, jornalismo-on line, jornalismo digital, jornalismo multimídia, webjornalismo entre outros.

Neste estudo, entendemos ciberjornalismo como uma nova modalidade do jornalismo. Assim o referenciamos porque partimos da idéia de que o ciberjornalismo manifesta-se como a especialidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e, o mais importante, necessariamente difundir conteúdos jornalísticos (SALAVERRÍA, 2005, p. 21). O ciberespaço engloba tanto a Internet como outras redes telemáticas; e, além de estar relacionado com a investigação, produção e difusão de conteúdos, diz respeito ainda ao armazenamento das mensagens jornalísticas (CALVO, 2006, p. 55).

Mas ao longo deste trabalho, privilegiaremos o uso dos termos jornalismo on-line e webjornalismo por serem designações categóricas que conseguem englobar as fases e características específicas das potencialidades apresentadas nos blogs focos deste estudo.

---

[10] Um dos sites mais representativos esta tendência é o Digg, que permite que usuários cadastrem artigos publicados em outros sites. Estes textos recebem votos (diggs) da comunidade e os mais populares ganham destaque na página principal do site. Ao permitir a influência direta do público na hierarquização da informação, este mecanismo traz inovações às técnicas tradicionais de edição jornalística, caracterizada pela centralização na figura do editor. (Nota do autor)

Mas o tal conceito de ciberjornalismo, uma espécie de sinônimo de webjornalismo, se aproxima de duas expressões também comumente utilizadas em estudos sobre comunicação digital: o jornalismo digital e webjornalismo. Assim, para Bastos (2000a), o jornalismo digital é sinônimo de 'produção na rede e para a rede'. Mas Bastos também usa o termo ciberjornalismo para tratar da produção noticiosa exclusiva e específica para edições no ciberespaço, em particular a voltada à web. Canavilhas (2001 e 2005), por sua vez, situa o webjornalismo como o jornalismo que, com base na convergência de textos, imagens e sons, explora as potencialidades da web. Em Machado e Palácios (1997) temos que o jornalismo digital:

> [...] envolve toda a produção discursiva que recorte a realidade pelo viés da singularidade dos eventos e que tenha como suporte de circulação a Internet, as demais redes telemáticas ou qualquer outro tipo de tecnologia que transmita sinais numéricos.

Por outro lado, o termo webjornalismo, na acepção aqui adotada, distancia-se da idéia de jornalismo on-line, jornalismo eletrônico e jornalismo multimídia. Porque tais expressões ora dizem respeito ao mero uso instrumental da Internet para a recolha de informações por parte dos jornalistas- este é o caso da expressão jornalismo on-line em Bastos (2000a), como um jornalismo que situa-se aquém de todas as possibilidades que o ciberespaço oferece- ora são expressões genéricas demais para especificar as particularidades do jornalismo feito em redes digitais- este é o caso da expressão jornalismo eletrônico em Bastos (2000b) – e ora designam um jornalismo feito em múltiplas plataformas – como é o caso da expressão jornalismo multimídia em Salaverría (2005).

É tangível o fato que assistimos hoje a crescente apropriação deste cenário digital pela imprensa tradicional e pelo jornalismo que busca se modificar na tentativa de se adequar a esta nova realidade tecnológica. E os blogs são 'meios originários da rede' congruentes aos preceitos da prática jornalística, generalizando-se a esperança em torno do chamado novo jornalismo, designadamente no formato dito como webjornalismo.

Os blogs como meio se diversificaram em uma ampla variedade de gêneros e de aplicações, ao tempo que projetam seu alcance em âmbitos tão diversos como a educação, a política e o jornalismo. Hoje a blogosfera está muito longe do perfil que tinha na época de seus pioneiros a onze anos, se converteu no espaço da rede em

que múltiplas comunidades de todas as línguas e culturas estão contruindo diariamente novas formas de expressão, conversação e conhecimento.

Um ponto de convergência com o jornalismo está na possibilidade dos blogs como os jornais serem formadores de empatia, o que possibilitam o agrupamento de leitores pela identificação com o veículo e temáticas tratadas. Outro ponto seria a liberdade de expressão tanto a imprensa quanto os blogs reivindicam a característica de não serem dependentes de interesses alheios à sua própria constituição e à relação comunidade-autor fundamentam boa parte de sua existência na possibilidade de exprimirem notícias e/ou pontos de vista sem censuras diretas e prévias de instituições superiores.

A avaliação é de que o poder político está mudando de polaridade com a influência das novas tecnologias de comunicação, com o advento e a aceitação dos blogs como fonte de referência e participação política, os espaços públicos reais estão cada vez mais se transformando em lugares virtualizados pela conjuntura e pela dinâmica das informações. É grande o potencial democrático contido na nova tecnologia de comunicação e informação. Rompendo com a rígida estrutura comunicacional de um para muitos, característica das mídias de massa como jornal, rádio e televisão, a Internet permite também o contato de um para um e de muitos para muitos. (CASTELLS, 2003). A Internet supre uma das necessidades fundamentais para o pleno exercício da cidadania em regimes democráticos, o acesso a fontes alternativas e vastas de informação. No mundo contemporâneo, a Internet representa um recurso importante à disposição da opinião pública, permitindo uma maior difusão de informações relevantes para a tomada de decisão consciente dos indivíduos e, por conseguinte, diminuindo a influência exclusiva do Estado sobre a determinação da agenda política.

As influências políticas das novas tecnologias de comunicação não são somente influências paralelas. Com o advento das atuais redes de informação, tornam-se também um fator de influência direta na economia, na sociedade, na cultura e nas identidades nacionais.

Os casos recentes que envolvem diretamente o conteúdo dos blogs em contextos políticos de grande repercussão mostram que apesar das novas tecnologias trazerem novos problemas e criarem novos exércitos de excluídos (além de diversos paradigmas a serem pensados e desenvolvidos), elas representam um aspecto positivo na evolução da democracia e da participação política dos indivíduos

e suas comunidades. Ao possibilitarem uma maior pluralidade no processo de difusão da informação e de acesso irrestrito, a produção e divulgação de informações inicia um ciclo dialético de participação e expansão constante.

A importância de se propor tal investigação sobre a emergência dos *blogs* no cenário da *Internet* reside na possibilidade de trazer para o debate acadêmico a análise empírica de um objeto até o momento não muito explorado, devido a sua atualidade. É claro que como qualquer análise do contemporâneo corre-se um certo risco, ainda mais em se tratando especificamente da *Internet*, a velocidade de transformações e inovações são gigantescas. Contudo, Castells ressalta, por exemplo, que apesar da sua difusão, a lógica, a linguagem e os limites da Internet não são bem compreendidos além da esfera de disciplinas estritamente tecnológicas, pois:

> A velocidade da transformação tornou difícil para a pesquisa acadêmica acompanhar o ritmo da mudança com um suprimento adequado de estudos empíricos sobre os motivos e objetivos da economia e da sociedade baseadas na Internet. Tirando proveito desse vácuo relativo de investigação confiável, a ideologia e a boataria permearam a compreensão dessa dimensão fundamental das nossas vidas, como freqüentemente ocorre em períodos de rápida mudança social. [...] (CASTELLS, 2003, p. 8-9).

Não é possível afirmar que os *blogs* enquanto tais serão eternos, pois sabemos que, como no capitalismo, a rede também funciona por mecanismos de obsolescência e renovação constante. Destarte, é evidente a proliferação e consolidação dos *blogs* enquanto uma prática usual na rede e, sobretudo, como uma prática criativa de discursos prolixos. Cabe salientar e afirmar que estes mecanismos e fontes de pesquisa social existem e estão visíveis e acessíveis, disponibilizando a manifestação de discursos polifônicos refletores de muitas questões sociais no que tange a reestruturação de uma sociabilidade através da instauração de comunidades de debates publicizadas em fóruns permanentes.

a) OBJETIVO

Os blogs seriam então, nesse turbilhão de novidades no mundo virtual, um dos mais recentes canais midiáticos no âmbito da rede mundial dos computadores. Diante disso, objetivou-se neste trabalho investigar os critérios de noticiabilidade e valores-notícia que orientam a instauração de um possível novo formato noticioso jornalístico nos blogs verificando os gêneros ciberjornalísticos das notícias no âmbito

de sua emergência enquanto uma mídia jornalística no webjornalismo. Propôs-se, portanto, por meio de um estudo exploratório relacionar os dados obtidos junto ao levantamento processual empírico nos três blogs estudados aos questionamentos que perpassam tal reflexão; se o jornalismo praticado nos blogs repete o mesmo padrão da grande mídia, ou se o potencial multimidático destes canais altera os valores-notícias ou provocam um novo agendamento de fato para além do ocorrido na chamada mídia de massa. Seria o novo em curso ou o velho maquiado pela presença de recursos de personalização multimidiática? Nesse sentido, esta pesquisa busca fornecer subsídios teórico-empíricos sobre os blogs jornalísticos inseridos na discussão ampla da cultura midiática, contribuindo para suprir a lacuna do conhecimento referente a esse novo fenômeno comunicacional e jornalístico.

Para isso será investigado o âmbito dos gêneros e dos temas apresentados nos discursos das postagens dos *blogs* selecionados; visualizando e caracterizando, sobretudo seu formato, valores notícias e critérios de noticiabilidade.

Procurando operacionalizar a investigação, serão analisados três blogs específicos, dois deles vinculados ao portal do Universo *On-line* (UOL)[11] e Folha On-Line e um ao portal IG[12]. Respectivamente são eles:

- **Blog de análise política de Fernando Rodrigues** http://uolpolitica.blog.uol.com.br/
- **Blog da Folha On-line de política** '**Nos Bastidores do poder' de Josias de Souza:** http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br
- **Blog projeto.Br de Luis Nassif** http://www.projetobr.com.br/web/blog/5

Trata-se de três blogs noticiosos e de opinião de temática política. Foram realizadas consultas periódicas aos *blogs* selecionados a fim de criar familiaridade com o processo e a dinâmica de tal canal.

O período cronológico escolhido aleatoriamente como amostragem de análise foi a semana iniciada no dia 15 de julho de 2007 (domingo) e terminada no dia 21 de julho de 2007 (sábado).

[11] http://www.uol.com.br
[12] http://www.ig.com.br

b) METODOLOGIA

Buscando alcançar os objetivos delineados anteriormente, os procedimentos metodológicos compreendem a estruturação de um sólido quadro teórico de referências sobre a temática relacionada e sua contextualização histórica. Será utilizado um suporte teórico que alie as teorias da comunicação em suas diversas dimensões com outras possíveis contribuições de análise de cunho sociológico, paralelamente as concepções e contribuições de autores que teorizam sobre a *Cibercultura* (Pierre Lévy, 1999) e a *Sociedade em Rede* (Manuel Castells, 2000). A intenção é elaborar uma reflexão que leve em consideração os processos histórico-sociais que possibilitaram a instauração da 'sociedade informática' e, por decorrência desta, possibilitando a emergência de novos meios sociais comunicacionais como os *blogs*. Para tanto, também nos basearemos na discussão sobre as convergências entre Internet e Jornalismo (Webjornalismo), realizadas por distintos teóricos.

Os critérios metodológicos de análise propriamente dos dados coletados nos blogs, perpassam pelas categorias dos gêneros jornalísticos teorizadas por Manuel Carlos Chaparro (2008), também Nelson Traquina nos servirá como alicerce no que tange a análise dos critérios de noticiabilidade e valores-notícias; outros teóricos contemporâneos sobre a blogosfera (Recuero, Penteado, Orduña, Orihuela) nos ajudam a delimitar as caracterizações deste objeto em possíveis definições de categorias conceituais de análise e tipologias.

c) ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

No primeiro capítulo '*As implicações dos weblogs na cultura pública midiática e no fazer jornalístico'*. O contexto da cibercultura é apresentado através dos nuances cenográficos e claro dos atores envolvidos, sintetizando uma discussão na qual é enfatizado que a Internet ampliou de forma inédita a comunicação humana, permitindo um avanço planetário na maneira de produzir, distribuir e consumir conhecimento, seja ele escrito, imagético ou sonoro. Construída colaborativamente, a rede é uma das maiores expressões da diversidade cultural e da criatividade social do século XX. Descentralizada, a Internet baseia-se na interatividade e na possibilidade de todos tornarem-se produtores e não apenas consumidores de

informação, como impera ainda na era das mídias de massa. Na Internet, a liberdade de criação de conteúdos alimenta, e é alimentada, pela liberdade de criação de novos formatos midiáticos, de novos programas, de novas tecnologias, de novas redes sociais e assim os blogs são apresentados e vinculados à discussão da convergência Web+ Jornalismo.

O jornalismo on-line, apesar de despontar no cenário nacional recentemente, começou nos Estados Unidos na década de 1970 e, a partir daí - com a evolução dos sistemas tecnológicos -, pôde agregar ferramentas e permanece ainda em constante evolução. Na revisão bibliográfica foram encontradas referências a seis ferramentas digitais exploradas atualmente pelos sites jornalísticos, que são: hipertextualidade, multimídia, considerando também a hipermídia como ligada à ferramenta, instantaneidade (atualização/velocidade), interatividade, personalização e memória.

Esta amplitude intrínseca da Internet nos remete a pensar se de fato ocorreria a revitalização da esfera pública pela comunicação ciberespacial, já que hoje a sociedade civil conta, não apenas com os Meios de Comunicação de Massa (MCM), mas, também, com Plataformas Comunicativas Multimidiáticas Ciberespaciais (PCMC). As habilidades inerentes ao meio digital, sobretudo a hipertextualidade e interatividade propiciam o surgimento de competências comunicativas que favorecem um processo de construção de opinião, minimizando as interferências coercitivas. Assim veríamos ser potencializadas as reais possibilidades de debates públicos, podendo estas evoluírem para a formação de esferas públicas no ciberespaço.

Diante de tantas reflexões sobre meios e processos de produção da informação o espaço e o papel do jornalismo devem passar também por uma avaliação. Esta é a proposta do segundo capítulo: '*Blogs: interseção híbrida expressa entre o continuum e/ou degradé'*. Linguagens associadas à tecnologia e a cultura estão relacionadas ao jornalismo neste momento de ruptura, reacomodação e reinvenção de processos. Neste *continuum* ou *degradé*, onde estão situados os blogs dentro de um ambiente jornalístico no atual contexto? Esta é uma das questões que se pretende investigar aqui, descrevendo a situação brasileira relacionada ao jornalismo, localizando os blogs na história das mídias e das linguagens de comunicação, que sofrem fortes influências da cibercultura.

Também neste capítulo procurando aliar todas estas questões de embasamento contextual e metodológicas, apresenta-se uma análise classificatória dos blogs foco desta pesquisa dentro de tipologias na busca de definições e caracterizações como assim também uma análise estrutural dos mesmos.

No terceiro capítulo: '*Análise dos gêneros ciberjornalísticos e valores-notícia nos blogs'* é proposta uma discussão sobre o processo de *"newsmaking"* buscando alicerçar comparações de análise entre a produção noticiosa na mídia tradicional e nos weblogs. Na medida em que alguns estudos sobre os conteúdos dos media noticiosos demonstram que as notícias apresentam um padrão geral bastante estável e previsível e esta previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham tanto no plano impresso como também no suporte on-line.

Enfim dessa maneira algumas suposições se confirmam já outras não, mas cabe salientar que dentro do corpus da pesquisa, vários nuances convergentes são verificados, o que nos abre perspectivas para múltiplas reflexões acerca do cenário da evolução dos suportes midiáticos, sendo possível, portanto, considerar que o desenvolvimento da Internet é caracterizado por catalisar uma modificação substancial no que se refere à estrutura e ação do campo midiático, principalmente no que diz respeito às práticas jornalísticas, mas ela também é o palco de uma nova cultura humanista que coloca, pela primeira vez, a humanidade perante ela mesma ao oferecer oportunidades reais de comunicação entre os povos. E não falamos do futuro. Estamos falando do presente. Uma realidade com desigualdades regionais, mas planetária em seu crescimento.

CAPÍTULO 1

AS IMPLICAÇÕES DOS WEBLOGS NA CULTURA PÚBLICA MIDIÁTICA E NO FAZER JORNALÍSTICO.

> "Se você viesse de outro planeta e entrasse na Internet, pensaria que somos uma espécie cheia de contradições e difícil de caracterizar. Provavelmente, você observaria duas coisas em particular: o quanto estamos desesperados por nos conectar uns com os outros, o quanto curtimos a companhia alheia; e o tanto que estamos entusiasmados com a possibilidade de criar coisas." (David Weinberger, 2008)

1.1 A revitalização da esfera pública pela comunicação ciberespacial

A chamada era da cibercultura nasce no contexto de globalizações diversas em que as características do que tem sido designado por pós-modernidade[13] se tornaram mais claras e suas conseqüências se radicalizaram e se difundiram amplamente, num cenário evidente direcionado pela crise das ideologias e das utopias e do processo em marcha de unificação do planeta em torno de um único modelo político (neoliberalismo), de uma única ordem econômica capital (globalização) e de uma única rede de trocas eletrônicas (WEB/ Internet).(Rüdiger, 2000).

Traçando um panorama mais amplo, Rodrigues (1993) percebendo esta realidade sob o contexto dos últimos anos do século passado afirma que,

> O nosso século tornou-se assim o século da informação, tal como o século XIX foi o século da produção industrial, os dispositivos eletrônicos da informação permitem ultrapassar cada vez mais as limitações do espaço e do tempo que, até há pouco tempo, nos mantinham relativamente confinados à comunidade que nos tinha visto nascer, viver e crescer, mas devido a abundância, à rapidez e à instantaneidade da informação, a

[13] Existe hoje um grande dilema teórico na busca em definir o que é a pós-modernidade, pois esta se encontra em ambigüidades conceituais, mas de acordo com algumas tentativas poderíamos afirmar que as características mais claras vinculadas a tal questão da emergência do pós-moderno seriam: os novos tipos de consumo, obsolescência planejada, novos tipos de mudanças na moda e no estilo, a penetração da propaganda, da televisão e dos meios de comunicação em geral num grau até então sem precedentes em toda a sociedade, a substituição da velha tensão entre cidade e campo, centro e província, pelos subúrbios e pela padronização universal, o crescimento das grandes redes de auto-estradas e o aparecimento da cultura do automóvel, esses são alguns trações que parecem marcar uma ruptura radical com a velha sociedade do pré-guerra, na qual o modernismo canônico ainda era uma força clandestina. O pós-moderno está então estreitamente relacionada com a emergência desse novo momento do capitalismo tardio, multinacional ou de consumo. (Cf. SANTOS, Jair Ferreria dos. O que é o pós-moderno? São Paulo. Ed. Brasiliense, 2004).

> percepção da actualidade tornou-se uma realidade cada vez mais defasada em relação aos ritmos concretos da experiência humana que alimentam os processos comunicacionais.(RODRIGUES, 1993, p.24).

A penetrabilidade da revolução da tecnologia da informação e comunicação (TIC) em todas as esferas da atividade humana nas últimas décadas possibilitou a recriação constante de mecanismos e instrumentos comunicacionais. Além desta renovação desenfreada, estes mecanismos foram rapidamente capturados e consolidados no cotidiano urbano de nossa sociedade industrial. Foi assim com a televisão, e mais atualmente têm sido com os aparelhos celulares e com os computadores pessoais (PC).

Hoje é visível que a *Web* é a maior expressão desta complexidade comunicacional, pois ela permite recriar todo um sistema de significados e interatividade baseado na liberdade de produção e de busca de informação. Os sujeitos podem facilmente através dela se expressar, se comunicar e criar redes de sociabilidade, e nesse sentido Rüdiger chama a atenção para o fato de que,

> [...] mais do que o rádio, a TV e o cinema, o meio eletrônico cria um mundo paralelo auto-suficiente, onde as pessoas podem entrar e sair à vontade, imergir e freqüentar, e sua única busca agora é a de lugares para fugir do tédio cotidiano. [...](RÜDIGER, 2002, p 2).

Dessa maneira o rápido desenvolvimento técnico e científico que presenciamos nas últimas décadas do século XX tem atraído cada vez mais a atenção de pesquisadores sociais. Por exemplo, as novas conquistas no campo da microeletrônica, que levaram a popularização dos computadores individuais, têm sido vistas por alguns autores, como constitutivas de uma nova sociedade, a assim chamada ‘sociedade informática’ (Schaff, 1990). No entanto, essas análises resvalam com freqüência em velhas concepções deterministas, que pressupõem que as transformações no campo da técnica condicionam imediatamente transformações mais amplas no conjunto da sociedade.

Mas faz jus ressaltar que a tecnologia é uma criação do homem, produzida num determinado contexto social, cultural e que carrega em si, segundo Lévy (1999, p.25), projetos, valores, esquemas imaginários e implicações variadas. Sendo portadora de cultura e valores, a tecnologia não determina uma práxis social, até porque não é entidade que age sobre o homem de forma autônoma. Uma vez inserida na processualidade da vida condiciona e potencializa mudanças.

> Sua presença e uso em lugar e épocas determinados cristalizam relações de força sempre diferentes entre os seres humanos. [...] Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo condicionada, não determinada. (LÉVY, 1999, p.13 e p. 25).

De fato, a tecnologia não tem caráter mágico ou sobrenatural, nem a sociedade é uma extensão da tecnologia. Há uma relação dialética entre tecnologia e civilização (Castells,1999). O sentido da tecnologia reside nas intenções dos usuários que as trocam e formulam. Uma inovação tecnológica programa, sem dúvida, certos usos, mas estes por sua vez desviam, modificam ou adaptam a ferramenta aos mundos próprios dos utilizadores.

Nesse sentido em contrapartida a uma análise tecnicista - determinista é que analistas mais criteriosos têm se voltado, sobretudo, para a análise das novas práticas sociais que estão emergindo em setores específicos no mundo da cultura midiática virtual. Já que o processo de mutação é, antes de tudo, histórico-social e pertence a um contexto. Essa perspectiva sugere observar a revolução tecnológica contemporânea no contexto histórico-social de evolução do capitalismo como uma força motriz importante na construção de valores culturais e na dinâmica das relações sociais que dão forma ao novo paradigma tecnológico e comunicacional. É vista, portanto, nas suas articulações sistêmicas, como técnicas sociais de organização, funcionamento, mudança, controle e administração de novas formas de produção de bens simbólicos, como os produtos da comunicação, a exemplo do jornalismo.

A revolução tecnológica de hoje muda a experiência de mundo, assim como aconteceu na Revolução Industrial, quando surgiram novas relações técnicas de produção, relações sociais e de poder baseadas na propriedade privada dos meios de produção e no tipo de superestruturas características do capitalismo. “A mudança é tão cultural e imaginativa quanto tecnológica e econômica”, segundo Johnson (2001, p. 35).

A essência das mutações tem relação com a natureza diferenciada das tecnologias contemporâneas. Em comparação a outras do passado, as tecnologias digitais distinguem-se por ampliar a capacidade intelectual do homem. Não apenas elas possibilitam centralizar conhecimentos e informação numa rede técnica informatizada, como permitem aplicar esses conhecimentos na geração de novos conhecimentos e mecanismos de processamento da informação. O que mudou,

segundo Castells (1999, p.78), não foi o tipo de atividade em que a humanidade está envolvida desde a era industrial, mas sua capacidade tecnológica de utilizar, como força produtiva direta, aquilo que caracteriza a singularidade do homem: a capacidade superior de processar símbolos.

A revolução tecnológica possibilitou o surgimento de um ambiente cultural singular e universal constituído por técnicas, práticas, modos de pensamento e valores que inclui o conhecimento, as crenças, a ética, os costumes, os saberes cotidianos e os hábitos construídos nas relações entre pessoas, grupos, instituições ou organizações sociais informais com o aparato técnico da infra-estrutura material da comunicação digital. Progressivamente essa revolução implementa novas modalidades organizacionais, sociais e cognitivas, como as comunidades virtuais e a construção de uma inteligência coletiva (Lévy,1999).

Nesse contexto, a Internet adquiriu importância estratégica no modelo social forjado pela revolução tecnológica. Mais do que um protocolo informativo, a Internet transformou-se num espaço social e cultural que permite estabelecer a comunicação entre distintos tipos de rede. Constituí a base material da vida e das formas de relação com a produção, o trabalho, a educação, a política, a ciência, a informação e a comunicação. É o coração do novo paradigma sócio-técnico, como define Castells:

> Se a tecnologia da informação é o equivalente histórico do que foi a eletricidade na era industrial, em nossa era poderíamos comparar a Internet com a rede elétrica e o motor elétrico, dado sua capacidade para distribuir o poder da informação por todos os âmbitos da atividade humana. (CASTELLS, 2001, p. 15).

Como epicentro do sistema sócio-técnico emergente, a Internet é um ambiente e um sistema de informação e comunicação (Palácios, 2000 e Lemos, 2002). Por natureza é multifacetada, podendo ser um ambiente onde convivem e combinam entre si várias formas. Pode funcionar num ambiente compartilhado simultaneamente como suporte, meio de comunicação que se presta à expressão; muitas vezes como sistema tecnológico ou ambiente de informação e de comunicação.

A definição de função depende em muito do uso que dela se faz em determinado contexto, circunstâncias, objetivos, finalidade e aplicação social seja por interesse, atividade específica ou mesmo por fruição. Sendo uma criação do homem, entidade real e material da existência, essa tecnologia integra-se a conjuntos culturais existentes.

Por tal condição, Castells (2001, p. 51) acredita que a Internet carrega em si os valores e a cultura de seus criadores. Criada sob condições específicas de uma história diferenciada, a Internet surgiu num dado contexto histórico, no qual um grupo de participantes partilhou uma experiência comum que acabou por delimitar a criação de valores e práticas culturais, posteriormente socializados e vivenciados por todos os usuários da rede.

Castells (1999) relata detalhadamente o surgimento da Internet, descreve que ela originou-se de um esquema ousado, imaginado na década de 60, no contexto da guerra-fria, 'pelos guerreiros tecnológicos' da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, para impedir a tomada ou destruição do sistema norte-americano de comunicação pelos soviéticos, em caso de guerra nuclear.

> O resultado foi uma arquitetura de rede que, como queriam seus inventores, não pode ser controlada a partir de nenhum centro e é composta por milhares de redes de computadores autônomos com inúmeras maneiras de conexão. [...] a explosão da *Web* não foi nem prevista nem previamente desejada pelas grandes multinacionais da informática, das telecomunicações ou da multimídia, mas se expandiu como um rastro de pólvora entre os cibernautas.(CASTELLS, 1999, p. 21).

A cultura da Internet, segundo Castells (2001, p. 51), é caracterizada por uma estrutura formada por quatro estratos superpostos: 'a cultura tecnomeritocrática', 'a cultura hacker', 'a cultura comunitária virtual' e 'a cultura empreendedora'. Juntos esses estratos contribuíram para que a construção e sustentação da Internet se desse com base em valores tais como o de liberdade individual, de pensamento independente, da idéia de cooperação entre usuários, de comunicação horizontal, conexão interativa, informal e aberta entre os usuários.

Dentro de tal cenário otimista, multifacetado em diferentes conceitos e categorias possíveis temos a dualidade possível de pensar a rede como canal de coletivização (caráter comunitário retribalizante) ou cenário do acirramento do individualismo em rede, assim temos uma paradoxal imagem descrita numa cena sociológica apresentada por Sherry Turkle (1995), na qual chama a atenção para o fato de que atualmente,

> Muitas das instituições que acostumavam aproximar as pessoas - uma avenida principal, um sindicato, plebiscitos - não funcionam mais como antigamente. Muitas pessoas passam hoje a maior parte de seus dias sozinhas na frente de uma tela de TV ou computador. Enquanto isso, seres

> sociais que somos, tentamos retribalizarmo-nos. E nessa ação, o computador tem um papel central [...] O que a comunicação mediada por computadores fará com nossas brigações perante outras pessoas? Ela satisfará nossas necessidades de conexão e participação social ou minará ainda mais os frágeis relacionamentos? (TURKLE, 1995 apud ANTUNES, 2001, p. 23).

Essas duas últimas questões apresentadas por Turkle[14] representam uma problemática fundamental, uma vez que é necessário buscar compreender os impasses e a ordem paradoxal instaurada em uma sociedade cada vez mais fragmentada, com dificuldades de aglutinação e mobilização política devido a total individualização dos comportamentos e o crescente desinteresse com as coisas públicas, paralelamente à saturação de informação e à proliferação cada vez maior de possíveis mecanismos tecnológicos a serviço da comunicação, conscientização e socialização política.

É preciso salientar que a existência dos homens como “seres vivos políticos” pressupõe, antes de mais, a visibilidade de uns perante os outros no quadro de um espaço comum e hoje dentro do paradigma da Sociedade em Rede a Internet inspiraria ser a definição de tal espaço comum.

Nas sociedades modernas, com as suas cidades, os seus Estados Nacionais e as suas organizações supranacionais, esse espaço tornou-se, cada vez mais, um espaço virtual, assegurado nos e pelos media. Neste espaço virtual - como, aliás, no espaço “real” que o antecedeu e com ele coexiste - a regra tem sido a particularidade e a desigualdade em termos daquela visibilidade; uma situação que, ainda que a propósito da “ordem do discurso”, foi oportunamente tematizada por Foucault. A Internet, e em particular a world *wide web*, é concebida, portanto como um “espaço” que, dada a sua infinidade virtual, derivada da sua virtualidade infinita, permitiria, finalmente, assegurar a universalidade e a igualdade em termos de visibilidade.

Referente a essa realidade, Castells afirma que o surgimento da sociedade em rede traz à tona novas formas comunicacionais e, sobretudo, novos processos discursivos de construção de identidades, induzindo assim novas formas de transformação social, principalmente quanto à socialização e os reflexos destas transformações na cultura midiática como um todo. Para Castells (1999, p. 27) “isso

[14] TURKLE, Sherry. Life on the screen: identity in the age of the Internet. Simon&Shuster, New York, United States, 1995.

ocorre porque a sociedade em rede está fundamentada na disjunção sistêmica entre o local e o global para a maioria dos indivíduos e grupos sociais".

Um dos pressupostos que buscam entender a crescente apatia ou desinteresse da população para com a ação política, senão pela própria vida democrática, é correlata à destruição da cultura como processo de formação libertador e de liberação de potenciais cognitivos que tem lugar na era de sua conversão em mercadoria, isto é bastante discutido pelos teóricos da indústria cultural, os frankfurtianos, ressaltando aqui nesta discussão Habermas.

Nesse aspecto a Internet é pensada como um meio pelo qual a humanidade tem buscado se reconectar consigo mesma, através da gestão de novas formas de comunicação, sociabilidade e reorganização de uma embrionária esfera pública virtual. Deste princípio, é necessário propor uma primeira análise que parte do pressuposto de que essas ações de comunicação que usam a Internet como suporte, possuem um princípio ativo catalisador que a torna atrativa e faz desta rede de redes de computadores, através do mundo, uma forma de comunicação que passou pela mais rápida ampliação e uso já registrado na história.

Nesse sentido, indo de encontro ao que defende Paveloski (2003), é preciso retomar a *Teoria da Ação Comunicativa* desenvolvida por Jürgen Habermas, que neste caminho começa pela idéia de que os conceitos de Esfera Pública e Mundo da Vida[15] compõem os parâmetros básicos para que a Internet possa ser analisada por um prisma mais humanitário e menos tecnocrata.

Isso quer dizer que a idéia de agir comunicativamene e promover ações comunicativas não é simplesmente proporcionar e incentivar a criação de espaços para manifestações individuais das mais variadas, como a Internet o faz. É preciso levar em consideração, usando o estímulo que Habermas nos dá, que precisamos analisar a existência das verdadeiras ações comunicativas no âmbito da rede de

[15] Quando apresenta sua idéia de Mundo da Vida, na obra "Mudança Estrutural da Esfera Pública" (1962) e a desenvolve em outros livros, em especial no trabalho, "Teoria do Agir Comunicativo" (1987), Habermas busca mostrar a racionalidade dos indivíduos mediado pela linguagem e comunicatividade. Esses elementos se constituem em instrumentos de construção racional dos sujeitos calcado na estruturação de três universos: o objetivo, subjetivo e o social. Esses três mundos, que compõe simultaneamente o mundo da vida, referem-se a totalizações diferentes que englobam desde o processo de relação formal entre sujeito e instituições formais constituídas até as experiências cognitivas adquiridas pelo sujeito no processo cotidiano de suas relações sociais. Já sobre a esfera pública, podemos classificar tal conceito como a reunião de sistemas e sub-sistemas, mais a reunião de um público, formado por pessoas privadas, que constroem uma opinião pública. Essa esfera pública seria então a esfera de representação de uma teia para a comunicação de conteúdos e tomadas de posições, de opiniões. Esta teia compõe uma série de filtros que contribuem para a formação da opinião pública institucionalizada, o que influencia diretamente o entendimento genérico que se tem da própria esfera pública, da participação do indivíduo nesta esfera e na formação da opinião pública, influenciando por fim a linguagem da práxis cotidiana. (Cf. PAVELOSKI, Alessandro. Comunicação e Internet: Visões e Interpretações. Bauru: 2003).

redes, aberta, fluída, mesmo que muitos países a olhem com certa desconfiança. É válido frisar também que tais ações só acontecem através daquilo que Habermas classificou como uma das qualidades do verdadeiro agir comunicativo: “consensos alcançados por possibilidades reais de discussão de temas públicos”. (HABERMAS, 1987, p. 39).

E como salienta Rüdiger,

> [...] uma parcela importante das conquistas e liberdades que desfrutamos hoje se deveu à formação de uma esfera pública, em que sujeitos, em princípio livres, se reúnem para discutir e deliberar sobre seus interesses comuns. Transferindo para a atualidade, a economia de mercado criou em seus primórdios um espaço público sustentado pela circulação de mídia impressa que permitiu à burguesia desenvolver uma consciência crítica em relação às autoridades tradicionais, encarnadas no estado e na Igreja. Entretanto, a expansão do aparelho de estado e do poder econômico, ocorrida no último século, rompeu com o frágil equilíbrio em que se sustentava essa forma de sociabilidade, transformando o papel da mídia ao mesmo tempo em que sua base tecnológica (RÜDIGER, 2001, p. 140).

1.2 A opinião: do advento da imprensa a ágora digital.

Num breve resgate histórico poderíamos lembrar que ao longo dos séculos a expressão da opinião pública está ligada a uma atividade política.

> [...] Eram as deliberações dos cidadãos da Polis grega, realizadas no local do mercado, o ágora, que orientavam a tomada das decisões pelo governo ateniense. Em fins do século V a.C., aparece uma classe de homens políticos, que cortejam a opinião, para conduzir o povo no sentido que desejam. A mesma coisa acontece com a *Vox Populi* dos romanos. O fórum substituiu-se o ágora, mas apenas os cidadãos de Roma têm direito a expressar sua opinião. Na Idade Média européia, com a notável homogeneidade dos sistemas de valores e de crenças, encontramos o conceito de *Consensus Omminium* (acordo de todos), que expressa a voz de uma opinião coesa em torno da fé cristã. Já o Renascimento marca o advento do indivíduo e, com ele, o direito à diversidade das opiniões. (AUGRAS, 1974, p.14-15).

O surgimento dos jornais diários no século XVII consagrou a possibilidade do desenvolvimento da opinião crítica através do acesso a novas informações. Sendo uma imprensa de opinião de informação, mas é, sobretudo no século seguinte que a imprensa se desenvolve, desempenhando um papel não desprezível na formação da opinião esclarecida, que contribuiria até com a Revolução Francesa.

Após a invenção da noção de indivíduo racionalmente proclamado e endossado pelas promessas emancipatórias do capitalismo e da modernidade,

vemos o século XIX iniciar-se enraizado em duas revoluções: a industrial e a burguesa e sob este contexto a imprensa desenvolve-se e toma vigor.

> Através de revoluções sucessivas, a expansão das idéias republicanas leva o mundo ocidental a generalização do sufrágio, em fins do século XIX. O século XX vê o advento das democracias modernas, a proliferação das técnicas e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. A opinião torna-se um tribunal que avalia os atos do governo. Na era das comunicações de massa, a massa teria condições de informar o governo sobe as repercussões de seus atos, num processo contínuo de feedback. (AUGRAS, 1974, p.14-15).

Em todas as sociedades os seres humanos se ocupam da produção e do intercâmbio de informações e de conteúdo simbólico. Desde as mais antigas formas de comunicação gestual e de uso da linguagem até os mais recentes desenvolvimentos na tecnologia computacional, a produção, o armazenamento e a circulação de informação e conteúdo simbólico têm sido aspectos centrais na vida social. Mas com o desenvolvimento de uma variedade de instituições de comunicação a partir do século XV até os nossos dias, os processos de produção, armazenamento e circulação têm passado por significativas transformações. Estes processos foram alcançados por uma série de desenvolvimentos institucionais que são característicos da era moderna. Em virtude destes desenvolvimentos, as formas simbólicas foram produzidas e reproduzidas em escala sempre em expansão; tornaram-se mercadorias que podem ser compradas e vendidas no mercado; ficaram acessíveis aos indivíduos largamente dispersos no tempo e espaço. De uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno.

É importante sublinhar que os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irredutível: eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem.

> É fácil perder de vista esta dimensão simbólica e preocupar-se tão somente com os aspectos técnicos dos meios de comunicação. Estes aspectos técnicos são certamente importantes, não deveriam, porém, obscurecer o fato de que o desenvolvimento dos meios de comunicação é, em sentido fundamental, uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si. Se o homem é um animal suspenso em teias de significado que ele mesmo teceu, então os meios de comunicação são rodas de fiar no mundo moderno e, ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significados para si mesmos. (THOMPSON, 1998, p. 19 e p. 20)

A mudança da escrita para a impressão e o conseqüente desenvolvimento das indústrias da mídia marcam intensamente o processo em marcha de desenvolvimentos e transformações societais. O surgimento das indústrias da mídia como novas bases de poder simbólico é um processo que remonta à segunda metade do século XV. Foi durante esse tempo que as técnicas de impressão, originalmente desenvolvidos por Gutenberg, se espalharam pelos centros urbanos da Europa. Estas técnicas foram exploradas pelas oficinas de impressão montadas, em sua maioria, como empresas comerciais. Seu sucesso e sua sobrevivência dependeram da capacidade de mercantilizar formas simbólicas efetivamente.

O desenvolvimento das primeiras máquinas impressoras foi assim parte e parcela do crescimento da economia capitalista do fim da Idade Média e início da Europa Moderna. Ao mesmo tempo, contudo, estas impressoras se tornaram novas bases do poder simbólico que permaneceram em relações ambivalentes com as instituições políticas dos estados emergentes, por um lado, e com aquelas instituições religiosas que reivindicavam certa autoridade sobre o exercício do poder simbólico, por outro lado.

O advento da indústria gráfica representou o surgimento de novos centros e redes de poder simbólico que geralmente escapavam ao controle da Igreja e do estado, mas que a Igreja e o estado procuraram usar em benefício próprio e, de tempos em tempos, suprimir.

As inovações técnicas que possibilitaram o desenvolvimento da impressão são bem conhecidas e é suficiente descrevê-las muito brevemente.

> As primeiras formas de papel e de impressão foram desenvolvidas na China, bem antes de se popularizarem no Ocidente. Plantas têxteis eram transformadas em fibras, encharcadas em água, prensadas em forma de papel e postas para secar. [...] Com o papel, as técnicas de impressão também foram originalmente desenvolvidas na China. Os Blocos de impressão emergiram gradualmente de processo de polimento e estampagem que remontam provavelmente ao ano 700 d.C. A invenção do tipo móvel é normalmente atribuída a Pi Sheng que durante o período 1041-1408, usou argila para fazer caracteres que depois eram endurecidos no fogo. Os métodos de impressão por meio de tipo móvel foram desenvolvidos mais tarde na Coréia. Blocos de impressão começaram a aparecer na Europa no último quartel do século XIV, e livros impressos nessas chapas apareceram em 1409. Contudo, os desenvolvimentos comumente associados a Gutenberg, se diferenciam dos métodos originais chineses em dois aspectos: o uso de tipos alfabéticos e não ideográficos; e a invenção da máquina impressora. (THOMPSON, 1998, p. 54 e p. 55).

Por volta de 1450 Gutenberg tinha desenvolvido suas técnicas o suficiente para as explorar comercialmente, e poucos anos depois muitas oficinas tipográficas

já haviam se espalhado por toda a Europa. Isto provocou a popularização relativa ao acesso a livros publicados, influenciando até mesmo na Reforma Protestante.

Outra maneira em que o desenvolvimento da imprensa transformou os padrões de comunicação no início da Europa moderna foi o aparecimento de uma variedade de publicações periódicas que relatavam eventos e transmitiam informações de caráter político e comercial.

> O desenvolvimento que profundamente afetou o estabelecimento de redes de comunicações nos inícios da era moderna foi o uso da imprensa na produção e disseminação de notícias. Logo depois do advento da imprensa em meados do século XV, uma variedade de folhetos informativos, pôsteres e cartazes começaram a aparecer. Estes eram uma miscelânea de sentenças oficiais ou oficiosas, decretos do governo, folhetos polêmicos, descrições de eventos particulares, tais como encontros militares ou desastres naturais, relações sensacionalistas de fenômenos extraordinários ou sobrenaturais, como gigantes cometas e aparições. Estes folhetos ou folhas eram publicações avulsas e irregulares. (THOMPSON, 1998, p. 64).

Publicações periódicas de notícias e informações começaram a aparecer na segunda metade do século XVI, mas as origens dos jornais modernos são geralmente situadas nas primeiras duas décadas do século XVII, quando periódicos regulares de notícias começaram a aparecer semanalmente com um certo grau de confiabilidade[16]. A circulação dos primeiros jornais era muito baixa (estima-se a tiragem mínima de 400 cópias), embora os jornais fossem lidos por mais de um indivíduo, e freqüentemente fossem lidos em voz alta. Mas a importância deste novo modo de difusão da informação, através do qual relatórios de eventos distantes se tornavam disponíveis de forma regular para um limitado número de receptores, não deve ser subestimado.

É fato que o homem sempre teve vontade, interesse e aptidão para saber o que se passa. Informar e informar-se constitui o requisito básico da sociabilidade. Mas a complexidade adquirida pela organização social e a redução dos obstáculos geográficos, aguçaram a curiosidade humana. A intensificação e o refinamento das relações de troca, que ocorrem no bojo das transformações capitalistas, as possibilidades de atuar e de influir na vida da sociedade, que se afiguram na eclosão das revoluções burguesas, tornam a informação um bem social, um indicador econômico, um instrumento político.

---

[16] A identificação do que poderia ter sido “o primeiro jornal” é um assunto muito discutido, embora muitos historiadores concordem que algo semelhante aos modernos jornais tenha aparecido em torno de 1610. Cf. Eric W. Allen, *“International Origins of the Newspapers: The establishment of periodicity in print”, Journalism Quarteley,* 7 (1930), p. 307-19; Joseph Frank, *The Beginnings of the English Newspaper*, 1620- 1660 (Cambridge, mass.: Harvard University Press, 1961), Cap. 1.

Não é acidental que o jornalismo tenha emergido historicamente na esteira dos acontecimentos que preparam e tornam realidade a transformação das sociedades européias. Como bem demonstra Melo (1985) as primeiras manifestações do jornalismo, as relações, os avisos, as gazetas que circulam escassamente no século XV e ampliam-se no século XVI atendem a necessidade social de informação dos habitantes das cidades, súditos e governantes, mesmo sob um contexto de censura prévia estas folhas impressas[17] que circulavam de mão em mão foram o embrião do autêntico jornalismo[18], que emergiu somente com a ascensão da burguesia ao poder e a abolição da censura prévia[19], este jornalismo teria como característica plena 'os processos regulares, contínuos e livres de informação sobre a atualidade e de opinião sobre a conjuntura'.

Na Inglaterra, por exemplo, também ocorre a expansão da liberdade de expansão dos jornais, mas estes jornais foram obstados na sua atividade com a aprovação do imposto do timbre que obrigava o recolhimento de uma taxa relativa a cada exemplar publicado. Medidas como essas não tardaram a surgir em todos os países onde a burguesia havia completado o controle do aparelho estatal. Se, por um lado, a nova classe dominante garantira a abolição da censura prévia, que tantos inconvenientes lhe causaram durante o período de luta antiabsolutista, por outro lado, ela procurava instituir mecanismos que lhe garantissem o controle do debate público e neutralizassem a combatividade dos seus inimigos de classe ou das frações não hegemônicas que integravam também as fileiras burguesas. Na Inglaterra é o imposto do timbre que cria dificuldades econômicas aos editores de jornais garantindo o 'monopólio do poder' às classes elevadas e mantendo as massas afastadas da vida política. Na França é a regulamentação da liberdade de imprensa que garante aos ocupantes das funções governamentais coibir o

[17] A ausência de periodicidade nas publicações impressas que circularam na Europa antes do século XVII não é uma contingência meramente tecnológica, mas um fenômeno tipicamente político. É que a vigência da censura prévia em toda a Europa nos séculos XV e XVI, exercida pelos Estados Nacionais ou compartilhada pela Igreja, nas nações católicas, intimidava as iniciativas porventura existentes ou então impunha-lhes uma existência atribulada, dependendo da autoridade dos censores, naturalmente lenta e desconfiada, ou ousando a clandestinidade, o que ocasionava a efemeridade da aparição. (Cf. Marques de Melo, 1985, p. 13)

[18] Caráter de livre publicação regular e contínua de informações atuais.

[19] Na França, por exemplo, o decreto de 5 de julho de 1788, que estabelece a "liberdade de imprensa", ainda que não plenamente produz o imediato aparecimento de "considerável número de obras e panfletos sem nenhuma autorização prévia", perfazendo 70 periódicos na véspera da Revolução e ultrapassando o milhar depois que os Estados Gerais convertidos em Assembléia Constituinte proclamaram a Declaração dos direitos do homem e do cidadão, cujo artigo número 11 institui a liberdade de expressão e pensamento.

jornalismo de oposição, utilizando sutilezas jurídicas que permitiam enquadrar os jornalistas como conspiradores.

De qualquer maneira, o fim da censura prévia constitui um fator preponderante para que o jornalismo assumisse fisionomia peculiar- a de uma atividade comprometida com o exercício do poder político, difundindo idéias, combatendo princípios e defendendo pontos de vista. Nesses primeiros momentos sua afirmação, o jornalismo caracterizava-se pela expressão de opiniões. Na medida em que a liberdade e imprensa beneficiava a todos, as diferentes correntes de pensamento ou os distintivos grupos sociais se confrontavam através das páginas dos jornais que editavam[20].

Se era assim, nada mais natural que os donos do poder, incomodados pela virulência com que se praticava o jornalismo, atacando, denunciando, combatendo o governo, procurassem reduzir o ímpeto da expressão opinativa. E os caminhos são eficazes. A instituição de taxas, impostos, controles fiscais atacava o flanco da sobrevivência econômica. A decretação de limites à liberdade de imprensa dava conta do cerceamento político, estabelecendo o mecanismo da censura *a posteriori*, ou seja,a punição dos excessos cometidos, nos termos da legislação vigente.

Tais restrições fazem medrar o jornalismo de opinião e estimulam o jornalismo de informação. Os jornais impressos passam a ter como defesa a 'preocupação real com os fatos' optando por imprimir notícias como notícias, sem comentários, para se manter longe da polêmica[21].

A distinção entre *news* e *comments* que se esboça no jornalismo britânico acabaria por se impor como uma bipolarização do espaço ocupado pela informação de atualidade nos veículos de difusão coletiva. O equilíbrio entre ambas categorias ou a predominância de uma sobre a outra permanece como uma peculiaridade de cada processo jornalístico, embora alguns teóricos como Chaparro (2008) alerte para o fato que tal distinção é apenas uma ferramenta instrumental, na medida em que tal distinção qualitativamente é infrutífera e inviável de ser feita, na medida em

[20] O exercício da atividade jornalística se intensifica porque a publicação de jornais não requeria grandes capitais. Bastava adquirir uma imprensa manual, tipos móveis, tinta e papel. Vender mil exemplares era o suficiente para financiar a edição. (Cf. GODECHOT, Jacques. *Contribuición a la historia del periodismo*, p. 2).

[21] De acordo com o que afirma Marques de Melo (1985, p. 15) vemos que o jornalismo francês e o jornalismo inglês suscitam diferentes padrões de expressão simbólica. Enquanto o jornalismo francês apresenta-se com todo vigor opinativo, promovendo debates, levantando problemas, participando ativamente do cenário político, o jornalismo inglês assume uma tendência informativa, retraindo-se do combate, preferindo distanciar-se do confronto direto com o centro do poder.

que não existe informação sem opinião e vice-versa, mas retomaremos tal discussão em linhas posteriores.

Mas sem dúvida aquilo que vigora chamar de jornalismo informativo afigura-se como categoria hegemônica, no século XIX, quando a imprensa norte americana acelera seu ritmo produtivo, assumindo feição industrial e convertendo a informação de atualidade em mercadoria. A edição de jornais e revistas que, nos seus primórdios, possui o caráter de participação política, de influência na vida política, transforma-se em negócio, em empreendimento rentável. O rádio e a televisão já nascem nesse contexto mercantil.

Evidentemente o jornalismo opinativo não desaparece. Na prática, ele tem o seu espaço reduzido, sua presença na superfície impressa circunscrita às páginas chamadas editoriais. No rádio e na televisão sua posição também se apresenta residual.

A evolução da imprensa periódica em bases comerciais e independentes do poder do Estado foi ainda capaz de fornecer informações e comentários críticos sobre questões de interesse geral, introduzindo uma mudança estrutural da esfera pública.

Os primeiros jornais que surgiram com uma vertente mais literária e cultural, depressa assumiram uma difusão mais social e política, ao jeito daquela que conhecemos contemporaneamente. Pela primeira vez, os jornais passaram a ser objeto de informação ao qual o público passou a recorrer para se manter informado. Um público constituinte das camadas mais “cultas” e não o mero homem comum, que depois passou a tecer opinião, a criticar, a argumentar sobre a informação que lhe chegava através deste meio. É aqui que a esfera pública, caracterizada como a detentora do poder, ou melhor, o próprio poder, assume a sua passagem para o lado do fórum das pessoas privadas que, reunidas em público, “obrigavam o poder a justificar-se perante a opinião pública”.

> Há força considerável no argumento de que a luta por uma imprensa independente, capaz de reportar e comentar eventos com um mínimo de interferência e controle estatais, desempenhou um papel importante na evolução do estado constitucional moderno. Alguns dos primeiros pensadores liberais e líberos-democratas foram fervorosos advogados da liberdade da imprensa. Eles viam na liberdade de expressão de opinião através de uma imprensa independente uma salvaguarda vital contra o uso despótico do poder pelo Estado.[...] (THOMPSON, 1998, p. 67).

A esfera pública burguesa torna-se o princípio organizador dos Estados de Direito burgueses. Parafraseando Habermas (1984), ‘a esfera pública burguesa pode ser entendida como o conjunto de pessoas privadas que reivindicam diante da autoridade estatal as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social’.

Segundo ele tal esfera pública do século XVIII situar-se-ia entre o setor privado (Sociedade Civil) e o poder público (Estado). Essa esfera pública política defende os anseios da sociedade privada diante dos interesses do Estado: é aí que surge a esfera do social - elaborada sob a proposta de uma legislação baseada na “razão” - em que o poder público está em constante disputa com a opinião pública; uma opinião oriunda dos debates entre intelectuais burgueses e herdeiros da aristocracia humanista na esfera pública literária que se instalava nos “cafés” europeus.

Tabela 1 - Modelo habermasiano de uma esfera pública burguesa do séc.XVIII

Setor Privado		Esfera do Poder Público
Sociedade Civil (setor da troca de mercadorias e De trabalho social)	Esfera pública política	Estado (setor da “polícia”)
	Esfera pública literária (clubes, imprensa)	
Espaço íntimo da pequena família (intelectualidade burguesa)		Corte (sociedade da aristocracia da corte)

Fonte: *HABERMAS, 1984, p.45.*

Imagem 1 - Modelo de esfera pública em Habermas

Esse modelo se baseava na idéia de que todos poderiam alcançar as qualificações de formação educacional e cultural de um público crítico e, assim, participar da organização de uma opinião pública, interferindo diretamente na administração estatal: o que não passou de uma “idéia”. O interesse de classe exposto ao debate público poderia tomar a forma de um interesse “universal” para, então, assumir o status de opinião pública.

> Só eles [proprietários] tinham, toda vez, interesses privados que automaticamente convergissem nos interesses comuns da defesa de uma sociedade civil como esfera privada. Com isso, só deles é que se podia esperar uma representação efetiva do interesse geral. [...] O interesse de classe é a base da opinião pública. (HABERMAS, 1984, p.108)

Desse modo, a idéia burguesa de uma esfera pública acessível a todos não se concretiza: há uma generalização na definição de público que ultrapassa as desigualdades históricas. Portanto assim tal proposta de um equilíbrio entre todos os homens não supera as barreiras da segregação classista

Mas é preciso relembrar que este debate é denso e que há várias conceitualizações de esfera pública que conheceram uma consagração importante nos estudos sobre as relações entre comunicação e política. Uma primeira, de Hannah Arendt é relacionada com a idéia de virtude cívica configurando-se como ‘uma espécie de recuperação do ideal contido no espaço público grego’ (ARENDT, 1996, p.198). Para uma segunda concepção, mais centrada na modernidade, e estudada em perspectivas diversas por Tarde, Dewey, Blumer, Gouldner e pelo já mencionado Habermas, a nova esfera pública surge como uma forma emergente de sociabilidade que, no limite, aspira a modelar o agir político. O princípio da publicidade, sob o fundamento de um público de pessoas privadas, educadas e racionais, que desfrutam a arte e utilizam a imprensa como *medium*, configura-se como exercendo uma função absolutamente crítica contra a praxis secreta do Estado (HABERMAS, 1984). Assim, por esfera pública pretende-se significar, antes de mais, um domínio da vida social onde a opinião pública pode formar-se. Uma porção da esfera pública surge sempre que é constituída uma situação conversacional na qual pessoas privadas se juntam para formar um público. No conceito moderno de espaço público estamos a falar de uma entidade espaço-temporal onde os cidadãos se juntam livremente e têm conversas de modo aberto acerca de assuntos de interesse público. Numa linha que retoma algumas semelhanças, Gouldner sustenta ‘a necessidade de um espaço claramente definido

e seguro onde se podem desenvolver conversas face-a-face acerca das novidades e do sentido que elas possam ter' (GOULDNER, 1976, p. 98 apud CORREIA, 1998, on-line).

Daqui resulta, através de uma idealização crescente em relação ao modelo histórico do século XVIII, a generalização de um modelo abstrato chamado "situação ideal de discurso", onde todas as vozes relevantes podem ser escutadas, onde a conversação é mantida graças ao respeito por uma norma de organização do discurso que remete para o uso do melhor argumento de que dispomos no nosso presente estado de conhecimento e onde todos os participantes intervêm numa situação de reciprocidade igualitária Nesta concepção de espaço público, é francamente referida, com abundância de argumentação, a importância da imprensa na criação da esfera pública burguesa nos séculos XVII e XVIII. Para Gabriel Tarde o público não podia existir sem um texto partilhado, regularmente publicado e geralmente acessível.

Simultaneamente, Habermas sempre sustentou que o público burguês, descrito na sua obra clássica, crescera graças à publicação regular de informação mercantil e financeira (1982, p. 16). Tal como Tarde explicaria "a imprensa unifica e revigora a conversação, elevando-a a um nível que transcende a mera tagarelice" (1898, p. 19- 20). De certo modo, tornar-se-ia numa representação do povo, sendo os olhos e ouvidos do povo quando este não podia ver nem ouvir por si próprio, ou mesmo falar por si próprio. Aos olhos de Dewey, a vigilância exercida sobre o poder significava um uso da imprensa que ajudava a produzir um público organizado e articulado necessário para a democracia.

Como afirma Correia, um dos pontos convergentes destas análises é a interação dialógica.

> A interação surge sempre implícita ou explicitamente referida como ação comum desenvolvida e partilhada pelos membros de um grupo e entre o *medium* e os membros desse grupo, tendente a realizar e a concretizar os seus projetos ou apresentar as suas opiniões; a reagir perante os projetos e opiniões alheias; a comunicar e expor entre si os seus argumentos, procurando legitimar as suas ações e enunciados ou a questionar a legitimidade das ações e enunciados alheios em função da sua maior ou menor racionalidade intrínseca. (CORREIA, 1998, p. 8, on-line).

Na forma de sociabilidade definida por público, verifica-se, para a maioria dos pensadores sociais, um modo de interação centrado no confronto das

interpretações, verificando-se que as argumentações são complexas, criticadas e enfrentadas por contra-argumentações.

A despeito da importância concedida à imprensa, a alegada dissolução do espaço público seria também, de modo não menos explícito, atribuída à industrialização midiática. É conhecida a narrativa da perda que acompanha esta idealização do espaço público, a qual vem associada ao triunfo de uma certa indústria midiática: o público leitor que prefigurava o público político confronta-se, ao longo da obra de Habermas, com a narrativa do seu declínio, pois “o raciocínio tende a converter-se em consumo e o contexto da comunicação pública dissolve-se em atos estereotipados de recepção isolada” (Habermas, 1982,p. 191). A massificação da cultura e a substituição da esfera pública iluminada por consumidores passivos, a transformação da imprensa de genuína expressão da opinião pública em instrumento de interesses particulares relacionados com os *lobbies* são alguns traços do diagnóstico.

Neste sentido,

> A análise que se fez do devir do espaço público pode sintetizar-se numa idealização que resulta da tentativa, admitida por Habermas, da constituição de um modelo heurístico, acompanhada quase sempre por um desaguar na decepção, que se sucede à idealização inicial. Assim, primeiro, foi a emergência de uma esfera pública que colocou, ainda que em termos ideais, a hipótese de comunicar o pensamento, de forma racional e igualitariamente repartida, no cerne da própria atividade política. Depois, foi o devir espectacularizante das mensagens e o aparecimento, no lugar do público, dessa forma de sociabilidade heterogênea e indiferenciada que designamos por massa. (CORREIA, 1998, p. 06, on-line)

Finalmente, são as redes que dimensionam a comunicação em termos universais. Ao mesmo tempo que esta tecnologização se acelera surgem, no seio da indústria midiática, fórmulas empresariais e comunicativas que possibilitam uma relação estreita com os públicos. É o que acontece com os *media* interativos, nomeadamente a Comunicação Mediada por Computador (CMC) que muitas das vezes emergem acompanhados por uma espécie de saudosismo em relação ora à ágora grega, ora ao espaço público burguês.

Nesse sentido, Catarina Rodrigues (2004) compara os *blogs* a uma *ágora* na internet:

> [...] os *blogs* constituem um espaço onde qualquer pessoa (que tenha acesso à Internet) pode dizer o que pensa sobre um determinado assunto, um espaço que proporciona a troca de conhecimento e muitas vezes impulsiona o debate. Transpomos assim a *ágora*, que ocupava na sua gênese um espaço físico, uma praça pública delimitada, para um espaço virtual proporcionado pela Internet. (RODRIGUES, 2004, p. 29).

Dentro de uma cronologia possível então, a Internet hoje inspiraria imagens de um grande sistema público mundial de interconexões de máquinas e redes que promovem o agir comunicativo e formação de consensos opinativos. A constituição da esfera pública não é representada aqui só pelas tentativas que os Estados, instituídos legalmente ou por força, colocam em prática para regulamentar o poder comunicativo da rede das redes, tentando formatá-la como buscam às vezes fazer com os meios de comunicação de massa tradicionais (jornais, redes de televisão, rádios). É possível ainda avaliar que esta esfera pública representa também o âmbito ético, moral e sócio-técnico que promove as interações entre diversas esferas públicas através do planeta, visando encontrar um consenso. Tal consenso não seria apenas tecnológico, mas se daria pela força sem violência do discurso argumentativo. (PAVELOSKI, 2003). No âmbito do ciberespaço, este consenso configura-se como discurso multilateral, globalizante e, como previa Marshall Mcluhan, baseado numa oralidade quase que tribal, promovendo uma nova lingüagem entre o formal e o informal.

> É fato que após o surgimento e a difusão da Internet, alguns aspectos referentes à democratização da informação sofreram grandes mudanças. Antes dos aparatos tecnológicos para produção e difusão de conteúdo, disponibilizados hoje pelas ferramentas acessíveis via Internet, a produção de informações limitava-se a condições técnicas e de difusão restritas. Hoje, com conhecimentos básicos em informática, um computador com acesso a rede e a um baixo custo, qualquer usuário pode produzir e divulgar conteúdos para um incontável número de pessoas por todo o mundo (LÉVY, 1999, p. 241).

Qualquer grupo ou indivíduo pode ter, a partir de agora, os meios técnicos para dirigir-se, a baixo custo, a um imenso púbico global. Qualquer um (grupo ou indivíduo) pode colocar em circulação obras ficcionais, produzir reportagens, propor suas sínteses e sua seleção de notícias sobre determinado assunto. (LÉVY,1999, p. 239-240)

Nesse sentido a Internet é concebida como esse novo espaço social no qual são gestadas novas formas de comunicação, de pensamento, convivência e participação política.

> A revolução contemporânea das comunicações, da qual a emergência do ciberespaço[22] é a manifestação mais marcante, é apenas uma das dimensões de uma mutação antropológica de grande amplitude em

[22] Segundo Lévy em sua obra Cibercultura (1999), ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, especificando não só os próprios seres humanos, mas o universo de informações e os próprios seres humanos que o movimentam. (Cf. LÉVY, 1999, p.17)

> andamento. [...] A humanidade reconecta-se consigo mesma. (LÉVY, 2000, p. 195).

Então, faz se necessário pensar através da história, como uma máquina de calcular gradativamente foi se transformando numa máquina social, num gigantesco cérebro planetário, e, conseqüentemente, como algumas formas de sociabilidade, tanto em nível de trabalho quanto nas relações pessoais, foram alteradas, visto as relações sociais estabelecidas no ciberespaço estarem gerando códigos e estruturas próprias que, se não necessariamente inéditas, estão sendo readaptadas, em conformidade com cada comunidade. Inúmeras comunidades criadas no ciberespaço foram estabelecidas, as mais conhecidas são as dos gamers, dos micronacionalistas, dos ciberpunks, dos ciberartistas, das ciberfeministas e dos blogueiros.

> No que respeita às comunidades virtuais, procura-se, hoje, destacar o seu papel salvador da interação que a cultura de massas dissolvera. Com efeito, neste momento, os news groups da Internet*, chats, MUDs (Multi-User Dungeon) e, ainda, os MOOs (Multiuse Object Oriented* ou, para alguns*, Multiuse Object Oriented systems), MUVE (Multi-user virtual environment)* e *MUSH (Multi-user shared hallucination)* - estas últimas, realidades virtuais hospedadas em computadores, normalmente operando por Telnet, completamente baseados em texto e, por vezes, dotadas de um humor e capacidade de fantasia dignas de relevo na descrição sempre escrita dos componentes físicos do ambiente, na auto-representação dos personagens e até dos objetos imaginários com que se confrontam - são promovidos ao estatuto de uma esfera pública emergente que renovarão a democracia do nosso século. Podemos falar de um novo tipo de sociabilidade, que se traduz na proliferação de pequenos médios e grandes grupos onde se realiza a simbiose da fragmentação pós-moderna do espaço público com os avanços da microeletrônica. (CORREIA, 1998, p. 4, on-line)

Não é de admirar que a *Web* tenha sido glorificada como o veículo, por excelência para o discurso livre e para o debate público. Hoje a comunidade já não tem o mesmo significado que tinha quando Tönies procedeu à sua definição clássica e é encarada como sendo composta por indivíduos que partilham interesses comuns, normalmente assentados em laços estabelecidos à distância. A proximidade geográfica deixa de ser necessária para as relações comunitárias à medida que a tecnologia permite que certos laços primários se desenvolvam através de distâncias cada vez mais vastas. Os critérios utilizados por diversos autores para testar a força e a durabilidade dos laços estabelecidas na rede demonstraram que o conceito se podia aplicar a muitas das realidades disponibilizadas pela Internet.

Reihngold (1998) usa o termo “tribos em tempo real” para fazer a descrição da *Internet Relay Chat*. BarryWellman (apud Correia) indica que as tecnologias da

informação facilitaram o desenvolvimento de redes sociais suportadas por computadores que se tornaram bases importantes para o desenvolvimento de comunidades virtuais. Jones (1999) sustenta a existência de comunidades virtuais como espaços sociais nos quais as pessoas se encontram face a face, mas nos quais os termos encontrar e face a face ganham um significado novo. Sherry Turkle (1995, p. 88) recorre à existência de regras e de regulamentos codificados e partilhados para definir os *MUDs* como comunidades virtuais. Em todos estes casos, o que se sublinha é que a comunidade de interesses, gostos e preferências prevalece sobre a partilha de um espaço geográfico.

Com efeito, a comunidade virtual parece enfatizar uma comunidade de interesses relacionada com o assunto em discussão que pode conduzir ao fortalecimento do espírito comunitário. Num certo sentido, a comunidade está, para alguns autores (Wolton, 1999, p. 169) em condições de perder a sua dimensão regressiva e tradicionalista para adquirir uma abertura e uma porosidade essenciais que permitem articular a dimensão cosmopolita da argumentação e da racionalidade com a dimensão hermenêutica da existência concreta num mundo da vida partilhado.

Conseguir-se-ia, assim, “a abertura à comunidade sem esquecer a insistência no espírito crítico e na idéia de cidadania” (Correia, 1998, p. 162). Conciliar-se-ia a pulsão da unidade que anima a idéia de comunidade com a idéia de tensão para a pluralidade que anima o espaço público. Deste modo, a relação com o espaço público torna-se evidente com a idéia de conversação, a qual é entendida como fundamento do governo democrático (Dewey, 1927), e primeira obrigação da cidadania.

Dessa maneira fica claro que a sociedade civil conta, agora, não apenas com os Meios de Comunicação de Massa (MCM), mas, também, com Plataformas Comunicativas Multimidiáticas Ciberespaciais (PCMC). As habilidades inerentes ao meio digital (como sincronia, hipertextualidade, entre outras) propiciam o surgimento de competências comunicativas que favorecem um processo de construção de opinião, minimizando interferências.

Segundo Lévy, o ciberespaçoé hoje o sistema com o desenvolvimento mais rápido de toda a história das técnicas de comunicação. Pois,

> [...] ao destronar a televisão, ele será, provavelmente, desde o início do próximo século, o centro de gravidade da nova ecologia das comunicações.

> Mas as razões de um interesse mais próximo não são apenas quantitativas. O ciberespaço encarna um dispositivo de comunicação qualitativamente original, que se deve bem distinguir de outras formas de comunicação de suporte técnico. (LÉVY, 2000, p. 206).

A imprensa, o rádio e a televisão funcionam segundo um esquema em estrela, ou 'um para todos'. Um centro emissor envia mensagens na direção de receptores 'passivos'[23] e, sobretudo isolados uns dos outros. Certo, o dispositivo de mídia cria comunidade, pois um grande número de pessoas recebe as mesmas mensagens e partilha, em conseqüência, certo contexto. Mas não há reciprocidade nem interação, e o contexto é imposto pelos centros emissores.

Já o correio e o telefone desenham um esquema em rede, ponto a ponto, 'um para um', no qual, ao contrário da irradiação de mídia, as mensagens podem ser endereçadas com precisão e, sobretudo trocadas com reciprocidades. Mas, em oposição ao dispositivo estelar anterior, o esquema em rede não cria comunidade, ou 'público', pois a partilha de um contexto em grande escala é, no caso, muito difícil.

De acordo com Lévy (1999), o ciberespaço combina as vantagens dos dois sistemas anteriores. Porque,

> [...] o ciberespaço de fato, permite, ao mesmo tempo, a reciprocidade na comunidade e a partilha de um contexto. Trata-se de comunicação conforme um dispositivo 'todos para todos'[...] ora, o ciberespaço abriga milhares de grupos de discussão. O conjunto desses fóruns eletrônicos constitui a paisagem movediça das competências e das paixões, permitindo assim atingir outras pessoas, não com base no nome, no endereço geográfico ou na filiação institucional, mas segundo um mapa semântico ou subjetivo dos centros de interesse.(LÉVY, 2000, p. 207).

Lévy ressalta outro aspecto do ciberespaço no que se refere à intermediação da informação, pois diz que até agora, o espaço público de comunicação era controlado através de intermediários institucionais que preenchiam uma função de filtragem e de difusão entre os autores e os consumidores de informação. Já o surgimento do ciberespaço cria uma situação de desintermediação, pois quase todo mundo pode publicar um texto sem passar por uma editora nem pela redação de um jornal, o que não garante necessariamente, a criticidade e a confiabilidade, mas a possibilidade de publicação é fato.

[23] Passivos aqui se refere a impossibilidade de interação direta ou simultânea ocorrida e possibilitada em grande escala no ciberespaço.

O ciberespaço então tem também a comunicação interativa e colaborativa como atrativo, inserindo-se aqui os *weblogs*. A idéia de diário[24] eletrônico ganha então com todo esse aparato tecnológico, uma ambigüidade fundamental: a também reafirmação do privado e subjetivo numa esfera potencialmente pública, como indaga a pesquisadora portuguesa Catarina Rodrigues (2002),

> Será importante perceber que parte dos blogs constitui então também novas aparições do eu no espaço público. A Internet vem permitir uma nova forma de mediação entre o público e o privado. Será que estamos perante o regresso da subjectividade, da afirmação do eu em forma de diário?(RODRIGUES, 2002, p.2)

Conquanto a observação analítica de alguns desses espaços de interlocução proporcionados pelas convergências tecnológicas anunciaria a possibilidade do surgimento de potenciais esferas públicas ciberespaciais.

Elas constituiriam espaços de formação de opinião que se processariam pela troca de argumentos mediados pela comunicação em rede, ou comunicação mediada por computador, como tende-se a denominar o fenômeno. Este papel, outrora desempenhado pela imprensa em seus gêneros literário e opinativo, passando, em uma perspectiva histórica, pelo aparato da indústria cultural, seguido pela mídia, tem agora mais uma plataforma de materialização: a Internet. Nela tanto os jornais e seus novos produtos dialógicos aparecem como formas modificadas de estímulo à esfera pública, quanto fóruns totalmente novos cumprem este papel, permitindo que usuários do mundo todo possam expressar suas opiniões. Aparecem, na rede, como plataformas multimidiáticas, nas quais surgem possibilidades de debates públicos, podendo evoluir para a formação de esferas públicas no ciberespaço.

Mas cabe frisar que a tal perspectiva otimista no que se refere a formação de novas esferas públicas virtuais esbarra num empecilho real, a exclusão digital, o que nos faz constatar que apesar de uma evolução constante no acesso a digitalização, hoje ainda, a chamada ágora digital, como no passado da ágora grega, também não é para todos.

Nessa discussão temos um grande número de teóricos enfeitiçados pela volúpia tecnológica, ao mesmo passo que temos os críticos, não ao estilo neo-

[24] Me refiro aqui precisamente a avalanche dos blogs pessoais, não necessariamente escritos por jornalistas, que permearam o início da chamada blogosfera, antes da absorção deste mecanismos também pelos grandes portais jornalísticos.

ludista[25], mas estes trazem a tona críticas pertinentes na medida em que todo o otimismo acerca das potencialidades da cibercultura, não passam de falácias ultrajantes e precisam aterrissar na realidade, pois o sistema em si não romperia com a lógica da desigualdade não sendo vastamente disseminado a possibilidade de se inserir na ágora digital.

No Brasil o Comitê Gestor da Internet (CGI.br), enquanto coordenador das iniciativas de serviços Internet no país, tem como uma de suas principais atribuições coletar e disseminar informações periódicas sobre os serviços Internet. Para monitorar e avaliar o impacto sócio-econômico das tecnologias da comunicação e da informação (TIC) no país, o CGI.br se uniu ao IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na construção de indicadores sobre a penetração e uso da Internet no país[26].

Desde 2006 foi criado dentro do CGI.br o Cetic (Centro de estudos sobre as tecnologias da informação e comunicação), o qual é responsável pela produção de indicadores e estatísticas sobre a disponibilidade e uso da Internet no Brasil. Ficando responsável pela continuação da realização da TIC Domicílios, pesquisa anual que traça um panorama sobre disponibilidade e uso da Internet.

	2005		2006		2007	
	%	PROJEÇÃO DOMICÍLIOS	%	PROJEÇÃO DOMICÍLIOS	%	PROJEÇÃO DOMICÍLIOS
Possui computador	17	7.436.000	20	8.820.000	24	11.040.000
Possui acesso à internet	13	5.720.000	15	6.525.000	17	7.774.000

Tabela 1- Percentual de domicílios com posse e uso de computadores e acesso à Internet

[25] Referência ao movimento ludista ocorrida no contexto da primeira revolução industrial, no qual desempregados de uma fábrica se rebelaram com a substituição de seus postos de trabalhos por máquinas, nos quais se organizaram e destruíram tais máquinas.

[26] Para formar um banco de dados abrangente sobre a realidade da Internet no país, o CGI.br acertou com o Ibope a publicação de alguns indicadores de uso da rede que o instituto de pesquisa divulga periodicamente. Tal projeto pretende disponibilizar as séries históricas de internautas ativos e horas navegadas desde 2000, e onze indicadores mensais de acesso à Internet no mundo e no Brasil, a partir de Agosto de 2005. A parceria com o IBGE prevê também desde o ano 2000 a inclusão de um módulo com 23 questões básicas sobre penetração e uso da Internet na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD incluindo indicadores sobre local de acesso à Internet, freqüência de uso, tipo de serviços e atividades realizadas, entre outras. (Cf. site do Comitê gestor da Internet no Brasil http://www.cgi.br).

	2005		2006		2007	
	%	PROJEÇÃO PESSOAS	%	PROJEÇÃO PESSOAS	%	PROJEÇÃO PESSOAS
Já utilizou computador	45	56.500.000	46	58.039.000	53	69.037.000
Utilizou computador últimos 3 meses	30	37.125.000	33	42.037.000	40	52.924.000
Nunca utilizou computador	55	68.500.000	54	68.961.000	47	61.963.000
Já utilizou internet	32	40.250.000	33	42.291.000	41	53.317.000
Utilizou internet últimos 3 meses	24	30.500.000	28	35.306.000	34	44.933.000
Nunca utilizou internet	68	84.750.000	67	84.709.000	59	77.683.000

Tabela 2- Quadro comparativo TICs 2005, 2006 e 2007

Fonte: Relatório Pesquisa TIC domicílios 2007, divulgado 14 de março de 2008, disponível http://www.cetic.br

Os dados da pesquisa de TIC Domicílios 2007[27] reforçam que o acesso e uso do computador e da Internet no país depende unicamente do nível socioeconômico do indivíduo, sua renda familiar, e a região onde vive. A penetração da posse e uso do computador e da Internet nos diversos segmentos sociais se concentra nos indivíduos de famílias mais ricas e, em paralelo, nos indivíduos que moram em regiões mais ricas. Além disto, pessoas mais jovens usam mais o computador e a Internet que pessoas mais velhas.

(%)		2005	2006	2007
total	total	17	20	24
Renda	até 1 SM	2	2	3
	1Sm- 2 SM	3	3	9
	2SM - 3 SM	6	10	24
	3 Sm - 5 SM	15	23	40
	mais de 5 SM	46	54	67

Tabela 3- Proporção de Domicílios com computador percentual sobre o total de domicílios

*** Base:** 17.000 domicílios entrevistados em área urbana.

A TIC 2007 também aponta o aumento no ritmo das aquisições de computadores nos domicílios (20% em 2006 para 24% em 2007), especialmente em domicílios cuja renda está entre 3 e 5 salários mínimos (de 23% para 40%), os quais são alvos dos programas de incentivo fiscal do governo federal.

[27] A Pesquisa TIC Domicílios mediu a penetração e uso da Internet em domicílios, incluindo uso de governo eletrônico, comércio eletrônico, segurança, educação e barreiras de acesso. As entrevistas foram realizadas presencialmente, em 17.000 domicílios e com indivíduos a partir dos 10 anos. Os resultados permitem a apresentação dos indicadores por 15 regiões e áreas metropolitanas, classe social, instrução, idade e sexo.

Com relação ao uso do computador, a pesquisa mostra que:

- 53%, um pouco mais da metade da população informou já ter usado um computador; sendo que 40% são considerados usuários freqüentes do equipamento;
- 47% da população brasileira nunca utilizou um computador;
- 24% da população brasileira possui um computador em casa;
- 40% da população brasileira utilizou um computador nos últimos 3 meses;

Quanto ao uso da Internet, a pesquisa aponta que:

- 59% da população brasileira nunca utilizou a Internet;
- 34% da população brasileira é usuária da Internet, quase 10 milhões a mais do que em 2006 ;
- 17% da população brasileira possui acesso a Internet em seu domicílio;
- 89% da população brasileira utiliza a Internet para comunicação;
- 88% da população brasileira utiliza a Internet para lazer e fins pessoais;
- 87% da população brasileira utiliza a Internet para busca de informações e serviços on-line;
- 73% da população brasileira utiliza a Internet para atividades educacionais;
- 18% da população brasileira utiliza a Internet para serviços bancários.

De acordo com a pesquisa IBOPE/ NetRatings[28] em janeiro de 2008 os internautas residenciais somaram 21,1 milhões, sendo que no mesmo período de 2005, o número de pessoas que entraram na *web* ao menos uma vez no mês com conexão domiciliar era de 10,7 milhões, ou seja, o volume de internautas ".br" praticamente dobrou em três anos. Tal pesquisa divulgada em fevereiro de 2008 mostra que o Brasil tem 39 milhões de pessoas que acessam a Internet de qualquer ambiente (residência, trabalho, escola, *LAN houses*, bibliotecas etc), número relativo ao terceiro trimestre de 2007. Também trimestral, o total de pessoas com acesso

[28] Pesquisa IBOPE/NetRatings divulgada no dia 22 de fevereiro de 2008 no jornal Folha de S. Paulo, http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u374927.shtml , acessado dia 22/02/2008.

residencial à Internet (mas que não necessariamente usufruem do meio) em dezembro de 2007 continuou em 32,1 milhões de indivíduos.

Tal pesquisa[29] também demonstra um dado interessantíssimo no que se refere a ampliação real do acesso aos produtos e conteúdos da WEB 2.0, na medida em que apenas o acesso a conexões em banda larga é que garantem a ampliação deste acesso a conteúdos que numa conexão discada se tornam praticamente inviáveis devido a baixa velocidade de transmissão de *bytes*. A pesquisa em questão demonstra que conexões em banda larga já estão presentes em **50%** dos domicílios brasileiros que possuem acesso à Internet, mas 42% ainda acessam a rede principalmente por modem tradicional via acesso discado. Em 2006 o acesso discado era predominante, com 49%, enquanto as conexões em banda larga representavam 40% dos tipos de acesso domiciliar. O crescimento da banda larga no período foi, portanto, de 10 pontos percentuais.

Dados comparativos mundiais com base em relatórios da Organização das Nações Unidas apontam que o Brasil com sua marca de 32 milhões de usuários de Internet via computador doméstico ficaria em sétimo lugar na lista dos países com maior população de internautas domésticos. O primeiro lugar é dos Estados Unidos, com 215,9 milhões de cidadãos conectados, seguido pelo Japão, com 86,5 milhões[30]. A ONU mostra também que, embora a Internet tenha avançado e conquistado mais de um bilhão de usuários em todo o mundo, a propalada "sociedade da informação" enfrenta a barreira digital: 57% das pessoas com conexão à rede mundial de computadores estão nos países ricos. O número de computadores no mundo também deixa clara a divisão entre ricos e pobres. Em toda a África, segundo a ONU, existem apenas 11,5 milhões de máquinas.

Assim, com estes dados fica nítida a constatação do retrato da também exclusão digital, isso é um fato relevante, mas não é nosso enfoque, pois mesmo sendo isso um problema a ser pensado e solucionado, o processo tecnológico em curso ocorre em ritmo acelerado, na medida em que assistimos hoje a ênfase nos dispositivos personalizados, na interatividade, na formação de redes e na busca incansável de novas descobertas tecnológicas o que vem moldando os parâmetros de troca de informações e hoje a Internet já é uma esfera social enraizada em nossa

[29] Na metodologia de pesquisa do Ibobe, o Brasil possui internautas que mais navegam, com 23 horas e 12 minutos por pessoa por mês. Ficamos à frente da França que marcou 21 horas e 38 minutos e dos EUA que têm 20 horas e 39 minutos.
[30] Cf. http://www.cetic.br/usuarios/ibope/tab02-06.htm, acessado no dia 27/03/2008.

sociabilidade urbana global, necessitando, portanto que pesquisadores se debrucem e analisem este processo em curso criteriosamente, enfrentando assim os chavões de que apenas o processo de inclusão/ exclusão digital seriam temas mais prioritários.

1.3 Jornalismo on-line, jornalismo digital, webjornalismo.

Paralelamente as Plataformas Comunicativas Multimidiáticas Ciberespaciais (PCMC) de uso mais privativo assistimos a crescente apropriação deste cenário pela imprensa tradicional e pelo jornalismo que busca se modificar na tentativa de se adequar a esta nova realidade tecnológica. Simultaneamente, generalizou-se a esperança em torno do chamado novo jornalismo, designadamente no formato dito como ‘webjornalismo’ (Canavilhas,2001).

Canavilhas afirma, portanto que o aparecimento de novos meios de comunicação social introduziu novas rotinas e novas linguagens jornalísticas. Dessa maneira ele exemplifica que o jornalismo escrito, o jornalismo radiofônico e o jornalismo televisivo utilizam linguagens adaptadas às características do respectivo meio. Contudo com o aparecimento da Internet verificou-se uma rápida migração dos *mass media* existentes para o novo meio sem que, no entanto, se tenha verificado logo a princípio qualquer alteração na linguagem.

> O chamado ‘jornalismo online’ não é mais do que uma simples transposição dos velhos jornalismos escrito, radiofônico e televisivo para um novo meio. Mas o jornalismo na web pode ser muito mais do que o atual jornalismo on-line. Com base na convergência entre texto, som e imagem em movimento, o webjornalismo pode explorar todas as potencialidades que a Internet oferece, oferecendo um produto completamente novo: a webnotícia. (CANAVILHAS, 2005, p.01, on-line)

Se, para o webjornalista, a introdução de diferentes elementos multimídia altera todo o processo de produção noticiosa, para o leitor é a forma de ler que muda radicalmente. Perante um obstáculo evidente, o hábito de uma prática de leitura linear, o jornalista tem de encontrar a melhor forma de levar o leitor a quebrar as regras de recepção que lhe foram impostas pelos meios existentes. O grande desafio feito ao webjornalismo é a procura de uma "linguagem amiga" que imponha a webnotícia, uma notícia mais adaptada às exigências de um público que exige maior rigor e objetividade.

> Com efeito, os novos media representam uma ruptura com a configuração hierárquica e dirigista da centralização emissora, permitindo a emergência

> de um modelo de muitos para muitos, no qual os auditores se transformam em produtores para consumidores. (CORREIA, 1998, p.5, on-line)

Referindo-se ao ‘teletexto’ e ao ‘videotexto’, Dennis McQuail afirmava já em 1987 que:

> Os novos media parecem oferecer o potencial de uma mudança no equilíbrio do poder dos emissores em relação aos receptores, tornando todo o gênero de conteúdos acessíveis aos utilizadores e seleccionadores sem dependência dos sistemas de mediação e do controle da comunicação de massas. (apud BASTOS, 2000, p.21).

Ora, precisamente, neste domínio, em vez de fazer apenas uma aclamação eufórica das possibilidades emergentes no ‘webjornalismo’ no que respeita a uma eventual possibilidade de ressuscitação de uma espécie de nova ágora, interessa-nos, sobretudo interrogar os limites e esperanças que despertam para o jornalismo à sombra das possibilidades tecnológicas. Há alguns traços que podem ser invocados a propósito desta forma de jornalismo que merecem ser pensados com cautela pelas possibilidades que abrem. Mas cabe, portanto neste momento realizar uma distinção conceitual através de um breve resgate do processo ainda em marcha de convergência do jornalismo on-line para o webjornalismo.

Com o advento da Internet, um dos pontos afirmados como sendo de mudança radical, tem sido o alargamento do horizonte de possibilidades de produção e circulação de conteúdos. Antes de explorar, no entanto, esse fenômeno, as particularidades da Internet, percebemos que, esse alargamento se fez presente em determinados momentos na escala de implementação de outras modalidades midiáticas.

O impresso, por exemplo, experimentou a partir de meados do século XIX, um número cada vez maior de publicações e conseqüente aumento do público leitor. O rádio, por sua vez, experimentou o seu *boom* depois da primeira guerra mundial, com a proliferação de emissoras, programas e audiência.

No caso do impresso, a ampliação ocorre tanto pelo aperfeiçoamento das técnicas de produção (surgimento das primeiras rotativas), como pela melhora do suporte[31] e, claro, pela existência de um mercado consumidor de letrados. Já no

[31] Nesse caso, o exemplo se refere ao próprio papel, que passa a ser produzido a partir da celulose vegetal, e não da reciclagem de tecidos, geralmente de algodão. Esse fator, no caso, multiplicou, à época, sensivelmente o volume de impressos. Cf: *The History of paper and papermaking*. http://inventors.about.com/library/inventors/blpapermaking.htm

caso do rádio, essa difusão ocorre, sobretudo, a portabilidade, barateamento e simplicidade de uso.

O que esses exemplos têm em comum? Poderíamos apresentar exaustivos casos dos suportes midiáticos em relação a uma ampliação do público correspondente. Todavia, esses dois casos mostram que, a progressiva aceitação de uma mídia depende dos dispositivos tecnológicos que permitam, de um lado, a geração em escala mais ampla de conteúdos; e do outro, condições tecnológicas e sociais para a assimilação desse conteúdo.

Ora, isso resolveria, pelo acúmulo de tecnologias disponíveis e aparição de públicos específicos, a questão da diversidade de informação. Mas, não resolve a contrapartida do problema, ou seja: em que proporção uma tecnologia pode permitir, dentro do mesmo dispositivo tecnológico de criação e circulação, não apenas o acesso ao conteúdo, mas o acesso às estruturas de produção desse conteúdo?

Com a Internet, e as alternativas de dispositivos com base operativa na rede mundial de computadores (que temos tratados genericamente aqui como rede, ou web), temos a proliferação em escala mundial das mais diferentes naturezas de conteúdo. Esse é o ponto de distinção em relação ao rádio e ao impresso. Estes são modelos tecnológicos, que, a grosso modo, não superam a unilateralidade das suas aplicações, mantendo o fluxo da informação na seqüência: emissor-receptor.

E no caso do jornalismo que se baseia na rede, como essa *permissão* de geração de conteúdos opera? Em que medida ele se combina com o jornalismo, digamos, ligado a estruturas profissionais, que também se transpôs para a rede?

Podemos dizer que, pertinente ao jornalismo, essa questão condiciona não apenas a uma diversificação de novos veículos (exemplo: Blogs independentes), ou transposição de veículos já existentes (exemplo dos blogs vinculados a grandes portais ou redes de jornais em sua versão on-line), mas também, sobretudo: a) A pluralização das informações que compõem o recorte de produção da notícia e, b) Surgimento de práticas jornalísticas desvinculadas do aparato institucional ou empresarial do jornal.

Desse modo com a popularização da comunicação mediada por computador, houve uma preocupação latente quanto ao conteúdo disponibilizado na rede. Os jornais, de maneira geral, intimidaram-se com a possibilidade de serem engolidos pela nova tecnologia e migraram para o meio digital. O divisor de águas entre as mídias tradicionais e a on-line foram as características advindas da tecnologia para

divulgação de informações e convergência das mídias, permitindo aos jornais on-line adicionar texto, som e imagem em velocidade instantânea de acesso.

A Internet como meio de comunicação ressalta aos olhos características já conhecidas das mídias tradicionais, a diferença está na potencialidade de tais elementos. A interatividade, por exemplo, é conhecida através do rádio, veículo que estimula a participação dos ouvintes, a TV por fornecer recursos interativos aos telespectadores, porém muito limitados, assim como os jornais impressos, já o meio on-line, comparado às outras mídias, é o único inteiramente dialógico e interativo (SANTAELLA, 2004, p. 52).

Bernardo Kucinski (2005, p. 88) chama a atenção para um outro fator, o fetiche da velocidade (instantaneidade) como não sendo exclusividade no jornalismo on-line, segundo o autor, no jornalismo em tempo real "tenta-se dar conotação de absoluta novidade a um processo muito antigo de transmissão ao vivo, que sempre foi a característica do rádio, do telégrafo e de seus derivados, como o telex e agora o fax". Porém, a instantaneidade é latente nos meios on-line por ser um veículo livre de *deadline*.

Assim como a interatividade e a velocidade, outros recursos já citados podem dar a impressão de novidade no jornalismo on-line, porém já eram usados em menor intensidade pelo rádio, TV e impresso. O jornalismo on-line é fruto da convergência das mídias, seu sucesso está no potencial de usabilidade dos recursos disponíveis como meio de atrair os leitores e transformar a forma produtiva da notícia.

Pode-se dizer que, com o avanço das novas tecnologias, o jornalismo[32] foi um dos setores que mais sofreram rupturas e mudanças no paradigma comunicacional; está havendo substituição do paradigma do pensamento linear pelo paradigma do pensamento hipertextual, o surgimento de um novo espaço: o ciberespaço, onde reconfiguram os espaços, as relações entre os seres humanos e a estrutura de poder. E é diante de tamanhas mudanças que o jornalismo está inserido; voltado agora para o ambiente virtual, é preciso adquirir novos aspectos para sobreviver no mundo globalizado.

[32] O jornalismo é, segundo Sousa (2001), uma forma de comunicação em sociedade, que, além de manter um sistema de vigilância e de controle dos poderes através da divulgação de informações, pode significar noticiar, informar sobre todos os acontecimentos, questões úteis e problemáticas socialmente relevantes relacionadas, ou não, com os agentes do poder. "Os acidentes, os casos de polícia, o desporto, a moda, o patrimônio natural e histórico, as notícias do estrangeiro, o comportamento da bolsa, a informação de serviços, os testes comparativos para ajudar o consumidor a fazer as melhores escolhas são alguns dos muitos exemplos de temáticas abordadas pela imprensa jornalística" (2001, p. 13).

Nota-se que a imprensa transforma-se a cada inovação tecnológica, muda a maneira de produção de conteúdo, altera a forma de recepção, como exemplo, o meio impresso caracteriza-se por exigir do público o conhecimento da escrita, o rádio atinge um número maior de pessoas por usar apenas o som (audição), a televisão atrai um número também elevado de pessoas pelo apelo visual e auditivo, já o meio on-line agrega todas as características dos outros meios nele mesmo e gera uma mudança de paradigma da tecnologia da informação. O jornalismo on-line apresenta-se como meio de informação pautado nas inovações tecnológicas, encontra-se diante de mudanças que passaram a representar desafios de produção e emissão de informações noticiosas.

Seguimos agora com a trajetória desta nova modalidade de veiculação de notícias.Na década de 1970, o jornalismo on-line trilha seus primeiros passos nos Estados Unidos, quando o *New York Times*, através do *New York Times Information Bank*, oferece aos assinantes dotados de computador, artigos e textos de suas edições diárias. Segundo Dizard (2000, p. 234), em 1980, em Ohio, o jornal *Columbus Dispartels* disponibilizou todo seu conteúdo aos assinantes que possuíam computador, porém exigia o pagamento de uma taxa pelo serviço. Após 15 anos, em 1995, apenas uma centena de jornais diários estavam na web. Na virada do século, todos os diários de grande circulação estavam representados na Internet, ao lado de centenas de publicações menores. Cada vez mais eles estão explorando sua maior vantagem, que é a informação local (DIZARD, p. 234).

Começa-se a falar em jornalismo on-line, no Brasil, em 1995, quando surge o primeiro site do *Jornal do Brasil*[33]; na mesma época também é disponibilizada a versão on-line do jornal *O Globo*. A expansão dos sites no país se deve ao surgimento de portais gratuitos, como, por exemplo, o *iG*[34]*,* que tinha como missão desenvolver um site de abrangência nacional, de larga escala e que pudesse atrair o maior número de usuários no menor tempo possível. “Muitos usuários deixaram de pagar seus provedores e optaram pela Internet sem custo. Ao final do primeiro mês, o *iG* tinha quase oitocentos mil usuários cadastrados e uma média próxima a 1,1 milhão de *page views* por dia” (FERRARI, 2003, p. 25-29).

O crescimento do jornalismo on-line é atribuído, além de outros fatores, também à audiência; Pavlik (2001, p. 21) afirma que as pessoas querem e buscam

[33] www.jb.com.br
[34] www.ig.com.br

suas notícias em tempo real, querendo saber o mais rápido possível e pela Internet elas encontram o que procuram.

O jornalismo disponível na web recebe uma enormidade de denominações que tentam identificar sua atual função na rede, ouve-se falar em jornalismo eletrônico, jornalismo digital, jornalismo on-line, webjornalismo, cada qual assumindo diferentes papéis, cabe aqui fazer uma breve explanação sobre cada um deles.

O jornalismo eletrônico é considerado aquele baseado apenas na transposição de conteúdos de um meio para outro, por exemplo, um jornal impresso que transporta as notícias publicadas no jornal do dia para a versão on-line.

O segundo assume características similares às do jornalismo on-line, porém, Ana Lúcia Santos (2003, on-line) explica que o termo “remete mais às tecnologias de produção e armazenamento de informações do que especificamente ao ambiente no qual é consumido. Ou seja, a produção feita a princípio para átomos é transformada em bits”. Para exemplificar, a autora cita edições impressas no período de um ano do jornal Folha de S. Paulo gravadas em CD-ROM. O que se tem é um banco de dados que não pode ser alterado, estando limitado à interatividade, atualização e personalização de conteúdo.

O jornalismo on-line é um termo bastante popular e vem sendo usado para se referir à produção e disseminação de notícias na Internet. Sua produção é caracterizada pelo uso das ferramentas digitais (atualização, hipertexto, interatividade, personalização, memória e multimídia) e convergência de mídias permitindo a publicação de notícias em tempo real. João Canavilhas (2001) chama de webjornalismo a descrição feita acima e denomina de jornalismo on-line aquelas publicações que migraram de um meio específico (televisivo, impresso, radiofônico) para o ambiente virtual, ou seja, a transposição de conteúdos para um novo suporte.

Dessa maneira o jornalismo on-line é caracterizado como esta fase de transposição de conteúdos do impresso para a rede e, sobretudo pela não criação de linguagem própria ou uso de todas as potencialidades multimidiáticas do novo suporte digital. Mas a constatação disso em termos históricos nos remete ao que afirmou Marshall McLuhan que ‘o conteúdo de qualquer *médium* é sempre determinado pelo antigo *médium* que foi substituído’. Assim é óbvio que com a Internet não ocorre uma exceção a esta regra. Devido a questões técnicas, (baixa velocidade na rede e interfaces textuais), a Internet começou por distribuir os conteúdos do meio substituído - o jornal. Só mais tarde a rádio e a televisão

aderiram ao novo meio, mas também nestes casos se limitaram a transpor para a Internet os conteúdos já disponibilizados no seu suporte natural.

Canavilhas afirma que a Internet neste primeiro período se limitou a disponibilizar apenas as emissões das rádios e dos telejornais em suporte on-line. E apesar do inquestionável interesse da difusão destes conteúdos à escala global, é um completo desperdício tentar reduzir o novo meio a um simples canal de distribuição dos conteúdos já existentes. Para ele olhar para o jornalismo on-line seria algo semelhante a imaginar a transmissão de um telejornal onde alguém lê simplesmente um jornal frente a uma câmara. Afirmar-se que "a rádio diz, a televisão mostra e o jornal explica" não é mais do que constatar que cada meio tem as suas próprias narrativas e linguagem. E a ser assim, a Internet, por força de poder utilizar texto, som e imagem em movimento, terá também uma linguagem própria, baseada nas potencialidades do hipertexto e construída em torno de alguns dos conteúdos produzidos pelos meios existentes.

> De certa forma, o conceito de jornalismo encontra-se relacionado com o suporte técnico e com o meio que permite a difusão das notícias. Daí derivam conceitos como jornalismo impresso, telejornalismo e radiojornalismo.(MURAD, 1999)

É, pois, com naturalidade que ele introduz o conceito de ’webjornalismo’ na contraposição e substituição do conceito de jornalismo on-line (CANAVILHAS, 2005), na medida em que o webjornalismo seria o conceito que daria conta de englobar uma realidade ainda em curso, a de criação de uma nova linguagem e uso de recursos diferenciados. Portanto, neste trabalho, laçaremos mão do uso de ambos os conceitos quando estivermos falando respectivamente de suas conotações e características diferenciadoras, cada qual a seu modo.

No caso dos jornais, as versões on-line acrescentam a atualização constante, o hipertexto para ligações a notícias relacionadas e a possibilidade de comentar as notícias. A velocidade é uma característica do jornalismo em todos os meios de produção, a falta de tempo no jornalismo entra em conflito com a qualidade e a excelência da notícia, no jornalismo on-line, talvez, esse conflito esteja latente. Bernardo Kucinski (2005, p. 97-98), ao questionar a novidade no jornalismo on-line, aponta três características do modelo: a primeira, quanto ao seu público. A velocidade seria a segunda característica, porém o autor critica o fascínio pela instantaneidade por sacrificar outros atributos da informação jornalística como

“precisão, contextualização e interpretação”. E a terceira característica seria o uso das notícias on-line, por outros meios de comunicação, “como pauta para a cobertura feita pelos próprios jornalistas desses veículos”.

Mielniczuk (2003, p. 43) reporta à palavra on-line a idéia de “conexão em tempo real, ou seja, fluxo de informação contínuo e quase instantâneo”, características típicas para produção de notícias em sites especializados nessa nova prática jornalística. Mielniczuk (2003, p. 48) classifica o primeiro momento da trajetória do jornalismo on-line como pouco inovador: os conteúdos jornalísticos oferecidos eram reproduções de grandes jornais impressos e a atualização do material era feita “a cada vinte e quatro horas”. Nessa fase, tanto a cópia de conteúdo quanto a reprodução das rotinas produtivas de um jornal eram comuns. Há pouco mais de dez anos, pesquisadores do meio digital tentaram desenvolver produtos e modelos adequados para o jornalismo on-line.

Pavlik (2001, p. 43), por exemplo, sistematiza as fases ou gerações do jornalismo on-line em três. “No primeiro estágio, em que dominam os sites de notícias, os jornalistas do meio on-line, na grande maioria, apenas republicam ou ‘reproduzem’ o conteúdo produzido para outros meios”. Nessa fase, os critérios de apuração, enquadramento e periodicidade continuam iguais aos de um jornal impresso. Na segunda fase, há uma preocupação dos sites quanto à produção de conteúdo original e inovação nos aspectos gráficos. São características dessa fase a utilização do hipertexto, as ferramentas de busca e as enquetes criadas por cada site. Por último, a terceira fase, que está em plena atividade, caracteriza-se pela criação de projetos gráficos originais desenvolvidos especificamente para a web. A mudança no paradigma da periodicidade é fundamental: os sites passam a se preocupar com a atualização contínua em intervalos de tempo reduzidos e a oferecer serviços de interatividade em conteúdos, seria aquilo que Maria Angeles Gonzáles (2001) diagnostica adicionando às fases da evolução do jornalismo na Internet o modelo multimídia que, segundo a autora, superará a terceira fase do jornalismo on-line proposto por John Pavlik. Tal modelo fará do jornal on-line um meio totalmente diferente do jornal impresso tanto em relação à visualização das páginas quanto no conteúdo.

Sua principal característica é o máximo aproveitamento das possibilidades de interatividade e multimidialidade do novo meio, mediante as quais, se pode oferecer a informação em diferentes formatos (som, imagem fixa ou em movimento e texto).

Espera-se que este modelo sirva para aumentar as possibilidades de escolha dos conteúdos por parte do usuário, o receptor da informação, assim como a oferta de um grande número de serviços em sentido vertical (mais bem especializados), inserindo-se aqui a oferta de serviços de conteúdos como os blogs, muitas vezes tematizados.

Os blogs parecem pertencer à terceira fase do jornalismo on-line segundo a classificação de John Pavlik, pois são propostas diferenciadas de produção jornalística na web ao tentarem fazer o uso do modelo multimídia

Para Squirra (1998, p. 69-70) o jornalismo on-line está em fase experimental, muitas empresas jornalísticas migraram para o cenário cibernético apenas reproduzindo notícias impressas e televisivas, sem preocupar-se com as características do jornalismo on-line. Segundo o autor, “o mundo on-line tem sua própria forma de ser”. Uma forma, sem dúvida, ainda em desenvolvimento.

Elias Machado (2003, p. 129) comprova o estágio de experimentação do jornalismo on-line em sua análise dos portais regionais “iBahia” e “A Tarde On-line”. Utilizando a classificação de Pavlik sobre as três gerações do jornalismo on-line, ele concluiu que nesses sites predominam a transposição de assuntos publicados no jornal impresso e também a publicação de “produtos originais, mas dependentes de modelos de produção atrelados às organizações jornalísticas convencionais”. Moherdaui (1999) também concluiu, em um estudo de 1998, ao comparar critérios de produção e edição no primeiro caderno das versões impressa e on-line dos jornais Folha de S. Paulo (Brasil) e O Estado de S. Paulo, que os jornais faziam a transposição integral de conteúdo do impresso para a rede, seguindo as normas de produção e edição sob o ponto de vista do material impresso. As mudanças se referiam apenas a forma de distribuição de notícias devido ao *layout* da página desenvolvido para a Internet. Porém, hoje, a Folha de S. Paulo, além da versão impressa, possui uma opção exclusiva on-line de acesso aos assinantes com notícias publicadas apenas no impresso e ainda um jornal on-line – Folha Online – produzido especificamente para a rede.

Com o aperfeiçoamento e outras tentativas de se trabalhar on-line, os profissionais começam a utilizar os recursos oferecidos pela Internet e, a partir daí, há mudança no cenário, dando espaço para novos modelos e modos de fazer jornalismo. Mielniczuk (2003, p. 50) explica que sites que buscam especializar-se em publicações on-line “extrapolam a idéia de uma versão para a web de um jornal

impresso já existente [...]. Nos produtos jornalísticos desta geração, é possível observar tentativas de efetivamente explorar e aplicar as potencialidades oferecidas pela web para fins jornalísticos".

No jornal impresso existe uma limitação física no tamanho do texto a ser publicado no papel, já no jornal on-line o espaço é ilimitado, não havendo regra para o tamanho de uma notícia. As notícias escritas para o impresso seguem uma estrutura linear conhecida como Pirâmide Invertida[35], tendo seu primeiro registro em 1861 na escrita jornalística.

O jornal on-line, por ser um meio de comunicação novo, ainda não há estilo de escrita definido, seguindo um padrão não-linear. O modo como os elementos da informação se relacionam no jornalismo on-line (usa a escrita, os bancos de dados, hipertextos, imagens) se estabelece de maneira não-linear, pois as mensagens circulam em rede. E é essa forma não-linear que leva o leitor a ler e acessar a informação em qualquer ordem que escolher, ativando o que Lévy chama de informação em fluxo (BARBOSA, 2002, on-line).

O leitor do jornal impresso passa a ser chamado no jornal on-line de internauta devido ao seu acesso ilimitado a informações de todos os tipos na Internet. O leitor do jornal não participa nas publicações do jornal, já o internauta pode participar de enquetes disponíveis no site do jornal, publicar opiniões em fóruns de discussão e ainda enviar e-mails à redação do jornal.

Todas as edições dos jornais impressos ficam arquivadas no próprio jornal, para se ter acesso a uma informação específica é difícil, mas não impossível, é preciso ir à sede do jornal. Procurar uma notícia ou um assunto específico em um jornal on-line tornou-se um processo simples e de fácil acesso devido ao armazenamento infinito de informações em bancos de dados. A ferramenta de busca permite a visualização de notícias por data, assunto e editorias em alguns jornais on-line.

Conforme o quadro a seguir percebe-se que as diferenças entre o jornal impresso e o on-line estão relacionadas, em grande parte, ao meio de comunicação digital, o que antes era produzido e permanecia estático por 24 horas, no caso dos

[35] A Pirâmide Invertida é um estilo de narração jornalística típica do jornal impresso que virou padrão no século XX. Segundo Genro Filho (1997, p. 190), a Pirâmide Invertida significa relatar um fato do "mais importante para o menos importante", respondendo as seis perguntas clássicas: o quê?, quem?, quando?, onde?, como? e porquê? Genro Filho explica que o lead (o primeiro parágrafo da notícia) surgiu em virtude de interrupções nas linhas telegráficas, portanto os editores instruíam os repórteres a relatar primeiro os fatos principais, pois se houvesse corte no sinal a informação não seria prejudicada.

jornais impressos, agora com a digitalização tornou-se dinâmico devido ao uso das novas tecnologias.

	Jornal Impresso	Jornal on-line
Apresentação gráfica	Papel e tinta	Tela do computador
Acesso	Banca de jornal (jornais específicos da região ou nacionais)	Pela Internet em qualquer lugar do mundo (jornais de todas as localidades)
Espaço	Limitado	Ilimitado
Texto noticioso	Pirâmide invertida. Linear	Em construção. Utiliza-se além da pirâmide invertida, textos mais curtos, *links* hipertextuais e multimídia
Captação da notícia pelo jornalista	Rua, e-mail, telefone	Rua, e-mail, telefone
Fechamento da edição	Um *deadline* por dia	*Deadline* a todo segundo (atualização/instantaneidade)
Usuário	Leitor não participa	Internauta participa de enquetes, fóruns de discussão e e-mail (interatividade)
Memória	Arquivo físico	Informações armazenadas em banco de dados

Tabela 4: Comparação entre jornalismo impresso e jornalismo on-line quanto ao acesso, espaço, texto, captação de notícia, fechamento da edição, usuário e memória.

Fonte: Telarolli, Taís Marina 2007.

Com pouco mais de dez anos, os jornais on-line continuam inexperientes quanto ao uso das ferramentas digitais. São consideradas ferramentas digitais, segundo Mark Deuze (2005), a interatividade, a hipertextualidade, a multimidialidade e a personalização do conteúdo.

Essas potencialidades são discutidas também por Marcos Palácios (2003, p. 17), que estabelece a existência de seis elementos do jornalismo desenvolvido na web: a multimidialidade/convergência, interatividade, hipertextualidade, customização de conteúdo/personalização e memória e, ainda, a

instantaneidade/atualização contínua. Essas características estão sendo descobertas aos poucos pelos jornais on-line, mas Palácios ressalva que as ferramentas disponíveis pelas novas tecnologias não são efetivamente exploradas pelos sítios jornalísticos, “quer por razões técnicas, de conveniência, adequação à natureza do produto oferecido ou, ainda, por questões de aceitação do mercado consumidor”. São potenciais utilizados de formas variadas, com maior ou menor intensidade por cada site, acredita o autor.

A Internet possibilitou a potencialização de inúmeras funções que, ao serem aplicadas ao jornalismo on-line, fazem dele um meio diferenciado. Apesar das inovações, nem sempre estas são incorporadas pelos produtores de notícia que, mesmo tendo conhecimento do potencial da web, subaproveitam tais recursos e equipamentos contribuindo “para a manutenção de sistemas de produção obsoletos” (MACHADO, 2003, p. 93). Tais considerações vêm a indicar a persistência do uso de velhos modelos neste suporte emergente configurado no jornalismo on-line.

Conforme exposto, tais especificidades do jornalismo on-line abrem caminho para a produção de uma nova modalidade de jornalismo na Internet, aquilo que Juan Varela (2007) chama de Jornalismo participativo.

Segundo Varela (2007) o jornalismo participativo ou também denominado de jornalismo 3.0 é a terceira versão do jornalismo digital. Para ele as três versões/fases são definidas da seguinte forma:

- **Jornalismo 1.0** é aquele que transmite conteúdo tradicional de meios analógicos ao ciberespaço.
- **Jornalismo 2.0** é a criação de conteúdos de e para a rede.
- **Jornalismo 3.0** socializa esse conteúdo e os próprios meios.

Ou seja, para Varela (2007) o público se lançou na conquista dos meios de comunicação. Quase não há ninguém que queira se manter informado e ficar calado. Muitos querem falar difundir a própria informação, e alguns o fazem com especial habilidade.

> O novo espaço da comunicação caracteriza-se pelo aumento da concentração de meios, a irrupção das fontes por meio da comunicação e das relações públicas e do afastamento dos jornalistas do trabalho de rua, do corpo a corpo, que sempre foi o sentido vital do bom jornalismo. A partir das margens do sistema e do público surge o Jornalismo 3.0 para devolver o imediatismo, o sentido de comunidade e a conexão com a realidade na informação, cujas ferramentas são oferecidas pela tecnologia e pela Internet. (VARELA, 2007, p. 53).

Seria a idéia de um jornalismo que valoriza também o hiperlocal, voltados para nanoaudiências que esperam estabelecer um ‘sistema de informação conversacional’ (VARELA, 2007) e em rede, que não seja controlado hierarquicamente. Seus promotores contam com o aumento da participação dos cidadãos e esperam que os jornalistas e os meios de comunicação repensem seu papel nessas fórmulas de informação participativa na rede.

Este Jornalismo Cidadão, Jornalismo Colaborativo, Jornalismo *Open Source* ou ainda Jornalismo Participativo é uma idéia de jornalismo na qual o conteúdo é produzido por cidadãos sem formação jornalística, em colaboração com jornalistas profissionais. Esta prática se caracteriza pela maior liberdade na produção e veiculação de notícias, já que não exige formação específica em jornalismo para os indivíduos que a executam.

Para os adeptos e ativistas desta prática, o Jornalismo Cidadão é uma chance de democratizar a informação, a partir do momento em que qualquer pessoa teria acesso à mídia, não apenas como leitor ou espectador, mas colaborando na produção do material veiculado. Também seria para os defensores do *new journalism*, uma oportunidade para valorizar a reportagem, incluindo a observação de testemunhas oculares dos fatos.

O relatório *We Media: How Audiences are Shaping the Future of News and Information* (Nós-Mídia: ‘como o público está moldando o futuro do jornalismo e da informação), escrito pelos pesquisadores Shayne Bowman e Chris Willis (apud Varela, 2007), do *The Media Center* do Instituto Americano de Imprensa, define o jornalismo participativo como um ato de cidadãos "fazendo um papel ativo no processo de coleta, reportagem, análise e distribuição de notícias e informações". O documento acrescenta que "a intenção desta participação é fornecer informação independente, confiável, precisa, abrangente e relevante que a democracia requer’.

> Os meios tradicionais vêem no jornalismo de código aberto (denominação emprestada do *open source* tecnológico) uma oportunidade para evitar a cobertura de assuntos nos quais nunca poderão atingir uma multiplicidade de cidadãos interessados. Além disso, surge outra idéia: a necessidade de voltar às origens do jornalismo por meio dessa nova orientação das notícias, afastadas da institucionalidade dos grandes centros políticos, econômicos, técnicos etc. Encontrar de novo a realidade e a paixão pelas pequenas coisas transformadas agora em nanoaudiências e publicações verticais. (VARELA, 2007, p. 49).

O objetivo consistiria em fortalecer a democracia desde a base e utilizar o jornalismo participativo (Jornalismo 3.0) para democratizar a agenda informativa e afastá-la do controle dos poderes (políticos, econômicos e institucionais) e dos grandes meios de comunicação.

Com o aumento na participação ativa na internet, cresce cada vez mais a confiança de um número maior de cidadãos nos blogs que buscam manter-se informados sobre assuntos de seu especial interesse ou conhecer as opiniões dos usuários e dos líderes das conversas das comunidades virtuais, seus praticantes não querem ser um público passivo.

Nos meios tradicionais a interatividade é muito limitada. A imprensa resolveu o problema de como difundir a informação de forma econômica para muitos, no entanto se perdeu o contato com os leitores. Por meio do jornalismo participativo, potencializado pelo webjornalismo, a centralização dos meios e de sua agenda, sua concentração, seu mercado e seu monopólio informativo se transforma em um universo descentralizado governado por pessoas que se tornam guias umas para as outras.

Dessa maneira fechando esta discussão, faço uso de uma afirmação sintética que rememora que:

> Os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, não passam de meros canais para a transmissão de informação, os tipos de signos que por eles circulam os tipos de mensagens que engendram e os tipos de comunicação que possibilitam são capazes não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais.(SANTAELLA, 2003, p.13).

Estes novos ambientes socioculturais podem ser simbolizados pelo surgimento dos blogs. Os blogs seriam exemplos de um novo jornalismo ou, pelo menos, de um novo meio de comunicação que surge no meio da revolução tecnológica da Internet, inspirada no movimento de código aberto. André Lemos e Marcos Palácios (2001) os definem como práticas contemporâneas de escrita on-line, onde usuários comuns escrevem sobre suas vidas privadas, sobre suas áreas de interesse pessoais ou sobre outros aspectos da cultura contemporânea. O dicionário *Marketing Terms* define *blog* com um site onde seus usuários atualizam o conteúdo de forma cronológica, onde os *e-journals* podem atualizar suas informações com mais velocidade.

Os *blogs* constituem um novo tipo de escrita, tão novo como os romances foram séculos atrás. O conteúdo e tema destas ferramentas do webjornalismo abrangem uma infinidade de assuntos que vão desde diários, piadas, links, notícias, poesia, idéias, fotografias. Os indivíduos que acessam um *blog* buscam informações novas, ângulos diferentes de um mesmo fato, em relação aos meios de comunicação tradicionais.

Assim como a Internet à época de seu surgimento, os *blogs* são uma 'febre' entre a população mundial na atualidade. Pode-se dizer que os eles têm a possibilidade de arquivo, datação, *feedback*, extremamente simples, e feitos por pessoas com pouco ou nenhum conhecimento de informática. Hoje existem sites que disponibilizam, *templates* prontos aos internautas, sem que estes tenham a necessidade de conhecer a linguagem HTML. Para montar o *blog* basta seguir passo a passo os comandos; é como mandar uma mensagem instantânea para toda a Internet. Eles também são uma excelente forma de comunicação entre família, amigos, grupo de trabalho, ou até mesmo empresas, permitindo que grupos se comuniquem de forma mais simples e organizada do que através do e-mail ou grupos de discussão, por exemplo. Isto pode ser exemplificado pela definição de "interação mediada" feita por Thompson, que se caracteriza pelo fato dos participantes não compartilharem o mesmo contexto de espaço e tempo.

1.4 WEBLOGS: DEFINIÇÕES, ASPECTOS HISTÓRICOS E CONVERGÊNCIAS

No *weblog* trabalha-se essencialmente com textos, embora também recorra com freqüência a imagens ou a outros dados como músicas, por exemplo. Já o *photolog* trabalha essencialmente com imagens, fotografias que são postadas regularmente e que, no máximo, trazem uma rápida descrição. Portanto, para a reflexão a que nos propomos neste texto, interessa-nos abordar o fenômeno dos *weblogs*[36].

[36] O número de blogs presentes na Internet mundial chegou a 70 milhões, segundo o serviço de buscas especializado nos diários digitais Technorati. Além do alto número, o Technorati contabiliza também cerca de 2,1 bilhões de links cadastrados em seu banco de dados para que o usuário faça buscas.Na última edição da pesquisa Estado da Blogosfera, conduzida pelo serviço e divulgada na segunda semana de fevereiro, a web continha cerca de 27,9 milhões de diários digitais. Foi necessário pouco menos de um mês para que fossem criados os 2,1 milhões de blogs que faltam para que a cifra atingisse os 30 milhões.Na ocasião, o levantamento do Technorati apontava que o universo de blogs era 60 vezes maior que há três anos atrás e que tal febre se

Segundo o Dicionário de Tecnologia (2003, p. 951), um *weblog* é:

> uma página Web que tem origem pessoal ou não-comercial que usa um sistema de datas, para que seja atualizado diariamente ou quando algo acontece sobre algum assunto [...]. Em geral, *weblogs* são feitos para um ou mais assuntos ou temas [...] e expressam o pensamento ou temas do interesse do desenvolvedor, que pode ser uma ou mais pessoas.

Os *weblogs* são, portanto, basicamente páginas dinâmicas pessoais que funcionam como uma espécie de diário, que pode ter como fio condutor a vida do(s) dono(s) da página ou um ou mais assuntos sobre o qual esse(s) mesmo(s) dono(s) possa(m) discorrer livremente.

De qualquer forma, é exatamente o aspecto pessoal – e independente – que chama a atenção em um *weblog*. Salvo raras exceções, não existe nenhum tipo de censura ou edição prévia de seu conteúdo e o(s) dono(s) têm total liberdade para exprimir-se.

Do lado do observador, o interesse pessoal também conta pontos. O visitante que se identifica com o tema ou o autor da página costuma voltar porque sabe que algo muda com uma freqüência esperada, geralmente diária ou próxima disso. Ademais, a maior parte dos *weblogs* é dotada de um sistema de comentários, o que permite ao visitante uma interação direta com outros participantes e com o proprietário da página, algo difícil de conseguir em outros tipos de *sites*.

A estrutura básica típica de um *weblog*, portanto, comporta um espaço no qual se redigem textos – os *posts* –, que podem ser ilustrados com imagens, sons ou vídeos, e que é geralmente organizado em sua maioria cronologicamente; e um espaço para que os leitores postem suas opiniões sobre o *post*, sobre o próprio *weblog* ou mesmo sobre seu dono – o *comment* ou comentário.

Para que funcione adequadamente, o *weblog* deve ser, portanto, uma página dinâmica, o que, à primeira vista, exigiria de seu dono conhecimentos em bancos de

---

refletia tanto na adoção dos diários por grandes jornais, como The New York Times, CNN e The Washington Post, como pela taxa de crescimento de um novo diário por segundo em todo o mundo. Em média, um blog é criado a cada segundo, todos os dias, e 13,7 milhões de bloggers continuam a atualizar seus blogs três meses após a sua criação. São registrados 1,2 milhões de novos posts a cada dia, uma média de 50 milhões por hora.Apontados como novo sistema de publicação e exploração de mídia, os blogs já formaram até conglomerados de comunicação, como o norte-americano Gawker Media, que controla diários como o Gizmodo, Kotaku e Wonkette. No Brasil, a experiência comercial com blogs ainda é restrita, com exemplos como o do jornalista Ricardo Noblat. (Cf. http://technorati.com/weblog/2006/02/83.html , Por Redação do IDG Now! Publicada em 08 de março de 2006, acessado em 4 de abril de 2006)

dados (como os softwares MySQL, Oracle ou Microsoft SQL Server) e linguagens como ASP, PHP ou Java.

Entretanto, isso não é verdadeiro para a maior parte dessas páginas ou *sites*. Normalmente, os *weblogs* são hospedados em serviços acessados *on-line* e não exigem, para a sua manutenção, conhecimentos técnicos avançados dos usuários, que muitas vezes, sequer têm conhecimento da linguagem e dos bancos de dados utilizados.

Mesmo no caso de *weblogs* mais avançados, que são hospedados por conta do dono da página fora dos serviços a que nos referimos, é comum existir um software de manutenção técnica e de conteúdo de fácil utilização.

A origem do *weblog* (*web*+*log*) está relacionada a uma ferramenta lógica bastante utilizada em sistemas informáticos: o *log*. Basicamente, trata-se de um arquivo cuja função é gravar um registro das atualizações de um determinado tipo de dados (as atualizações de um *site*, os acessos empreendidos a um determinado servidor, as mudanças feitas em um software, etc.), constituindo um histórico que auxilia na manutenção desses mesmos dados.

Essa noção de arquivos de *log* está ligada mais remotamente aos diários de bordo dos antigos navios à vela. Os capitães desses navios faziam ao menos uma entrada por dia nesses livros, registrando data, hora, condições do mar, eventos notáveis, etc.

Mais próximo de nós, o rádio amador (em inglês, *ham radio*) foi determinante na formação do conceito de *weblog*. Os *ham radios* possibilitaram o surgimento de comunidades de usuários de equipamentos digitais sem fio (equipamentos *wireless*). Posteriormente, graças à miniaturização e evolução dos mecanismos usados no rádio, surgiram as comunidades ciborguianas, constituídas por usuários que utilizavam equipamentos “vestíveis” (*wearable*s) ou portáteis, além dos usuários de aparatos móveis e fixos tradicionais.

Existe uma afirmativa de atribuir como sendo o primeiro *weblog* da história a página *What's New* do site *http://info.cern.ch/*, do CERN (Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire). A página foi criada em 1992 pelo consultor de software Tim

Berners-Lee, inventor do protocolo HTTP[37] e da linguagem HTML[38] e considerado o criador da Web tal qual a conhecemos. Atualmente, Berners-Lee dirige o W3C – World Wide Web Consortium, associação internacional que estabelece os padrões técnicos para a Internet.

O termo "*weblog*" foi cunhado em dezembro de 1997 por Jorn Barger, editor do *Robot Wisdom*, considerado um dos primeiros *weblogs* da Web. Em 1999, outro editor de *weblog*, Peter Merholz, cunhou o termo contraído "*blog*", popularizado pelo famoso serviço Blogger, da Pyra Labs, ao longo do mesmo ano. Do termo *blog* surgiu, em inglês, o verbo "*to blog*", traduzido ao português como "blogar". Por extensão, o dono do blog passou a ser chamado de "blogueiro".

Da história dos *weblogs* podemos listar alguns pontos de contato com o jornalismo. Se nos ativermos ao pensamento de Alexis de Tocqueville (1977) em sua análise sobre a sociedade americana, veremos que ele aponta os jornais como formadores de empatias, que possibilitam o agrupamento dos leitores pela identificação com o veículo e as temáticas tratadas. Em outras palavras, os jornais teriam a faculdade de agregar ou formar comunidades de interesse. Nesse ponto, teríamos a definição de um mecanismo bem próximo ao descrito anteriormente para os *blogs*.

Outro ponto de convergência diz respeito à independência e à liberdade de expressão. Tanto a imprensa quanto os *blogs* reivindicam a característica de não serem dependentes de interesses alheios à sua própria constituição e à relação comunidade-autor e fundamentam boa parte de sua existência na possibilidade de exprimirem notícias e/ou pontos de vista sem censuras prévias de instituições superiores. Não é de estranhar, portanto, que muitos jornalistas sejam também "blogueiros".

Essas duas identificações primárias com a imprensa e o jornalismo, entretanto, podem resultar superficiais. Com efeito, até mesmo pelo seu caráter inerentemente pessoal, o *blog* pode apoiar-se única e exclusivamente em pressupostos subjetivos, que não necessariamente farão eco a uma busca da suposta verdade.

[37] Hipertext Transfer Protocol.
[38] Hipertext Marked Language

Dentro deste panorama todo traçado até aqui fica explícito que muito se discute sobre a reconfiguração da produção do jornalismo condicionada pela adoção de tecnologias digitais da informação e comunicação. Sem dúvida, as novas ferramentas digitais colaboram para reestruturar o exercício da profissão, a produção industrial da notícia, as relações entre as empresas de comunicação com as fontes, a audiência, os concorrentes, o governo e a sociedade. Trazem, portanto, implicações de ordem técnica, ética, jurídica e profissional para o jornalismo e até mesmo implicações de ordem política na medida em que ampliam a arena de participação pública através das plataformas de conteúdos abertos ou dos fóruns de debates. Embora as mudanças sejam abrangentes há uma tendência corrente em estudá-las como se fossem de caráter meramente operacional. Ressaltam-se como um dos seus efeitos, a readaptação legitimadora das rotinas produtivas e de linguagens às exigências da instantaneidade e da visualidade do webjornalismo.

Entre pesquisadores como Michael Kunczik (2001), Bill Kovack e Tom Rosentiel (2003), Ignácio Ramonet (1999) e Dominique Wolton (1999) há um certo consenso quanto à influência das tecnologias da informação na reestruturação da organização jornalística e de suas rotinas de trabalho. A informática, especialmente, trouxe agilidade e qualidade no processamento da informação, ao facilitar o trabalho de rever, corrigir, alterar e atualizar textos. No entanto, os pesquisadores mencionados duvidam que as tecnologias digitais tenham provocado mudanças profundas na concepção de jornalismo a ponto de alterar valores consagrados.

Na avaliação de Wolton (1999), por exemplo, a imprensa continua a mesma, ou seja, a mudança foi apenas de forma, de linguagem, que em nada abalou os princípios basilares do jornalismo. Por mais forte que seja, uma inovação tecnológica não leva consigo mecanicamente uma transformação profunda do conteúdo das atividades.

Esse argumento pode ser considerado parcialmente válido. No entanto, é necessário considerar para melhor compreensão que a essência da natureza das tecnologias da informação de hoje, especialmente a Internet, difere radicalmente de outras do passado, e sua influência pode carregar transformações de valores e conceitos. Para o jornalismo, a adoção dessas tecnologias da informação sinaliza mudanças que não ficam apenas no nível da troca de roupagem, sendo bem mais profundas do que muitos costumam analisar, podendo até mesmo solapar valores

fundadores dessa práxis social. Cabe pensar se, por exemplo, o jornalismo praticado nos blogs repete o mesmo padrão da grande mídia, ou se o potencial multimidático destes canais alteram os valores notícias ou provocam um novo agendamento de fato para além do ocorrido na chamada mídia de massa, na qual supostamente os indivíduos se encontrariam numa posição vulnerável acerca da ação dos *mass media* e da formação da opinião pública . Seria o novo em curso ou o velho maquiado pela presença de recursos de personalização multimidiática?É o que tentaremos verificar no estudo e na discussão que segue nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2

BLOGS: INTERSEÇÃO HÍBRIDA EXPRESSA ENTRE O *CONTINUUM* E/OU *DEGRADÉ*

> "O webjornalismo oferece um conteúdo que pode ser actualizado continuamente. Nesse sentido, é a primeira vez na história da comunicação que o texto impresso informativo alcança uma velocidade para o relato de informações e de factos só antes possível via TV ou Rádio". (João Carlos Correia)

2.1 Blogs: os meios, as linguagens e a cultura.

Diante de reflexões sobre meios, linguagens, narrativas e processos de produção da informação o espaço e o papel do jornalismo também passa por uma avaliação. Muitos arriscam informações catastróficas sobre o futuro do jornalismo e dos próprios meios. Outros entendem que o papel do jornalismo será fortalecido, com a diversidade de possibilidades de produção de informações, distribuída não somente entre profissionais, mas por toda a sociedade. Linguagens associadas à tecnologia e a cultura estão relacionadas ao jornalismo neste momento de ruptura, reacomodação e reinvenção de processos. Alasuutari (2005) afirma que o conceito básico dos meios começa a torna-se obsoleto, por estar rodeado por um conjunto de imagens, baseado na idéia de esfera pública como arena onde as pessoas que nela falam podem ser ouvidas por muitas outras. A outra imagem é a do canal por onde se tem informação sobre a sociedade, "a lente pela qual se tem a imagem da realidade fornecida pelos media, que pode ser distorcida ou não." (ALASUUTARI,2005, p.13).

De acordo com o autor, os dois conceitos tornam-se obsoletos em um contexto com diversidade de canais, incluindo a telefonia celular ou a Internet, onde existem diferentes argumentos e informação variada, não fazendo sentido debater se a imagem dada por determinado canal estaria ou não distorcida. Na essência desta "imagem dada" pelo canal está a narração dos fatos praticada pelo jornalismo.

Traquina (2002) escreve que alguns autores arriscam tomar posições categóricas sobre o futuro do jornalismo quando o jornalismo mal começa a sofrer o impacto do cibermedia. Ele cita o pensamento de John Pavlik, diretor do Centro de

Novos Media da Universidade de Columbia, por exemplo, para quem os jornalistas são uma espécie ameaçada ou David Bartlett cuja previsão é de que os jornalistas tornar-se-ão desnecessários. Com o assunto em pauta, surgem os opositores a este pensamento, como é o caso de Howard Rheingold, também citado por Traquina (2002), que defende uma valorização do papel dos jornalistas nas sociedades contemporâneas com a chegada do cibermedia.

Neste mundo, como afirma Chartier (1998), um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no sentido daquele que dá forma ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores. Na rede eletrônica esta difusão é imediata. O autor cita ainda o sonho de Kant de que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem e que pudesse, ao mesmo tempo, refletir sobre o juízo emitido pelos outros.

Chartier (1998, p. 9) faz uma avaliação sobre a chamada revolução eletrônica, passando por aspectos voltados ao autor, ao texto, ao leitor e a leitura. Relata a transição ocorrida da reprodução de um texto copiado à mão, para a nova técnica baseada nos tipos móveis. A transformação não é tão absoluta como se diz e um livro manuscrito, sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV, e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais, as do códex. “Há, portanto, uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso, embora durante muito tempo se tenha acreditado numa ruptura total entre uma e outra”. O relato de Chartier (1998) confirma o *continuum* descrito por autores como Santaella (2003) ou o *degradé* defendido por Souza (2001). A cultura humana existe num *continuum*, ela é cumulativa, não no sentido linear, mas de interação incessante de tradição e mudança, persistência e transformação. O entendimento de que uma novidade não termina com a outra, mas gera transformações, o que nos leva a entender as linguagens como fator de permanência, influenciando e sendo influenciadas pela cultura, mas transformando-se a partir dos suportes tecnológicos moldados pela própria cultura. A tecnologia que dá suporte à produção cinematográfica, exemplifica Santaella, pode mudar, mas não muda a linguagem que foi inventada pelo cinema. Souza compara este caráter de *continuum* a um *degradé* de condições de acesso às linguagens, segundo as tecnologias, de forma extremamente diferenciada.

Já na época do surgimento do impresso, as mudanças não eram tão radicais. Precisavam sem dúvida passar por uma transição por intermédio da cultura para se

integrarem à vida cotidiana. Como aponta Chartier (1998), persistia uma forte suspeita diante do impresso, que supostamente romperia a familiaridade entre o autor e seus leitores e corromperia a correção dos textos, colocando-os em mãos "mecânicas" e nas práticas do comércio. As desconfianças fazem parte dos diferentes períodos históricos em que as mudanças parecem trazer rupturas. Estes rompimentos são resultados da própria cultura, são influenciados por ela, mas precisam do tempo desta mesma cultura para se acomodarem à rotina. Se o homem é propulsor do surgimento de mudanças, como do manuscrito para o impresso, e assim por diante, a cultura da qual ele é parte tem o seu tempo de adaptação. Por isso o *continuum* descrito pelos autores, esta convivência e sobreposição de eras, culturas e linguagens. Uma diferença clara existe, porém, entre os diferentes períodos: a velocidade com que as mudanças ocorrem e se integram à sociedade.

Todavia, como afirma Chartier (1998, p. 77), ao citar Michel de Certeau, "a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados de parte do leitor". É ele quem determina os tempos de leitura, mesmo influenciado pela cultura. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mudam os gestos segundo os tempos e lugares; os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. "Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler." (CHARTIER, 1998, p. 77).

Neste *continuum* ou *degradé*, onde estão situados os blogs dentro de um ambiente jornalístico no atual contexto? Esta é uma das questões que se pretende investigar aqui, descrevendo a situação brasileira relacionada ao jornalismo, localizando os blogs na história das mídias e das linguagens de comunicação, que sofrem fortes influências da cibercultura. Poderão ser os blogs uma grande forma de narração das informações, tornando obsoletos modelos convencionais?

2.1.1 A cena brasileira

O Brasil, no que diz respeito a blogs jornalísticos, vive algumas situações que não poderiam ser consideradas peculiares de um país ou de uma determinada cultura. São marcas de uma interseção, que pode ser expressa pelo *continuum* ou *degradé* descrito pelos autores anteriormente. No atual contexto, os blogs vivem três fases. A primeira diz respeito a sua constituição inicial, uma iniciativa que começou

associada aos diários íntimos ou como um treinamento, por intermédio de páginas pessoais, para dominar a técnica de como colocar texto e fotos na internet. De certa forma, como afirma Schittine (2004), “o blog surgiu como um sistema de disponibilização de textos e fotos na web, menos complexo e mais rápido, o que facilitou a fabricação de páginas por indivíduos com pouco conhecimento técnico”.

O relacionamento com o jornalismo começou quando ele foi descoberto realmente por profissionais da área. Sozinhos, eles começaram a produzir suas informações independentes das grandes empresas de comunicação, atuando ou não nestas organizações.

Porém, é importante ressaltar que estes profissionais construíram sua credibilidade na mídia convencional e hoje migram esta mesma credibilidade para blogs particulares ou mesmo organizados pelas empresas. Neste caso, podem ser citados profissionais brasileiros como Ricardo Noblat, Juca Kfouri, , Paulo Markun entre outros. Tratados jornalisticamente com preconceito numa fase inicial, esses blogs hoje tem respeitabilidade e são largamente citados pela mídia.

Uma terceira fase que se desenha neste momento diz respeito às empresas jornalísticas que lançam blogs de seus profissionais mais conhecidos que, ao acompanharem um determinado acontecimento para o veículo, narram simultaneamente para o seu blog, é o caso dos três blogs analisados nesta pesquisa Josias de Souza, Fernando Rodrigues e Luís Nassif se dividem entre o bog e jornal impresso a que se vinculam. O espaço, todavia, não fica distinto da página web da empresa. Os internautas que buscam o blog devem acessar a página da própria organização. Esta pode ser apontada como uma das mais significativas evidências de um *degradé* na apropriação das mídias pela cultura, neste momento. Trata-se de uma influência dos novos modelos mídiaticos sobre os convencionais. A diversidade de iniciativas também evidencia o fato. Se até agora, todos faziam jornais, rádio e televisão de uma maneira muito parecida, as tentativas de acompanhar as modificações, usando as iniciativas proporcionadas pela internet são díspares.

Interessa salientar que entre os blogueiros não há uma expressa preocupação com índices de audiência ou eventuais julgamentos de valor. Querem garantir aquilo que os agrada. As mudanças pelas quais vai passar o Jornalismo, mesmo permanecendo nas mãos das empresas de comunicação, serão certamente influenciadas por este cenário. O horizonte aponta para a reinvenção de técnicas narrativas, posturas e interesses. Nada mais termina para sempre. Tudo pode ser

reinventado, atualizado, tendo como base a narração, mas o jornalismo enquanto forma e gênero sofre mudanças em trânsito ainda que perpassam quase sempre a convergência *continuum/ degradé*.

2.1.2 Blogs e receptor-sujeito

Antes da análise propriamente dita cabe aqui a questão: é jornalismo o que vem sendo apresentado na blogosfera? Essa questão, já bastante debatida em blogs, sites ou outros veículos, têm o único interesse em mostrar opiniões diversas. O jornalista Pedro Dória (2005) acredita que há muitos blogs jornalísticos em outros países, mas no Brasil são ainda em número muito pequeno. “A maioria talvez não resulte em bom resultado, mas na quantidade sempre despontam bons nomes.” Os blogs informativos, no entanto, não precisam ser produzidos exclusivamente por jornalistas, também “podem ser de cidadãos conscientes dispostos a revelar informações que apenas eles têm acesso e a mídia deixa de divulgar por questões políticas, econômicas ou conformismo” (DE QUADROS, 2005). Nesse sentido, o cidadão também ganha o papel de emissor na Internet, podendo interagir com os meios ou, na impossibilidade desta alternativa, construir o seu próprio veículo na rede das redes.

Dessa maneira se tem metamorfoseado um paradigma limitador, a tão aparentemente cristalizada relação hierárquica entre emissor e receptor que durante muito tempo embasou a reflexão sobre os meios. Na qual,

> [...] a relação de predomínio do emissor sobre o receptor é a idéia que primeiro desponta, sugerindo uma relação básica de poder, em que a associação entre passividade e receptor é evidente. Como se houvesse uma relação sempre direta, linear, unívoca e necessária de um pólo, o emissor, sobre outro, o receptor; uma relação que subentende um emissor genérico, macro, sistema, rede de veículos de comunicação, e um receptor específico, indivíduo, despojado, fraco, micro, decodificador, consumidor de supérfluos; como se existissem dois pólos que necessariamente se opõem, e não eixos de um processo mais amplo e complexo, por isso mesmo, também permeado por contradições. (SOUZA, 1995, p. 14)

Mauro Wilton de Souza (1998) ressalta que qualquer nova compreensão sobre o lugar do receptor em comunicação esbarra, desde logo, nos limites semânticos do próprio termo, como também nos pressupostos teóricos que os sustentam, na medida em que a teoria crítica do modelo frankfurtiano entre 1960 e

1980 acentuava a relação de dominação entre indústria cultural (sistema) e indivíduo concebido como reificado, passivo e impingido como peça de um sistema.

O receptor assim é visto como uma expressão de dualismo teórico sujeito/objeto, dado que se constituiria como expressão de receptor/objeto/mercadoria.

A racionalidade do capitalismo industrial do início do século passado deslocara para o mercado o eixo explicativo de manutenção do sistema; e era nesse eixo que comunicação, cultura e poder interagiam. Nele o receptor era visto como se encontrando reificado por completo.

Assim, conforme Souza (1995)

> [...] se no funcionalismo o sujeito era a ordem do sistema o modelo frankfurtiano se centralizava na crítica do econômico sobre a sociedade, sobretudo na razão técnica alimentadora desse processo, objeto que de fato se interrogava como sendo o 'quem' do processo social da comunicação. Já no nível empírico receptor era tido sempre como indivíduo/ objeto/mercadoria/ instrumento, um sujeito reificado. (SOUZA, 1995, p. 20).

Neste contexto explicativo da Escola de Frankfurt, a ruptura de Habermas ante aspectos dessa reflexão vai ecoar numa preocupação de redirecionar a relação entre razão e técnica. Se a razão técnica não havia dado resposta ao processo de dominação, dever-se-ia buscar outra forma de uso da razão. Sua concepção da teoria da ação comunicativa reforça o lugar do homem como ator racional pela comunicação, lugar estratégico para uma ação que possibilitaria a manutenção da busca da racionalidade na vida social, retomando a importância e lugar do processo comunicativo pela reconfiguração de uma matriz receptor-sujeito, assim aparecem novos modos de vê-lo e compreendê-lo.

É dentro desta nova perspectiva de uma nova matriz que concebe o receptor como sujeito é que os blogs podem ser concebidos como canais sociais de reinvenção desta relação emissor - receptor, na medida em que no jornalismo feito nos blogs essa interação parece ser ampliada, pois permite ao leitor participar de forma efetiva do meio.

2.1.3 Blogs: a informação no centro do palco

O jornalismo está passando por um momento de transformação, onde conceitos e formas de produção da notícia são reavaliados em virtude da própria mutação por qual passa a sociedade. Mediante as tecnologias avançadas da comunicação que surgem e se difundem o que pode ser entendido como jornalismo?

Para Eduardo Meditsch (1992) o jornalismo se sustenta num tripé formado pelas linguagens, pelas tecnologias e pelos modos de conhecimento. Meditsch defende que o jornalismo tem uma ampla importância social no sentido de produzir conhecimento e de torná-lo acessível a todas as pessoas. Dentro desta ótica a Internet encaixa-se perfeitamente. O jornalismo digital, que vem a cada dia ganhando mais adeptos, trabalha com uma linguagem, ainda não bem formatada, que valoriza a fórmula da informação - pílula, fácil de ler e para ser consumida rapidamente, onde o que realmente importa são os fatos e a velocidade com que eles são disponibilizados. Na era do jornalismo digital a mídia sincroniza os tempos e permite que se tenha a ilusão de um tempo real que não pode ser apreendido.

Dessa forma, o jornalista precisa, antes de todos, estar preparado para a Internet. "Se conseguir tornar-se o grande mediador que sempre foi, o jornalista retomará, em outro suporte, o papel de iluminador, que dá visibilidade ao outro, ao escolhido, e recolhe os benefícios do esclarecimento".(SILVA, 1999, p. 34). É comum blogueiros jornalistas citarem e comentarem diariamente informações de vários veículos de comunicação, podendo encontrar, por exemplo, numa lista de postagens diária do blog de Fernando Rodrigues ou de Josias de Souza, referências a manchetes de distintos jornais tradicionais. Os blogs, neste sentido, são um novo tipo de jornalismo, onde o mais importante não é como a matéria foi produzida, se foi um repórter que apurou os dados diretamente com a fonte, se é uma cópia do que os demais veículos publicaram. O que importa é a informação, esta escrita de forma sintética, quase como uma crônica, onde os seus responsáveis assumem posições e lançam mão da ironia, do texto poético e de todos os recursos técnicos para transmitir da forma mais eficaz possível esta informação.

A notícia baseada na fórmula da pirâmide invertida, ou seja, o mais importante em primeiro lugar, não é abandonada completamente, mas os dados essenciais da informação são transmitidos sem que seja necessária uma ordem, uma hierarquia de valores. A palavra-chave nos blogs de jornalismo é a instantaneidade, propiciar ao leitor-autor-internauta (leitor de jornal, autor da notícia e internauta por usar o suporte da internet) uma espécie de liberdade para interpretar e, acima de tudo, se posicionar sobre os fatos apresentados e atualizados de forma tão rápida quanto os *frames*[39] das próprias páginas.

[39] Frames são extensões de HTML que permitem a janela do *Browser* ser dividida em várias regiões.

Nesse sentido, muitos guardiões da notícia, acostumados com a rotina da imprensa, são obrigados a reavaliar a importância dos blogs jornalísticos que conseguem dar voz aos cidadãos que mesmo em sociedades que vivem sobre os preceitos democráticos ampliam diretamente o número de canais e pontos de vistas diferenciados. Na Web, não é preciso aguardar mais a vontade dos meios de comunicação, pode se exercer a cidadania nos blogs ou em outros espaços que estão surgindo. Nos blogs jornalísticos, percebemos que jornalistas e cidadãos estão construindo uma história juntos.

E mesmo em sociedades fechadas, nas quais o direito a livre –expressão não é uma realidade, a web com seu legado de caráter de contra-cultura, é um canal potencializador de tentativas de ruptura com monopólios da informação. Um exemplo disso é uma recente notícia publicada no *Financial Times*[40]; vinda do Irã palco de eleições próximas, a organização Repórteres Sem Fronteiras afirma que o Irã tem o maior número de "cyberdissidentes" do Oriente Médio. A blogosfera também oferece um fórum para as vozes que não podem ser ouvidas em nenhum outro lugar da mídia controlada pelo Estado. O último relatório internacional de liberdade de imprensa dos Repórteres Sem Fronteiras classificou o Irã em 166° lugar, entre 169 países.

Mohammad-Ali Abtahi criador de um blog muito repercutido, afirma que blogar se tornou uma saída para a frustração de estar na oposição. Todos os dias, dezenas de milhares de iranianos pró-reformistas entram em seu site, um dos poucos lugares em que podem acompanhar as notícias da mudança política. Quase totalmente ignorados pela mídia tradicional, os dilemas da oposição - concorrer ou não concorrer, votar ou não votar - são discutidos à exaustão na Internet. "Os reformistas estão sofrendo por não terem uma cobertura suficiente por parte da mídia, então, para essas questões políticas, os blogs se tornaram ainda mais importantes", disse Abtahi. Cenários como estes demonstram o caráter de resistência possibilitado pelos blogs. A mídia tradicional já observou vários exemplos como o citado.

Grande também foi a repercussão do uso dos blogs jornalísticos para repercutirem informações sobre recentes escândalos políticos no Brasil. Nos Estados Unidos, nas eleições presidenciais de 2004 a imprensa norte-americana

40 http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/fintimes/2008/02/20/ult579u2382.jhtm ; acessado dia 20/02/2008.

repercutiu informações políticas relevantes dos blogs. No Brasil, a versão digital do jornal O Globo demonstra que não precisa nadar contra a corrente como faz o *The New York Times* quando o assunto é blog. Os editores do O Globo On-line decidiram criar blogs para todos os seus colunistas, acreditando no poder individual e no interesse do público que busca notícias na Internet pelos blogs. Será que interesses empresarias não vão interferir na isenção desses blogs? Essa é uma questão que merece ser refletida, mas em uma outra oportunidade. No entanto, registramos que essa é uma nova forma de fazer jornalismo que sempre terá observadores críticos dispostos a protestar em casos de omissão, manipulação ou com a falta da verdade.

Os blogs, de certa forma, revitalizaram a Internet em vários campos, sobretudo no jornalístico. Da simples transposição do conteúdo produzido nos jornais impressos como ocorreu num primeiro momento na rede mundial de computadores, o jornalismo digital vive hoje o período de evolução, onde já é possível observar características próprias de um meio ainda em construção, o que sinaliza por parte dos webjornalistas o resgate do uso categorias e gêneros já comuns como também a utilização do hibridismo possível, aliando constantemente o ato de informar (objetivo) e a pessoalidades de opinar (subjetivo).

2.2 A teoria dos gêneros jornalísticos

A preocupação com os gêneros jornalísticos integra-se, portanto no esforço de compreensão das propriedades discursivas. O que serve como um ponto de partida seguro para descrever as peculiaridades da mensagem (forma/ conteúdo/ temática) e permitir avanços na análise das relações socioculturais (emissor/receptor) e político-econômicas (instituição jornalística/ Estado/ corporações mercantis/ movimentos sociais) que permeiam a totalidade do jornalismo.

Desde o início das atividades permanentes de informação sobre a atualidade (processo livre, contínuo, regular), colocou-se a distinção entre as modalidades de relato dos acontecimentos. E os que fazem a narrativa cotidiana das novidades (jornalistas) estabelecem padrões para discernir a natureza da sua prática profissional. Desde então, a mensagem jornalística vem experimentando mutações significativas, em decorrência das transformações tecnológicas que determinam as duas formas de expressão, mas, sobretudo em função das alterações culturais com

que se defronta e a que se adapta a instituição jornalística em cada universo cultural.

Melo em sua obra clássica sobre ‘A opinião no jornalismo brasileiro’ (1994), propõe uma classificação que reafirma o paradigma anglo-saxônico dividindo os textos jornalísticos nas categorias de Informação e Opinião.

JORNALISMO INFORMATIVO	JORNALISMO OPINATIVO
	Editorial
	Comentário
Nota	**Artigo**
Notícia	**Resenha**
Reportagem	**Coluna**
Entrevista	**Crônica**
	Caricatura
	Carta

Tabela 5- Classificação proposta por Marques de Melo (1994).

Fonte: Melo (1994)

Historicamente Melo (1994) mostra que a diferenciação entre as categorias jornalismo informativo e jornalismo opinativo emerge da necessidade sociopolítica de distinguir os fatos (*news/stories*) das suas versões (*comments*), ou seja, delimitar os textos que continham opiniões explícitas.

É possível que na gênese do jornalismo essa confluência entre gênero e categoria pudesse ser admitida, pela natureza incipiente de uma atividade social que começava a se robustecer, mas ao mesmo tempo era compelida a se transformar. Segundo Melo (1985) contemporaneamente essa superposição entre gênero e categoria não pode ser aceita. O que existe sim é uma correspondência entre categorias e gêneros. Mas o que seriam os gêneros jornalísticos?

Gargurevich[41] (apud MELO, 1994, p. 33) afirma que “os gêneros jornalísticos são formas que busca o jornalista para se expressar”. Seu traço definidor está, portanto no ‘estilo’, no manejo da língua: são ‘formas jornalístico-literárias’ porque seu objetivo é o “relato da informação e não necessariamente o prazer estético”.

[41] GARGUREVICH, Juan. Gêneros periodísticos. Quito, CIESPAL, 1982, p. 11.

É a mesma orientação adotada por Dovifat (1959), para quem as formas de expressão jornalísticas se define pelo “estilo” e assumem “expressão própria” pela “obrigação de tornar a leitura interessante e motivadora” Nesse sentido não deve se confundir com estilo literário, que na sua maneira de ver constitui uma expressão descomprometida, sem qualquer vínculo finalístico.

É preciso, pois constatar, que a construção teórica dos gêneros literários realizada desde Platão[42] e Aristóteles até Goethe, entre muitos outros, dá-se, de forma bem simplificada, com a seguinte seqüência de atos: 1. em princípio existem os textos; 2. pelas mãos dos estudiosos dos fenômenos literários, esses textos são agrupados segundo suas afinidades lingüísticas e literárias (em gêneros); 3. a cada gênero, os críticos aplicam um segundo nível de classificação, levando em conta determinadas afinidades ideológicas (estilos literários).

Desta forma, entende-se que os gêneros são abstrações teóricas e que ‘Teoria dos Gêneros Literários’ é um princípio de ordem que não classifica a literatura segundo critérios de tempo e lugar, mas consoante os modelos estruturais literários existentes (Albertos, 1991; Chaparro, 2008, p.99).

O processo descrito é aplicável ao campo de atuação do Jornalismo. A Teoria dos Gêneros Jornalísticos nasce como uma extrapolação da Teoria dos Gêneros Literários (Albertos, 1991. Por esta lógica, os gêneros do jornalismo são entendidos como modalidades históricas específicas e particulares da criação literária concebidas para lograr fins sociais determinados. Em outras palavras, como modelos textuais caracterizados por certas convenções estilísticas e retóricas (Díaz Noci & Salaverría, 2003, p. 39). São as diferentes modalidades da criação lingüística destinadas a serem canalizadas por qualquer meio de difusão coletiva e com o ânimo de atender a dois dos grandes objetivos da informação de atualidade: o relato de acontecimentos e o juízo valorativo que provocam tais acontecimentos (Albertos, 1992). Os gêneros têm uma dimensão estrutural prototípica e outra temática, por isso conseguiríamos classificar uma espécie como “comentário esportivo” ou “crítica de música” (Casasús, 1991). Há ainda uma dimensão ligada ao suporte: “debate em mesa-redonda” (TV), “nota em SMS” (digital). E, apesar do caráter convencional, permitem marcas pessoais (HERRERA DAMAS & MARTÍNEZ COSTA, 2004, p.127).

[42] Platão foi o primeiro a trabalhar a noção de gêneros literários ao criar a tripartida: 1. gênero mimético ou dramático (tragédia e comédia), 2. gênero expositivo ou narrativo (ditirambo, nomo, poesia lírica) e 3. gênero misto, uma soma dos anteriores (epopéia).

A Teoria dos Gêneros Jornalísticos começa a ser formulada somente no final da década de 50 do século XX, graças aos estudos de Jacques Kayser. Nasce, naquele momento, com forte caráter sociológico. Posteriormente, ganha uma dimensão filológica própria da sociolingüística e, por fim, passa a ser adotada sistematicamente nas universidades como o método mais seguro para a organização pedagógica dos estudos universitários sobre o jornalismo (ALBERTOS, 1991, p.393).

Bertocchi[43] (2006) chama a atenção para o fato de que

> [...]por razões óbvias, é praticamente impensável encontrar algum autor da Teoria do Jornalismo que não faça referência à questão dos formatos de relato jornalísticos desenvolvidos ao longo de séculos. Pensar os gêneros é, em última análise, pensar o jornalismo. (BERTOCCHI, 2006, p. 02, on-line)

Boa parte dos autores que trabalham nesta área deixa-nos saber que as formas predominantes no discurso jornalístico atual e aquelas que se destacam para o futuro são resultado de uma lenta elaboração histórica que se encontra intimamente ligada à evolução do próprio jornalismo. Trata-se de um processo complexo que envolve fatores objetivos (técnicas de impressão, alfabetização, legislação jornalística, surgimento de novos meios etc.) e fatores subjetivos (liberdade de imprensa e outros aspectos de caráter profissional, moral, social, político). E trata-se de um processo de mão dupla:

> esses fenômenos sociais, por sua vez, ao longo do tempo, também são afetados pela atividade jornalística. As influências são mútuas, recíprocas e interdependentes entre o texto e o seu entorno, entre o relato e a recepção, entre o jornalismo e a sociedade (ALBERTOS, 1991).

A literatura existente nos explica que as espécies de gêneros nascem, transformam-se, mesclam-se com outras, originam subgêneros e, eventualmente, morrem. O fato de os gêneros possuírem essa maleabilidade e capacidade de regeneração e degeneração não significa que sua classificação seja indispensável. As classificações de espécies, ainda que sofram alterações com o tempo, são importantes porque as espécies de textos que englobam e os critérios em que se

[43] Bertochi também nos apresenta um quadro sintético dos principais teóricos desta corrente, nomes que se destacam por contribuir especialmente para o campo, como o de Carl Warren, um dos primeiros estudiosos da reportagem como gênero jornalístico. Na escola hispânica, encontramos os nomes de maior tradição na área: José Luis Martínez Albertos, Lorenço Gomis, Josep Maria Casasús, Luisa Santamaria, Gonzalo Martín Vivaldi, Miguel Pérez Calderón, Juan Gutiérrez Palacio,Hector Borrat entre outros, como Begoña Echeverría. No espaço lusobrasileiro, os autores mais expressivos são Carlos Manuel Chaparro, José Marques de Melo, Juarez Bahia e Luiz Beltrão. Para o campo específico do ciberjornalismo e que trabalham especialmente por uma Teoria dos Gêneros Ciberjornalísticos temos, sobretudo Ramón Salaverría e Javier Dias Nóci. (Cf. Bertocchi, 2005)

apóia são reflexos de todo o sistema de valores do jornalismo e de seus pressupostos etimológicos (Casasús, 1991, p. 92; Lopes & Reis, 2002, p.187).

A elaboração de classificações de gêneros foi acompanhando o aparecimento e o desenvolvimento de suas espécies ao longo das eras do jornalismo moderno. Grosso modo, teríamos:

1. Jornalismo ideológico- Consolida-se entre 1850 e o fim da I Guerra Mundial. De cariz doutrinante e moralizador, com ânimo proselitista à serviço de idéias políticas e religiosas, com muitas opiniões e poucas informações. Nesse período, firmam-se os textos do gênero jornalístico "comentário" ou "opinião" (*comment* para a escola anglo-saxônica);

2. Jornalismo informativo- Aparece desde 1870 concomitantemente com o jornalismo ideológico. Entre 1870 e 1914 perfila-se primeiro na Inglaterra e depois nos EUA como um jornalismo que prima pela narração de fatos. A partir de 1920, consolida-se em todo o mundo ocidental. As espécies de texto predominantes dessa era são as do "relato" ou "informação" (*story* para os anglo-saxões), como, por exemplo, a notícia ou a crônica (Albertos, 1991) ;

3. Jornalismo de explicação (ou de profundidade) Firma-se a partir de 1945. As espécies do gêneros "relato" e "comentário" continuam a ser utilizadas, mas de uma forma mais clara, permitindo aos leitores encontrarem as opiniões ao lado dos fatos narrados. É nesse período que o tipo reportagem entra em destaque e a crônica revela-se como uma espécie marcadamente híbrida entre literatura e jornalismo (Albertos, 1991).

4. Jornalismo social (ou de serviços): acredita que, a partir dos anos 70 do século XX, se iniciou uma nova etapa na história do jornalismo moderno, caracterizada pela consolidação de idéias profissionais universalistas e pela busca por assuntos de interesse humano e da vida cotidiana. Nessa fase, surgem novas espécies de gêneros jornalísticos como a análise, o informe, a notícia de situação e o infográfico. As classificações variaram ao longo do tempo segundo as tradições científicas,culturais e sociais de seus autores. Embora com particularidades específicas, podemos selecionar os estudos mais significativos e simplificar desta forma:

a) Gêneros informativos (para Albertos, Ladevéze, Gomis, van Dijk; chamados de "espécies narrativas" em Chaparro): **notícias, reportagem, entrevista**;

b) Gêneros interpretativos (denominados assim ou como “gêneros para a interpretação”: **análise, perfil, enquete, cronologia**;

c) Gêneros argumentativos (chamados desta maneira em Ladevéze; de “espécies argumentativas” em Chaparro; de “gêneros para o comentário e opinião”: **editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, crônica, cartas**;

d) Gêneros instrumentais (chamados de “espécies práticas” em Chaparro; e de “utilitário” para Marques de Melo): **indicadores, cotações, roteiros, obituários, previsão do tempo, agendamentos, carta-consulta**.

Chaparro também engloba em sua classificação a “caricatura” e a “charge” como espécies “gráfico-artísticas”, dentro do gênero “comentário”. E ressalva que a “coluna” é uma espécie híbrida que pode tanto entrar no gênero argumentativo como narrativo. Marques de Melo prevê o gênero “diversional” para espécies que trazem histórias de interesse humano. Vale reiterar que a “reportagem”, a “crônica” e a “entrevista”, dependendo do autor, ora figuram entre os gêneros informativos, ora entre os argumentativos (Albertos, 1992; Casasús, 1991; Chaparro, 2008; Melo, 1994).

O clássico binômio “gêneros informativos/opinativos”, de inspiração anglo-saxônica vê-se, cada dia mais, em crise. Para Chaparro, trata-se, na verdade, de um falso paradigma, já que o jornalismo não se divide, mas se constrói com informações e opiniões. E, “além disso”, diz o professor, “está enrugado pela velhice de três séculos” (Chaparro, 2008).

Para ele em face da dinâmica e do grau de complicação das interações que o jornalismo viabiliza no mundo atual, já não é possível explicar e entender a ação discursiva do jornalismo pela dicotomia Opinião X Informação. Qualquer leitura de jornal ou revista de grande circulação deixa evidente que as fronteiras entre Opinião e Informação são destruídas pela inevitabilidade da valoração jornalística, por sua vez influenciada pela interferência interessada e legítima dos vários sujeitos do processo – tanto no Relato quanto no Comentário da atualidade.

> Informação e Opinião estão inevitavelmente associados em qualquer texto jornalístico, até porque não existe texto dissociado da ação de pensar. E assim como nas artes do narrar, são os critérios subjetivos (ou seja, as idéias) que determinam escolhas e hierarquias dos fatos, nos textos da argumentação o que dá clareza às idéias é a contundência dos fatos.(CHAPARRO, 2008, p.162).

Dessa maneira o paradigma Opinião X Informação tem condicionado e balizado, há décadas, a discussão sobre gêneros jornalísticos, impondo-se como

critério classificatório e modelo de análise para a maioria dos autores que tratam do assunto. E segundo Chaparro (2008, p. 145), a conservação dessa matriz reguladora esparrama efeitos que superficializam o ensino e a discussão do jornalismo.

A cultura jornalística produziu, pois um equívoco. Até a notícia dita objetiva, construída com informação "pura", resulta de seleções e exclusões deliberadas, controladas pela competência opinativa do jornalista. E segundo Chaparro (2008) no extremo oposto seria claramente usar o conceito de Artigo como equivalente ao de opinião.

> Opinião é ajuizamento, atribuição de valor a alguma coisa, ponto de vista, pressuposto, modo de ver, de pensar, de deliberar. Já o termo Artigo, no plano d alinguagem, identifica um tipo de texto organizado em esquemas argumentativos, adequados para a estruturação de comentários.Ou seja: Artigo es´tá na dimensão da forma; Opinião, na dimensão do conteúdo. E o mesmo raciocínio se pode aplicar ao paralelismo entre a Informação (conteúdo) e os diversos tipos de texto do relato jornalístico, organizados em esquemas narrativos (forma). (CHAPARRO, 2008, p. 163).

Em decorrência, Chaparro propõe dois gêneros jornalísticos: o **gênero do comentário** e o **gênero do relato**. E circunscreve que cada um deles se organiza em dois agrupamentos de espécies: nas formas do gênero comentário teríamos as **Espécies Argumentativas** e as **Espécies Gráficos- Artísticas**, e nas formas do gênero Relato teríamos as **Espécies Narrativas** e **as Espécies Práticas**. Como segue no quadro seguinte.

Gênero comentário		**Gênero relato**	
Espécies Argumentativas	**Espécies Gráfico-Artísticos**	**Espécies Narrativas**	**Espécies Práticas**
Artigo **Carta**	**Caricatura** **Charge**	**Notícia** **Reportagem** **Entrevista** **Coluna**	**Roteiros** **Indicadores econômicos** **Agendamentos** **Previsão do tempo** **Consultas** **Orientações úteis**
CRÔNICA: classe de texto livre de classificações			

Tabela 6- Grade classificatória proposta por Chaparro (2008).

Fonte: Chaparro (2008, p.178)

Percebe-se que os autores contemporâneos têm uma tendência a classificar os gêneros não pela quantidade e proporção de “informação” ou “opinião” que carregam, mas segundo a função que exercem: “relatar” e “comentar”. Para a informação, recorre-se a um gênero informativo (como a notícia). Precisando entender um acontecimento, procura-se um gênero interpretativo (como a reportagem). De forma sucinta, diz-se que as espécies do gênero informativo contam o que ocorreu, as do interpretativo explicam os porquês e as do opinativo valoram o sucedido (Yanes Mesa, 2004). Vista por esse ângulo mais cognitivo e pragmático, vemos na literatura sobre o tema uma tendência pela classificação teórica de gêneros por função e não por conteúdo. (Chaparro, 2008).

Isso nos leva a um outro ponto essencial:

> [...] os gêneros são um pacto firmado entre seus interlocutores para facilitar o processo comunicativo. Tal tendência contratualista garante que os autores e os leitores, telespectadores, ouvintes identifiquem as diversas espécies de gêneros – de modo consciente, no primeiro caso; e de forma intuitiva, no segundo – e saibam o que esperar de cada uma delas: opinião, informação, entretenimento. Para os autores de seu conteúdo, é um formato a ser (per)seguido segundo o objetivo que se pretende alcançar. Para o público, um horizonte de expectativas. A bússola para navegar pela informação é a mesma para ambos. É por isso que os gêneros jornalísticos pressupõem uma competência narrativa de seus interlocutores. Para decodificar um tipo de texto, os interlocutores precisam tê-lo interiorizado. (ALBERTOS, 1992, p.267)

O fato de haver esse contrato entre interlocutores é um dos motivos que leva muitos autores a afirmarem que os gêneros são de fundamental importância para o ensino do jornalismo. (Albertos, 1992; Chaparro,2008).

Quanto mais forem respeitadas as convenções do gênero, mais homogêneo resultará o trabalho jornalístico e mais confiança adquirirá o receptor da mensagem. São formatos que devem ser dominados pelos profissionais do jornalismo, pois representam, além de tudo, uma solução para o trabalho em equipe. Nas palavras de Gomis:

> Os gêneros jornalísticos nascem como herdeiros dos literários, mas a necessidade de gêneros no jornalismo é mais imediata e urgente que na literatura. Na literatura, há a assinatura de um autor, enquanto que num jornal ou telejornal é combinado o trabalho de muitas pessoas [...] Um texto é elaborado por várias mãos que permanecem anônimas [...] A informação que um preparou, o outro tem que editá-la e ajustá-la ao espaço e ao tempo [...] É preciso saber, portanto, não somente o que está se dizendo, mas o que se está fazendo: se trata-se de uma notícia, uma reportagem, uma crônica, um editorial. (GOMIS,1991, p. 44 apud BERTOCCHI, 2006).

2.3 Os gêneros ciberjornalísticos

Refletir sobre os gêneros ciberjornalísticos é pensar sobre o próprio ciberjornalismo (webjornalismo), uma modalidade jornalística surgida no final do século XX que se apropria do ciberespaço para a construção[44] de conteúdos jornalísticos. Falamos aqui do jornalismo feito especialmente na rede e para a rede (Bastos, 2000) (não de conteúdos do jornalismo impresso, do telejornalismo ou radiojornalismo transpostos para a rede ou elaborados a partir de investigações jornalísticas na rede) e que possui, à semelhança das outras modalidades, uma linguagem jornalística própria. Esse novo campo está a sofrer o impacto de diversas forças, tais como: a de mercado (empresas jornalísticas com negócios em meios digitais que buscam processos comunicativos eficazes e lucrativos), a da audiência (pressão por participação dos "usuários/produtores"), a acadêmica (para a formação de ciberjornalistas críticos). Os gêneros de texto ciberjornalístico fazem parte deste sistema e absorvem os reflexos deste conjunto da mesma forma que sofrem o impacto da resistência psicológica dos profissionais diante de um novo meio e também dos entraves tecnológicos e de ordem econômica (vide crise das empresas de comunicação).

O ciberjornalismo, além disso, pulsa nas veias da chamada 'eComunicação', e não exatamente da comunicação de massa. Os novos paradigmas da comunicação digital são:

1. o usuário é central no processo comunicação (e não uma audiência passiva), 2. os meios de comunicação digitais vendem conteúdos (e não suportes), 3. a linguagem deste meio é multimidiática (e não mono-midiática), 4. os conteúdos são atualizáveis em tempo real (e não diariamente, ou semanalmente), 5. há espaço para uma abundância de dados (não há o constrangimento das limitações físicas), 6. o meio não é mediado (desaparece a figura do *gatekeeping* e some a *agenda setting*, 7. a comunicação dá-se de muitos para um e de muitos para muitos (e não de um para muitos), 8. o meio digital dá ao usuário a capacidade de mudar o aspecto do conteúdo, produzir conteúdos e se comunicar com outros usuários (interatividade), 9. a gramática da '*eComunicação*' é o hipertexto (e não o texto

[44] Optamos por "construção" de conteúdos, e não "difusão", porque nosso objetivo é ressaltar o caráter de coletividade desta construção (entre autores e usuários) muitos mais do que o caráter difusionista, próprio do paradigma de mão única ("emissor-mensagem-receptor") Da comunicação massiva.

linear) e, por último, 10. a missão dos meios digitais é dar informação sobre a informação, dado o caos de informação que se apresenta em redes digitais (Orihuela, 2003).

Para, além disto, parece-nos que os gêneros digitais não se encontram no tempo do jornalismo explicativo de Casasús. Mas talvez na era do "jornalismo de código aberto" de Gillmor (2005). Um tempo que começou no passado 11 de Setembro, deflagrado precisamente no momento em que pessoas comuns apropriaram-se de diversas ferramentas comunicacionais disponíveis no ciberespaço e, por meio delas, começaram a produzir as suas próprias notícias. Em outras palavras: a transformação do jornalismo de hoje para o jornalismo do amanhã se deu quando, em um momento único e crítico da História, a tecnologia estava lá para qualquer um vestir o figurino do jornalista e relatar o acontecimento. Entramos, naquele momento, na era em que nós somos os media (*We Media*), num tempo em que a linha divisória entre produtores e consumidores se esbate. E a rede de comunicações se torna um meio para dar voz a qualquer pessoa.

Lançamos assim o nosso contributo para o debate teórico acerca do tema, no qual é evidente o que afirma Bertocchi (2006):

> [...] se por um lado, observamos que os gêneros jornalísticos em espaços digitais continuam a responder à mesma lógica das espécies do jornalismo tradicional – são modelos re(de)generados de outros, fundamentais para o ensino do jornalismo, historicamente situados, carentes de uma atualização classificatória e de forte cariz contratualista entre seus interlocutores –, por outro, observamos que vivem num tempo de dialogismos e respiram os ares de um sub-campo jornalístico em formação – sub-campo esse, o ciberjornalismo, com paradigmas peculiares e com suas próprias contradições. Refletir sobre os gêneros digitais, pois, significa refletir sobre todo o Jornalismo e sobre os avanços e retrocessos que o mesmo vem sofrendo neste início de século XXI.

Para alargar o debate, Bertocchi (2006) faz três apontamentos interessantes no que se refere as mudanças em curso:

Sui generis – Acreditamos que os formatos do ciberjornalismo tendem a ser formar a partir dos modelos do jornalismo impresso, num primeiro momento. Isso acontece porque o jornalismo nasce vinculado ao meio papel e é no jornalismo impresso que existem as referências teóricas e práticas mais consolidadas[45]. Sem contar que os leitores vão aprendendo a consumir os produtos noticiosos digitais

[45] Importante notar que as tradicionais espécies do jornalismo impresso, radiofônico e televisivo, por sua vez, sofrem influência das novas espécies ciberjornalísticas. Trata-se de um processo circular complexo, com determinadas particularidades e especificidades dentro de cada sociedade.

graças em grande parte à sua experiência prévia de consumir o jornal impresso (Jim Hall, 2001, apud Palácios, 2005). Entretanto, as espécies tendem a se convergir (fusão) e a originar novos subgêneros, ao mesmo tempo em que se redefinem, ganhando autonomia e, sobretudo, o reconhecimento de todos os seus interlocutores para que haja a competência narrativa esperada. O meio digital provoca o surgimento de espécies sui generis, como, por exemplo, os infográficos interativos.

Isso não quer dizer que a totalidade das espécies se hibridizam ou devam-se transmutar em algo novo. Observamos que certas espécies mais duras, como o editorial e o artigo de opinião, até o momento estão sendo transladadas para o media digital sem sofrer grandes arranhões.

Geometrização dos gêneros – Lançamos para reflexão a idéia de que os gêneros de texto ciberjornalístico, à diferença dos tipos clássicos, apresentam-se como modelos tridimensionais (hipertextuais) dentro de uma linguagem (multimídia). Como afirmou Heras (1990) – há mais de quinze anos – no meio digital o sistema de escritura é "geometrizado": escrevemos e lemos não sobre o plano de uma página, mas sobre as faces de um cubo. Para os gêneros do ciberjornalismo (cubos abertos à atualização e interação, maleáveis, de faces móveis e navegação multilinear) é suposto cada vez mais um trabalho jornalístico prévio de geometrização de palavras, imagens e sons (com ordem, rigor, simplicidade, rigidez, linearidade, imobilidade). A construção e navegação de e por cubos não será, entretanto, regra geral para todos os gêneros. A despeito de já termos ouvido muita súplica por mais hipertextualidade (como por interatividade e multimidialidade), o fato é que o "modo hipertextual de ler e escrever" deverá ser "uma entre muitas formas" de modalidade de produção simbólica, tanto dentro como fora do ciberespaço (Palácios, 2005).

Gêneros coletivos – Os gêneros do ciberjornalismo tendem a funcionar como um pacto implícito entre um novo tipo de autor e um novo tipo de leitor: não mais o leitor contemplativo da idade pré-industrial, nem o leitor de jornais, filho da Revolução Industrial, mas, na denominação de Santaella (2005, p. 19), o 'leitor imersivo', aquele que entra nos espaços incorpóreos da virtualidade e que, segundo Gillmor (2005), longe de ser o indivíduo que apenas sugere pautas ao repórter, telefona para a emissora rádio ou envia cartas ao editor do jornal, será cada vez mais aquele cidadão ativo que como os 'utentes' (usuários) que abastecem o *Wikinews* e os muitos blogueiros que fazem do seu "jornalismo pessoal" um ato de

participação cívica organiza grupos, ultrapassa as fontes tradicionais de informação e interfere no processo jornalístico contemporâneo.

Novamente, Bertocchi chama a atenção que nem toda espécie digital, entretanto, é coletiva. Mas há que se ter em conta que pode ser para muitos casos e que, nessas situações, exigirá do ciberjornalista uma abertura à conversa e uma predisposição à co-autoria.

Nesse sentido cabe pensar na amplitude que o formato blog oferece como suporte a tais gêneros, na medida em que a tal liberdade de edição aliada a potencialidades de recursos multimidiáticos suscita uma infinidade de possibilidades no tecer o comentário e o relato da informação. Esta potencialidade multimidiática possível pelo suporte on-line, baseia-se na essência do conceito contextual no qual a Internet é visualizada como uma hipermídia.

Ao se referir a recursos específicos da hipermídia, (ZILLER, 2007) se refere propriamente tanto ao caráter hipertextual quanto ao multimidiático. Mas segundo ela:

> a hipermídia vai muito além da junção em hipertexto de recursos de som, texto plano e imagens estáticas em movimento. Sua característica central são a multiplicidade, a não linearidade e a predominância do usuário na determinação de que trilhas de significado seguir.(ZILLER, 2007, p.2).

A segunda característica da hipermídia é

> transmutar-se em incontáveis versões virtuais que vão brotando na medida mesma em que o receptor se coloca em posição de co-autor. Isso só é possível devido à estrutura de caráter hiper, não-sequencial, multidimensional. (SANTAELLA, 2004, p. 49 apud ZILLER, 2007).

Ao encontrar vários caminhos disponíveis, o usuário poderia optar por qualquer um deles. A multiplicidade recorrente a cada nova página acessada abre a possibilidade de fazer do percurso de cada usuário um percurso único, composto por ele.

Portanto dentre estes inúmeros percursos possíveis por distintos cenários congruentes e hiperlinkadas sobram opções entre ‘gênero do comentário’ e o ‘gênero do relato’ (CHAPARRO, 2008) o que no fundo tangencia o fato de que nos blogs a liberdade tanto no processo de produção de conteúdos quanto no processo consumo de conteúdos, esta barreira divisória antagônica informação x opinião tende a ser colocada abaixo, ou se não totalmente, deixam ao menos de ser visualizadas como formas estanques e instransponíveis no processo do fazer jornalismo e do fazer notícia. Já não imperando a lógica ideológica cartesiana, da

neutralidade e da objetividade mecânica do jornalista como fiscal da sociedade, nos blogs ele tem a liberdade para mesclar e escrever com pessoalidade quando deseja.

Mas diante da tamanha multiplicação de usos deste canal tão personalizado e útil para distintos propósitos e estilos fica constatada a evidência de que já impera a lógica de múltiplos usos para um único conceito -blog, mas passa a ser importante buscar uma tipologia para os blogs e categorias que dêem suporte de análise ao blogs jornalísticos em foco.

2.4 Em busca de uma tipologia para os blogs jornalísticos

Recuero (2003) acredita que há muitas possibilidades para classificar os milhares de blogs na rede mundial de computadores, mas optou em dividi-las em três categorias: **diários eletrônicos** (“fatos e ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo”), **publicações eletrônicas** (“se destinam principalmente à informação) e **publicações mistas** (“misturam *posts* pessoais sobre a vida do autor e *posts* informativos”). Essa tipologia, no entanto, serve apenas como um caminho para a análise dos blogs jornalísticos, pois não consegue atender as variações desse formato. Nesse sentido, Dória (2005) recorda que o blog informativo, “instrumento fantástico para quem quiser fazer imprensa com as próprias mãos”, pode ser de vários tipos: “de análise, de *links* em série, comentados ou não, apontando o que há de melhor publicado nas páginas. Ou até mesmo da boa e velha apuração: “_pega um telefone, conversa, descobre como funciona, publica.”Com o propósito de encontrar uma categorização mais adequada aos blogs jornalísticos, as informações acima foram associadas a tipologia apresentada pelo escritor D. Travers Scott.

Segundo Scott (2004), com enfoque na tecnologia digital, os blogs podem ser divididos em dois períodos: protótipos de blogs e blogs contemporâneos. A primeira fase, a dos protótipos de blogs, era necessário conhecer a linguagem HTML e não havia uma preocupação com a temática.

As pessoas, normalmente, dividiam com o usuário a sua lista de *links* favoritos de assuntos gerais ou temáticos. Todos, no entanto, com um só propósito, revelar os interesses pessoais do autor do blog. Aqui, na fase dos protótipos dos blogs, acrescentamos os diários instrutivos, com seus *links* de assuntos gerais ou temáticos. A sua diferença com os diários pessoais está na intenção de compartilhar um conhecimento em nome do avanço científico, sociocultural ou político.

Na atual fase, a dos blogs contemporâneos, a preocupação está no enredo e existem inúmeros programas gratuitos na rede para facilitar a sua disponibilização na web. Mais adiante, apresentaremos a sua categorização. Nesse estudo, são analisados três blogs jornalísticos que se enquadram na esfera dos blogs contemporâneos. Para tanto, um quadro foi criado para ilustrar a tipologia desenhada a partir dos estudos da área e da observação sistemática dos blogs. No topo desse quadro, estão os protótipos de blogs, já categorizados, e os blogs contemporâneos de Scott. Ainda que os blogs informativos possam pertencer a um jornalista, cresce o número de pessoas com outra formação que utilizam essa ferramenta como meio de comunicação.

Conforme os quadros abaixo, os blogs são categorizados desde sua origem (protótipos de blogs) até suas caracterizações de uso atual.

1)PROTÓTIPOS DE BLOGS
DIÁRIOS PESSOAIS
Links para Assuntos Gerais
Links temáticos
DIÁRIOS INSTRUTIVOS
Links para Assuntos Gerais

2) BLOGS CONTEMPORÂNEOS
DIÁRIOS PESSOAIS
DIÁRIOS COLETIVOS
DIÁRIOS INSTRUTIVOS
Individuais ou Grupos
INFORMATIVOS
Individuais ou Grupos
De assuntos gerais ou temáticos
Analítico
Opinativo
Noticioso
DIÁRIOS MISTOS
Pessoais ou Coletivos, Instrutivos e Informativos

Tabela 7- Quadro categórico cronologia de tipologia dos blogs, 2005.

Tipologia criada com base em Scott (2004) e Recuero (2003).

Os diários pessoais, na fase dos blogs contemporâneos, ganham mais recursos multimidiáticos e não se limitam ao uso de lista de *links* favoritos. Descrevem fatos da vida pessoal, com a intenção de tornar a sua figura pública ou para a autopromoção. Por exemplos: o diário com as histórias de uma adolescente na rede e o do jovem ator que descreve as suas potencialidades em cena. Nesses blogs, os visitantes têm condições de publicar comentários, mas o controle é individual. Cabe ao autor do blog manter ou não o post enviado. Nos blogs coletivos mais de uma pessoa pode postar e editar. Os usuários/autores fazem parte de uma comunidade virtual que tem interesses em comum, com o objetivo de atender, normalmente, as próprias necessidades. Um administrador, contudo, é quem convida outros usuários/autores para fazer parte do blog, podendo retirar a qualquer momento o poder de edição oferecido. Nesse sentido, o blog coletivo concentra-se no poder de um indivíduo, pois a participação dos demais usuários/atores depende do desejo do administrador. Os *posts* dos demais usuários, que não têm o poder de edição, podem funcionar como nos diários pessoais, cabendo ao grupo mantê-los ou não.

O blog instrutivo, que pode ser construído por uma única pessoa ou por um grupo, surgiu com o objetivo de compartilhar informação e, assim, ampliar conhecimento. Na fase dos protótipos de blogs, esse tipo continha apenas *links* de assuntos gerais ou temáticos de um blogueiro, normalmente, pesquisador, como Tim Berners Lee. Na fase dos blogs contemporâneos, eles ganham recursos multimidiáticos e a facilidade no uso da tecnologia empregada também ampliou o número de blogueiros com outras profissões.

Na Internet, é possível aprender e trocar idéias sobre as mais diversas áreas, como literatura, dança, matemática, astrofísica etc. O diário informativo, feito de forma individual ou em grupo, também pode oferecer possibilidades de participação do usuário por meio de *posts*.

Fazem parte dessa categoria os blogs jornalísticos, objetos de estudo desse trabalho. Os diários informativos são de assuntos gerais ou sobre um tema específico, como cultura, economia, política e outros. Independente do tema, eles ainda podem ser analíticos, opinativos, noticiosos ou um *mix* de um ou mais estilos.

Os diários mistos, que na categorização de Recuero (2003) são denominados de publicações mistas por que os *posts* são pessoais e informativos, recebem esse nome pelo fato de possuir características de outros diários apresentados acima e

categorizados no quadro demonstrativo, os três blogs que serão analisados mais a frente se enquadrariam na definição de “diários mistos” na medida em que trazem um *mix* de recursos de estilos e gêneros noticiosos, mas possuem um foco específico na temática, que em sua maioria se refere a assuntos políticos.

Os blogs representam uma nova tendência de escrita na Internet e, segundo Recuero (2003), identificam uma ‘violenta quebra de paradigmas no jornalismo e o mais importante: têm influenciado a maneira através da qual o jornalismo é praticado’.

Araújo, Penteado e Santos (2006), tratando exclusivamente sobre blogs políticos, consideram os blogs como um novo espaço midiático, uma alternativa real aos meios tradicionais existentes e é capaz de lançar novos olhares sobre a política:

> Os blogs se constituem em um novo espaço para a realização da política, fora das instituições sociais estabelecidas, como também à margem dos meios de comunicação tradicionais [...]Os blogs trazem para os visitantes novos olhares para os acontecimentos, novas interpretações, novas informações, muitas vezes publicizadas no calor dos acontecimentos. (ARAÚJO, PENTEADO E SANTOS, 2006, p. 1).

A criação de uma tipologia ou classificação dos blogs de política permite que o pesquisador diferencie a atuação dos diferentes blogs que atuam dentro da blogosfera. Cada blog de política possui uma especificidade, a qual depende de sua constituição. Um blog dentro de um portal de informação da Internet, por exemplo, tem uma identidade que está atrelada, mesmo que indiretamente, a política editorial do portal, atuando de forma menos independente. Por outro lado,um blog pessoal de um desconhecido tem maior liberdade de expressão e atuação, no entanto menos credibilidade. O perfil do blogueiro também é uma importante característica, uma vez que o blog nasce dentro do formato de diário on-line, a pessoa responsável por administrar o espaço é quem “dá a cara” para o blog, suas características pessoais vão formatar a atuação e o estilo do blog.

A análise da estrutura do blog permite examinar os serviços oferecidos e suas possibilidades enquanto ferramental da prática política contemporânea. Os blogs, em sua maioria, estão estruturados em uma página principal, na qual são postadas as informações e análises do blogueiro, mas também disponibilizam outros serviços para as pessoas que navegam no site: enquetes de opinião, imagens, banco de dados, charges, etc.

Também é importante no estudo dos blogs de política a análise dos conteúdos ‘expressos nos posts. O exame dos conteúdos permite verificar o

posicionamento do blogueiro diante de determinados assuntos, permitindo avaliar a forma de atuação dos diferentes blogs existentes. Para a análise do conteúdo é importante criar categorias para classificar o formato, permitindo um agrupamento dos dados e a indicação de tendências.

Em sua metodologia de análise de blogs de política, Araújo, Penteado e Santos (2006) traçam uma classificação que obedece a duas variáveis: **localização do blog** e **perfil do blogueiro.**

2.4.1 Classificação dos blogs de política

A classificação dos blogs de política proposta está dividida em duas partes: quanto à localização do blog e quanto ao perfil do blogueiro.

- **Quanto à localização do blog:**

A localização do blog de política dentro do universo virtual da internet é um elemento importante para o estudo dos blogs. O endereçamento do blog tem ingerência sobre o seu formato, seu conteúdo, sua credibilidade, sua visibilidade e número de acessos ao seu conteúdo. Os blogs podem ser classificados em: institucionais (vinculados aos Portais de Internet, empresas de mídia, partidos políticos e demais instituições); independentes (sem vínculo com instituições); e blogs de entidades da sociedade civil (vínculo com organizações da sociedade civil).

a) **Blog localizado em Portal de Internet** são os blogs relacionados aos grandes portais de internet. Os portais oferecem em sua página principal links para os blogs de política. Os blogs de política localizados nos portais de internet seguem, em sua maioria, o formato de blog de jornalismo político, valorizando a exposição de notícias e informações, a partir dos princípios da imparcialidade jornalística. Os responsáveis pelo sites (blogueiros) são na maioria jornalistas com um reconhecimento construído fora da web. Os blogs relacionados a um portal têm menos liberdade para expressar suas idéias, uma vez que eles estão ligados a uma instituição com interesses sociais, políticos e econômicos, com uma linha editorial, muitas vezes não expressa formalmente, mas que conduzem (indiretamente) o funcionamento dos blogs e seus conteúdos. A presença do blog em um portal aumenta a sua credibilidade, o internauta confere um maior status ao blog por ele estar vinculado a um grande portal de internet. A presença nos portais também

confere maior visibilidade ao blog, tornando o mais conhecido, e consequentemente ampliando o número de acessos.

b) **Blog localizado em site da mídia tradicional** são os blogs relacionados à grandes corporações da mídia tradicional que circulam por meio impresso (jornais e revistas). As características desses blogs são semelhantes aos blogs de portais, os sites das empresas de mídia oferecem aos seus visitantes links para os blogs, seguindo o formato de blog jornanísitco, no entanto a influência da linha editorial da empresa de mídia é mais clara, assim como o apelo jornalístico do próprio blog em sua dinâmica de funcionamento. Os blogueiros responsáveis pelos sites são, em sua maioria, formados por jornalistas da própria redação da empresa com maior destaque dentro do cenário da imprensa. A sua localização confere maior credibilidade, uma vez que ele se aproveita da credibilidade da empresa e do próprio jornalista. Eles também têm maior visibilidade, pois estão expostos em sites de grande visitação, com isso têm um grande número de acessos.

c) **Blog localizado em um site de partido** são os blogs relacionados aos partidos políticos. Esses blogs são caracterizados por serem espaços de divulgação política e fóruns de debate. Eles servem para os partidos exporem suas idéias, defenderem seus interesses e entrarem em contato com a militância e simpatizantes. Os textos e comentários são parciais e voltados para a defesa das bandeiras políticas do partido, atrair novos militantes e divulgar suas propostas. A credibilidade dos blogs locados em sites de partidos é praticamente restrita aos simpatizantes do partido. Por possuir um caráter publicitário (panfletário) as informações expressas são favoráveis à imagem do partido. A visibilidade e número de acessos do blog ficam limitados pela popularidade do partido e dos autores.

d) **Blogs Independentes** são os blogs criados e gerenciados por pessoas desconhecidas do grande público. Esses blogs assumem o formato de diários on-line, valorizando os aspectos informais. Seus autores têm maior liberdade para expressar suas opiniões e definirem os assuntos a serem abordados. Os conteúdos exibidos não possuem uma padronização, no entanto, percebe-se uma tendência de valorização da crítica à política e aos políticos, o uso do humor e a ironia. Por outro lado, a autonomia de criação confere aos blogs pouca credibilidade, baixa visibilidade e seus acessos são mais restritos. A audiência dos blogs independentes é construída a partir de redes de auto-referências criadas entre os próprios blogueiros e seus conhecidos.

e) **Blogs de entidades da Sociedade Civil** são os blogs criados e mantidos por organizações da sociedade civil. Esses blogs assumem o formato de fórum de debates em torno de temas específicos (ex: meio ambiente, combate a fome, etc). É um espaço de mobilização virtual, que reúne pessoas interessadas em defesa dos interesses sociais variados. Os conteúdos dos textos são voltados a uma temática, possuem caráter crítico, informativo e panfletário. Os comentários expostos são parciais, fragmentários e específicos. A credibilidade e visibilidade do blog estão relacionados a própria imagem da entidade e do responsável pelo blog. Seus acessos são mais restritos, atingindo um público segmentado.

- **Quanto ao perfil do escritor (blogueiro):**

Os blogs de política também podem ser classificados de acordo com o perfil e formação profissional do blogueiro. O perfil do blogueiro confere um estilo e formato ao blog. Segue abaixo as classificações propostas:

a) **Blogs escritos por jornalistas** seguem, em sua maioria, o formato de blog jornalístico, trazendo informações, comentários e opiniões sobre os temas políticos. Os jornalistas em seus blogs seguem o estilo próprio do segmento jornalístico, valorizando a informação e análise imparcial dos dados, mesmo quando da exposição de comentários críticos. Os jornalistas mais conhecidos possuem maior credibilidade e visibilidade, fazendo com que seus blogs tenham um grande número de visitas e comentários. Os usuários acreditam que os jornalistas podem trazer informações dos bastidores do poder, trazer à tona dados exclusivos e notícias reservadas.

b) **Blogs escritos por políticos** são caracterizados pela expressão da opinião individual e seu posicionamento político. O formato pode variar de blog jornalístico, comentando as informações da política, ou então, adotar o formato de diário on-line, relatando suas experiências e suas idéias. Esses blogs se configuram por se tornar um meio de interface entre o político e a população, funcionando como um novo espaço de comunicação do político. O estilo do blog varia de acordo com o perfil do político, no entanto, os blogs com maior destaque são de políticos que valorizam os textos polêmicos (exemplo: César Maia e José Dirceu). Os comentários postados expressam a opinião publicizada do político, é um espaço para o posicionamento político, crítica aos adversários e divulgação de suas idéias. O blog escrito por político é mais um espaço para a divulgação da imagem pública do político. As

informações e opiniões expostas têm pouca credibilidade. A visibilidade e os acessos estão relacionados com a própria imagem do político. Os políticos com maior visibilidade atraem maior número de visitas.

c) **Blogs escritos por pessoas desconhecidas** seguem, na maioria dos casos, o formato de diário on-line. Por serem escritos por pessoas diferentes eles não possuem um estilo próprio. Os desconhecidos têm total liberdade para se expressarem, podendo utilizar comentários preconceituosos, avaliações personalistas e parciais. O estilo da escrita desses autores é a falta de estilo, que valoriza a crítica direta e o humor. Blogs com pouca credibilidade e visibilidade, ficam restritos a um universo particular de conhecidos ou redes criadas a partir da própria internet, as quais regulam o número de acessos.

e) **Blogs escritos por candidato aos cargos políticos** seguem o modelo publicitário, se caracterizam por serem mais um espaço para a divulgação da campanha do candidato. São espaços de mídia de baixo custo no qual o candidato pode aumentar sua exposição, criar uma interface com os eleitores e divulgar suas idéias e propagandas eleitorais. O estilo é marcado pelo formato publicitário do discurso político, isto é, a utilização de argumentos para conquistar votos (fala persuasiva), atacar seus adversários e apresentar suas propostas. Seu conteúdo é caracterizado pela posição partidária em próprio proveito. Os blogs funcionam apenas no período eleitoral, com pouca credibilidade. A visibilidade e o número de acessos estão condicionados a exposição e popularidade do candidato. Os candidatos mais polêmicos e populares atraem um número maior de visitantes.

2.5 Classificando os blogs pesquisados

Dessa forma, pode-se reconhecer (1) blogs de referência, aqueles em que há uma maior ocorrência de postagens prioritariamente informativas indiretas, ou seja, coladas e referenciadas de uma fonte externa, que geralmente dá maior credibilidade à informação; (2) blogs produtores, onde predomina a informação coletada, reinterpretada ou metodicamente organizada, principalmente sob técnicas jornalísticas de produção, pelos próprios blogueiros, em que a maioria das postagens é classificada como informativa direta; (3) blogs opinativos, em que a produção do blogueiro é em grande parte de comentários e análises opinativas em detrimento a publicação de informações novas. São blogs em que via de regra, o

autor possui posicionamento pré-determinados e os defende claramente, (4) blogs de combate, em que o autor busca proteger ideais e princípios. Para alcançar esse fim, o blogueiro tanto defende as idéias quanto ataca os que se posicionam de forma contrária. Da mesma forma como ocorre nos blogs opinativos, a posição do autor é geralmente explícita para os leitores. Entretanto, utilizam em grande parte, postagens irônicas, ideológicas, avaliativas e propositivas, confrontando valores contrários aos pregados no blog.

Aqui o foco de análise são três blogs - – Blog do Josias de Souza, Blog do Fernando Rodrigues e Blog do Luis Nassif- escritos por jornalistas reconhecidos por uma certa tradição e vínculo com a mídia impressa, seus blogs funcionam quase que como plataformas complementares de trabalho de cobertura jornalística. Os referidos blogs foram escolhidos por se enquadrarem dentro de parâmetros específicos como: 1) ter a política nacional como temática principal; 2) os bloggers são jornalistas profissionais reconhecidos nacionalmente; 3) os blogs estão hospedados junto a grandes empresas de comunicação e Internet o que lhes dá visibilidade; necessidade de atualização contínua e intensa e sobretudo alto grau de leitores.

Ao pensar no processo histórico da hegemonia da informação dos fatos em detrimento das opiniões, os blogs analisados trazem um panorama contracorrente, na medida em que estes canais buscam aliar de forma complementar ‘fatos/ informações’ e ‘opiniões’, já que é possível verificar um certo grau de pessoalidade na narrativa e feitura das notícias.

Apesar das diferenças existentes em relação às variáveis estruturais, gráficas, textuais e até mesmo ideológicas, conforme será explicitado nos próximos capítulos, os três blogs analisados na pesquisa podem ser enquadrados nas mesmas classificações, segundo proposições das tipologias citadas anteriormente.

Em relação às classificações de Araújo, Penteado e Santos (2006), os três blogs – Blog do Josias de Souza, Blog do Fernando Rodrigues e Blog do Luis Nassif- são escritos por jornalistas profissionais. Os dois primeiros blogs se vinculam ao UOL, um portal que está ligado diretamente a um meio de comunicação tradicional jornalístico- a Folha de S. Paulo; já o Blog de Luís Nassif, que também já foi vinculado ao portal UOL, hoje está armazenado em um grande portal de Internet, cujo qual não possui vínculos com a mídia tradicional, ao menos em sua origem.

Os três blogs podem ser considerados individuais, apesar de em alguns casos os blogueiros postarem conteúdos de colaboradores como no caso do blog de Luís Nassif, que dá visibilidade para *posts* assinados por colaboradores que pertencem a comunidade de leitores da rede social do seu blog; os blogs são temáticos, por tratarem, salvo raras exceções, de um assunto em particular, a política. Pela classificação de Recuero (2003), os blogs aqui analisados são tidos como publicações, já que se dedicam á publicação de conteúdos informativos e opinativos.

De acordo com a categorização segundo a incidência dos distintos tipos de postagens, os três blogs são majoritariamente blogs produtores,sendo em menor escala blogs de referência.

O fato dos três blogs em análise estarem vinculados a conglomerados midiáticos tradicionais no âmbito dos portais virtuais[46] brasileiros, suscita pensar sobre os constrangimentos organizacionais exercidos pelas supostas linhas editorias de tais empresas sobre a suposta liberdade de narrativa dos blogueiros. Tais blogs exemplificam que de fato tal conjectura pode ter sua influência na medida em que as notícias também registram os constrangimentos e limites organizacionais sobre os quais os jornalistas labutam, pois as decisões tomadas pelo jornalista no processo de escolha e de produção de notícias (*newsmaking*) perpassam diretamente ou indiretamente por seu contexto imediato organizacional para o qual trabalha. Mas pressupor rótulos e características antes mesmo de uma análise mais dissecada seria imprudente, por isso entramos agora numa análise destes blogs em questão.

2.5.1 Descrição dos blogs analisados

I- Blog do Fernando Rodrigues

O Blog do Fernando Rodrigues (http://uolpolitica.blog.uol.com.br), escrito desde 04 de setembro de 2005 se dedica quase que exclusivamente a discussão de assuntos políticos. Nos primeiros dias após a estréia do blog, os números já mostravam que o público estava, realmente, interessado na crise política por que

[46] Estabelecidos no Brasil em 1996 (BARBOSA, 2003, p. 163), os portais são classificados como a versão massiva da comunicação on-line (FERRARI, 2004, p.30). Nos maiores portais nacionais, o conteúdo jornalístico é elemento central e boa parte das páginas iniciais de sites como Uol, Terra, IG e Globo.com é dedicada às notícias.

passava o país. Foram, em média, por dia, cerca de 200 mil páginas vistas e 100 mil visitantes.

Imagem 2 - Blog de Fernando Rodrigues

Na Folha desde 1987, foi repórter, editor de Economia, correspondente em Nova York (1988), Tóquio (1990) e Washington (1990-91). Na Sucursal de Brasília da Folha desde 1996 até 2007, assina a coluna "Brasília", na página 2 do jornal, às segundas, quartas e sábados. Mantém uma página de política no UOL desde o ano 2000 - com informações estatísticas e analíticas sobre eleições , pesquisas de opinião e partidos políticos. Em agosto de 2007 recebeu uma bolsa de estudos da Fundação *Nieman*, na universidade de Harvard (Cambridge, MA, nos Estados Unidos) e por isso o blog foi interrompido no dia 01º de agosto de 2007, mas foi retomado no dia 15/08/2008 com o acréscimo de um objetivo claro expresso em vosso título “Blog de Fernando Rodrigues- Cobertura política, eleitoral, pesquisas e notícias do poder”, o qual tem priorizado no momento a cobertura das eleições municipais de outubro que ocorrerão por todo o Brasil e também a eleição para a presidência da república nos Estados Unidos que ocorrerá em novembro próximo, de onde ele no momento atualiza o blog diariamente.

Colunista do portal UOL desde 2000, Fernando Rodrigues decidiu aderir ao formato de blog para conseguir dar mais informações e se aproximar do leitor. "Com o blog, posso dar notícias importantes antes dos concorrentes e abrir espaço para o internauta dar a sua opinião", afirma.

Além das notícias exclusivas e quentíssimas, o blog traz análises sobre o desenrolar de crise e seus bastidores. Não fica nisso. Tem também espaço para humor numa seção, chamada "Separados no Nascimento", na qual existem fotografias de políticos sendo comparados a personagens midiáticos, a estréia desta coluna se deu com a comparação entre Severino Cavalcanti e o personagem Mestre Yoda, da série "Guerra nas Estrelas".

II - Blog do Josias de Souza

Imagem 3 – Blog de Josias de Souza

"Nos bastidores do poder" http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br) é o blog escrito pelo jornalista Josias de Souza, desde o dia 15 de outubro de 2005, está vinculado aos serviços de conteúdo da Folha online e hospedado no portal UOL.

Josias de Souza é jornalista desde 1984. Trabalha na Folha de S.Paulo há 20 anos. Nesse período, ocupou diferentes funções --de repórter a secretário de Redação do jornal. Hoje, é colunista da Folha. Publicou em 1994 o livro "A História Real", em co-autoria com Gilberto Dimenstein. O trabalho revela os bastidores da primeira eleição de Fernando Henrique Cardoso à Presidência da República.

Com apenas três semanas de funcionamento o blog bateu a casa dos 113.000 acessos, tornando-se na época, o segundo blog político mais lido do país.

III- Blog do Luís Nassif.

Imagem 4 – Blog de Luís Nassif

O Blog de Luís Nassif, (http://www.projetobr.com.br/web/blog/5) está hospedado no portal IG desde outubro de 2006, mas antes disso ele era hospedado no portal UOL, onde começou a ser escrito em maio de 2006.

Este blog está vinculado, como consta no próprio nome em seu endereço, a um projeto chamado projeto BR, que é uma Plataforma Comunicativa Multimidiáticas Ciberespacial (PCMC) pública de debate sobre assuntos relacionados à política e economia nacional. Para ser colaborador ou debatedor nos fóruns abertos é necessário efetuar um cadastro, dessa maneira o usuário pode ter acesso a todos os fóruns e conteúdos em forma de artigos e documentos e relatórios oficiais do governo federal. Esta plataforma sugere *links* ao blog e o inverso também ocorre.

Luís Nassif é jornalista e foi o introdutor do jornalismo de serviços e do jornalismo eletrônico no país. Hoje é comentarista econômico da TV Cultura. Mas já foi colunista e membro do conselho editorial da Folha de S. Paulo. Nas composições que faz dos possíveis cenários econômicos ele não deixa de analisar áreas correlatas que também são relevantes na economia, como o sistema de Ciência & Tecnologia escrevendo por muitos anos sobre economia no jornal. Iniciou em 2007 uma série sobre os bastidores da Veja, em que critica, sob sua óptica, o jornalismo da revista nos últimos anos.

Vencedor do prêmio Ibest de melhor blog de política em 2008 no voto popular, é estruturado com cinco sessões na qual divide as publicações de acordo com o conteúdo (Blog, Jornalismo, Economia, Crônicas). Ele prioriza a discussão de assuntos políticos, mas dentre os três blogs é o que apresenta uma gama mais heterogênea em amplitude de assuntos.

Uma característica interessante é que neste blog foi formado uma comunidade paralela de leitores assíduos, chamada Verso e Prosa, no estilo rede social virtual, na qual é preciso efetuar um cadastro, assim o leitor passa a ser um potencial colaborador do blog Luís Nassif on-line, não apenas no que se refere a comentários, mas o autor busca dar visibilidade a alguns comentários que julga interessante e pertinentes, transformando os mesmos em postagens na seção principal do seu blog, o que demonstra uma valorização do processo de interatividade e *feedback*.

2.5.2 Análise estrutural

A análise das estruturas dos blogs procurou por meio de dois formulários iniciais, um voltado à parte gráfica e outro a estrutural, conhecer todas as possibilidades que podem auxiliar ou prejudicar a interatividade e navegabilidade

dos usuários além da organização espacial das páginas. Formulários estes baseados na metodologia proposta por Araújo, Penteado e Santos.

O formulário estrutural constava de 16 itens que verificavam a existência dos dispositivos e opções: **(1)Janelas pop up**- pequenas janelas que se abrem na tela sem a intervenção do usuário; **(2) Link externos**- indicação de caminhos que remetem a outras páginas da Internet**; (3) Links internos**- indicação de caminhos para outras postagens dentro da própria página ou blog**; (4) Feeds RSS**- mecanismo que permite o envio de conteúdo de uma página da Internet a um dispositvo móvel como um telefone celular; **(5) Blogroll**- lista de páginas e blogs indicados pelo blogueiro; **(6) Publicidade interna** do portal de hospedagem**; (7) Publicidade externa** ao portal de hospedagem; **(8) Arquivo; (9) Mecanismo de busca interna**; **(10) Sub-páginas**; **(11) Perfil dos blogueiros; (12) Podcast**; **(13) Enquetes; (14) Multimídia; (15) Seções especiais; (16) Outros**.

I- Blog do Fernando Rodrigues

O blog do Fernando Rodrigues é um blog dominado pelo textual, ou seja, não existe a utilização de imagens, vídeos e outros recursos multimidiáticos. Suas postagens priorizam o texto, e ultrapassam cinco postagens por dia. Ele costuma fazer um panorama política semanal todas as segundas-feiras, chamando estes *posts* de 'Drive político da semana', no qual elenca todos os fatos importantes esperados na semana, o que se relaciona basicamente a agenda do presidente, votações no senado e câmara e outros assuntos de notabilidade e atualidade.

Os posts ficam distribuídos de forma que se agrupam semana a semana, ou seja, no fim da semana você pode encontrar visualizado na mesma página todas postagens daquela semana em forma decrescente de dia.

Hiperlinks. A navegação por *links* é realizada por meio de *links* internos colocados, ora no corpo do texto das postagens, ora abaixo dos textos. Estes *links* são internos quando numa freqüência razoável Fernando Rodrigues se dispõe de links para ligar suas postagens no blog a textos de temática semelhante de sua autoria publicados em sua coluna e em artigos no jornal Folha de S. Paulo disponibilizados somente para assinantes do jornal ou do provedor UOL, ou seja, são complementações de acesso restrito. Já os *links* externos são alocados em distintas ocasiões, ou se tratam de *links* a vídeos (*Youtube*, Bandnews), ou remetem às páginas de veículos de comunicação cujas notícias originais foram comentadas

no blog ou são *links* a sites que se relacionam ao tema da publicação, como por exemplo uma postagem relacionada ao acidente aéreo com o avião da TAM, num dos *posts* existe um *link* para um *site* que fornece uma explicação didática de como o sistema de freios aerodinâmicos e os reversores de um avião funcionam. Um outro tipo de *link* se relaciona a documentos ou notas oficiais do governo por ventura também citados.

RSS. Permite suporte ao sistema de RSS e remete a uma página no site do portal no qual é possível realizar a inscrição para o recebimento das atualizações do blog, como também para um sistema de recebimento de notícias do blog em aparelhos de telefone móvel.

Blogroll. Uma das características marcantes dos blogs é a existência de uma seção onde os blogueiros indicam sites, por meio de links, principalmente, e através dos quais se forma geralmente uma rede de blogueiros conhecida como Webring (Recuero).

O blog de Fernando Rodrigues foge a esta regra, na medida em que não oferece links para blogs; os únicos links listados oferecidos são para sites: do orçamento da União; Política brasileira em inglês e o próprio portal UOL.

Publicidade. No blog consta tanto publicidade interna do próprio portal quanto publicidade externa. A publicidade externa se localiza na parte superior da página, num *banner* dinâmico e num outro *banner* fixo localizado ao lado direito, nomeado de “UOL *links* patrocinados”. Já a publicidade interna se localiza numa barra fixa padronizada com serviços do portal UOL abaixo do banner dinâmico de publicidade externa.

Arquivo e Mecanismo de busca interna. O blog fornece uma opção de busca interna no blog, o que facilita a navegabilidade, como também um mecanismo de buscas especiais no portal UOL, como também a seção Folha Integral, onde assinantes podem buscar e ler matérias específicas deste jornal em sua versão on-line. O sistema de arquivos possibilita o acesso a todo conteúdo publicado no blog desde sua criação, através da seção histórico.

Perfil do blogueiro- Localizado na parte superior direita de forma vertical em formato de coluna, escrito em terceira pessoa Fernando Rodrigues apresenta resumidamente sua biografia acadêmica e profissional.

Enquetes- Apesar do blog ter sido paralisado temporariamente, a prática das enquetes é bem comum, semanalmente os leitores são convidados a votar em enquetes dirigidas com alternativas sobre temas relevantes e atuais.

O usuário pode ainda conferir o resultado parcial da enquête e o resultado final da pesquisa anterior lançada no blog por meio de um gráfico de barras horizontais e das percentagens dos votos. Na semana de amostragem de nossa análise, a enquête em destaque era sobre a possível cassação do mandato de Renan Calheiros, como é possível visualizar na imagem a seguir.

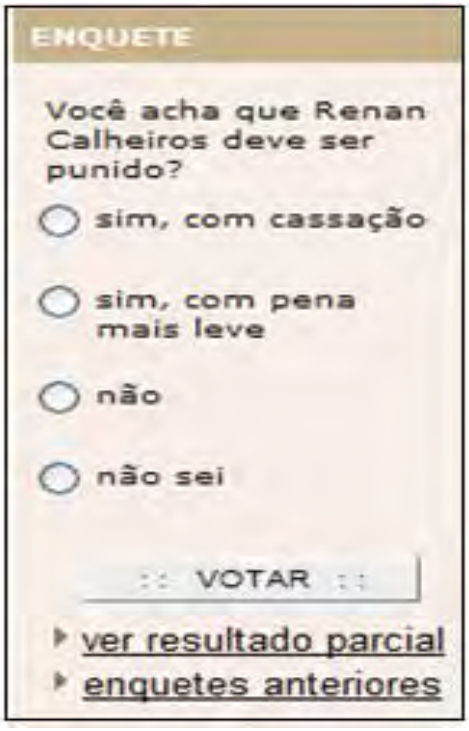


Imagem 5 - Enquete no blog de Fernando Rodrigues

Fonte: http://uolpolitica.blog.uol.com.br

II- Blog do Josias de Souza

O blog “Nos bastidores do poder” possui uma interface simples como a maioria dos blogs de política, não se utiliza de recursos de *pop up*, e explora de maneira intensa o uso de imagens, ilustrações, cartuns e vídeos em suas postagens e possui um ritmo de atualização constante, mesmo durante a madrugada é possível verificar atualização, já que as postagens são assinadas e ao lado encontra o horário, o que nos leva crer que ele faça uso de uma equipe e colaboradores, mas mesmo assim quem assina cada postagem é ele mesmo.

Hiperlinks. A política de links do blog “Nos bastidores do Poder” faz com que tanto as ligações internas e externas se localizem dentro do corpo das postagens.

Os links externos mais comuns apontam para sites de notícias e informação, principalmente Globo.com, Folha de S. Paulo, G1 e outros sites de mídias tradicionais.

RSS. O blog utiliza tecnologia XML *(Extensibile Markup Language*) para a publicação de conteúdos em outros sites. Diferentemente de outros blogs e sites que disponibilizam esse serviço, no blog

Blogroll. Da mesma forma como as outras partes, o blogroll do Nos bastidores do poder também não é dos maiores. Conta com 12 endereços de blogs todos eles ligados à Folha de S. Paulo e hospedados no portal UOL.

Demonstra um certo corporativismo e a ausência da participação do autor na criação do blogroll. Em seu blogroll Josias de Souza fica preso dentro da estrutura corporativa da Folha de S. Paulo e do UOL. É um dos aspectos considerados na classificação do blog do Josias como um blog de portal.

Nesse sentido, o *blogroll* perde suas duas principais funções: a primeira, de mostrar as indicações feitas pelo autor da página, seus gostos e preferências, revelando assim, parte da identidade do autor; a segunda é a de demosntrar as redes sociais estabelecidas a partir do blog. É fato que Josias de Souza pode co-relacionar-se com seus colegas da Folha de S. Paulo e trocar informações entre os blogs, contudo, é praticamente impossível acreditar que o jornalista não mantenha contato com outros blogs, sites.

Existe em uma área separada, logo acima do blogroll, quatro links que direcionam o usuário para as páginas da Folha de S. Paulo, do portal UOL, do portal BOL e da organização não-governamental Transparência Brasil. Mais um indício da formação de uma rede interna concernente à Folha e à sua parceria com o UOL.

Publicidade. Esse é um fato circunscrito a uma barra fixa do portal UOL localizada na parte superior do blog e logo abaixo um chapéu que se acessado encaminha para a página da versão on-line da Folha de S. Paulo. Existe também um *banner* na vertical do lado direito com a publicidade de livros da chamada livraria da Folha, com livros relacionados a temática do blog, ou seja, livros em sua totalidade sobre política e jornalismo.

Logo abaixo do blogroll, existe ainda um pequeno link do UOL Blog, site de produção, gerenciamento e hospedagem de blogs do portal UOL.

Arquivo. O arquivo de “Nos bastidores da política”, localizado na parte inferior da coluna direita da página, é organizado na maneira encontrada mais freqüentemente na blogosfera. Existe uma lista de links que compreendem o período das postagens de uma semana, independente do número de postagens envolvidas, partindo do dia inicial do blog- dia 15 de outubro de 2005.

Mecanismo de busca. O mecanismo interno de busca está localizado na parte superior da coluna direita e é alimentado pelo mecanismo de busca do portal UOL, o UOL Busca, o que possibilita a busca externa de um determinado conteúdo.

Perfil. O perfil do jornalista Josias de Souza é acessado no topo da coluna esquerda do blog e redireciona para uma página que descreve sucintamente a carreira do Professional na Folha de S. Paulo, a publicação de seu livro e o laureamento com o Prêmio Esso de jornalismo em 2001.Acompanha foto e endereço eletrônico de contato do blogueiro.

Enquete. Diferente do Blog do Fernando Rodrigues, Josias de Souza não veicula enquetes em sua página. A interação com os usuários/leitores é feita somente por meio da publicação dos comentários enviados.

Recursos Multimidiáticos. O blog do Josias traz imagens de três tipos, fotografias, ilustrações e gráficos. Diariamente há uma charge ou ilustração assinadas pelo desenhista Arnaldo Angeli Filho. Sem uma periodicidade definida são utilizados também GIFS animados (arquivos de imagem .gif).

Também há utilização de vídeos do site Youtube ou vídeos da própria central de vídeos do portal UOL.

Seções especiais. Na seção “Colunas”, de periodicidade semanal, Josias de Souza publica seus textos mais longos e densos.

Existe também uma área destinada às “Entrevistas”, iniciada em 15 de outubro de 2005 com uma conversa com o deputado federal Delcídio Amaral (PT-MS), então relator da CPI dos Correios.

Na seção “Reportagens”, sem uma periodicidade fica, Josias de Souza publica textos com uma linguagem voltada mais para o meio impresso. Segue os padrões de escrita para jornais como a utilização de técnicas como a “pirâmide invertida”, iniciada com *lead*, e um texto de caráter informativo, deixando a opinião restrita às postagens da página principal do blog.

Em “Secos e Molhados”, o jornalista escreve sobre temas variados, principalmente cultura. É a área com maior utilização de recursos multimídia,

sobretudo cultura. É a área com maior utilização de recursos multimídia, sobretudo com a apresentação de vídeos (na realidade *links* de vídeos armazenados no site Youtube) que, em certos casos, chegam a ser o único conteúdo das postagens.

"Folha on-line em cima da hora" é um canal das notícias mais recentes veiculadas na página da Folha de S. Paulo disponibilizada no blog. As cinco últimas notícias são apresentadas como *links* na página inicial do blog, na parte inferior da coluna direita. Há ainda um link que remete ao plantão de notícias da Folha on-line.

III- Blog do Luís Nassif

O blog de Luís Nassif possui uma simples interface também, o blog foi iniciado no portal UOL, mas migrou para o portal IG levando consigo inclusive a mesma interface e aparência gráfica e visual.

Seções especiais e sub-páginas. Um dado diferenciado dos outros dois blogs anteriores analisados é que em seu blog Luis Nassif apresenta quatro abas de acesso aos posts, ou seja, na página principal do blog existem quatro possibilidades de abas transitórias que funcionam como sub-páginas de acordo com a temática, além da aba principal do blog, existe uma outra denominada "Jornalismo" na qual são publicadas matérias e textos longos, com *lead* e pirâmide invertida, um detalhe diferenciador destas seções é que nestes textos não existem a possibilidade de comentários por parte dos leitores, uma outra seção denominada "Crônicas" de atualização menos contínua, apresenta a possibilidade de comentários por parte dos leitores e os textos são escritos em tom de narrativa pessoal e quase sempre na primeira pessoa; na última das seções "Economia" .Nassif prioriza o caráter informativo sobre a política econômica, no qual se utiliza do estilo híbrido, informa opinando sobre tópicos da agenda política econômica do país.

Estas outras abas acessórias são atualizadas de acordo com as temáticas específicas e com menos intensidade que a aba Blog, na qual a atualização é diária, inclusive aos fins de semana, e por mais de uma vez ao dia, sendo esta aba também a que recebe o maior número de comentários e feedback por parte dos leitores.

Hiperlinks. O blog de Luís Nassif não apresenta em sua totalidade na amostra em questão o uso de nenhum recurso de *links* e hipertexto, o que nos remete a pensar que ele traz consigo o hábito de não possibilidade de elencar elementos diferenciados de pensar a estrutura do texto no âmbito on-line, realizando no blog a mesma forma de escrever no impresso. Apenas mais recentemente é

possível encontrar a presença de links externos de busca de complementação de temáticas tratadas.

Blogroll. Seguindo novamente contrário a corrente de uso das potencialidades do canal em questão e do webjornalismo, Nassif não interliga seu blog a outros blogs, na medida em que não lista outros blogs. As únicas referências de *links* externos são os sites do Projeto Brasil, Dinheiro Vivo, Verso e prosa e Comunidade do Blog. Todos *links* que estão diretamente relacionados ao blog em si.

A Comunidade do Blog é uma comunidade formada por 625 leitores (até o dia da análise), na qual cada um possui seu perfil, com fotos e descrições pessoais, ali se fecundam debates e colaborações que resultam às vezes até em postagens nas distintas seções do blog. Esta comunidade é acessada pelo blog através de um ícone, no qual após ser clicado leva o leitor para uma outra página, repleta de mecanismo de interação entre os leitores de tal blog, mas para usufruir dos serviços de tal comunidade virtual é preciso efetuar um cadastro prévio.

RSS. O blog se utiliza da mesma tecnologia XML *(Extensibile Markup Language)* adotada pelo blog de Josias de Souza.

Publicidade. O blog de Luis Nassif não utiliza os recursos de *pop up* e as únicas publicidades existentes se referem propriamente ao portal ao qual o blog se vincula. Logo acima existe uma barra fixa com ícones dos serviços oferecidos pelo portal IG, como por exemplo e-mail e mecanismo de busca externo. Logo abaixo do lado esquerdo, também existe um ícone do BLIG o serviço do IG de hospedagem gratuita de blogs, para o qual ser usufruído basta apenas o usuário apenas efetuar cadastro no portal IG, criando sua conta de e-mail “@ig.com.br”.

Arquivo e Mecanismo de busca. O blog disponibiliza todo o histórico de postagens mesmo os da época em que o blog era hospedado no portal UOL. Além disso permite a busca de postagens através de 21 categorias temáticas além de um buscador interno localizado na parte superior esquerda do blog.

Perfil. Do lado esquerdo e de forma vertical, Luís Nassif sucintamente se apresenta como o introdutor do jornalismo de serviços e do jornalismo eletrônico no país. Junto ao perfil encontra-se uma foto sua juntamente com listagem de prêmios já recebidos.

Enquete. Não há a existência de enquetes no blog da mesma forma que o blog Josias de Souza, este recurso não é utilizado como meio de interação.

Recursos Multimidiáticos. O blog se utiliza raramente de ilustrações e tampouco de vídeos. Em raros momentos existe o uso de vídeos, mas quase sempre são vídeos que ilustram alguma postagem, ou links de vídeos enviados pela comunidade de leitores, vídeos estes de origem no site *Youtube*[47].

Nesta primeira etapa da análise, já é possível verificar numa primeira constatação o modo similar ocorrido nos três blogs na maneira de usar tal canal e, sobretudo na resistência em fazer uso de outros recursos que possibilitariam uma ampliação e reconfiguração da caracterização do fazer notícia (*newsmaking*) no âmbito do webjornalismo. Caberia refletir e questionar. Se isto poderia residir em traços marcantes da plêiade de jornalistas formados pelo contexto editorial impresso e eletrônico?Da qual lhes esperam a tal suposta objetividade clássica de informar? O que de fato fica claro é que valores - notícias comuns são comungados pelos três blogueiros em questão e que seus critérios de noticiabilidade tornam análogas a forma de construir as postagens nos blogs. Pensemos agora alicerçados pela análise do material empírico estes critérios de noticiabilidade, os valores - notícias e também exemplos de como os gênero comentário e gênero de relato se configuram no âmbito destes blogs.

47 O YouTube é um site na internet que permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital. Foi fundado em fevereiro de 2005.O YouTube utiliza o formato Macromedia Flash para disponibilizar o conteúdo. É o mais popular site do tipo (com mais de 50% do mercado em 2006) devido à possibilidade de hospedar quaisquer vídeos (exceto materiais protegidos por copyright, apesar deste material ser encontrado em abundância no sistema). Hospeda uma grande variedade de filmes, videoclipes e materiais caseiros. O material encontrado no YouTube pode ser disponibilizado em blogs e sites pessoais através de mecanismos (APIs) desenvolvidos pelo site. Endereço: http://www.youtube.com

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE, VALORES-NOTÍCIA E GÊNEROS NOS BLOGS

> "A notícia deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria." (Canavilhas, 2000)

3.1 Valores-notícia: as determinantes da noticiabilidade dos fatos

Toda profissão é sobrecarregada de imagens mas talvez nenhuma outra seja tão rodeada de mitos como a do jornalismo. De fato, o poder do mito tem envolvido a profissão de tal maneira que os jornalistas parecem ser sempre os agentes do 'contra-poder' e o seu produto quase sempre é apresentado como sendo uma transmissão não expurgada de um acontecimento. A noção-chave desta mitologia é a noção do "comunicador desinteressado" aonde o papel do jornalista é definido como o de observador neutro, desligado dos acontecimentos e cauteloso em não emitir opiniões pessoais. O desenvolvimento desta concepção dominante no campo jornalístico ocidental tem dois momentos históricos cruciais.

Primeiro, surge em meados do século XIX um contexto de um jornalismo novo, mais voltado para o viés informativo- cuja idéia-chave é a separação entre "fatos" e "opiniões". Em 1856, o correspondente em Washington da agência noticiosa *Associated Press* pronunciou o que ia ser a Bíblia desta nova tradição jornalística: *"O meu trabalho é comunicar factos: as minhas instruções não permitem qualquer tipo de comentários sobre os factos, sejam eles quais forem".* (READ, 1976, p. 108 apud TRAQUINA, 1999, p. 167). Aliás, as agências noticiosas foram as defensoras mais ardentes desse 'Novo jornalismo' e são hoje, ainda, o protótipo desse jornalismo no qual a mensagem dita informativa, que o nosso século tem tendência a valorizar sem a denominação de objetividade, é suposta dar a palavra e deixar exprimir a realidade.

O segundo momento histórico tem lugar no século XX com o surgimento do conceito de objetividade nos anos 20 e 30 nos Estados Unidos. Embora a ideologia

da objetividade seja agora vista como um reforço da fé nos fatos foi historicamente necessário perceber que o ideal da objetividade não foi a expressão final de uma convicção nos fatos, mas a afirmação de um método concebido em função de um mundo no qual mesmo os fatos não eram merecedores de confiança devido ao surgimento das relações públicas e do marketing de Estado pós 1ª Guerra Mundial, por isso mesmo os jornalistas substituíram uma fé simples nos fatos por uma fidelidade às regras e procedimentos noticiosos criados para um mundo no qual até os fatos eram postos em dúvida.

Por mais que a tal objetividade jornalística seja um suposto paradigma reinante no campo jornalístico, e este 'empirismo ingênuo' alicerça a crença de que as notícias emergem naturalmente dos acontecimentos do mundo real, bastando ao jornalista ser o espectador do que se passa transmitindo-o fielmente, como se fosse um espelho refletor da realidade. Reiteraria aqui o viés e a premissa de que os jornalistas não podem ser categorizados como observadores passivos mas sim como participantes ativos no processo de construção da realidade e dessa maneiras as notícias não podem ser vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real, 'as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e de textos, enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento'. (TRAQUINA, 1999, p. 168).

Embora sendo 'índice do real', as notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas pelos jornalistas para organizar o acontecimento. A pirâmide invertida, a ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples, a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento – processo, aliás, orientado pela narrativa escolhida - são alguns exemplos, de acordo com Traquina (1999), de como 'a notícia, criando o acontecimento, constrói a realidade'.

Não obstante o processo noticioso ocorrido nos blogs suscita questionamentos na medida em que neste âmbito também como nas outras mídias noticiosas se configura uma rede de estruturação de critérios de noticiabilidade embasados em valores-notícia e rotinas particulares embrionárias deste novo canal midiático jornalístico, mas rotinas ainda muito embasadas naquela característica citada no capítulo anterior em que Bertocchi (2006), chama a atenção para a mudança em curso, no que é classificada de mudança *sui generis*, nos quais os formatos do webjornalismo tendem a ser formar a partir dos modelos do jornalismo

impresso, num primeiro momento, já que no jornalismo impresso é onde existem as referências teóricas e práticas mais consolidadas.

Os estudos sobre *newsmaking*[48] procuram abordar o processo de construção da notícia como um fenômeno de interesse social. A investigação científica sobre o jornalismo e as notícias é feita por uma corrente designada *comunication research* ou *media research*. Dentro dessa corrente, os estudos sobre *newsmaking* tratam os meios de comunicação como emissores de mensagens socialmente produzidas. Na produção dessa mensagem, se refletem as rotinas produtivas dos profissionais jornalistas.

> O cotidiano é marcado por acontecimentos regionais, nacionais e internacionais. Muitos atingem diretamente à sociedade, desde um acréscimo no preço do tomate a uma grande catástrofe. Fatias extremamente consideráveis da população tomam conhecimento das notícias da sua cidade, da sua região, do seu país, bem como do resto do mundo, assistindo diariamente a um dos programas de jornalismo veiculados pelas emissoras de televisão existentes (SQUIRRA, 1989, p 11).

A difusão destes acontecimentos se dá por meio do que se denominou notícia. Mauro Wolf diz que notícia é tudo o que, tornado pertinente pela cultura profissional dos jornalistas, é suscetível de ser trabalhado como tal pelo aparato de produção, num processo que envolve por um lado uma cultura profissional forte e, por outro, restrições ligadas à própria organização do trabalho.

Desta forma, a notícia nasceu como principal produto dos meios de comunicação de massa. Mas de tempos em tempos a notícia foi tomando formas diferentes para se adequar ao meio em que é difundida. Cada mídia desenvolveu característica própria e assim essa particularidade se estendeu também às notícias. Num plano geral poderíamos afirmar que a televisão é caracterizada pela agilidade, o rádio pela instantaneidade, o jornal impresso pela análise e pelo detalhamento, e a Internet pela interatividade e capacidade de armazenamento de dados.

É notável que entre o tratamento que a notícia recebe em cada meio, como o espaço e o tempo, elegem-se também valores-notícia para definir a hierarquia dos fatos em sua apresentação final. Wolf chama de noticiabilidade o conjunto de elementos com os quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos para selecionar as notícias. Segundo Wolf, os valores dados às

---

48 Termo em inglês Termo em inglês: *news* = notícia + *making* = fazendo. A teoria pode ser traduzida como teoria da produção da notícia ou feitura da notícia.

notícias denominados valores-notícia (*news value*) são componentes dessa noticiabilidade, que tem o objetivo de permitir a definição de que fatos serão noticiados pelo veículo (WOLF, 1995, p. 175).

Neste propósito, os meios de comunicação atribuem valores-notícia aos fatos como critérios de seleção de notícias. Muitos autores explicam que atribuir valores às notícias é uma forma de rotinizar a produção como em uma fábrica, assim, a notícia pode ser estudada como uma produção industrial. A teoria que aponta a produção de notícia como indústria cultural explica que o jornalismo foi consolidado pelo capitalismo. Considerando esse aspecto, as notícias são produzidas para serem vendidas, tendo que atender às exigências do 'consumidor', que procura adquirir informações que lhe ofereça algum benefício. Entre os mais comuns estão a novidade e a atualidade.

Mauro Wolf cita quatro critérios que designam os valores-notícia, considerados pelos meios de comunicação: "As características substantivas das notícias: ao seu conteúdo; a disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; ao público; a concorrência;" (idem, p. 179).

Ao avaliar a noticiabilidade de uma informação, os jornalistas submetem o fato aos critérios substantivos derivados dos quatros critérios que Wolf cita:

I - **O grau e o nível hierárquico dos envolvidos no acontecimento noticiável** (WOLF, 1995, p. 180, grifo do autor), quanto mais envolvimento com pessoas, instituições e países de elite o fato tiver, mais noticiável parece aos olhos do jornalista.

II - **O impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional** (idem, p. 181, grifo do autor), as técnicas jornalísticas consideram significativo um fato que diz respeito ao interesse do país. Mais comumente chamado de valor de proximidade, na linguagem jornalística, as informações que se referem "ao mundo do receptor da notícia" ganham importância porque remetem o receptor à uma noção da realidade que o cerca.

III - **Quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente) envolve** (idem, p. 182-183), a visibilidade é destacada como o principal valor ao noticiar um acidente que envolva muitas pessoas. Deve-se, no entanto, perceber a diferenciação de valores, muito bem exemplificada por Wolf de uma notícia em detrimento de outra como um acidente que ocorre nas proximidades envolvendo um limitado número de vítimas, que se torna mais noticiável que outro

acidente que envolve um número maior de vítimas, mas que ocorreu em um lugar mais longe, por exemplo.

IV - **Relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação** (idem, p.183, grifo do autor), são as notícias que têm continuidade, como é o caso das coberturas de campanhas políticas, votações de projetos importantes, as CPI's, muito comuns no Brasil.

Os valores-notícia servem para tornar possível a rotinização do trabalho jornalístico. Os valores-notícia asseguram a escolha entre um e outro assunto de forma que o profissional jornalista tenha como certa a decisão feita. No processo de produção da notícia, os valores-notícia ganham significados diferentes diante das mudanças que acontecem na esfera informativa.

A valoração é também o processo que irá definir se a informação recebida vai servir para a construção de uma matéria, se será uma nota simples, nota coberta ou se poderá se transformar numa série de reportagens.

3.2 O processo de seleção de notícias

A seleção de notícias por valoração acaba sendo representada pelo que os teóricos chamam de g*atekeeper*[49], elaborado inicialmente nos estudos de Kurt Lewin,

publicado em 1947, sobre as dinâmicas que agem no interior dos grupos sociais (WOLF, 1995, p.161) e ampliado no campo da teoria do jornalismo por David Manning White, que publicou na revista *"Journalism Quartely*", em 1950, o conceito que definia o jornalista como um selecionador de notícias (idem, p.162). A abordagem do estudo apresenta o termo originário do inglês, *gate* 'portão' e *keeper* 'porteiro', que Wolf traduz como 'selecionador' das notícias apresentadas ao público. Segundo os estudos de Lewin, "os *gates* são regidos por regras imparciais ou por um grupo (no poder) de tomar a decisão de 'deixar entrar' ou 'rejeitar' uma notícia" (WHITE apud TRAQUINA, 1999, p.142). Assim, o *gatekeeper* dá valores às notícias para facilitar a escolha do que vai entrar. "A comunicação de notícias é extremamente subjectiva e dependente de juízos de valor baseados na experiência,

[49] Teoria aplicada ao Jornalismo por David Manning White. Essa teoria define o jornalista como um aplicador de filtros para selecionar notícias, ele é o "porteiro", que só permite que entre algumas notícias.

atitudes e expectativas do *gatekeeper*" (idem, p.145). A utilização dos gates nas redações, se transforma em instrumento de controle social da informação:

> O *gatekeeping* no *mass media* inclui todas as formas de controle da informação, que podem estabelecer-se nas decisões acerca da codificação das mensagens, da seleção, da formação da mensagem ou das componentes (DONOHUE – TICHENOR – OLIEN, 1972, apud WOLF, 1995, p.163.)

O conceito é utilizado para estudar o sistema de filtragem de notícias instalado nos veículos de comunicação de massa. Para montar um noticiário, todo veículo organiza as rotinas de trabalho da redação em pelo menos três fases: captação de notícias, seleção e apresentação do produto jornalístico. Através do sistema de captação de notícias, as redações são abastecidas de um número considerável de informações que, posteriormente serão, ou não, dispostas ao público.

As notícias, em geral, chegam por meio das agências de notícias, das fontes dos produtores, das assessorias de imprensa. Para definir que notícias deverão compor o noticiário, os veículos fazem diversos níveis de filtragens, dependendo de aspectos como o número de informações, número de pessoas para quem a notícia será mostrada, aspectos políticos, religiosos e outras particularidades.

A importância da notícia é geralmente julgada de acordo com a sua abrangência, isto é, segundo o universo de pessoas às quais pode interessar. Ao chegar à redação, as informações passam por uma avaliação, podendo ser submetidas ao julgamento de vários profissionais, desde o produtor ao editor do telejornal. A seleção de notícias é necessária porque é comum nos modelos adotados em jornalismo impresso a falta de espaço para se noticiar todas as informações disponíveis.

Nesse sentido o tal *continuum/ degradé* representado pela emergência dos blogs no plano jornalístico se diferencia, na medida em que nos blogs até se usam como critério a tal verificação de abrangência do tema, quando vemos, por exemplo, que o mesmo tema é publicado tanto no impresso quanto no blog, mas o tratamento dado é diferente no que se refere ao aprofundamento possibilitado pelo não limite de espaço que os blogs têm a seu favor. Pelo menos isso é colocado como um potencial a ser utilizado no plano do webjornalismo praticado nos blogs, o aprofundamento possibilitado pela não interferência de limites de espaço. Mas não é o que de fato se verifica nos blogs analisados no que se refere ao tratamento da

extensão das notícias, nem sempre o aprofundamento se dá no plano de aumento de caracteres, mas sim pela forma de hiperlinks ou às vezes este aprofundamento proclamado nem ocorre de fato, no blog encontra-se apenas a repetição de informações publicadas no jornal, variando apenas a forma da escrita que é mais pessoal e com itens reflexivos escritos na primeira.

Para melhor ilustrar isso, apresento um exemplo. No dia 1º de Agosto de 2007, Fernando Rodrigues trata do mesmo tema tanto em sua coluna no Jornal Folha de S. Paulo, quanto em seu blog no Portal UOL. O tema tratado é o acidente com o avião da TAM ocorrido no dia 17 de julho de 2007 em São Paulo, no qual 199 pessoas morreram na explosão do avião no aeroporto de Congonhas.

São Paulo, quarta-feira, 01 de agosto de 2007 FOLHA DE S.PAULO cotidiano

Próximo Texto | Índice

Caixa-preta do Airbus indica falha de piloto

Computador registrou falhas na operação da alavanca de aceleração das turbinas; hipótese de erro mecânico não está descartada

Sem controle, o piloto tentou parar o avião pressionando os dois pedais à sua frente, freando os pneus do trem de pouso

FERNANDO RODRIGUES
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

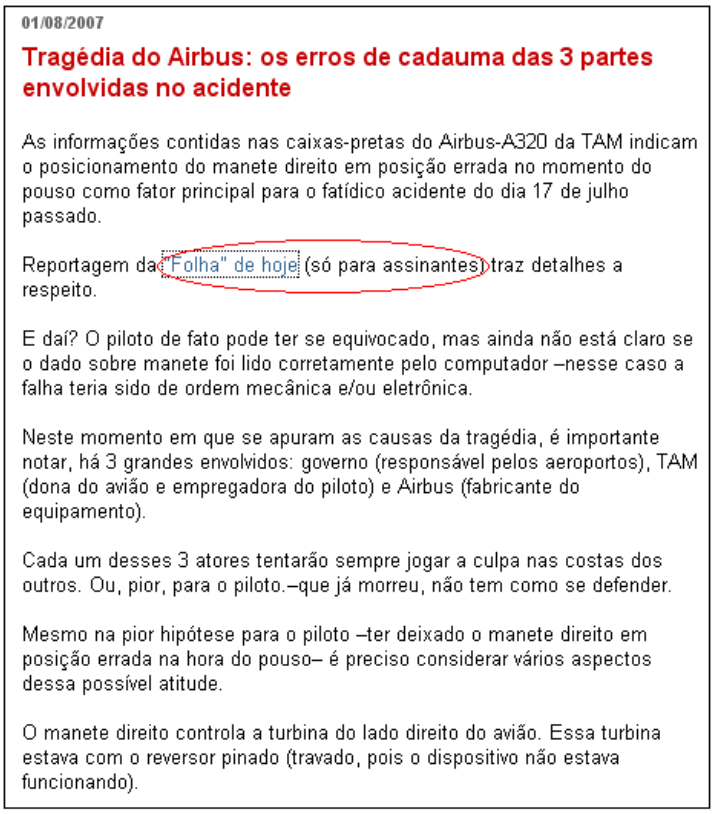
A caixa-preta do Airbus-A320 da TAM que caiu em São Paulo no dia 17 indica que houve erro do piloto na operação da alavanca de aceleração das turbinas, além de captar o desespero dos pilotos em tentar frear o avião no solo. Embora menos provável, uma pane no computador do avião também não pode ser descartada, isoladamente ou em conjunto com o provável erro humano.
A Folha teve acesso aos dados, que chegaram ontem ao Congresso em um CD-ROM com cerca de 60 arquivos de dados e áudio.

Imagem 6- Parte da Coluna de Fernando Rodrigues na Folha de S. Paulo no dia 01/08/2007

Fonte: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0108200701.htm

Em sua coluna na Folha de S. Paulo, ele trata do assunto no estilo clássico se utilizando de lead e pirâmide invertida na estruturação do texto, como é possível visualizar na imagem anterior. Em sua coluna ele elabora um relato com 5.718 caracteres, 956 palavras e 86 linhas e o texto é construído de forma direta e objetiva sem questionamentos reflexivos, seguindo uma lógica pretendida de objetividade narrativa.

Já em seu blog ele traz uma postagem de mesmo tema, contendo 3.078 caracteres, 505 palavras e 60 linhas.



01/08/2007

Tragédia do Airbus: os erros de cadauma das 3 partes envolvidas no acidente

As informações contidas nas caixas-pretas do Airbus-A320 da TAM indicam o posicionamento do manete direito em posição errada no momento do pouso como fator principal para o fatídico acidente do dia 17 de julho passado.

Reportagem da "Folha" de hoje (só para assinantes) traz detalhes a respeito.

E daí? O piloto de fato pode ter se equivocado, mas ainda não está claro se o dado sobre manete foi lido corretamente pelo computador –nesse caso a falha teria sido de ordem mecânica e/ou eletrônica.

Neste momento em que se apuram as causas da tragédia, é importante notar, há 3 grandes envolvidos: governo (responsável pelos aeroportos), TAM (dona do avião e empregadora do piloto) e Airbus (fabricante do equipamento).

Cada um desses 3 atores tentarão sempre jogar a culpa nas costas dos outros. Ou, pior, para o piloto.–que já morreu, não tem como se defender.

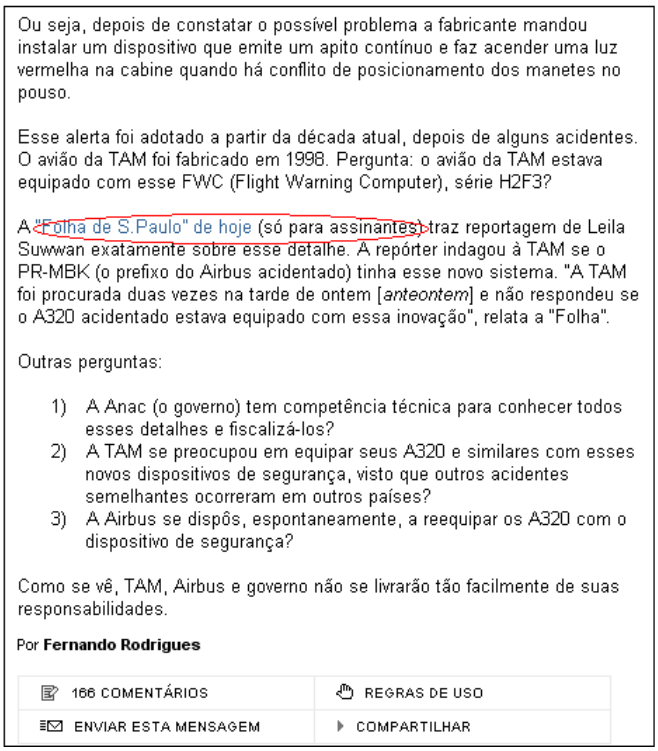
Mesmo na pior hipótese para o piloto –ter deixado o manete direito em posição errada na hora do pouso– é preciso considerar vários aspectos dessa possível atitude.

O manete direito controla a turbina do lado direito do avião. Essa turbina estava com o reversor pinado (travado, pois o dispositivo não estava funcionando).

Imagem 7- Postagem no Blog de Fernando Rodrigues no dia 01/08/2007 (Parte inicial)

Fonte: http://uolpolitica.blog.uol.com.br

Em termos de extensão ele é mais sintético do que no jornal, mas em termos de aprofundamento, no blog ele traz duas referências através de links complementares, um deles ao texto de sua própria coluna através de link direcionando o leitor para a versão on-line do texto publicado no jornal impresso; e outro link a uma reportagem complementar, de outra autoria, sobre o assunto do acidente em questão, (como é possível ver destacado na imagem a seguir). Mas vale salientar que tal possibilidade de complementação não é para todo o público leitor do blog, este recurso restrito é disponível apenas para os assinantes do portal UOL ou Folha de S. Paulo.



Ou seja, depois de constatar o possível problema a fabricante mandou instalar um dispositivo que emite um apito contínuo e faz acender uma luz vermelha na cabine quando há conflito de posicionamento dos manetes no pouso.

Esse alerta foi adotado a partir da década atual, depois de alguns acidentes. O avião da TAM foi fabricado em 1998. Pergunta: o avião da TAM estava equipado com esse FWC (Flight Warning Computer), série H2F3?

A "Folha de S.Paulo" de hoje (só para assinantes) traz reportagem de Leila Suwwan exatamente sobre esse detalhe. A repórter indagou à TAM se o PR-MBK (o prefixo do Airbus acidentado) tinha esse novo sistema. "A TAM foi procurada duas vezes na tarde de ontem [*anteontem*] e não respondeu se o A320 acidentado estava equipado com essa inovação", relata a "Folha".

Outras perguntas:

1) A Anac (o governo) tem competência técnica para conhecer todos esses detalhes e fiscalizá-los?
2) A TAM se preocupou em equipar seus A320 e similares com esses novos dispositivos de segurança, visto que outros acidentes semelhantes ocorreram em outros países?
3) A Airbus se dispôs, espontaneamente, a reequipar os A320 com o dispositivo de segurança?

Como se vê, TAM, Airbus e governo não se livrarão tão facilmente de suas responsabilidades.

Por **Fernando Rodrigues**

166 COMENTÁRIOS | REGRAS DE USO
ENVIAR ESTA MENSAGEM | COMPARTILHAR

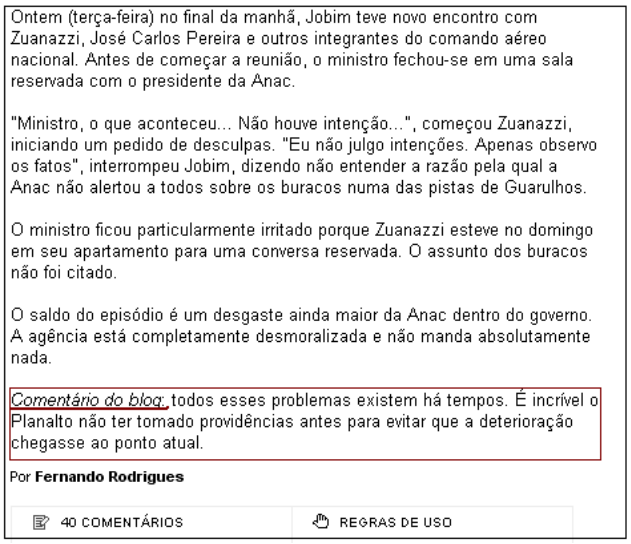
Imagem 8- Postagem no Blog de Fernando Rodrigues no dia 01/08/2007 (parte final)

Fonte: http://uolpolitica.blog.uol.com.br/arch2007-07-29_2007-08-04.html

Outro dado a destacar, é que no mesmo dia, em seu blog, Fernando Rodrigues postou outras duas vezes. Num dos post ele faz um apanhado daquilo que denomina de 'O drive político do dia 1º de agosto", no qual ele sintetiza os principais assuntos do dia numa espécie de resumo das manchetes que durante o dia devem virar notícia nos telejornais. Esta prática em se blog é comum, no início de toda semana ele faz esta enumeração de fatos e decisões importantes que serão pauta de debate político, nomeando tais posts de '**O drive político da semana'** e em dias especiais, ele enumera tal lista de forma mais correspondente ao dia em questão.

E no outro post do dia, ele traz um aprofundamentos no processo noticioso da temática em questão. Traz uma notícia sobre os desdobramentos e repercussão das investigações sobre tal acidente e os bastidores das medidas políticas adotadas em detrimento a pressão da opinião pública. Nesta postagem em questão, ele traz um relato de uma reunião da Anac (Agência Nacional de Aviação Civil), com a cúpula do Ministério da Defesa e do Palácio do Planalto, e ao final de seu relato, separa aquilo que seria a informação de sua opinião, criando na postagem um parágrafo a parte intitulado **"Comentário do blog".** Neste parágrafo ele emite sua opinião

abertamente, fazendo questionamentos e críticas incisivas ao ‘planalto central’. Como é possível visualizar no fragmento em destaque a seguir.



Ontem (terça-feira) no final da manhã, Jobim teve novo encontro com Zuanazzi, José Carlos Pereira e outros integrantes do comando aéreo nacional. Antes de começar a reunião, o ministro fechou-se em uma sala reservada com o presidente da Anac.

"Ministro, o que aconteceu... Não houve intenção...", começou Zuanazzi, iniciando um pedido de desculpas. "Eu não julgo intenções. Apenas observo os fatos", interrompeu Jobim, dizendo não entender a razão pela qual a Anac não alertou a todos sobre os buracos numa das pistas de Guarulhos.

O ministro ficou particularmente irritado porque Zuanazzi esteve no domingo em seu apartamento para uma conversa reservada. O assunto dos buracos não foi citado.

O saldo do episódio é um desgaste ainda maior da Anac dentro do governo. A agência está completamente desmoralizada e não manda absolutamente nada.

Comentário do blog: todos esses problemas existem há tempos. É incrível o Planalto não ter tomado providências antes para evitar que a deterioração chegasse ao ponto atual.

Por **Fernando Rodrigues**

40 COMENTÁRIOS REGRAS DE USO

Imagem 9- Fragmento de Postagem no Blog de Fernando Rodrigues no dia 01/08/2007

Fonte: http://uolpolitica.blog.uol.com.br

Josias de Souza também se aproveita do vínculo de seu blog ao portal UOL e Folha On-line para trazer em seus posts links complementares, mas da mesma forma que Fernando Rodrigues, tais links são restritos a assinantes pagos destes serviços.

Nunca na história desse país a administração pública foi tão democrática e igualitária. Os (muitos) servidores medíocres têm o mesmo reconhecimento dos (pouquíssimos) funcionários talentosos. Vem daí que, nesta sexta-feira (20), a Aeronáutica condecorou com a medalha "Mérito Santos Dumont" quatro dirigentes da inservível ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil).

Mercê dos "destacados serviços" prestados à aviação, foram agraciados, por exemplo, Milton Zuanazzi e Denise Abreu, respectivamente presidente e vice-presidente da ANAC. Coube ao vice-presidente José Alencar espetar a medalha no torso da dupla.

Ouviu-se durante a cerimônia um barulhinho incômodo. Era Santos Dumont revirando no túmulo. São desconhecidos da sociedade os serviços prestados à aviação por Zuanázzi e Denise. Aliás, desconhece-se a utilidade da própria ANAC. Vão abaixo, por oportunas, duas notas veiculadas na coluna de Mônica Bergamo (assinantes da *Folha*):

Imagem 10- Postagem no blog de Josias de Souza no dia 20/07/2007

Fonte: http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br

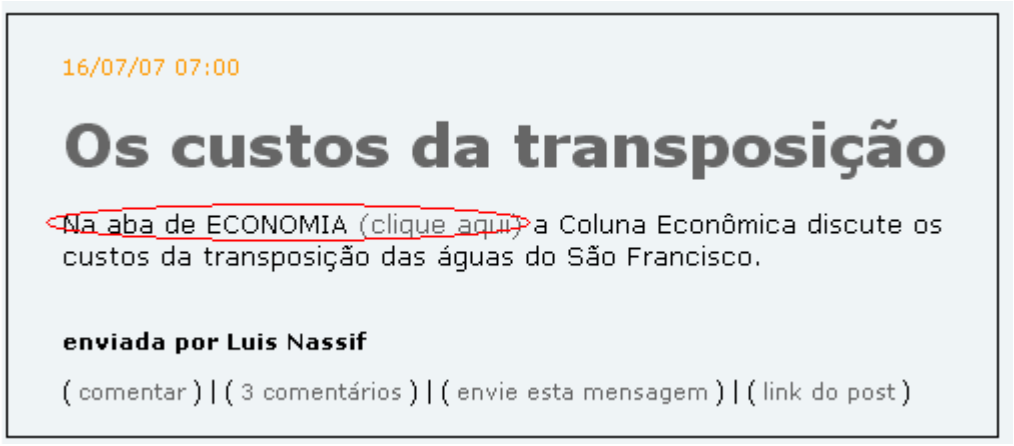
Estes exemplos são extraídos em dias aleatórios, e no caso do post de Fernando Rodrigues citado este se vincula a uma data fora da amostra coletada para a análise dos valores-notícias, mas ambos demonstram de forma evidente os

apontamentos em discussão. Por todo o arquivo e histórico das postagens dos blogs analisados, é possível verificar o uso de tentativas de aprofundamentos noticiosos ou reflexões, as vezes pelo uso de vídeos, imagens e charges como é o caso do blog de Josias de Souza.

Imagem 11- Postagem do Blog de Josias de Souza 16/07/2007 : Exemplo de uso de Charge

Fonte: http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br

Como também pelo uso de *links* internos no blog para seções especiais que geralmente remetem a postagens explicativas, isso é muito comum no blog Luís Nassif, ou de retro-alimentação e hiperlinks entre o impresso e o digital, como bem faz Fernando Rodrigues. É curioso verificar que as postagens de Luís Nassif fazem o caminho inverso muitas vezes, estas são publicadas em jornais impressos em formato de coluna de resumo da política nacional, um dos jornais que publicam estes posts curiosamente é o 'Jornal da Cidade', da cidade de Bauru. Em tal espaço é possível ver expresso a fonte de tais informações, constando o endereço do blog em questão.


16/07/07 07:00

Os custos da transposição

Na aba de ECONOMIA (clique aqui) a Coluna Econômica discute os custos da transposição das águas do São Francisco.

enviada por Luis Nassif

(comentar) | (3 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)

Imagem 12- Postagem do blog de Luís Nassif: Exemplo de uso de link interno

Josias de Souza em seu blog tem o costume de uma prática seletiva de notícias, na qual muitas vezes na semana em algumas postagens ele lista as manchetes dos principais jornais da mídia impressa brasileira, uma espécie de g*atekeeper* da mídia nacional.

As manchetes deste sábado

- **Folha**: Governo limita uso de Congonhas
- **Estadão**: S. Paulo terá 3º aeroporto e Congonhas, menos vôos
- **Globo**: Após dez meses, sai pacote para a segurança aérea
- **Correio**: Lula, enfim, promete desafogar congonhas
- **Valor**: Presidente anuncia hoje pacote para o setor aéreo
- **Jornal do Commercio**: Morre ACM

Leia os destaques de capa dos principais jornais.

Escrito por Josias de Souza às 09h28

Comentários (77) | Enviar por e-mail | Permalink #

Imagem 13- Postagem no blog de Josias de Souza no dia 21/07/2007

Fonte: http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br

Após tal visualização é possível apurar que ao contribuir para o corte e focalização dos acontecimentos que serão transformados em notícia, o suporte da Internet coloca nas mãos dos jornalistas a possibilidade de obter rapidamente a informação necessária para complementar suas matérias, contribuindo para contextualização e aprofundamento dos temas abordados. Mas por outro lado, esse

procedimento traz implícito também a padronização do conteúdo porque é comum o uso freqüente das mesmas fontes. Todos bebem da mesma fonte na hora de compor seu noticiário, reproduzindo o mesmo discurso.

Muito da tendência à homogeneização deve-se ao comportamento dos jornalistas de atribuírem maior grau de credibilidade às agências de noticias oriundas da mídia tradicional. A concentração da informação nas mãos de poucos persiste até mesmo num campo de informação e comunicação por natureza livre e plural. É claro que o fato de tais blogs estarem hospedados em portais vinculados a uma tradição midiática jornalística no impresso (Blog de Fernando Rodrigues e Josias de Souza), ou quando não, como no caso do portal IG, o blogueiro em questão possui um trânsito biográfico que o vincula a tradicionalidade. E isso é refletido nas fontes utilizadas ou no material de apoio complementar, muitas vezes sendo do próprio portal ou de agências e veículos tradicionais. Na postagem a seguir, extraída do blog de Luís Nassif, é possível verificar esta referência de embasamento.

Sobre a culpa do piloto

Márcio Aith, da "Veja", um dos autores da reportagem de capa desta semana sobre o acidente com o Airbus da TAM - é repórter sólido. Quando seus textos não sofrem as alterações amalucadas dos diretores de redação Eurípedes Alcântara e Mário Sabino - como no samba do crioulo doido sobre as supostas contas de homens do governo no exterior - produz matérias consistentes.

Mesmo assim, a capa está mais parecendo uma aposta em uma das versões do que fundada em dados comprovados.

O Tonico Ferreira, do "Jornal Nacional", fez uma boa matéria sobre as hipóteses prováveis. Uma das mais consistentes é justamente essa do piloto ter acionado de maneira errada os manetes. No meio da semana, aliás, foi a hipótese mais ventilada, inclusive depois da Airbus ter soltado um comunicado reforçando os procedimentos a serem adotados com o manete, quando um dos reversos está parado.

Mas ainda é uma hipótese. Antes de se condenar o piloto morto, há que se entender o que o levou ao erro. Pode ter sido um descuido, manejando o avião como se os dois reversos estivessem funcionando - o que mostra a gravidade de voar com um aparelho sem um reverso, já que altera completamente o modo com que os pilotos foram condicionados a pousar. Mas pode ter sido um sinal errado do sistema de computação.

Segundo o IN, só a degravação da caixa preta poderá elucidar o caso.

Imagem 14- Postagem do blog de Luís Nassif em 28/07/2007

Fonte: http://www.projetobr.com.br

A Internet contribui para moldar crescentemente as formas como se vive e experimenta a produção da notícia. O que mudou foram os horizontes desse mundo e os paradigmas da sua experiência perceptiva. É na relação diária com a Internet que os jornalistas aprendem sobre dessa natureza tecnológica, a manusear seus

recursos para obter informação. Os jornalistas não só aprendem, mas são afetados por ela. Esse conhecimento transcende ao nível operacional de entrar e extrair da rede. Envolve a forma de construção do conhecimento a partir dessa experiência diária. Nesse aprendizado acaba por constituir novas formas de percepção do mundo e do processo comunicativo.

Na sociedade da informação não se imagina mais o aprendizado em cima de saberes estáveis, herdados pela tradição. A forma é do saber-fluxo, por natureza caótico e sujeito a flutuações. São mutações cognitivas igualmente velozes, às vezes pouco perceptíveis, que ocorrem no ambiente da redação jornalística, cujos sinais podem ser evidenciados no modo como os jornalistas começam a interagir com a rede.

A questão a saber é até que ponto as transformações em curso contribuem para minar os fundamentos do jornalismo defendidos na cultura profissional. O fundamento histórico do jornalismo está no conhecimento da realidade, na apuração dos fatos e na apresentação de narrativa correta, crível, isenta de opinião e de parcialidades. Cabe aos jornalistas a verificação dos fatos por meio de levantamento de dados junto às fontes. As notícias não aparecem de forma natural, mas se fazem como conseqüência da vontade humana, da história, das circunstâncias sociais das instituições e das convenções da profissão, e agora também sob influência dessa tecnologia da informação e de seus recursos. “A Internet, com seus valores e lógica comunicativa, notabiliza-se por se transformar numa das formas de conhecimento da realidade para o jornalismo”. (BIANCO, 2002, on-line)

Ao conviver com outras formas de conhecimento da realidade, os jornalistas percebem os valores que guiam a seleção dos acontecimentos a partir de uma nova referencialidade. Van Dijik (1990) aponta correspondência entre os valores jornalísticos e a cognição social. Quer dizer os valores que guiam os jornalistas são reconhecidos pelo público como legítimos, porque fazem parte do conjunto dos processos mentais, de pensamento e da percepção social sobre o que é notícia. Quer dizer, os valores jornalísticos refletem os valores econômicos, sociais e ideológicos na reprodução do discurso sobre a sociedade através dos meios de comunicação.

Diante das mutações em curso é legítimo afirmar que os aspectos centrais do paradigma jornalístico estão conquistando nova referencialidade, baseada em valores culturais da sociedade informação, para a qual a matéria prima e força

motriz do sistema produtivo é a informação; onde as redes informatizadas são instrumentos de comunicação e ferramentas organizativas fundamentais, cujos efeitos atravessam e moldam todas as esferas da atividade humana; onde predomina a lógica da flexibilidade nos sistemas técnicos e organizacionais de modo a contribuir para sua integração e convergência mundial numa estrutura de comunicação em rede digital, interativa capaz de disponibilizar informação em grande escala e alta velocidade. É bem verdade que as mutações de valores baseados nessa referencialidade em construção ainda são pouco perceptíveis no presente, pois vivemos exatamente no período de apropriação e transição ou como já designamos anteriormente vivemos na interseção híbrida expressa entre o *continuum* e/ou *degradé.* E é um contexto ainda tão transitório que até mesmo o contexto pedagógico de formação do profissional de jornalismo ainda não se adequou as interferências em curso das novas tecnologias da informação e comunicação, o que traz a tona a reflexão de que é preciso construir uma filossofia de ensino para pensar o jornalismo na era digital. (RAMADAN, 2000).

Essa perspectiva, portanto nos leva romper com concepções lineares, de imaginar que da cultura oral à cultura digital vivemos eras de rupturas bruscas e totais, quando na verdade as transições se dão no contexto de formações culturais e períodos cumulativos de complexização, aquilo que Santaella (2003, p. 12) ressalva explicando que “uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalizações”.

Entretanto, na tão proclamada mutação em curso, tem-se a impressão que a mínima flutuação de nossa percepção visual, provoca rupturas na simetria do que se vê. Mas ao lançar o olhar sob esses fenômenos, como aqui os blogs, têm-se a impressão que faltam elementos de fato totalmente novos ou de ruputras, até porque se fechar nesta busca seria uma armadilha infértil, o que percebemos de fato são os tais reajustamentos e refuncionalizações ocorrendo no processo contínuo e acelerado de hibridização entre os meios. Por isso nos valemos agora de alguns critérios de análise provenientes de estudos do suporte analógico e impresso (TRAQUINA, 2005 e CHAPARRO, 2008) na tentativa de estruturar uma análise particular sobre os reais valores-notícias e gêneros que predominam nos blogs aqui estudados. Seguimos agora com esta análise.

3.3 Análise dos gêneros ciberjornalísticos e valores-notícia nos blogs.

Os blogs aqui analisados podem ser classificados como sendo canais nos quais prevalece o discurso abertamente opinativo, mas isso dentro de uma perspectiva híbrida já que também são informativos, na medida em que é praticamente impossível opinar sem informar, como já bem enfatizamos em discussões nas páginas anteriores. Reitero que são mais opinativos, pois prevalece nas postagens uma estrutura formal argumentativa que ultrapassa apenas uma suposta estrutura formal narrativa, muito característicos de formas noticiosas auto-proclamadas objetivas. Mas dentro da classificação proposta por Chaparro (2008), na qual ele reestrutura a bipolaridade Informação X Opinião em duas divisões o **'Gênero Comentário'**- formado pelas espécies argumentativas'' e 'espécies gráfico-artísticas' e o **'Gênero Relato'**- formado pelas 'espécies narrativas' e 'espécies práticas'.

Diante da verificação das postagens na semana escolhida - do dia 15 a 21 de julho de 2007, pode-se afirmar que é impossível quantificar com precisão o gênero e espécies dos posts na medida em que todos os posts mesclam características argumentativas e narrativas, sendo assim um mesmo post que poderia ser classificada de notícia também apresenta características do formato coluna ou artigo, dessa maneira tentar fazer tal quantificação seria infrutífero. Até mesmo posts que se utilizam como recurso o formato 'charge' e que por ventura poderiam ser classificados de espécies gráfico-artísticos, estão inseridos em posts contextualizados e vinculados a outras postagens noticiosas anteriores, e quase sempre estas charges trazem consigo comentários sintéticos expressos pelo título dado a elas, que expressam um direcionamento de opinião do *blogger*. Como por exemplo, podemos verificar em duas charges extraídas do blog de Josias de Souza.

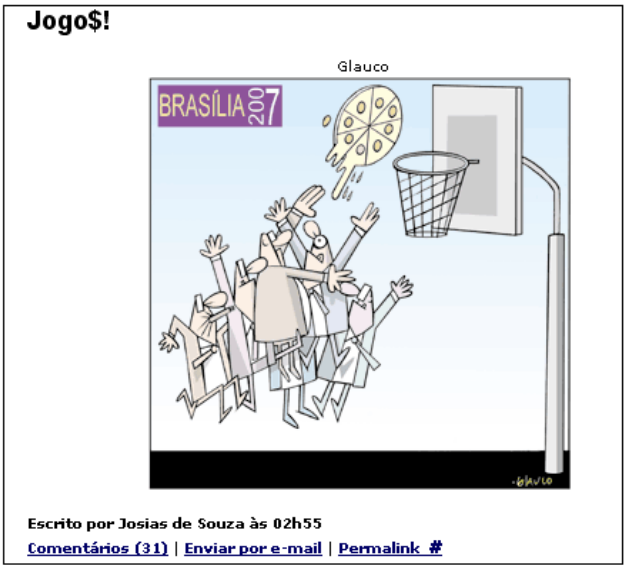


Imagem 15 – Exemplo de Charge publicada

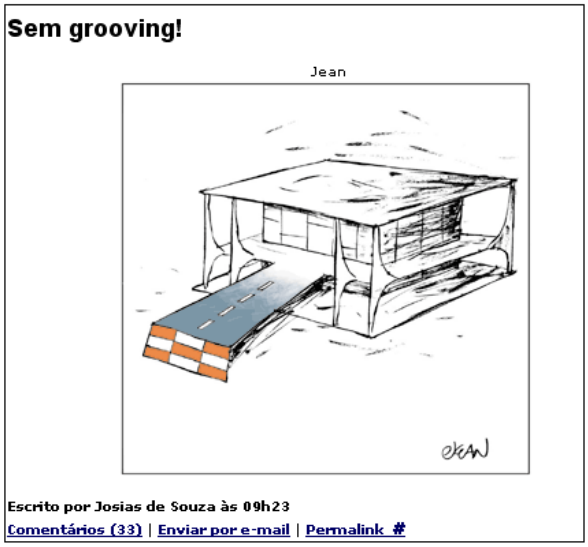


Imagem 16 - Exemplo de Charge publicada

Charges publicadas respectivamente nos dia 18 e 20/07/2007

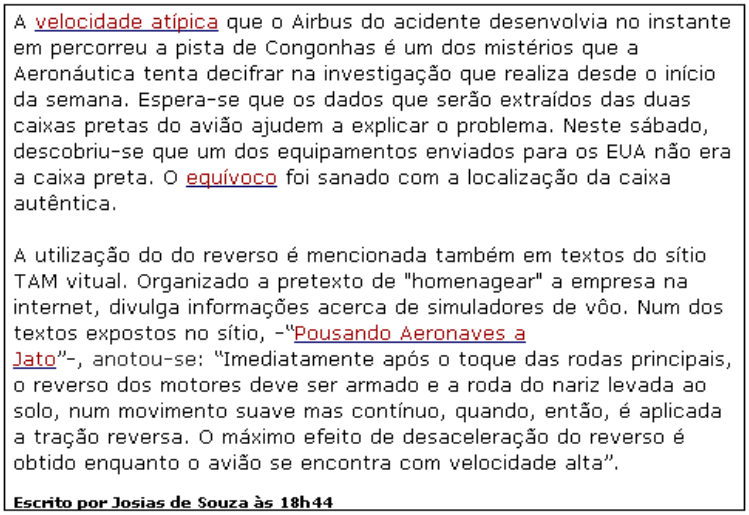
Fonte: http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br

Mas por mais inviável que seja tal quantificação e enquadramento de todos os posts em tais categorias de espécies, é possível afirmar que os três blogs em questão fazem prevalecer o uso em suas postagens, sobretudo de textos que se vinculam ao 'Gênero Comentário', (Artigo, Coluna e Charge), confirmando, aliás, a vocação do blog como espaço personalizado de autoria, no qual a emissão de juízos de valores e comentários é explícita.

No entanto, o blog ainda oferece essa mescla entre um subgênero do jornalismo opinativo e a notícia claramente vinculada ao seu caráter cotidiano, aliando-se, sobretudo a novidade da estruturação multilinear possibilitada pela

geometrização dos gêneros (BERTOCCHI, 2006) característica do texto hipertextual do webjornalismo que se diferencia dos tipos clássicos, apresentando modelos de leitura tridimensionais (hipertextuais) dentro de uma linguagem (multimídia).

Na imagem a seguir, extraída do blog de Josias de Souza, vemos a presença de 4 links (palavras sublinhadas) que remetem o leitor a possibilidade de interfaces complementares, localizadas no portal da Folha on-line e em sites técnicos.



A velocidade atípica que o Airbus do acidente desenvolvia no instante em percorreu a pista de Congonhas é um dos mistérios que a Aeronáutica tenta decifrar na investigação que realiza desde o início da semana. Espera-se que os dados que serão extraídos das duas caixas pretas do avião ajudem a explicar o problema. Neste sábado, descobriu-se que um dos equipamentos enviados para os EUA não era a caixa preta. O equívoco foi sanado com a localização da caixa autêntica.

A utilização do do reverso é mencionada também em textos do sítio TAM vitual. Organizado a pretexto de "homenagear" a empresa na internet, divulga informações acerca de simuladores de vôo. Num dos textos expostos no sítio, -"Pousando Aeronaves a Jato"-, anotou-se: "Imediatamente após o toque das rodas principais, o reverso dos motores deve ser armado e a roda do nariz levada ao solo, num movimento suave mas contínuo, quando, então, é aplicada a tração reversa. O máximo efeito de desaceleração do reverso é obtido enquanto o avião se encontra com velocidade alta".

Escrito por Josias de Souza às 18h44

Imagem 17- Post com presença de hipertexto do blog de Josias de Souza

Fonte: http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br

Em tal cenário, constatamos na amostragem selecionada, a seguinte quantificação de postagens:

- **36** posts no blog de Josias de Souza;
- **14** posts no blog de Fernando Rodrigues;
- **63** posts no blog de Luís Nassif.

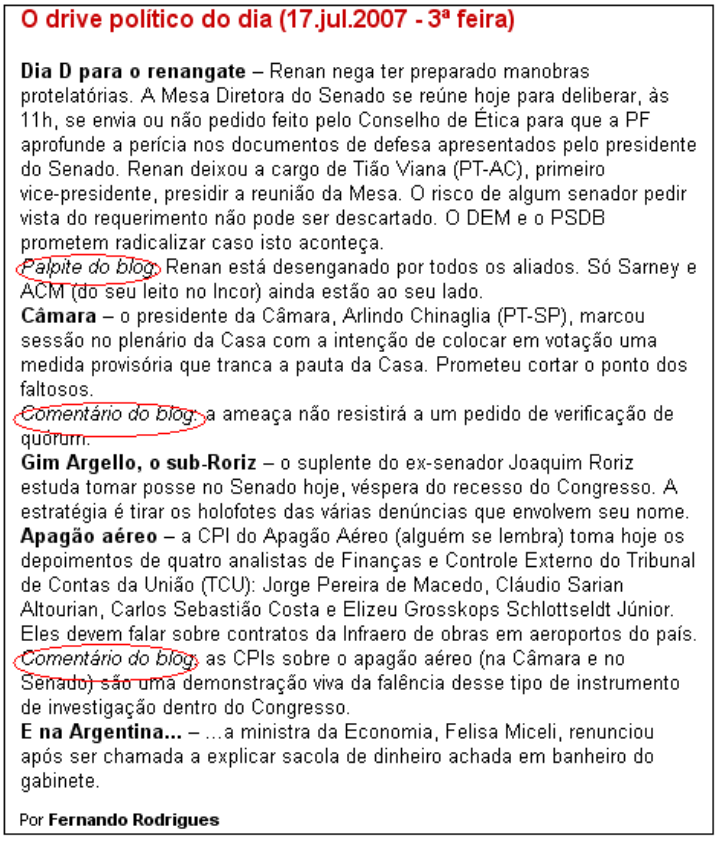
Estes posts variam desde breves notas de uma linha a extensas colunas com vinte e cinco parágrafos. O tamanho dos itens postados está explicitado na tabela a seguir:

Postagens	Blog Josias de Souza	Blog Fernando Rodrigues	Blog Luís Nassif
Breve (1 parágrafo)	**6 postagens**	**/**	**15 postagens**
2 a 5 parágrafos	**10 postagens**	**5 postagens**	**21 postagens**
6 a 10 parágrafos	**14 postagens**	**3 postagens**	**24 postagens**
11 a 15 parágrafos	**/**	**6 postagens**	**6 postagens**
15 a 25 parágrafos	**/**	**/**	**2 postagens**
Não aplicável (CHARGE)	**6 postagens**	**/**	**/**
TOTAL	**36**	**14**	**63**

Tabela 8-Caracterização do tamanho das postagens na semana do dia 15 a 21/07/2007

Tais blogs mantidos pelos colunistas políticos de grandes jornais, portanto, podem ser compreendidos como um gênero híbrido entre o jornalismo-de-opinião e a sua contraparte noticiosa. Na verdade, tais blogs se caracterizam como construções on-line mais subjetivas, voltadas para a criação artística ou para a crônica pessoal. Mesmo os blogs de opinião, nosso objeto neste trabalho, caracterizam-se pela espontaneidade e personalismo; enquanto diários públicos (CARVALHO, 2000), apresentam um dualismo provocativo entre a opinião particular e os artigos ou notas jornalísticas diárias, de acordo com a própria etimologia do termo, que remete à periodicidade diurna dos jornais.

Embora dois exemplos que seguem, demonstram como ainda é latente a idéia de que o informar e o opinar devem ser clarificados e separados, numa tentativa talvez de não cair na radicalidade do personalismo no qual tal fronteira entre informação e opinião, imaginada como necessária é solapada por uma busca de tentar não fundir informação e opinião. Fernando Rodrigues em seu blog apresenta em suas postagens uma divisão entre o que considera ser a notícia (informação) e o que considera ser sua (opinião- juízo de valor).

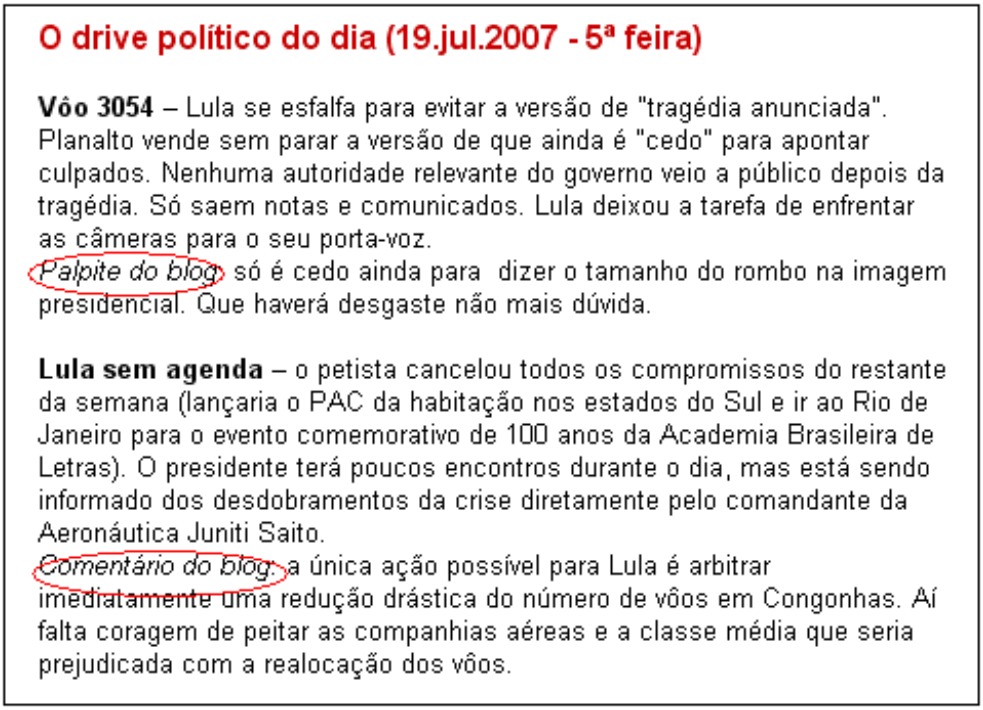


O drive político do dia (17.jul.2007 - 3ª feira)

Dia D para o renangate – Renan nega ter preparado manobras protelatórias. A Mesa Diretora do Senado se reúne hoje para deliberar, às 11h, se envia ou não pedido feito pelo Conselho de Ética para que a PF aprofunde a perícia nos documentos de defesa apresentados pelo presidente do Senado. Renan deixou a cargo de Tião Viana (PT-AC), primeiro vice-presidente, presidir a reunião da Mesa. O risco de algum senador pedir vista do requerimento não pode ser descartado. O DEM e o PSDB prometem radicalizar caso isto aconteça.
Palpite do blog: Renan está desenganado por todos os aliados. Só Sarney e ACM (do seu leito no Incor) ainda estão ao seu lado.
Câmara – o presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia (PT-SP), marcou sessão no plenário da Casa com a intenção de colocar em votação uma medida provisória que tranca a pauta da Casa. Prometeu cortar o ponto dos faltosos.
Comentário do blog: a ameaça não resistirá a um pedido de verificação de quórum.
Gim Argello, o sub-Roriz – o suplente do ex-senador Joaquim Roriz estuda tomar posse no Senado hoje, véspera do recesso do Congresso. A estratégia é tirar os holofotes das várias denúncias que envolvem seu nome.
Apagão aéreo – a CPI do Apagão Aéreo (alguém se lembra) toma hoje os depoimentos de quatro analistas de Finanças e Controle Externo do Tribunal de Contas da União (TCU): Jorge Pereira de Macedo, Cláudio Sarian Altourian, Carlos Sebastião Costa e Elizeu Grosskops Schlottseldt Júnior. Eles devem falar sobre contratos da Infraero de obras em aeroportos do país.
Comentário do blog: as CPIs sobre o apagão aéreo (na Câmara e no Senado) são uma demonstração viva da falência desse tipo de instrumento de investigação dentro do Congresso.
E na Argentina... – ...a ministra da Economia, Felisa Miceli, renunciou após ser chamada a explicar sacola de dinheiro achada em banheiro do gabinete.

Por **Fernando Rodrigues**

Imagem 18 – Postagem do blog Fernando Rodrigues dia 17 de Julho 2007



O drive político do dia (19.jul.2007 - 5ª feira)

Vôo 3054 – Lula se esfalfa para evitar a versão de "tragédia anunciada". Planalto vende sem parar a versão de que ainda é "cedo" para apontar culpados. Nenhuma autoridade relevante do governo veio a público depois da tragédia. Só saem notas e comunicados. Lula deixou a tarefa de enfrentar as câmeras para o seu porta-voz.
Palpite do blog: só é cedo ainda para dizer o tamanho do rombo na imagem presidencial. Que haverá desgaste não mais dúvida.

Lula sem agenda – o petista cancelou todos os compromissos do restante da semana (lançaria o PAC da habitação nos estados do Sul e ir ao Rio de Janeiro para o evento comemorativo de 100 anos da Academia Brasileira de Letras). O presidente terá poucos encontros durante o dia, mas está sendo informado dos desdobramentos da crise diretamente pelo comandante da Aeronáutica Juniti Saito.
Comentário do blog: a única ação possível para Lula é arbitrar imediatamente uma redução drástica do número de vôos em Congonhas. Aí falta coragem de peitar as companhias aéreas e a classe média que seria prejudicada com a realocação dos vôos.

Imagem 19 – Postagem do blog Fernando Rodrigues dia 19 de Julho 2007.

Contudo, de uma forma ou de outra, mesmo tais blogs vinculados a veículos da grande imprensa, representam uma mudança substantiva nas possibilidades interativas entre jornalista e leitor, uma vez que criam um ambiente opinativo, no qual o leitor é expressamente convidado a participar. Um blog que não suscite reações por parte dos leitores não é visto como bem sucedido. Aí, portanto, rompe-se, de certa maneira, a expectativa do jornalista como um intermediário autorizado que processa para o leitor as informações cotidianas e as torna inteligíveis para eles, situados que estariam em um degrau menos privilegiado na escala do conhecimento. No blog, a posição do jornalista, ao contrário, é humilde e subjetiva, pois depende do retorno dos leitores. Um blog que não provoque reações e comentários perde sua razão de ser. Assim, vemos os jornalistas iniciando comentários sobre fatos políticos com frases que convidam ao diálogo, como “eu não sei se vocês concordam, mas acho que...” ou encerrando as postagens com “ E aí?o Que acham?Tal recurso convidativo ao comentário se dá pelo oferecimento de links nos fins das postagens.

Imagem 20 - Aba para emissão de comentário nos blogs do portal UOL (Josias de Souza e Fernando Rodrigues).

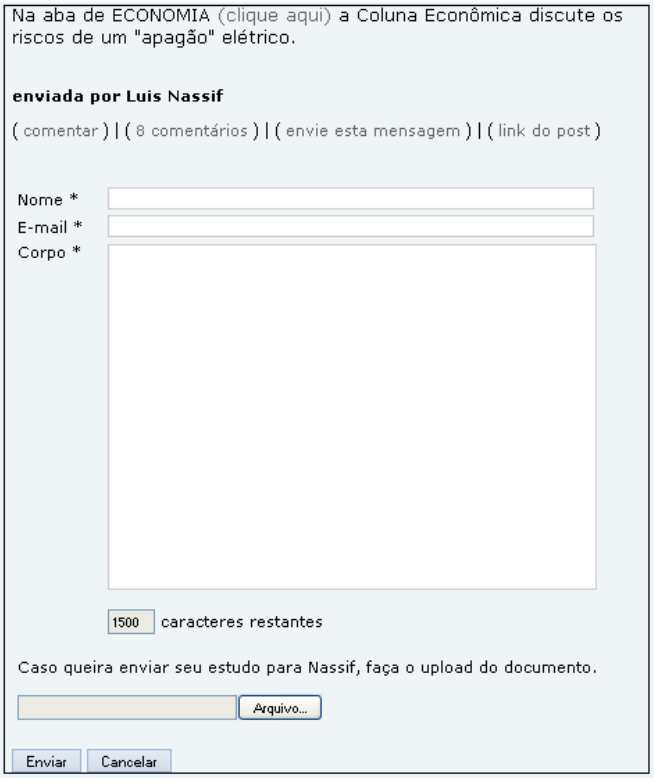


Imagem 21- Aba para emissão de comentário no blog de Luís Nassif

Os blogs vinculados ao Grupo Folha-UOL oferecem tais links para o comentário em uma nova janela que á aberta após o clique na opção ‘comentar’, nesta nova aba abre-se todos os comentários já escritos sobre o determinado post e logo na seqüência um formulário que oferece ao potencial comentador um limite de 1000 caracteres. Já o blog de Luís Nassif, traz a opção do comentário na própria página da postagem, ao se acessar a opção ‘comentar’ o formulário com limite de 1500 caracteres aparece na seqüência do post a ser comentado.

Os três blogs que analisamos, possuem uma quantidade diária de comentários significativos. Na semana escolhida como amostragem, o blog de Fernando Rodrigues registra uma média de comentários por posts que variam de 27 a 457 comentários num único post. Este post muito comentado é do dia 17 de julho de 2007, o dia em que ocorreu o acidente aéreo com o avião da TAM em São Paulo e o blog de Fernando depois de um pouco mais de três horas do fato ocorrido, foi um dos primeiros a veicular informações apuradas sobre as possíveis causas do acidente. O Blog de Josias de Souza registra uma média de comentários por post que variam de 12 a 918 comentários num único post, este último também referente a repercussões do acidente já mencionado. O blog de Luís Nassif é o que registra na média o menor número de comentários por posts variando de 8 a 248 comentários, mas isso tem uma relação direta ao fato de ser este o blog que apresenta o maior número de posts por dia, um exemplo, no dia 21/07/2007, um sábado, ele publicou 11 posts enquanto o blog de Josias de Souza publicou 3 posts e Fernando Rodrigues não publicou nada (algo que ocorre as vezes nos fins de semana, neste blog).

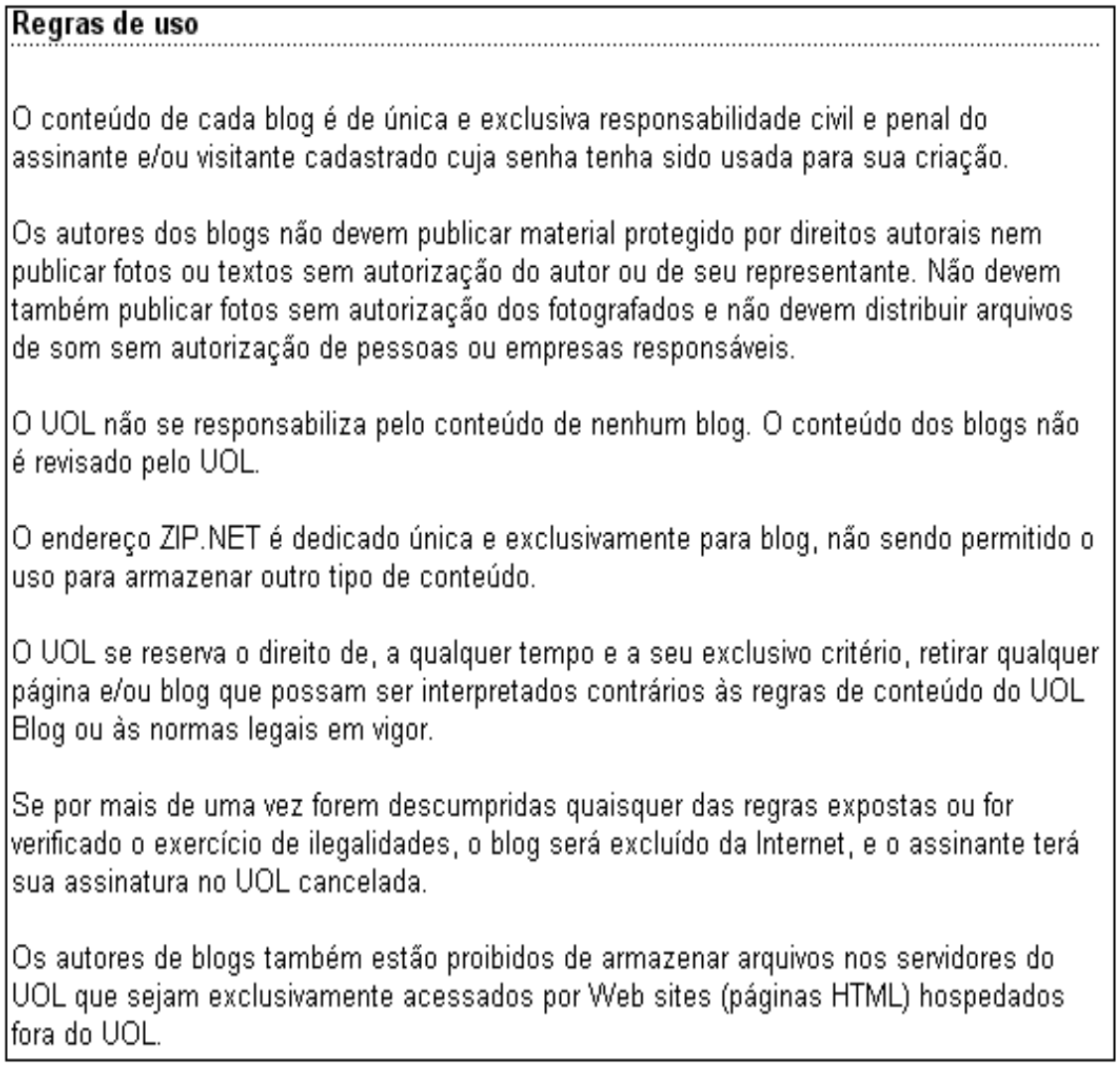
Até mesmo posts pequenos de uma linha ou as charges suscitam o caloroso debate interativo. Isso se vincula diretamente a algo já citado no capítulo anterior na discussão das mudanças em curso ocorridas com a emergência dos recursos da hipermídia (SANTAELLA, 2004) e aquilo que Bertocchi (2006) denominou de construção de gêneros coletivos.

Os blogs seriam por excelência implícita este suporte ao gênero coletivo. No contexto da emergência em curso de um novo tipo de ‘leitor imersivo’ (Santaella, 2005). Assim o blogger se vê diante de uma novidade, diferente da emissão individual da imprensa analógica que possibilita sim a interação, mas não a simultaneidade e rapidez de resposta e contra-reposta. Nesse sentido este caráter conversacional possibilitado gera uma predisposição a co-autoria.

> Os blogs de opinião são um formato jornalístico que ilustra esta possibilidade de interação: um espaço mais livre, pessoal e descompromissado que, no entanto, muitas vezes tem como titulares colunistas respeitados provenientes das páginas mais opinativas dos jornais. Os colunistas e seus leitores podem ser considerados parte de uma elite cognitiva, cujas explicações e atitudes diante do mundo público têm importante influência na circulação das expectativas e avaliações dos cidadãos sobre o governo e a política (ALDÉ, 2004).

Assim entendemos que uma mudança fundamental propiciada pela estrutura de informação em rede é a constituição de uma esfera pública renovada, ao menos potencialmente, pela pluralidade das possibilidades de emissão. Trata-se de um ambiente informativo denso, uma arena conversacional que reduz os custos da participação coletiva. Assim, os jornalistas, embora desempenhem papel importante na legitimação e difusão de temas e prioridades políticas, passam a participar de um espaço opinativo mais permeável à interação entre emissores ↔ receptores. Em termos de debate público, tal transformação tende a horizontalizar e pluralizar as relações de conhecimento e autoridade presentes na construção das opiniões e atitudes políticas dos cidadãos. Para Wilson Gomes, um dos elementos na definição contemporânea de *opinião pública* é a *opinião publicada*, isto é, a que circula publicamente. Os blogs desses jornalistas alçam os leitores a contribuintes nesse (ciber) espaço privilegiado de construção da opinião política. Também podem ser elementos do que ele chama de política de opinião, ou seja, os esforços intencionais, mais ou menos conscientes, dos diferentes atores políticos para entrar no debate público.

Mas é importante ressaltar que qualquer comentário escrito pelo leitor nestes blogs em estudo, antes de serem disponibilizado para visualização na aba dos comentários, passa por uma triagem dos gestores dos blogs, que se baseia em critérios pré-informados de restrições aos tipos de conteúdo nos comentários que devem seguir os preceitos e normas da legislação civil e, sobretudo o do senso de responsabilidade das informações comentadas. Como está visível nos quadros seqüentes.



Regras de uso

O conteúdo de cada blog é de única e exclusiva responsabilidade civil e penal do assinante e/ou visitante cadastrado cuja senha tenha sido usada para sua criação.

Os autores dos blogs não devem publicar material protegido por direitos autorais nem publicar fotos ou textos sem autorização do autor ou de seu representante. Não devem também publicar fotos sem autorização dos fotografados e não devem distribuir arquivos de som sem autorização de pessoas ou empresas responsáveis.

O UOL não se responsabiliza pelo conteúdo de nenhum blog. O conteúdo dos blogs não é revisado pelo UOL.

O endereço ZIP.NET é dedicado única e exclusivamente para blog, não sendo permitido o uso para armazenar outro tipo de conteúdo.

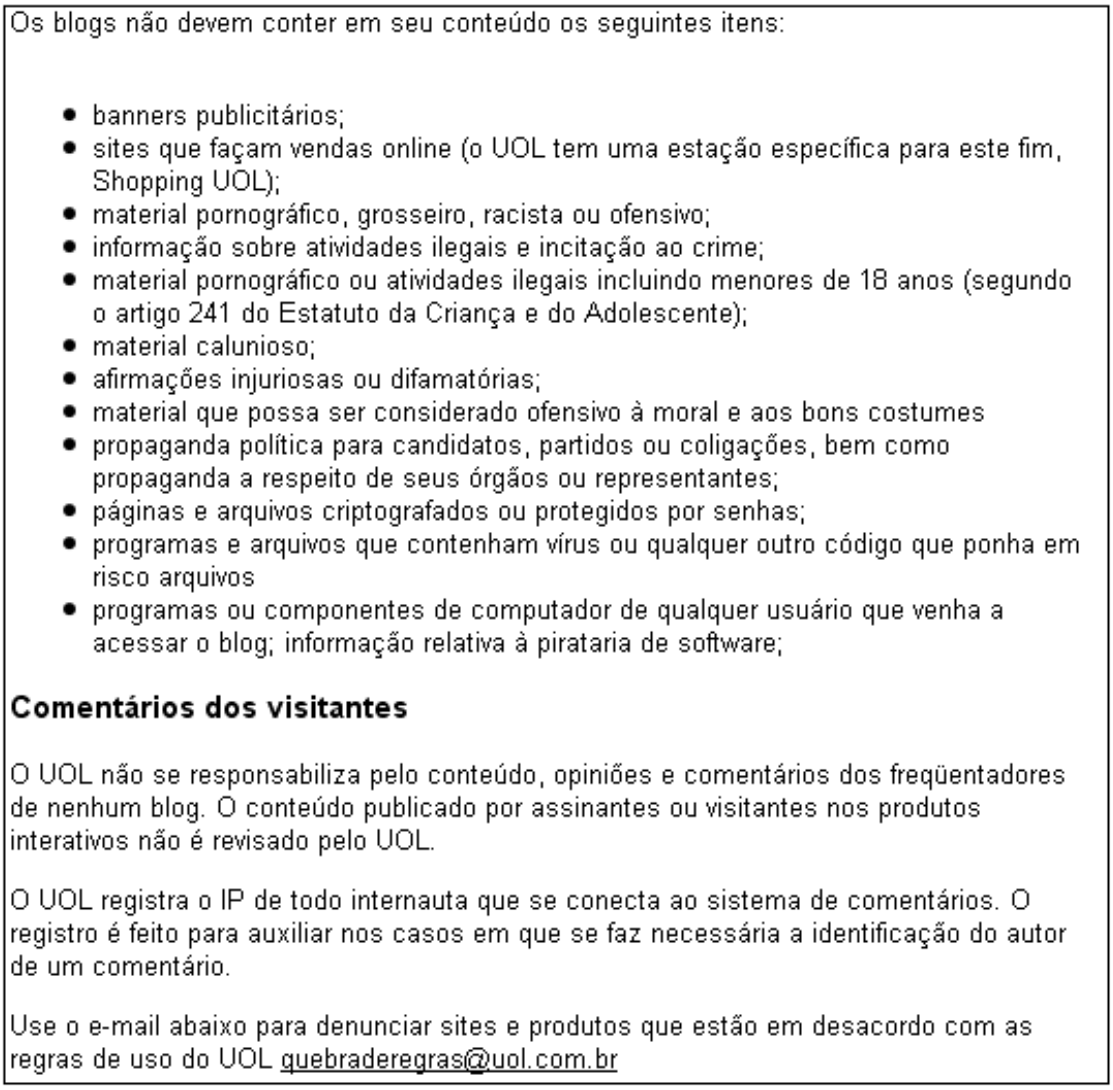
O UOL se reserva o direito de, a qualquer tempo e a seu exclusivo critério, retirar qualquer página e/ou blog que possam ser interpretados contrários às regras de conteúdo do UOL Blog ou às normas legais em vigor.

Se por mais de uma vez forem descumpridas quaisquer das regras expostas ou for verificado o exercício de ilegalidades, o blog será excluído da Internet, e o assinante terá sua assinatura no UOL cancelada.

Os autores de blogs também estão proibidos de armazenar arquivos nos servidores do UOL que sejam exclusivamente acessados por Web sites (páginas HTML) hospedados fora do UOL.

Imagem 22- Regras de uso dos blogs da redação do portal UOL

E ainda, é importante frisar que tal comentário para ser realizado, ele deve atender algumas regras, como por exemplo, não poder ser feito de forma anônima. O Portal UOL faz o alerta de que ‘registra o IP de todo internauta que se conecta ao sistema de comentários’, alegando que ‘tal registro é feito para auxiliar nos casos em que se faz necessária a identificação do autor de um comentário’. Como é visível no *banner* a seguir:



Os blogs não devem conter em seu conteúdo os seguintes itens:

- banners publicitários;
- sites que façam vendas online (o UOL tem uma estação específica para este fim, Shopping UOL);
- material pornográfico, grosseiro, racista ou ofensivo;
- informação sobre atividades ilegais e incitação ao crime;
- material pornográfico ou atividades ilegais incluindo menores de 18 anos (segundo o artigo 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente);
- material calunioso;
- afirmações injuriosas ou difamatórias;
- material que possa ser considerado ofensivo à moral e aos bons costumes
- propaganda política para candidatos, partidos ou coligações, bem como propaganda a respeito de seus órgãos ou representantes;
- páginas e arquivos criptografados ou protegidos por senhas;
- programas e arquivos que contenham vírus ou qualquer outro código que ponha em risco arquivos
- programas ou componentes de computador de qualquer usuário que venha a acessar o blog; informação relativa à pirataria de software;

Comentários dos visitantes

O UOL não se responsabiliza pelo conteúdo, opiniões e comentários dos freqüentadores de nenhum blog. O conteúdo publicado por assinantes ou visitantes nos produtos interativos não é revisado pelo UOL.

O UOL registra o IP de todo internauta que se conecta ao sistema de comentários. O registro é feito para auxiliar nos casos em que se faz necessária a identificação do autor de um comentário.

Use o e-mail abaixo para denunciar sites e produtos que estão em desacordo com as regras de uso do UOL quebraderegras@uol.com.br

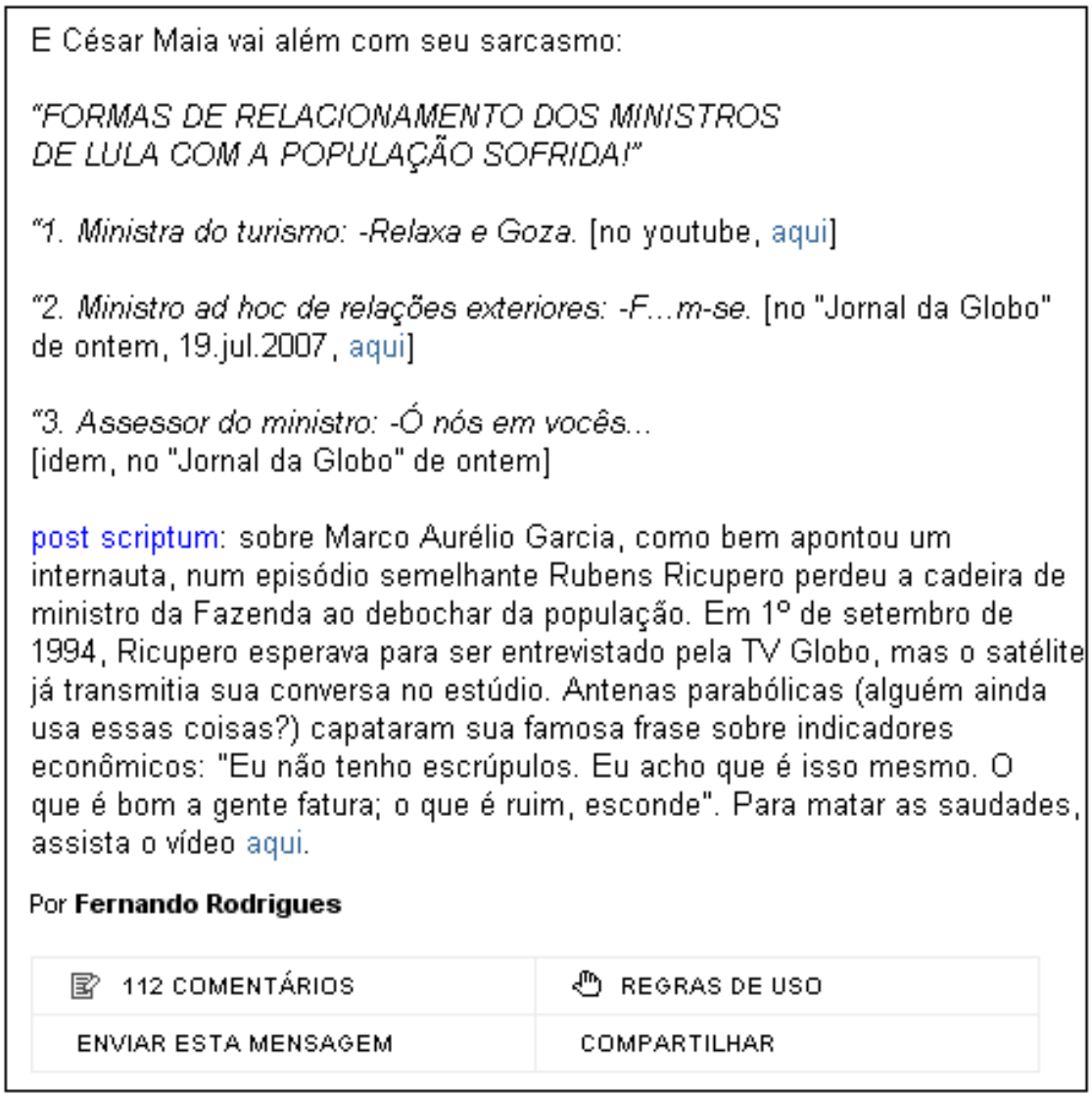
Imagem 23- Regras de uso dos blogs da redação do portal UOL

Fonte: http://blog.uol.com.br/stc/regras_idx.html

No entanto deveria haver um ceticismo preventivo, na medida em que poderia se correr o risco de ter publicado como comentários, apenas as opiniões que fazem eco daquilo que o jornalista pretende enfatizar, na tentativa de ganhar legitimidade pública ou repercussão de pontos de vista. Mas isso depende da conduta da autoria de cada blog, até mesmo porque esta triagem aparentemente não é feita apenas pelo próprio blogger e sim pelos gestores dos portais aos quais eles se vinculam. E nos blogs em questão, verificamos comentários que contradiriam esta idéia de manipulação da opinião publicizada na medida quem que são encontradas comentários divergentes e críticos muitas vezes ao ponto de vista expresso nos posts.

Numa análise da relação de co-autoria e *feedback* nos três blogs aqui tratados, percebemos que de fato esta interatividade existe e interfere em graus distintos nas postagens, principalmente quando norteiam uma relação de retro-alimentação entre posts e comentários que geram novas postagens como repostas ou até mesmo '*post scriptum'* corretivos ou complementares acrescentados em posts criticados e polemizados pelos leitores.

No post a seguir do Blog de Fernando Rodrigues é possível, entender como se dá esta interferência conversacional. Um comentário de um leitor gerou um '*pos scriptum'* complementar inserido no dia seguinte a data de escrita original do post, inclusive o leitor indica o link de um vídeo que é incorporado ao final da postagem.



E César Maia vai além com seu sarcasmo:

"FORMAS DE RELACIONAMENTO DOS MINISTROS DE LULA COM A POPULAÇÃO SOFRIDA!"

"1. Ministra do turismo: -Relaxa e Goza. [no youtube, aqui]

"2. Ministro ad hoc de relações exteriores: -F...m-se. [no "Jornal da Globo" de ontem, 19.jul.2007, aqui]

"3. Assessor do ministro: -Ó nós em vocês...
[idem, no "Jornal da Globo" de ontem]

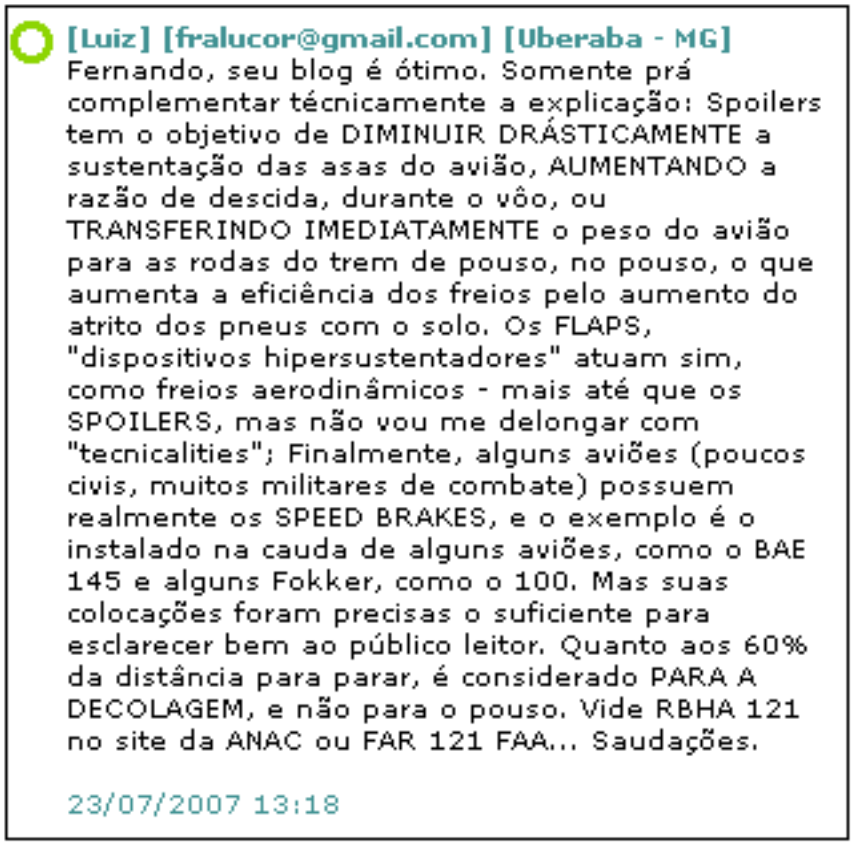
post scriptum: sobre Marco Aurélio Garcia, como bem apontou um internauta, num episódio semelhante Rubens Ricupero perdeu a cadeira de ministro da Fazenda ao debochar da população. Em 1º de setembro de 1994, Ricupero esperava para ser entrevistado pela TV Globo, mas o satélite já transmitia sua conversa no estúdio. Antenas parabólicas (alguém ainda usa essas coisas?) capataram sua famosa frase sobre indicadores econômicos: "Eu não tenho escrúpulos. Eu acho que é isso mesmo. O que é bom a gente fatura; o que é ruim, esconde". Para matar as saudades, assista o vídeo aqui.

Por **Fernando Rodrigues**

112 COMENTÁRIOS	REGRAS DE USO
ENVIAR ESTA MENSAGEM	COMPARTILHAR

Imagem 24- Parte de post do blog de Fernando Rodrigues dia 20/07/2007

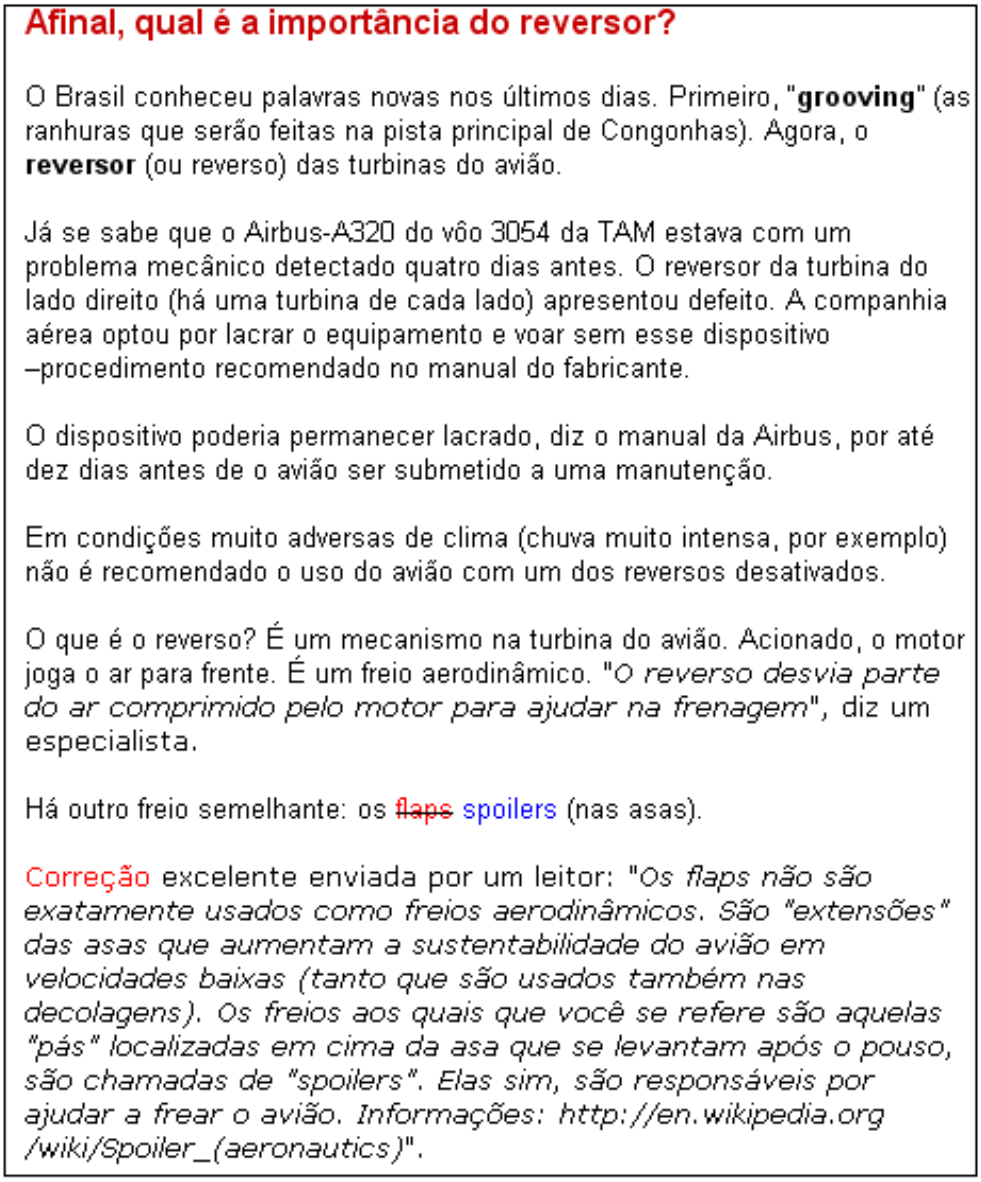
Este caráter conversacional é latente, e Fernando Rodrigues se utiliza desta relação com o leitor de forma interessante, na medida em que aceita até mesmo correções técnicas de suas postagens. Numa sugestão através de um comentário, um leitor mencionou a utilização de termos técnicos incorretos na postagem do dia 20/07/2007, referente as discussões sobre o acidente com o avião da TAM, e tão logo, Fernando Rodrigues incorporou tais correções ao seu post, deixando a possibilidade de visualização do erro e da correção realizada posteriormente.


[Luiz] [fralucor@gmail.com] [Uberaba - MG]
Fernando, seu blog é ótimo. Somente prá complementar técnicamente a explicação: Spoilers tem o objetivo de DIMINUIR DRÁSTICAMENTE a sustentação das asas do avião, AUMENTANDO a razão de descida, durante o vôo, ou TRANSFERINDO IMEDIATAMENTE o peso do avião para as rodas do trem de pouso, no pouso, o que aumenta a eficiência dos freios pelo aumento do atrito dos pneus com o solo. Os FLAPS, "dispositivos hipersustentadores" atuam sim, como freios aerodinâmicos - mais até que os SPOILERS, mas não vou me delongar com "tecnicalities"; Finalmente, alguns aviões (poucos civis, muitos militares de combate) possuem realmente os SPEED BRAKES, e o exemplo é o instalado na cauda de alguns aviões, como o BAE 145 e alguns Fokker, como o 100. Mas suas colocações foram precisas o suficiente para esclarecer bem ao público leitor. Quanto aos 60% da distância para parar, é considerado PARA A DECOLAGEM, e não para o pouso. Vide RBHA 121 no site da ANAC ou FAR 121 FAA... Saudações.

23/07/2007 13:18

Imagem 25- Comentário no blog de Fernando Rodrigues no dia 23/07/2007

Nesse sentido os comentários são valorizados, e interferem diretamente na construção das postagens, quebrando em certos aspectos com a hierarquia imposta entre um modelo unidirecional entre emissor e receptor. Exemplo dessa interferência possibilitada é visualizada no postagem apresentada a seguir.



Afinal, qual é a importância do reversor?

O Brasil conheceu palavras novas nos últimos dias. Primeiro, "**grooving**" (as ranhuras que serão feitas na pista principal de Congonhas). Agora, o **reversor** (ou reverso) das turbinas do avião.

Já se sabe que o Airbus-A320 do vôo 3054 da TAM estava com um problema mecânico detectado quatro dias antes. O reversor da turbina do lado direito (há uma turbina de cada lado) apresentou defeito. A companhia aérea optou por lacrar o equipamento e voar sem esse dispositivo –procedimento recomendado no manual do fabricante.

O dispositivo poderia permanecer lacrado, diz o manual da Airbus, por até dez dias antes de o avião ser submetido a uma manutenção.

Em condições muito adversas de clima (chuva muito intensa, por exemplo) não é recomendado o uso do avião com um dos reversos desativados.

O que é o reverso? É um mecanismo na turbina do avião. Acionado, o motor joga o ar para frente. É um freio aerodinâmico. "*O reverso desvia parte do ar comprimido pelo motor para ajudar na frenagem*", diz um especialista.

Há outro freio semelhante: os ~~flaps~~ spoilers (nas asas).

Correção excelente enviada por um leitor: "*Os flaps não são exatamente usados como freios aerodinâmicos. São "extensões" das asas que aumentam a sustentabilidade do avião em velocidades baixas (tanto que são usados também nas decolagens). Os freios aos quais que você se refere são aquelas "pás" localizadas em cima da asa que se levantam após o pouso, são chamadas de "spoilers". Elas sim, são responsáveis por ajudar a frear o avião. Informações: http://en.wikipedia.org /wiki/Spoiler_(aeronautics)*".

Imagem 26- Postagem retificada pela interferência do comentário do leitor.

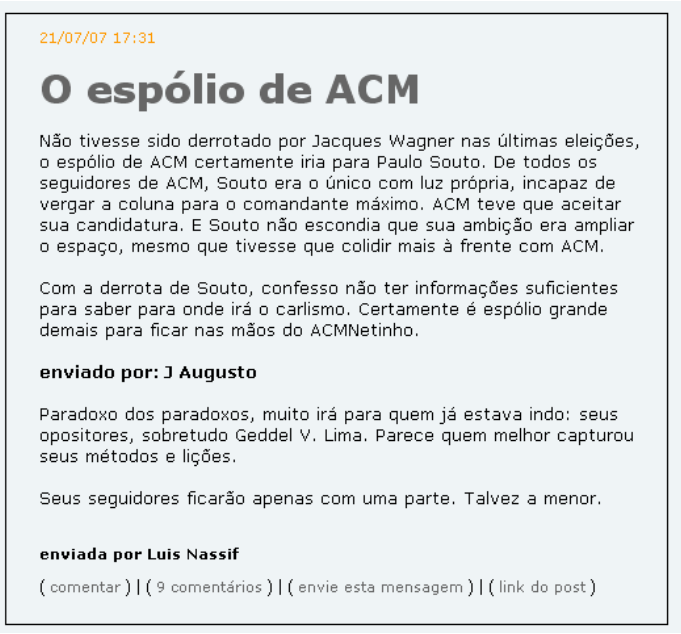
O blog de Josias de Souza, dentre os três blogs analisados, parece ser o que menos concebe o blog como espaço conversacional, na semana em análise não foram encontradas referências a retro-alimentação interativa, são muitos os comentários, mas tais comentários soam ainda como audiência de um emissor tradicional unidirecional e não dialógico, sem tal polemização autor-leitor incorporada ao texto dos posts de seu blog.

Já o blog de Luís Nassif traz em si uma experimentação intrigante sobre aspectos da efetiva realização do gênero coletivo de valorização da co-autoria e do caráter conversacional do blog. Das 36 postagens realizadas na semana do dia 15 a

21 de julho de 2007, 22 são postagens vinculadas a autorias distintas, ou seja, apenas 14 postagens são de autoria inicial de Nassif.

Diferente dos blogs de Josias de Souza e Fernando Rodrigues nos quais todas as postagens tem como autoria os próprios donos do blog, no blog de Luís Nassif, o leitor além do espaço dos comentários ganha destaque em postagens, assim Nassif transforma em postagens comentários que ele próprio seleciona como merecedores de visualização maior na seção principal de seu blog, ou também dá destaque a textos escritos e publicados na comunidade 'Verso e Prosa' uma rede social virtual vinculada a seu blog, que é formada por leitores e comentadores assíduos em seu blog, portanto o leitor passa a ser um potencial colaborador na co-autoria deste espaço.

Nesse sentido a maioria das postagens em seu blog, são postagens de comentários de leitores que servem de base para ele lançar mão de sua opinião sobre algum assunto, polemizar ou apenas dialogar ou compartilhar ressonâncias entre sua opinião e a de leitores. Seguem exemplos que demonstram como isso se desenvolve.



21/07/07 17:31

O espólio de ACM

Não tivesse sido derrotado por Jacques Wagner nas últimas eleições, o espólio de ACM certamente iria para Paulo Souto. De todos os seguidores de ACM, Souto era o único com luz própria, incapaz de vergar a coluna para o comandante máximo. ACM teve que aceitar sua candidatura. E Souto não escondia que sua ambição era ampliar o espaço, mesmo que tivesse que colidir mais à frente com ACM.

Com a derrota de Souto, confesso não ter informações suficientes para saber para onde irá o carlismo. Certamente é espólio grande demais para ficar nas mãos do ACMNetinho.

enviado por: J Augusto

Paradoxo dos paradoxos, muito irá para quem já estava indo: seus opositores, sobretudo Geddel V. Lima. Parece quem melhor capturou seus métodos e lições.

Seus seguidores ficarão apenas com uma parte. Talvez a menor.

enviada por Luis Nassif

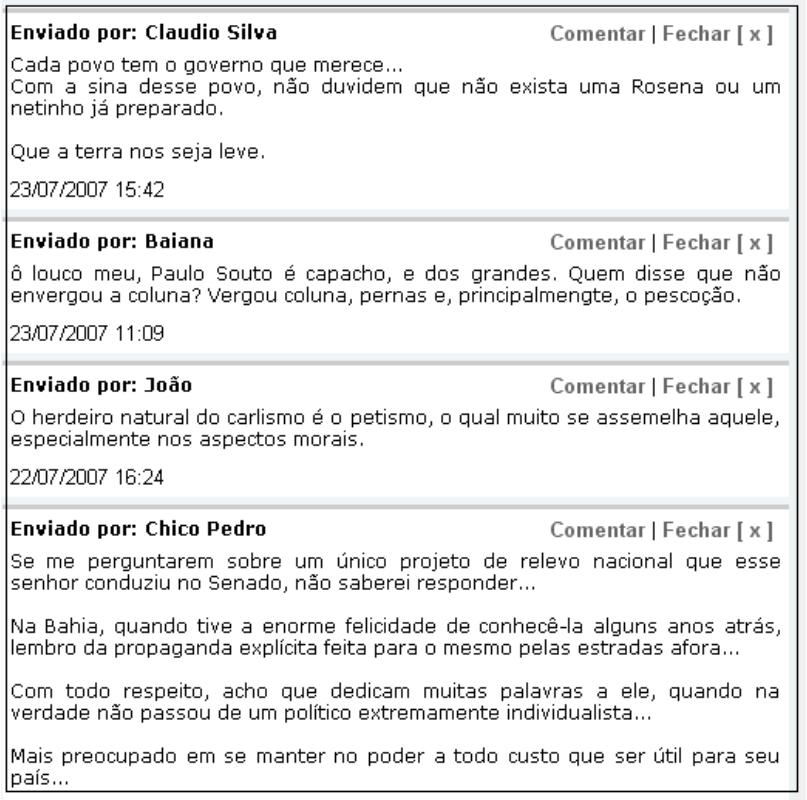
(comentar) | (9 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)

Imagem 27 - Postagem do blog de Luís Nassif dia 21/07/2007

Fonte: http://www.projetobr.com.br

Vemos que tal post é enviado por um leitor, no qual ele tece comentários sobre o cenário político pós morte do Senador Antônio Carlos Magalhães, logo na seqüência localiza-se a postagem conversacional em resposta escrita por Luís

Nassif. Mais abaixo, também é possível acessar os outros comentários que complementam este caráter conversacional.



Enviado por: Claudio Silva Comentar | Fechar [x]

Cada povo tem o governo que merece...
Com a sina desse povo, não duvidem que não exista uma Rosena ou um netinho já preparado.

Que a terra nos seja leve.

23/07/2007 15:42

Enviado por: Baiana Comentar | Fechar [x]

ô louco meu, Paulo Souto é capacho, e dos grandes. Quem disse que não envergou a coluna? Vergou coluna, pernas e, principalmengte, o pescoção.

23/07/2007 11:09

Enviado por: João Comentar | Fechar [x]

O herdeiro natural do carlismo é o petismo, o qual muito se assemelha aquele, especialmente nos aspectos morais.

22/07/2007 16:24

Enviado por: Chico Pedro Comentar | Fechar [x]

Se me perguntarem sobre um único projeto de relevo nacional que esse senhor conduziu no Senado, não saberei responder...

Na Bahia, quando tive a enorme felicidade de conhecê-la alguns anos atrás, lembro da propaganda explícita feita para o mesmo pelas estradas afora...

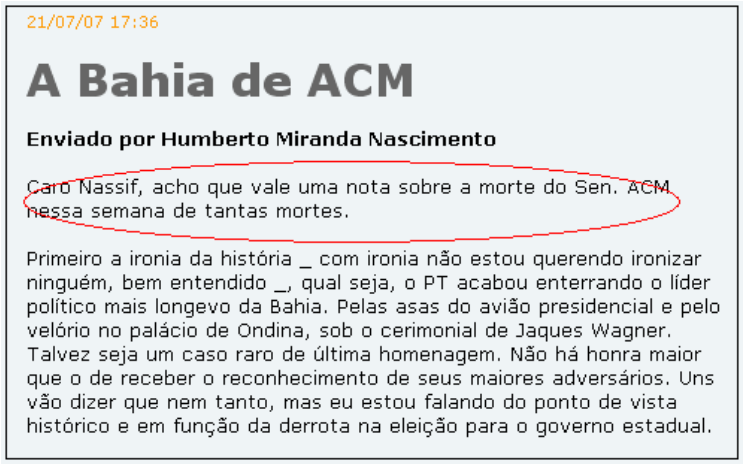
Com todo respeito, acho que dedicam muitas palavras a ele, quando na verdade não passou de um político extremamente individualista...

Mais preocupado em se manter no poder a todo custo que ser útil para seu país...

Imagem 28- Parte dos 9 comentários referentes a tal post.

Os comentários dos leitores funcionam como *feedback* que proporciona respaldo sobre os temas virão a ser publicados e discutidos no blog por Nassif, nesse sentido é possível dizer que a emergência deste gênero coletivo de co-autoria, proporciona em certa medida uma nova ênfase na construção de uma agenda informativa pública mais horizontalizada e plural, ou seja, mais democrática; ou nas palavras de José Luís Orihuela:

> O blog é um meio a princípio pessoal que funciona sem editores e sem prazos [...] Diante da 'realidade jornalística', o blog possui uma resposta mais rápida, mais impressionista e mais pessoal do que os meios de comunicação tradicionais e, por sua vez, contribui para ampliar as fronteiras da realidade midiática. Um dos efeitos da apropriação paulatina da rede por parte de novos atores que produzem o conteúdo é que a agenda pública já não é exclusivamente marcada pelos grandes meios de comunicação. Atores antigos e novos compartilham o papel de protagonistas em um ecossistema comunicacional renovado. (ORIHUELA, 2007, p. 6)



21/07/07 17:36

A Bahia de ACM

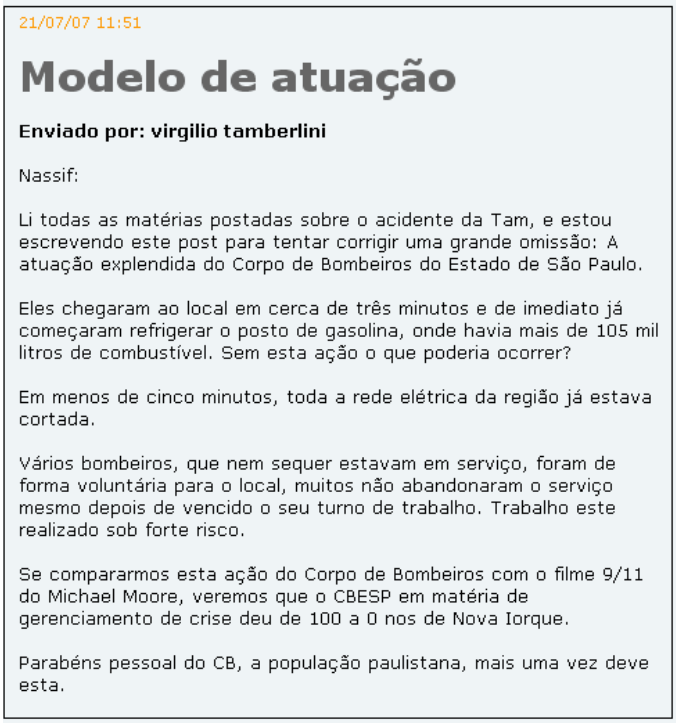
Enviado por Humberto Miranda Nascimento

Caro Nassif, acho que vale uma nota sobre a morte do Sen. ACM nessa semana de tantas mortes.

Primeiro a ironia da história _ com ironia não estou querendo ironizar ninguém, bem entendido _, qual seja, o PT acabou enterrando o líder político mais longevo da Bahia. Pelas asas do avião presidencial e pelo velório no palácio de Ondina, sob o cerimonial de Jaques Wagner. Talvez seja um caso raro de última homenagem. Não há honra maior que o de receber o reconhecimento de seus maiores adversários. Uns vão dizer que nem tanto, mas eu estou falando do ponto de vista histórico e em função da derrota na eleição para o governo estadual.

Imagem 29- Postagem do blog de Luís Nassif do dia 21/07/2007

Fonte: http://www.projetobr.com.br



21/07/07 11:51

Modelo de atuação

Enviado por: virgilio tamberlini

Nassif:

Li todas as matérias postadas sobre o acidente da Tam, e estou escrevendo este post para tentar corrigir uma grande omissão: A atuação explendida do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo.

Eles chegaram ao local em cerca de três minutos e de imediato já começaram refrigerar o posto de gasolina, onde havia mais de 105 mil litros de combustível. Sem esta ação o que poderia ocorrer?

Em menos de cinco minutos, toda a rede elétrica da região já estava cortada.

Vários bombeiros, que nem sequer estavam em serviço, foram de forma voluntária para o local, muitos não abandonaram o serviço mesmo depois de vencido o seu turno de trabalho. Trabalho este realizado sob forte risco.

Se compararmos esta ação do Corpo de Bombeiros com o filme 9/11 do Michael Moore, veremos que o CBESP em matéria de gerenciamento de crise deu de 100 a 0 nos de Nova Iorque.

Parabéns pessoal do CB, a população paulistana, mais uma vez deve esta.

Imagem 30- Postagem do blog de Luís Nassif do dia 21/07/2007

Fonte: http://www.projetobr.com.br

Nestas postagens é visível a tentativa de interferência na agenda temática do blog, e isso é comum por todas as postagens, o que nos leva crer que os leitores já habituados a essa prática encontram consonância na estruturação do diálogo e indicam a estruturação plena de uma sociabilidade na instauração de uma comunidade de debates publicizados numa espécie de fórum permanente. Aquilo que Juan Varela enaltece dizendo que:

> A maioria dos blogs possui nanoaudiências, públicos bastante restritos que, apesar de seu tamanho, criam e potencializam redes sociais. São audiências mínimas, mas que estão bem interconectadas. Comunidades com uma forte coesão estabelecida por alguns interesses em comum e a participação de uma conversa sobre os conteúdos e a informação disponível nos blogs e nas fontes que são utilizadas como referências. Os blogs são formados por superusuários: intensivos consumidores de meios que podem agir como guias e prescritores. Desempenham esse papel graças à confiança que passam para o restante dos membros da comunidade. A maioria tem seu próprio blog ou se relaciona como os meios, os movimentos sociais e a política. (VARELA, 2007, p. 64).

Os blogs entendidos como meios sociais de comunicação são diferentes dos meios de massa, porque a informação on-line está presente em um espaço midiático compartilhado. Assim o suporte Internet permite não só a comunicação de muitos a muitos, mas também a de poucos a poucos, ou seja, conversações entre públicos amplos e também entre grupos pequenos que trocam conhecimentos e experiências. Mas os blogs se diferenciariam também em outros aspectos, como por exemplo, no que tange o assunto critérios de noticiabilidade?

3.4 Analisando os valores-notícias

Existe um consenso teórico de que numa conclusão geral dos estudos sobre os conteúdos dos *media* noticiosos é que as notícias apresentam um padrão geral bastante estável e previsível. Como já mencionamos anteriormente a previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham. Assim podemos definir, o conceito de noticiabilidade como o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia”.

Uma compreensão histórica do jornalismo ajuda-nos a entender a importância das ‘qualidades duradouras’ das notícias. Nelson Traquina propõe a visualização do que foi notícia em três momentos históricos distintos- os anos 70 do século XX, os anos 30 e 40 do século XIX, e as primeiras décadas do século XVII- para verificar que os valores- notícia básicos têm variado pouco. As ‘qualidades duradouras’ das notícias são o **extraordinário**, o **insólito**, o **atua**l, a **figura proeminente**, o **ilega**l, as **guerras**, a **calamidade** e a **morte**.

Rememorando, em 1616, ainda não havia jornais diários reinava as “folhas volantes”, as quais eram diferentes dos jornais em primeiro lugar porque são

dedicadas habitualmente a um único tema, e não a uma variedade de assuntos como os jornais, e, em segundo lugar, não são publicações regulares. Também não eram folhas de simples informação: as notícias eram, sobretudo avisos moralistas ou interpretações religiosas.

Foi publicado um total de 25 “folhas volantes” em 1616. Um terço delas foi dedicado a um tipo de acontecimento: assassinatos. Um outro terço era dedicado às notícias sobre celebridades, incluindo uma sobre um discurso do rei.

Na era das “folhas volantes”, milagres, abominações, catástrofes, acontecimentos bizarros foram as primeiras ocorrências tratadas nos dias que antecedem os jornais.

> Um valor-notícia importante na época é o insólito, isto é, os acontecimentos que produziam o maior espanto, a mais profunda maravilha, a maior surpresa. [...] Outro valor- notícia importante nesta época é a noticiabilidade do ator principal do acontecimento. Os atos e as palavras das pessoas importantes, as crônicas e as proezas de personalidades da “elite”, como por exemplo, o Rei e/ ou a Rainha, eram ‘notícia’. Outros acontecimentos que eram vistos como noticiáveis eram os milagres. O aparecimento de cometas era noticiado como sendo um sinal divino de presságio. (TRAQUINA, 2005, p. 65-66).

Ao longo do século XVIII, as publicações periódicas, como os jornais, eram dominadas pelo pólo político e os meios de comunicação social eram essencialmente vistos como uma arma política até o aparecimento da chamada *“penny press”* na década de 30 do século XIX, que introduziu um novo jornalismo[50], no qual os jornais são encarados como um negócio que pode render lucros, apontando com o objetivo fundamental o aumento das tiragens. Com o objetivo de fornecer informação e não propaganda, os jornais oferecem um novo produto- as notícias, baseadas nos fatos.

> Assim, no século XIX, verificamos a emergência de um novo paradigma- informação, não propaganda- que é partilhado entre os membros da sociedade e os jornalistas; a constituição de um novo grupo social- os jornalistas- que reivindica um monopólio do saber- o que é notícia; e a comercialização da imprensa- a informação como mercadoria, visível com o surgimento de uma imprensa mais sensacionalista nos fins do século. (TRAQUINA, 2005, p. 34).

[50] Nos Estados Unidos, onde Benjamin H. Day lança o *New York Sun*, e na França, onde Emile de Giradin lança *La Presse*, começa um novo jornalismo. O *New York Sun* dava ênfase às notícias locais, às histórias de interesse humano,e apresentava reportagens sensacionalistas de fatos surpreendentes.O *New York Sun* não só dava essas informações de forma acessível, como enchia as suas páginas com outros assuntos: histórias de crime, escândalos, tragédias, notícias que o homem comum achava interessantes ou divertidas. O êxito foi espetacular, em menos de 4 anos o *New York Sun* vendia 30.000 exemplares diários, quinze vezes a tiragem nos meses de lançamento. (Cf. Traquina, 2005, p. 67).

A *“penny press”* conseguiu redefinir a notícia de maneira a satisfazer os gostos, os interesses e a capacidade de compreensão das camadas menos instruídas da sociedade. Até a época da *“penny press”*, as notícias versavam apenas assuntos políticos e econômicos, e o respectivo comentário. O discurso parlamentar, as cotações da Bolsa, o câmbio, os conflitos militares, as informações comerciais preenchiam o conteúdo da imprensa.

Traquina também apresenta que num terceiro momento histórico, os anos 70 do século XX, podemos ver a importância das “qualidades duradouras” das notícias com base num estudo de Herbert Gans (1979) sobre os telejornais de três principais cadeias norte-americanas (*CBS, ABC* e *NBC*) no ano de 1967 e as revistas de informação *Newsweek* e *Time* em três diferentes anos da década de 70. Em primeiro lugar, o estudo demonstra a importância do valor-notícia ”notoriedade” do ator principal do acontecimento, isto é a **proeminência do ator**. Segundo este estudo, entre 70% e 85% das notícias sobre assuntos nacionais são acerca de pessoas conhecidas. Para além das atividades do governo a principal categoria de acontecimentos é a categoria **crimes, escândalos e investigações**. Três outras categorias de acontecimentos conquistam uma presença em todos os meios e em todos os anos: **os protestos violentos e não-violentos, os desastres, e o insólito**.

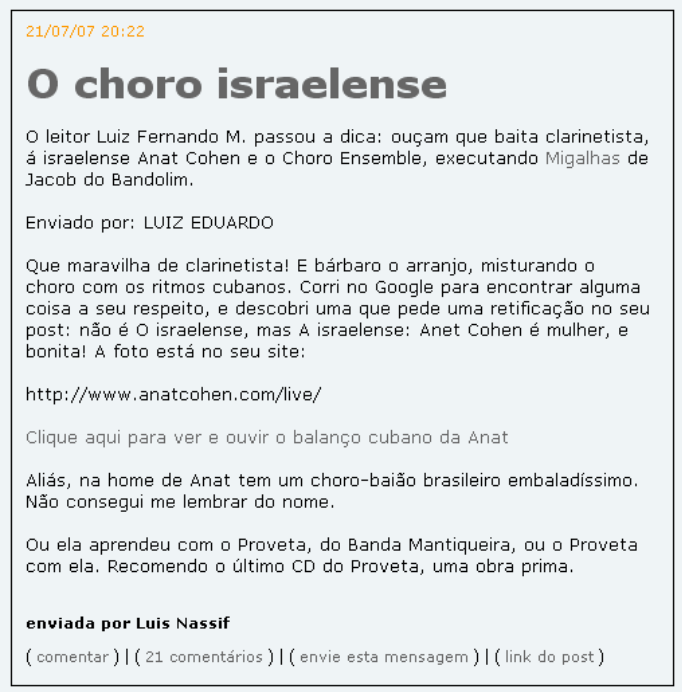
As semelhanças entre as notícias nestes três momentos diferentes que abrangem quase quatro séculos de história não devem surpreender.

> É surpreendente que a essência das notícias pareça ter mudado tão pouco? A que outros assuntos se poderiam as notícias ter dedicado? Podemos imaginar um sistema de notícias que desdenhasse o insólito em favor do típico, que ignorasse o proeminente, que dedicasse tanta atenção ao datado como ao atual, ao legal como ilegal, à paz como à guerra, ao bem- estar como à calamidade e à morte? (STEPHENS, 1988, p. 34 apud TRAQUINA, 2005, p. 69).

Interessa-nos nesta etapa final da análise entender: 1) se os critérios usados na grande imprensa para escolher o que noticiar se aplicam também aos blogs aqui tomados como objeto de estudo.

Os blogs analisados neste trabalho são feitos por jornalistas que passaram a maior parte de suas carreiras trabalhando para a grande imprensa e continuam com esta atividade paralelamente ao blog e, portanto, compartilham com os profissionais desses veículos o mesmo código profissional e os mesmos valores-notícia. Nessa medida, seria possível supor que adotariam, em seus blogs, os mesmos critérios de

noticiabilidade que os jornais para os quais seus autores já trabalharam. Por outro lado, ao incorporarem a visão pessoal de seus autores como característica-chave, os blogs ganham uma dinâmica própria, distinta da que existe nos jornais. Nesse espaço, cabe ao jornalista usar sua subjetividade para escolher como se colocar, que linguagem usar e também sobre o que falar. Nota-se, o exemplo a seguir, Nassif em seu blog escolhe se colocar de forma pessoal, sobre uma temática que foge um pouco do padrão temático do blog, mas que veio ocorrer em forma de conversação com uma dica musical postada por um leitor.



21/07/07 20:22

O choro israelense

O leitor Luiz Fernando M. passou a dica: ouçam que baita clarinetista, á israelense Anat Cohen e o Choro Ensemble, executando Migalhas de Jacob do Bandolim.

Enviado por: LUIZ EDUARDO

Que maravilha de clarinetista! E bárbaro o arranjo, misturando o choro com os ritmos cubanos. Corri no Google para encontrar alguma coisa a seu respeito, e descobri uma que pede uma retificação no seu post: não é O israelense, mas A israelense: Anet Cohen é mulher, e bonita! A foto está no seu site:

http://www.anatcohen.com/live/

Clique aqui para ver e ouvir o balanço cubano da Anat

Aliás, na home de Anat tem um choro-baião brasileiro embaladíssimo. Não consegui me lembrar do nome.

Ou ela aprendeu com o Proveta, do Banda Mantiqueira, ou o Proveta com ela. Recomendo o último CD do Proveta, uma obra prima.

enviada por Luis Nassif

(comentar) | (21 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)

Imagem 31 - Post do blog de Luís Nassif, dia 21/07/2007

Posto que o blogueiro é o *publisher* dele mesmo e tem a chance de escrever sobre um assunto ainda que acredite que seu 'patrão' e seus colegas de profissão não considerem que ele tenha os elementos de uma notícia clássica. Em tese, está livre para levar ao leitor informação sobre o que quer que julgue interessante. Ou ainda o que quer que acredite que seu público irá achar interessante. Mas será que o jornalista-blogueiro consegue ou tem interesse em se desvencilhar dos critérios de seleção que interiorizou ao longo de sua carreira para colocar tal liberdade em prática?

Entre os autores (Wolf, 2005; Galtung e Ruge apud Traquina, 1993) que se dedicaram a mapear as notícias de jornais, traçando critérios de noticiabilidade, escolhemos o autor português Nelson Traquina para tomar como referência. Com

base no estudo já mencionado por Traquina, realizado por Stephens, e em duas abrangentes pesquisas sociológicas que procuraram destrinchar os critérios que fazem com que um assunto seja noticiável, bem como na seleção proposta por Mauro Wolf (2005), Traquina definiu, ele próprio, um conjunto de valores-notícia.

Esse detalhamento é útil para que possamos compará-los aos observados nos blogs de Fernando Rodrigues, Josias de Souza e Luís Nassif.

Como Wolf, Traquina considera que os valores-notícia estão presentes nas diferentes etapas da produção jornalística – não só na seleção dos acontecimentos, como também na própria elaboração de uma notícia – e por isso, julga necessário distinguir os valores-notícia presentes nesses dois momentos.

Os valores-notícia de seleção são aqueles que, como o nome indica, referem-se a critérios que os jornalistas utilizam no momento de selecionar, entre tudo que aconteceu num dia, o que merece ser publicado. Estão divididos em dois subgrupos de critérios: **os substantivos**, que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento conforme sua importância, e os contextuais, que se referem ao contexto de produção da notícia. Por exemplo, a concorrência com outros jornais, a facilidade de se fazer determinada cobertura e a comparação com as outras notícias do dia. Existem ainda os **valores-notícia de construção** – aqueles utilizados na fase de elaboração de notícias já previamente consideradas dignas de fazer parte de uma edição.

No manual teórico que elabora para falar da prática jornalística, Traquina (2002) diz que não há uma hierarquia clara de certos critérios de noticiabilidade sobre outros e lembra que uma mesma notícia pode atender a vários critérios ao mesmo tempo. Outro ponto relevante destacado pelo autor é a influência, tanto na seleção das notícias quanto na sua forma de construção, da política editorial das empresas jornalísticas.

Procuraremos associar os critérios gerais de noticiabilidade traçados por Traquina à realidade específica das editorias de política. Dessa forma, nos parece possível estabelecer uma relação mais próxima desses critérios com os vigentes nos blogs aqui pesquisados que, afinal, tratam de política. Estes são os critérios que serão verificados nas postagens que fazem parte da semana

3.4.1 Os valores-notícia de seleção

Critérios substantivos (relacionados à avaliação direta do acontecimento)

• **Morte**. Assassinatos, atentados, acidentes e tragédias são sempre assunto de interesse da imprensa. Quanto mais mortos, mais destaque costuma ganhar a notícia.

Nos blogs: O assunto morte é tão marcante no imaginário do jornalismo/dos jornalistas que apesar de os três veículos analisados nesta dissertação serem blogs de política, todos falaram do acidente aéreo com o Air-bus da TAM que, no dia 17 de julho de 2007 matou 199 pessoas a companhia aérea Gol. Fernando Rodrigues é inclusive o primeiro jornalista a ter acesso aos conteúdos da Caixa-Preta do avião e se utiliza do blog para adiantar aquilo que estaria publicado na Folha de S. Paulo no dia seguinte a este furo.

Também a morte do senador Antônio Carlos Magalhães foi bastante repercutida nos três blogs.

• **Notoriedade**. Quanto mais importante ou famosa é uma pessoa, mais o que acontece a ela interessa. Muito freqüentemente, até mesmo acontecimentos cotidianos na vida de determinadas personalidades são tidos como notícia na grande imprensa, por exemplo a bursite do presidente Lula (jan. 2003).

Nos blogs: Ali, como nos grandes jornais, as notícias sobre personagens conhecidas da política ocupam parte importante do noticiário: o presidente Lula, seus adversários na disputa presidencial, ministros de estado, os deputados e senadores mais influentes, os governadores dos estados de maior importância econômica. Em geral, não se vê o ponto de partida de uma notícia ser o problema de um cidadão comum. Mesmo nos textos mais analíticos, não se parte do micro (o cotidiano) para o macro (as decisões políticas tomadas pelas personalidades do Executivo, Legislativo e Judiciário). Notas a respeito de pessoas que não sejam notórias aparecem uma vez ou outra, quase sempre no contexto de algum outro critério de noticiabilidade.

Este critério na semana analisada apareceu distintas vezes, sobretudo na demonstração da postura de algumas autoridades, no que se referia ao acidente aéreo com o avião da TAM, neste sentido autoridades ligadas a órgãos da aviação, empresas aéreas e até mesmo o pronunciamento do presidente Lula na televisão a

respeito da postura do governo em dar um respaldo a investigação da maior tragédia aérea ocorrida em solo nacional.

Outra tema muito noticiado nesta semana foi a possível votação por abertura de um CPI para investigar ligações do presidente do Senado, senador Renan Calheiros com corrupção, assim se repercutiu o debate da oposição e da opinião pública, que fez os blogs até mesmo repercutir temas da vida pessoal do senador, como o caso do envolvimento extra-conjugal do senador com uma jornalista.

***Proximidade**. Diz Traquina (2002) que, sobretudo em termos geográficos, mas também em termos culturais, o que acontece mais próximo tem mais chances de ser noticiado. Em política, contudo, o princípio não se aplica de todo. Pelo menos no eixo Rio–São Paulo, a política das instâncias municipal e estadual de governo possuem tanta relevância quanto a política Nacional. Os três blogs em questão focam o Brasil em sua dimensão total no que se refere as principais esferas políticas representativas. Com ênfase maior a notícias políticas federais

• **Relevância.** Este critério diz respeito ao impacto de um acontecimento na vida das pessoas: quanto maior a possível repercussão, mais chances um fato tem de ser noticiado. Por exemplo, a aprovação de uma lei relacionada à aposentadoria de milhares de brasileiros tem mais chances de sair no jornal do que a aprovação de uma lei que trate de um tema mais específico, de repercussão restrita a um número reduzido de pessoas.

Nos blogs tivemos o acidente aéreo com o avião da Tam elevado a categoria extrema de relevância, na medida em que este tema preponderou de forma significativa durante as postagens desta semana de coleta exploratória.

• **Novidade.** Interessa o que nunca aconteceu antes.Nos blogs, a novidade também funciona como critério relevante de seleção.Interessa tanto o novo quanto o olhar sobre o novo. É muito comum os jornalistas escreverem suas próprias opiniões sobre acontecimentos novos, mas que já foram abordados pelos jornais ou noticiários *online*. Como nos jornais, o critério de novidade também aparece sob a forma de furo jornalístico.

O blog de Fernando Rodrigues trouxe o furo jornalísticos que revelou o conteúdo das caixas-pretas do avião da TAM, antecipando-se antes mesmo dos jornais impressos.

• **Notabilidade.** Esse critério diz respeito à qualidade de um fato ser visível e tangível. Por isso uma greve é noticiada, mas dificilmente as condições de trabalho de um determinado grupo profissional estarão estampadas nas páginas de um jornal, segundo Traquina (2002). A notabilidade de um acontecimento pode se dar pela quantidade (quanto maior o número de pessoas que um acontecimento envolve, maior também é a chance de ele ser noticiado), a inversão (o que é contrário ao "normal" –aqui se enquadra o famoso exemplo do dono que morde o cão), o insólito, a falha (acidente de avião, foguetes que explodem no espaço) ou o excesso/escassez (temperatura baixa no verão ou alta no inverno etc). Nos blogs: À medida que se configuram como espaços de discussão e análise, os blogs se arriscam muitas vezes a tratar de temas que nem sempre são claramente tangíveis. Nesse ponto, suas narrativas se assemelham mais a artigos assinados nos quais implicações mais abrangentes dos acontecimentos são discutidas. Ali, o mesmo *post* pode noticiar uma greve e discutir condições de trabalho.

Nas postagens temos, portanto as discussões já apresentadas sobre os temas que repercutiram na mídia nacional desta semana, elevadas a notabilidade nacional, sendo o acidente da TAM, morte do senador Antônio Carlos Magalhães, o contexto de averiguação de denúncias contra o senador Renan Calheiros e superfaturamento das obras dos jogos Pan-americanos realizados no Rio de Janeiro em 2007, os temas mais repercutidos nas postagens.

Fica claro, portanto que os blogs seguem os mesmos critérios de noticiabilidade tradicionalmente introjetados como valores-notícias na tribo jornalística. Por exemplo, Josias de Souza disse em uma entrevista, que usa em seu blog, os mesmos critérios de noticiabilidade de um jornal ou qualquer outro veículo jornalístico. Disse Souza: "O que caracteriza uma notícia é a sua relevância, o seu ineditismo e o interesse público de que está revestida. Isso vale para qualquer meio de comunicação – jornais, revistas, rádios, TVs... Vale também para o blog". (*Portal Imprensa*, 29 nov. 2006).

Mas mesmo tal cenário não sendo totalmente de rupturas percebemos modificações em andamento. O que nos remete poder usar como exemplo as prospecções que foram feitas em 1995 sobre este cenário emergente do jornalismo on-line.

Em abril de 1995, em um seminário promovido pelo *The Poynter Institute for Media Studies*, nos Estados Unidos, dezessete especialistas em mídia digital

reuniram-se para discutir o futuro do jornalismo on-line[51]. Juntos, teceram algumas previsões acerca de como o meio digital alteraria o modo jornalístico de se noticiar e listaram aquilo que acreditavam que os jornais tradicionais não seriam capazes de dar conta que os digitais conseguiriam[52].

As promessas elencadas pelo grupo norte-americano foram estruturadas de uma forma a enaltecer cinco grandes tópicos enfatizando as suas ligações com a questão da narrativa ciberjornalística, como se observa no quadro a seguir:

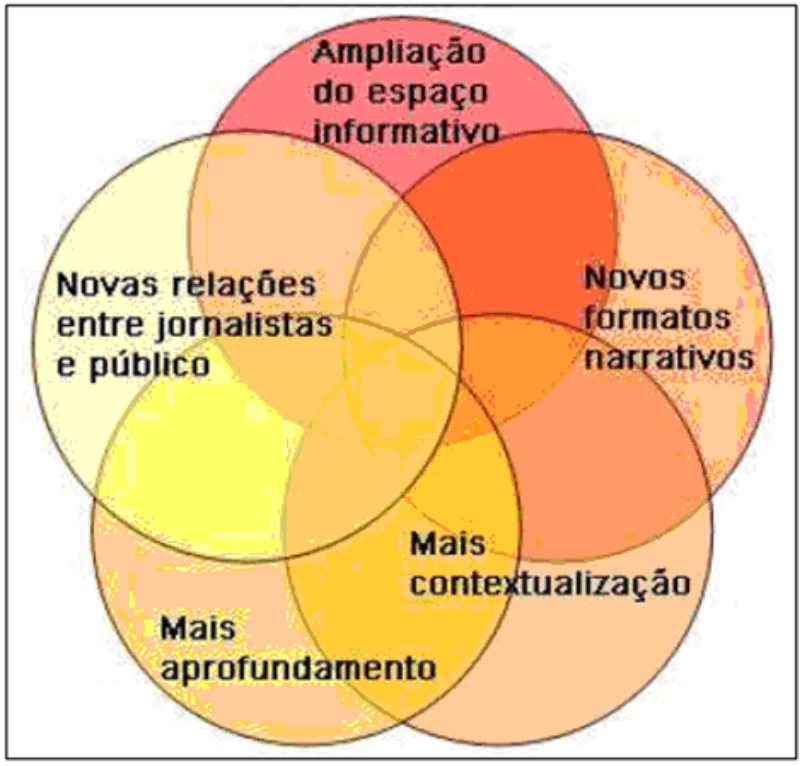


Imagem 32- Jornalismo on-line: prospectivas de 1995.

Uma das esperanças do grupo norte-americano era a de que os jornais digitais divulgariam todas aquelas informações que não couberam no jornal de papel. Sem o constrangimento do limite físico da edição impressa, os textos

---

51 O resumo do seminário "News News Products Session", realizado entre 27 e 29 de abril de 1995, está disponível em http://legacy.poynter.org/dj/projects/nnp95/nnpabout.htm. Em meados da década de 30 do século XX a expressão "jornalismo online" (como sinônimo de "webjornalismo", ou seja, jornalismo realizado na *world wide web*) era mais utilizado, tanto em trabalhos acadêmicos como entre profissionais do ramo.

52 A prospecção de 1995 ficou de fato um tanto centrada na comparação entre jornais impresso diários e os jornais on-line, deixando de fora revistas, semanários e os produtos do telejornalismo e radiojornalismo.

excedentes seriam publicados on-line para que os leitores tivessem acesso a mais informação.

Todavia, o que não se imaginava há onze anos era o aparecimento dos weblogs. Se pegarmos o caso dos jornalistas que ‘blogam’, além de manterem as suas colunas de opinião nos jornais impressos, podemos dizer que alguma forma tal promessa tem sido cumprida. Se estes jornalistas blogueiros não podem, pelo constrangimento do espaço e do tempo do jornal impresso fornecer aos seus leitores todas as informações que gostariam e com a rapidez que gostariam, tem agora a possibilidade de fazê-lo neste espaço ‘alternativo’.

Isso porque tais jornalistas criam e mantêm os seus blogs seguindo mais a lógica ‘não limitadora’ da cultura digital do que dos parâmetros clássicos da rotina jornalística do impresso, acostumada a deixar fora os resíduos de sua produção após a distribuição do jornal diário.

No Brasil, o pioneiro dos weblogs políticos, o jornalista Ricardo Noblat, em artigo assinado pelo próprio no Observatório da Imprensa, conforma: “(...) escrevi uma página dominical sobre política no jornal ’O dia’, do Rio de Janeiro. E como notícias cavadas no início da semana acabavam envelhecendo antes que a semana terminasse, um amigo sugeriu que eu criasse um blog para ter onde despejá-las a tempo e a hora”.

Portanto, vale destacar, como já constatamos anteriormente que tais blogs jornalísticos estudados aqui possuem duas características marcantes, que vão de encontro com o que ressalta (GRANADO, 2004):

1) Os blogs são, sobretudo, opinativos e analíticos (prevalecendo o gênero comentário);
2) Tais blogs funcionam em “circuito fechado”, ou seja, os links para textos se dão dentro de um circuito redundante alicerçados na mídia tradicional;

Percebe-se com os weblogs um certo alargamento do espaço informativo Se pensarmos no caso destes tipos de páginas web mantidas por empresas de mídia com presença na Internet, podemos afirmar, então, que há material excedente a figurar nos jornais on-line. A publicação de ‘informações/ opiniões’ que ficaram de fora do papel parece, desta forma, se dar muito mais nos blogs que tais jornais on-line mantêm do que propriamente no seu noticiário comum, ainda muito marcado pela reprodução dos materiais das agências noticiosas.

Outra esperança de 1995 era de que o jornalismo on-line seria capaz de fornecer não apenas a informação pura e dura acerca de um acontecimento, mas também materiais de contextualização. Esperava-se que um pacote completo estivesse na web à disposição do leitor, desde notícias curtas, artigos de opinião e análise às reportagens de profundidade e toda a sorte de conteúdos que o ajudasse a compreender o que se passa do mundo, os blogs, entendidos como um novo formato narrativo, viriam a contribuir para este acontecimento na medida em conseguem ir além de noticiar os fatos, eles tendem a contextualizar tais fatos encontrando consonâncias hiperlinkadas ao cenário amplo da cultura política. Assim promovem aquilo que foi previsto 'mais contextualização', 'mais aprofundamento' dentro de uma lógica que altera a relação do jornalista com o leitor, na medida em que instaura o paradigma conversacional em tempo real.

3.5 Transformações: os blogs entre o *continnum* e o *degradé*

Os blogs, portanto no que se refere a uma consolidação de espaço de informação jornalística, cumpre com o que Otto Groth, chamou de características intrínsecas da informação que devem atender a quatro aspectos: "periodicidade, universalidade, atualidade e difusão." (GROTH, 1989, p.22). Além disso possuem convergência com as ferramentas do ciberespaço o que potencializa seu caráter comunitário e comunicativo.

Assim, os blogs estão inseridos na via das transformações operadas pelo e no webjornalismo que tem um traço marcadamente identificável, inclusive já mencionado, que é a emergência de vastas quantidades de informação, designadamente através da disponibilização dos links e tópicos relacionados e toda a vasta panóplia de possibilidades remissivas que o hipertexto abre. Assim o webjornalismo oferece um conteúdo que pode ser atualizado continuamente e os blogs são canais vinculados intrinsecamente a esta característica latente.

Nesta matéria, a questão do hipertexto é, naturalmente, uma das mais interessantes pelos desenvolvimentos que abre. Tecnicamente, o hipertexto é um conjunto de nós ligados entre si, podendo estes nós ser palavras, páginas, imagens, seqüências sonoras ou documentos (Bastos, 2000). A utilização do hipertexto abre as portas a formas de jornalismo onde as noções clássicas de leitura são desmontadas e onde a possibilidade generalizada de remissão desencadeia a

utilização do texto por um leitor mais ativo e mais participante que pode fazer explodir as relevâncias previamente traçadas por um jornalista que siga o modelo clássico da pirâmide invertida. O hipertexto comporta alterações culturais no formato não-linear e no caráter associativo.

Hoje a leitura de um texto nos blogs contém em si, um modo evidente, a sua remissão para, virtualmente, múltiplos outros textos. Com o hipertexto há um apelo implícito à remissão, sendo que esta já não é uma simples referência, mas pode ser um outro texto integral (como já exemplificamos) ou, segundo a noção de hipermídia, uma imagem ou um registro sonoro.

Nesse sentido, há muitos autores que defendem o abandono dos sistemas conceptuais baseados em noções como centro, margem, hierarquia e linearidade, substituindo-os por nós, redes e conexões (LANDOW, 1992, p. 14). E em tal análise dos blogs em questão, percebemos que tais conceitos se aplicam de maneira mais precisa ao cenário noticioso marcado pela presença das espécies narrativas vinculadas em congruência às espécies argumentativas, no que tange a estruturação dos gêneros ciberjornalísticos.

Qualquer texto concebido hipertextualmente pode inclui informação visual, sonora e outras formas de informação, abrindo todo um universo de possibilidades e a tendência verificada em tais blogs, é a contínua abertura para utilização destes recursos. A ruptura da linearidade é susceptível de ser pensada dum modo em que o rodapé pode ser uma variável da história principal, o acréscimo de elementos acessórios ao que se entende ser principal. Assim as possibilidades metalingüísticas podem multiplicar-se, de tal modo que o texto pode virar-se sobre si próprio, assinalando os laços, as estruturas recorrentes e as auto-referências. Do mesmo modo, vemos que os blogs dentro do webjornalismo podem ter uma combinatória de elementos multimídia, e de participação de leitores em tempo real, em que noções de relevância tidas como relativamente estabelecidas a propósito da pirâmide invertida ou dos critérios de noticiabilidade ou da função de agendamento parecem ganhar uma dificuldade acrescida.

> [...]a notícia na Internet pode apresentar uma estrutura comum à de outros media, mas introduz a complexidade e, sobretudo, a aleatoridade com o hipertexto aplicado à narrativa, que coloca nas mãos do leitor parte da construção do sentido de uma forma individualizada (BASTOS, 2000, p. 57).

Isso sinaliza que se o hipertexto é composto de textos relacionados entre si, sem que exista um eixo orientador da organização, cada utilizador do hipertexto faz dos seus interesses primordiais, o eixo orientador das suas escolhas.

Basta para tanto, que as informações normalmente remetidas para o fim possam ser percorridas como as mais importantes. Cada ato de recepção de uma notícia podia determinar para cada leitor, uma estrutura de relevâncias diferente, pelo que, graças ao percurso que este sistema de relevância desencadeia, só um *lead* muito sumário iria sobreviver. Neste plano as tarefas do próprio profissional terão de sofrer alterações: o jornalista terá que escrever de forma não linear quando escreve um texto para ser publicado na Internet, principalmente quando se trata de um texto extenso. A leitura no computador é cansativa e os utilizadores não gostam de ler grandes conjuntos de texto, e vimos que tal lição ainda está sendo aprendida, pois nos blogs analisados ainda é comum encontrar textos grandes com vinte e três parágrafos, por exemplo.

Por isso, as notícias mais extensas devem utilizar *links* ou hiperligações. Será o leitor a decidir as partes do texto que quer ler sem ter que seguir a ordem linear, e isso não é em sua totalidade feito pelos blogueiros em questão, tais links não são dados como opção de ruptura com seu texto aparentemente ainda escrito em estrutura linear, os links são utilizados em grande medida como complementaridade na busca de não redundância, ou até mesmo como indicação de promoção de outros textos do blogger divulgados em outros canais para além do seu blog, como é o caso de Fernando Rodrigues e Josias de Souza que remetem os leitores comumente a textos da Folha On-line.

Esta prática que ainda está sendo aprendida pressupõe uma nova forma de escrever e deve incentivar os jornalistas a investigarem a melhor forma de estruturação de textos on-line para permitirem ao utilizador uma boa e profícua leitura.

Neste sentido, há uma questão que desde logo vale a pena discutir: se o hipertexto e a interatividade se cruzam qual será o papel deixado à autoria no texto jornalístico?

Poderemos falar de autoria coletiva? Como já mencionamos anteriormente ser um traço explícito do surgimento dos gêneros ciberjornalísticos que tendem a ser gêneros coletivos. Um elemento que merece uma análise cuidadosa é a tão em voga idéia de interatividade. Um dos mais importantes elementos da comunicação

mediada por computador é a sua habilidade para permitir o diálogo de muitos com muitos e a sua capacidade para facilitar a comunicação entre grupos e indivíduos geograficamente dispersos. Os webdesigners têm ao seu dispor uma quantidade de tecnologias interativas que incluem além de ligações com outras histórias, o contacto com jornalistas através de correio eletrônicos, chats, fóruns, informações biográficas sobre os colunistas, bases de dados e arquivos de áudio e vídeo. A acrescentar a estas possibilidades oferecem-se como oportunidades de ultrapassar a relação rígida e piramidal que alegadamente tem sido a relação dos media de massa com os seus leitores.

Assim nos blogs, logo que a notícia é publicada, o leitor pode apresentar os seus comentários seja sobre o assunto alvo de notícia, ou o próprio trabalho dos jornalistas. A égide do que afirma Canavilhas (2000) “A notícia deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria.”

A conjugação destes mecanismos pode traduzir-se numa vasta quantidade de conseqüências com implicações na apreciação clássica do jornalismo. As abordagens teóricas da *mass communication research* ainda são, na sua maioria, pensadas em função de formas do jornalismo tradicional.

No que toca ao efeito de agenda, não é irrealista supor-se que a sua fixação seja objeto de uma luta no qual intervêm outros agentes para além daqueles a quem, tradicionalmente, compete a redação e edição final. No limite, o direito de resposta pode ganhar os contornos de uma ação coletiva. Quanto à análise da produção noticiosa alguns dos numerosos constrangimentos que nela intervém poderão conhecer alterações substanciais.

Desde uma até uma maior intervenção dos públicos, através do prolongamento da discussão nos fóruns disponíveis até à possibilidade dos leitores dinamizarem o direito de resposta de modo a exercer pressão em torno de um determinado interesse ou pretensão, abrem-se um conjunto de possibilidades que, eventualmente, poderão paulatinamente alterar rotinas e modos de tipificar próprios de cada *medium*. A idéia de que a rede não tem centro tendo, antes, permanentemente, vários centros fere, restando ainda saber com que profundidade, a idéia de uma mensagem construída em função de uma percepção hierárquica da importância decrescente da informação. Ou seja, implica a relativização do formato tradicional da pirâmide invertida, a qual, como é sabidamente conhecida, é a metáfora que traduz a representação clássica da notícia, construída precisamente

segundo um método que traduz a ordem decrescente de importância dos fatos relatados.

As características do hipertexto já referidas (a organização em fragmentos, a possibilidade de o utilizador possuir uma relativa liberdade de escolha na relação entre esses fragmentos, a fluidez e riqueza das sua ligações) remetem para uma certa ausência de linearidade. Finalmente, a possibilidade de introdução de imagem e de som reforça uma componente narrativa que pode fazer realçar os elementos mais diretamente relacionados com os topos próprios dos gêneros ligados ao espetáculo do que com as características clássicas atribuídas à notícia. Porém, nada impede que o hipertexto e a utilização de tecnologias multimídias não possam ser indutoras de processos onde se verifiquem um acréscimo de rigor e de aprofundamento.

A possibilidade de ligação a bases de dados, a arquivos informatizados e a utilização de motores de busca podem também ser uma poderosa ferramenta no sentido de aumentar a contextualização, a quantidade de informação em background, a mobilização de dados adicionais e a possibilidade de procedimento por associações no sentido de escapar a uma rede de facticidade centrada no acontecimento em si. Elementos como “arquivo”, “recursos” ou “material de referência” são vantagens óbvias de uma publicação digital como os blogs, que pode alimentar-se do imenso e crescente capital informativo armazenado nas extensas bases de dados que se estendem em rede por todo o mundo. Em termos de conteúdo, essa vantagem traduz-se desde logo pela possibilidade de solidificar a informação publicada disponibilizando *links* que permitam ao leitor uma percepção muito mais aprofundada do assunto. Deste modo, o texto passa a ter vários níveis de leitura (“layers”, segundo M. Deuze), algo que o jornal tradicional não pode oferecer (MOURA, 2002).

Num certo sentido, o jornalista blogger ganha uma dimensão diferente na medida em que, na melhor das hipóteses, manterá características de *gatekeeper* num universo de maior complexidade. Se assumir como sua a missão de imprimir uma certa racionalidade na produção e circulação de mensagens, então terá de se adaptar à gestão dos fluxos comunicacionais em dimensões de espaço e tempo completamente novas, como no caso dos blogs em questão. O jornalista desempenhará então as funções de mediador público, tendo, todavia que admitir-se

que algumas das conclusões que os autores pós-modernos adiantam em relação ao autor e às suas relações com o público e os leitores lhe possam ser aplicadas.

3.6 Críticas e suspeições sobre o espaço público midiatizado

Depois de recenseadas as novidades trazidas pela CMC, importa introduzir um elemento de desconfiança. Todos estes conceitos – o de espaço público e o da sua relação com certos media que dinamizarão as suas possibilidades de intervenção cívica – merecem uma relativização e uma cautela que, no limite, não deixa espaço para respostas fixas e definitivas.

A conversação que flui na Web e a relação entre espaço público, blogs e jornalismo figura-se mais problemática do que parece. No que respeita à ideologia neo-iluminista que perpassa pela Internet ela já é hoje objeto de uma reflexão crítica que relativiza algumas das suas possibilidades e identifica a incubação desta ideologia num espaço capitalista centralizador que só aparentemente acolhe a diversidade. Para Herbert Schiller, um dos mais importantes autores que navega nestas águas, citado por Tânia Soares (1999), "o reconhecimento da existência de um novo tipo de sociedade assente no valor da comunicação e da informação não é necessariamente benéfico". Schiller vê os imperativos da economia de mercado a reforçarem o seu determinismo nas transformações ocorridas nas esferas tecnológica e informacional. Na verdade, "o tipo de sociedade que fomenta as transformações nas áreas da informação e da comunicação é a sociedade do capitalismo corporativo, ou seja, o capitalismo contemporâneo é dominado pelas grandes oligopólios concentrados nas instituições corporativas que comandam a economia e a sociedade a nível nacional e internacional". Esta realidade é oculta por conceitos fetiches que visam fazer esquecer os mecanismos inerentes ao modelo de desenvolvimento em que se funda a sociedade da informação:

> A batalha pelo acesso às tecnologias de informação e comunicação surge assim no discurso político enquanto nova bandeira do progresso, fazendo-nos por vezes lembrar - não sem uma certa comicidade anacrônica, os famosos slogans da revolução russa em que progresso era associado à fórmula 'Sovietes+Electricidade=Progresso, substituídos agora pela idéia de 'Democracia+ Internet=Progresso'. (CARDOSO, 1999, on-line)

Desse modo Cardoso no relembra que o discurso tecnocultural é um tipo de discurso situado numa perspectiva da história das tecnologias, que vê o mundo

enquanto fruto da sucessão de tecnologias desligadas do contexto social onde as mesmas nascem e atuam, assim se foca os potenciais existentes nestas tecnologias mas não se faz referência às suas limitações.

O papel hoje desempenhado pelas comunidades virtuais, inseridas aqui as comunidades dos bloggers e leitores, no eventual desenvolvimento de um espaço público é, sobretudo, um papel de catarse, de substituto do verdadeiro sentido de comunidade e de participação. Finalmente os traços encontrados nos elementos respeitantes ao jornalismo - velocidade e abundância de informação, personalização, interatividade - operam de acordo com um princípio solidamente entrincheirado na retórica das utopias interativas: quanto mais informação melhor. O objetivo dos blogs anteriormente mencionados é tornar o último *bit* de informação relevante para a comunicação e deliberação política na perspectiva de que ele produza uma cidadania mais bem informado. A verdade é que, desde logo não existe evidência de que a disponibilização de uma maior quantidade de informação produza melhores cidadãos. Alguns estudos e possibilidades teóricas apontam mesmo para o contrário. Com efeito, parece ser possível relançar a hipótese levantada por Robert King Merton e Paul Lazersfeld, em 1948 em “Comunicação, Gosto Pessoal e Acção social organizada” a propósito da rádio e estendê-la ao jornalismo on-line. A hipótese de Merton e Lazersfeld consistia na existência de uma disfunção narcotizante da comunicação a qual se traduz no fato de as audiências se enganarem acerca da sua participação cívica, pensando que, pelo fato de estarem informadas, estarem politicamente intervenientes (MER|TON e LAZERSFELD, 1987). No limite, graças a esta disfunção, podia haver uma relação inversa entre o aumento da informação e o aumento da participação cívica. A superabundância de volume noticioso que circula na Web dá origem a uma corrente teórica segundo a qual quanto mais quantidade de informação existe, menos sentido e compreensão obtêm-se acerca dos fatos relatados.

Ora, é evidente que o jornalismo on-line, reforça esta aceleração na distribuição momentânea de notícias. Assim tal lógica baseada na idéia de que o público tem o “direito de saber” para poder tomar suas decisões, sugere-se que o público “precisa saber” cada vez mais rápido, porque esse é o ritmo do mundo. A qualidade é aí identificada com a rapidez na transmissão da informação.

No webjornalismo, a velocidade passa a ser o principal “valor notícia”: antes de tudo, importa chegar na frente do concorrente, e alimentar o sistema com dados

novos, num *continuum* vertiginoso a pautar o trabalho nas grandes redações, que, além dos tradicionais produtos impressos diários, oferecem simultaneamente serviços de informação em ‘tempo real’ no suporte on-line.

> O homo cibernauticus conta muitas imagens, muitas opiniões, muitos factos, muitos fragmentos de cultura, muitos fragmentos de saber. Só que este é um contacto muitas vezes caótico. O excesso de informação anestesia, produz efeitos de habituação. Anula. Tal como a aceleração excessiva tende a produzir cegueira e esquecimento. O que sobra em aceleração e abundância falta em distanciamento crítico, pausa reflexiva, em exercício analítico e em memória. (SANTOS, 2002, p. 22).

Do mesmo modo, não é claro que a personalização e a interatividade se traduzam necessariamente numa vantajosa dinamização da cidadania. Para muitos, enquanto os jornais de ontem serviram para integrar as comunidades nacionais, os jornais futuros, tão servirão para integrar especialmente comunidades de consumidores, já que tais meios servirão essencialmente para os anunciantes e os fornecedores de conteúdos desenvolverem informação direcionada e segmentada em função dos seus interesses comerciais. Os indivíduos isolar-se-ão do mundo que os rodeia. De certo modo, cada um construirá a sua prisão informativa. Deste modo, diversos autores têm vindo a preocupar-se com o que classificam de ‘casulagem’ de massa e autismo em linha (Rheingold, 1993 apud Correia, 1998), referindo-se deste modo a uma percepção contextualizada do mundo onde a capacidade de seleção e a comunidade interpretativa se reduzem à presença de uma única pessoa individualizada.

A resposta a estas dúvidas só pode ser encontrada, pensando num modo diverso de espaço público e das suas relações com a CMC (Comunicação Mediada por Computador). Hoje, a esfera pública é mais complexa e multifacetada, tornando-se a arena privilegiada de uma luta simbólica pela definição das realidades sociais.

Por outro lado, o funcionamento das novas formas de cidadania e, consequentemente, os resultados desta luta simbólica está cada vez mais relacionado com os media, sendo que a opinião pública não tem necessariamente de se fazer apesar da presença dos media, mas com recurso a eles . A dinamização de uma instância independente das lógicas do poder e da economia exige a presença de uma sociedade civil que é cada vez mais uma sociedade de comunicação. Esta noção implica assumir que muitos dos conflitos que se desenvolvem na sociedade ocidental já não são apenas dependentes apenas das esferas de reprodução material, mobilizando-se também em torno das questões

relacionadas com a reprodução cultural, pela socialização e pelos direitos individuais. O jornalismo feito na Web e em particular nos blogs corresponde decerto às necessidades levantadas por muitas destas transformações. A sua lógica participada pode corresponder ao caráter mais fragmentado e pluralista do espaço público contemporâneo. Porém, também pode corresponder à indução de uma entropia que desafia a idéia de deliberação racional. Como assinala Luís Nogueira (2002) o jornalismo é uma das formas de tratar, organizar e difundir informação, pelo que “tem as suas regras, constrangimentos e objetivos específicos. Tem uma morfologia, uma linguagem, uma ética e se quisermos uma epistemologia própria”. Tem os seus esquemas de funcionamento. O que o OSJ (*Open Source Journalism*) vem fazer é instabilizar esse edifício que desde há dois ou três séculos tem vindo a ser construído.

Desde logo, o jornalismo poderá retomar pelo menos alguns dos seus aspectos enquanto jornalismo de causas. Não é por caso que os entusiastas dos weblogs consideram o *self publishing* o futuro da Internet: ou seja, há, de certo modo, um regresso ao publicismo e ao jornalismo de opinião. O século XIX terminou, graças à publicidade, com o jornalismo de opinião. Surgiram um conjunto de gêneros (a notícia, a reportagem), que implicaram a formação de normas organizacionais, convenções narrativas, modelos de gestão industrial e o aparecimento de profissionais especializados. O advento deste modo de jornalismo, à qual não pode deixar de estar associada a idéia nova de objetividade, matou o jornalismo de opinião, o publicismo. A industrialização do jornalismo criou as condições para que a notícia se tornasse uma mercadoria e Simmel melhor do que ninguém já compreendera no século XIX como o dinheiro criava desenraizamento e descontextualização. O jornalismo on-line pode, pelas condições técnicas de que já falamos anteriormente, dar origem a uma nova forma de jornalismo, ligado aos movimentos sociais, à democratização e à afirmação cívica das comunidades, que alguns chamam de jornalismo cívico. (CORREIA, 1998).

Uma análise da história da imprensa radical, começando com os panfletários dos sucessivos períodos revolucionários, demonstra que, apesar do seu formato reduzido e da sua ausência quase generalizada das histórias do jornalismo, os media alternativos desempenharam papéis significativos na história das respectivas comunidades políticas, designadamente dando voz a perspectivas centradas na defesa dos direitos humanos e das minorias: abolicionistas, feministas, defensores

dos direitos civis, etc. Hoje,muitas destas possibilidades são exploradas ao nível dos novos *media*. Com efeito, devemos admitir que as novas configurações do capitalismo têm uma relação profunda com a dimensão simbólica e comunicacional mas os utilizadores da Internet não são meros consumidores e produtores de informação mas seres eminentemente sociais que como tal procuram também, através do uso dos serviços telemáticos, pertencer a um grupo, afirmar as suas convicções políticas, culturais, religiosas, etc., bem como, apoio para as suas dificuldades pessoais ou grupais. Nessa medida parece-nos altamente significativo afirmar a propósito do *open source journalism* que este permite que várias pessoas (que não apenas os jornalistas) escrevam e, sem a castração da imparcialidade, dêem a sua opinião, impedindo assim a proliferação de um pensamento único, como o pode ser aquele difundido pela maioria dos jornais, cuja objetividade e imparcialidade são muitas vezes máscaras de um qualquer ponto de vista que serve interesses mais particulares que apenas o de informar com honestidade e isenção o público que os lê.

Provavelmente, este registro em que a abertura à causa e à opinião dos públicos é balanceada pela existência de uma tematização, de uma ética e de formas de mediação mínimas, poderá dar origem a um eventual novo formato jornalístico: em vez do jornal, a comunidade noticiosa, hipermidiática, centrada em causas ou temas que constituem a razão de ser da sua existência, extremamente aberta à participação dos públicos que podem mesmo participar na elaboração do material editado, mas com critérios que têm a ver com a própria razão de ser da comunidade noticiosa. Como afirmou Tocqueville, sem jornais não há atividade comum: o jornal, consequentemente, representa uma associação, mais ou menos restrita que é composta pelos seus leitores habituais. Nesse sentido, a comunidade noticiosa é uma associação da sociedade civil que explora algumas potencialidades do jornalismo que foram esquecidas e inibidas pelo modelo clássico da “comunicação de massa”.

Assim concluímos que os blogs podem ser este espaço que transforma tal lógica, mas podemos perceber que tudo isso ainda é sinalizado de forma incipiente, num contexto no qual não há uma suposta ruptura e sim repetições de modelos, valores em readequações que vão dando espaço a uso de algumas ferramentas que paulatinamente reconfiguram tais interfaces, dentro de uma interseção híbrida expressa entre a lógica do *continuum* e o *degradé* ou em outras palavras, o

crescimento dos blogs remete à multiplicidade específica da hipermídia; multiplicidade de emissores, de trajetos, de opiniões. Sob o formato, cabe tanto ao 'proprietário' do blog publicar informações e opiniões quanto ao visitante/ leitor concordar, discordar, reclamar, rebater o que foi publicado, mas é possível afirmar que na prática jornalística nestes blogs predominam gêneros jornalísticos que aproximam as formas discursivas do jornalismo das subjetividades sociais, que servem como recursos narrativos a fim de ultrapassar os limites de compreensão das formas sociais impostos pela linguagem pretendida referencial e instrumental do jornalismo estritamente formal narrativo.

Nos três blogs analisados, vimos que o discurso é mais explícito, mais do que um produtor de informação, o jornalista é um gestor: recorre a outros veículos, incorpora, algumas vezes beirando o plágio, outros discursos ao seu discurso. A interdiscursividade é inerente a tais blogs ela é a sua força, a sua diferença e isso se dá através do recurso da personalização narrativa aliada ao potencial conversacional presente na relação agora horizontalizada entre o blogger e o 'leitor imersivo'. Noutras palavras concluindo:

> Uma das características dos blogs é a personalização da informação. Aqui, falamos em personalização no sentido de que a informação encontra-se imbuída da *persona* de seu autor, daquele que a divulga. Esta personalização é presente não apenas no conteúdo e na assinatura do autor, mas também no formato gráfico (cores, formato do site, fontes etc.) do blog, nos links colocados ali, na foto do autor, ou mesmo nos'clicks'. Aquilo que é veiculado num blog não tem a pretensão de ser uma informação neutra. Ao contrário, existe o pressuposto claro de que alguém escreve e que a informação corresponde ao relato, à visão ou à opinião deste alguém sobre o evento. São discursos pessoais. (RECUERO, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> “Toda gente vive apressada, e sai-se no momento em que se devia chegar” Marcel Proust

A análise do modelo de comunicação possibilitado pela rede mundial de computadores nos permite defender a revitalização do projeto habermasiano de uma esfera pública autônoma, edificada por meio da troca pública de opiniões, alimentada por uma racionalidade comunicativa. Essa afirmação seria comprovada pela análise empírica dos formatos midiáticos encontrados na Internet, cuja categorização nos leva a verificar que a sociedade civil conta, agora, não apenas com os Meios de Comunicação de Massa (MCM), mas, também, com Plataformas Comunicativas Multimidiáticas Ciberespaciais (PCMC). As habilidades inerentes ao meio digital (como sincronia, hipertextualidade, entre outras) propiciam o surgimento de competências comunicativas que favorecem um processo de construção de opinião, minimizando interferências.

Conquanto a observação analítica de alguns espaços de interlocução como os blogs que são proporcionados pelas convergências tecnológicas anunciam a possibilidade do surgimento de embrionárias esferas públicas ciberespaciais.

Elas constituem espaços de formação de opinião que se processam pela troca de argumentos mediados pela comunicação em rede, ou comunicação mediada por computador, como tende-se a denominar o fenômeno. Este papel, outrora desempenhado pela imprensa em seus gêneros literário e opinativo, passando, em uma perspectiva histórica, pelo aparato da indústria cultural, na linguagem frankfurtiana, seguido pela mídia, tem agora mais uma plataforma de materialização: a Internet e todos os canais midiáticos que tem nela seu suporte. Nela tanto os jornais aparecem como formas modificadas de estímulo à esfera pública, quanto fóruns totalmente novos cumprem este papel, permitindo que usuários do mundo todo possam expressar suas opiniões. Aparecem, na rede, como plataformas multimidiáticas, nas quais surgem possibilidades de debates públicos, podendo evoluir para a formação de esferas públicas no ciberespaço.

Sintetizando, seria a idéia de que os novos meios de comunicação, não de massa como a televisão, a rádio e os jornais, mas sim as Plataformas Comunicativas Mulltimidiáticas Ciberespaciais (PCMC) proporcionam o aparecimento da esfera

pública porque retomam “a troca pública de opiniões, alimentada por uma racionalidade comunicativa” (BRITTES, 2003, p.2)

Com a internet, o cidadão passa a ser produtor e consumidor da informação e podem mesmo chegar a recolher essa informação da própria fonte e entrar em discussão de idéias com esta, como é feito nos blogs. Estas esferas públicas espaciais são agora espaços que levam ‘à troca de argumentos mediados pela comunicação em rede’. Estes novos fóruns cumprem o papel de esfera pública, pois possibilitam na rede o debate público que favorece a formação da mesma.

Alguns teóricos em estudos acerca da possibilidade desta esfera surgir no ciberespaço apresentam um conjunto de plataformas onde a argumentação e a discussão podem surgir, que “propiciam formas de interlocução favorecedoras da argumentação pública”. Concluindo que de fato o cidadão comum tem ao seu dispor um meio que lhe permite tecer uma opinião pública com maior liberdade. Contudo, vale reiterar que há ainda um longo caminho a percorrer para que o ciberespaço possa ser dado como um revitalizador da ‘utopia de Habermas quanto à existência de uma esfera pública autônoma’.

Assim vemos surgir com a possibilidade da rede, dois novos fenômenos: as PCMC e as mutações no próprio jornalismo ou no modo de se fazer jornalismo. Este meio proporciona ao jornalismo, caso este queira, uma vertente mais de diálogo, e a prova disso é o surgimento do ‘jornalismo colaborativo’. Ora, é este novo jornalismo associado a estas novas plataformas que vai favorecer “a construção de opiniões públicas sem constrangimento” e os blogs têm este potencial intrínseco a sua própria gênese. É aqui que esta esfera pública autônoma de Jurgen Habermas pode aparecer.

Importa dizer que ao longo dos tempos houve, pelo menos, dois grandes momentos, de conceitos diferentes de esfera pública: o primeiro ligado à antiguidade grega, estudado a fundo por Arendt, onde esta esfera aparece relacionada com a virtude cívica e, precisamente com a recuperação do ideal que está contido no espaço público grego; o segundo, está mais ligado com a modernidade e com as perspectivas de Dewey e Habermas, onde a esfera pública aparece como uma forma emergente de sociabilidade, que aspira ao agir político. Encontramos neste ponto um domínio da vida social onde se pode formar a opinião pública. – ‘Uma porção de esfera pública surge sempre que é constituída uma situação conversacional, na qual se juntam pessoas privadas para formar um público’.

À imagem do século XVIII, este é o espaço onde os cidadãos se juntam livremente e têm conversas de modo aberto sobre as questões de interesse público, tal como faziam os capitalistas e burgueses conforme vimos anteriormente. Notamos também que a dissolução da idéia de espaço público está relacionada com o aparecimento da indústria midiática e com o surgimento da comunicação de massas, onde “o público leitor que prefigurava o público político confronta-se ao longo da obra de Habermas (...) pois o raciocínio tende a converter-se em consumo e o contexto da comunicação pública dissolve-se em atos estereotipados da recepção isolada” (HABERMAS, 1982).

A massificação das idéias e da cultura trouxe supostamente consigo os consumidores passivos e o abandono da opinião pública por parte da imprensa, que foi transformada em instrumento de interesses particulares, essencialmente pelos regimes totalitários que marcaram as cinco décadas iniciais do século XX em toda a Europa. Na qual a imprensa era usada pelos regimes para propagar e difundir os seus ideais, ao jeito de propaganda política, onde o público era encarado como uma massa, sem qualquer possibilidade de resposta ou de argumentação.

Mas, nos finais do século XX, em toda a Europa, começam a surgir dentro desta indústria midiático, novas formas de interação com o público, essencialmente através das CMC, Comunicações Mediadas por Computador, que aparecem numa “espécie de saudosismo daquilo que era a ágora grega ou o espaço público burguês”.

Os novos meios de comunicação, acima de tudo a Internet, alimentam a chegada das comunidades virtuais – (são o veículo por excelência para o discurso livre e para o debate público, onde a noção de limitação geográfica foi ultrapassada, pois a comunidade virtual é composta por indivíduos de interesses comuns, normalmente assentes em laços estabelecidos à distância, sem qualquer proximidade geográfica, que caracterizava os laços estabelecidos nas comunidades ditas clássicas. As virtuais podem assumir agora um papel salvador da interação que a cultura de massa dissolvera) e do webjornalismo.

No cerne do webjornalismo ou do chamado Jornalismo cidadão (3.0) está depositada a esperança, pois o jornalismo que surge na Internet representa uma cisão com a hierarquia que configura os meios de comunicação tradicionais e permite a emergência de um modelo de muitos para muitos, deixando a

centralização do emissor de informação, e os blogs seriam ‘o meio mais nativo originário neste contexto’.

Mas vale salientar que democratizar a informação não é só torná-la acessível, mas também atraente, interessante, polissêmica. É tornar a informação não um ponto de chegada, mas um ponto de partida para a abertura do debate e a reconstituição da esfera pública. Quando o espaço dessa democratização é o jornalismo político, o mérito é ainda maior: a política é um processo para a efetivação das transformações sociais, mas algumas vezes é compreendida como desinteressante, desprezível, entediante, banal. Resgatar a importância da política é contribuir, em última instância, para reafirmar a importância da democracia.

Os blogs conseguem democratizar a informação política por meio da sua linguagem, de sua técnica, de sua interatividade, por meio do trabalho desse jornalista que gesta a informação com responsabilidade e conhecimento. Mas para que essa democratização seja ainda mais eficaz, é necessário democratizar o acesso à informação digital.

A possibilidade de reconstituir a esfera pública sempre esbarrará na questão dos interesses. Ao lado de seu imenso potencial informativo, os blogs de notícias ainda possuem um caráter diletante. Mas, como é característico da Indústria Cultural, tudo que faz sucesso tende a ser convertido em mercadoria.

Nos blogs de notícias, o jornalista não tem medo de opinar como vimos. Aliás, sua opinião é essencial ao leitor, não precisa de disfarces, de filtros. Ela não representa um empecilho, um deslize ou uma falta, embora em alguns momentos nas postagens vimos que ela ainda precise constituir um gênero estanque ao informativo, mas notícia, interpretação e opinião se completam, mas relembrando as raízes disso remontam historicamente ao fato de que o jornalismo utilizou a separação dos gêneros para aparentar credibilidade, pois mesmo usual, tal hibridismo dos gêneros era visto como uma falha técnica e ética muitas vezes grave.

Esse hibridismo talvez constitua o elemento mais forte para a constituição de uma comunidade de leitores ou comunidade virtual, para a atuação dos blogs como potencializadores de uma esfera pública. O fato e o comentário do fato, juntos, são instigantes e se tornam mais atraentes porque não são apresentados a um receptor que irá assisti-los, mas compartilhados com sujeitos que querem polemizar.

Desse modo, a blogosfera se auto-proclama ser um ambiente desvinculado dos interesses ideológicos de uma empresa jornalística, dando a um jornalista a possibilidade de elaborar suas próprias pautas e escrever sem preocupações com *leads e* pirâmides invertidas, mas é claro que isso pode ser questionável na medida em que tais blogs analisados nesta pesquisa estão vinculados a grandes conglomerados midiáticos.

Isso tem ligação direta ao fato consumado de que recentemente todos os portais e sites de jornais recorreram ao uso de blogs, essa ferramenta tão em voga ultimamente. Mas um dado interessante é que percebemos que a tal suposta falta de vínculo ideológico barra no fato de que os blogs hospedados em portais não conversam efetivamente com outros blogs, uma vez que quase sempre apenas '*linkam'* notícias publicadas no próprio portal que lhes oferece suporte, numa tentativa de talvez não dispersar o leitor para longe do âmbito do portal que ainda mede sua eficiência em termos de audiência, sendo isso que gera suas receitas, e os blogs ai são apenas mais um produto oferecido dentro dos conteúdos destes portais.

Não interagem efetivamente com a blogosfera, assemelhando-se mais a colunas tradicionais meramente travestidas de blogs. Além disso, são tolhidos no tema dos *posts,* muito vinculados aos valores - notícias da mídia tradicional. Ainda ladeando sobre as diferenças entre blogueiros e colunistas de jornais, eis uma diferença fundamental: nos blogs, a repercussão de um texto surge pouquíssimo tempo após sua publicação, e vêm na forma de comentários e e-mails recebidos. Blogueiros interagem com seus leitores, escrevem *posts* a partir dos *feedbacks* recebidos, deixam comentários nos blogs daqueles que visitaram sua página. O tempo de resposta de um colunista de jornal obviamente é muito mais pausado e limitado pelas restrições impostas pelo veículo em que escreve. Sendo assim, os *blogs* são frutos de uma sociedade proclamada pós-moderna na qual predomina a idéia do 'aqui e agora', que movimenta uma imensa máquina produtiva de informação.

Por ser parte integrante da cibercultura, o *blog*, enquanto ferramenta jornalística, com uma proposta de revolução pacífica busca transformar paulatinamente a padronização da informação pelos veículos de comunicação de massa tradicionais e se afirmar como uma alternativa de expansão das informações

diante destes impérios midiáticos na medida em que potencializam o caráter conversacional e participativo do público ‘leitor’.

Enfim, podemos concluir, portanto que as teorias da comunicação evidenciam que as mudanças sócio-comunicacionais estão intimamente ligadas à evolução dos suportes midiáticos, do contexto histórico e da relação intrínseca entre produção e acesso à informação. É possível considerar que o desenvolvimento da Internet é caracterizado por catalisar uma modificação substancial no que se refere à estrutura e ação do campo midiático, principalmente no que diz respeito às práticas jornalísticas. As possibilidades de interação, gerenciamento de recursos de outras mídias e constituição de práticas narrativas adequadas a este espaço- informação demonstram que não estamos vivenciando uma simples adaptação conjuntural, mas sim transformações orientadas à compreensão da natureza e *modus operandi* do ciberespaço e as mudanças no papel dos jornalistas.

Assim, a investigação das práticas jornalísticas que se convergem ao ciberespaço leva, portanto, à discussão da materialidade das tecnologias da comunicação, cujo uso habitual e dependência profissional transformam constantemente o jornalismo. Cada nova alternativa de comunicação – computadores e telefones cada vez mais portáteis, redes mundiais de informação com acesso fácil e direto, transmissões em tempo real de falas e imagens – constitui elemento vital no funcionamento e rotina jornalística, e sua incorporação como instrumento do ofício tem conseqüências substantivas sobre o modo de produzir as notícias, inclusive políticas. Para além da acessibilidade a uma gama nova e diversificada de fontes de informação, por sua própria especificidade técnica, ou seja, sua materialidade tecnológica, a Internet reconfigura as possibilidades e expectativas da produção jornalística.

A estrutura da comunicação em rede que a caracteriza traz diferenças fundamentais para cada elemento do processo comunicativo. Trata-se de emissão dispersa e capilarizada, fundamentalmente não-hierárquica, em que emissores alternativos e atores políticos marginais podem tentar produzir eventos noticiáveis, procurando atrair a atenção do público, seja do especializado, como os jornalistas, seja do curioso ou interessado. Seu uso como fonte torna a rede um novo campo de disputa política; na internet, os recursos necessários para publicar são significativamente menores que em qualquer outro meio de comunicação anterior, com possibilidades inéditas de interação e participação.

Na busca em tentar responder aquela questão inicial, poderíamos dizer que seria o novo em curso, mas maquiado pelo vínculo ainda transitório, uma "maquiagem" *continuum dégrade* que gera interfaces de acréscimos sucessivos de recursos e conseqüentes ressonâncias no formato de jornalismo consolidado, afinal a Internet tem apenas treze anos de lançamento comercial.

Contudo, não se faz aqui uma panacéia desvairada em defesa dos blogs, pois não se trata de uma escolha entre ser otimista utópico ou ludista realista no que tange as novas tecnologias da comunicação, mas o importante é enaltecer que transformações estão em curso, e alguns estudos de caso, contribuem para tirar a discussão da projeção aparente de previsões analíticas que não estão baseadas na análise exploratória do real. Tentamos aqui aliar tais discussões a análise representativa num cenário micro de três blogs dentro de um universo múltiplo e plural que é a blogosfera.

REFERÊNCIAS

ALBERTOS, J.L.Martínez. **Curso general de redacción periodística**. Madrid: Paraninfo. 1991.

ALDÉ, A.; CHAGAS, Viktor. **Blog de política e identidade jornalística** (transformações na autoridade cognitiva e na relação entre jornal e leitor). Pauta geral, Salvador, v. ano 12, n. nº 07, p. 17-25, 2005.

ALONGE, Wagner. Ágoras digitais: a emergência dos blogs no ciberespaço e suas implicações na sociabilidade e cultura midiática. In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, 2006. Salvador. **Anais do I Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política**, 2006, Disponível em: http://www.fafich.ufmg/compolítica/anais2006.html. Acesso 15 de fevereiro de 2007.

ANTUNES, Luiz Guilherme. **Cyrano Digital -** a busca por identidade em uma sociedade em transformação. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 2001.

ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar; PENTEADO, Cláudio Luis de Camargo; SANTOS, Marcelo Burgos Pimentel dos. Blogs de Política: caminhos para a reflexão. In: I CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, 2006, Salvador. **Anais do I Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política**, 2006. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/compolítica/anais2006.html . Acesso em 20 de janeiro de 2007.

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** São Paulo. Universitária. 1996.

AUGRAS, Monique. **Opinião Pública teoria e pesquisa**. Petrópolis, Editora Vozes, 1974.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo on-line**: dos sites noticiosos aos portais locais. 2002. Disponível em: www.recensio.ubi.pt. Acesso em: 07 jul. 2005.

_____. **Jornalismo de portal**: novo formato e categoria para o jornalismo digital. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Orgs). Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003. p. 161-186.

_____. **Jornalismo digital e a informação de proximidade**: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBahia. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2002. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 07 jul. 2005.

BARBOSA, Elisabete e GRANADO, Antônio. **Weblogs** - diário de bordo. Lisboa, 2004.

BASTOS, Hélder. **A Internet no jornalismo**. In: Revista Observatório nº 01 [on-line], 2000a. Disponível em: htp://www.obercom.pt/2004/observatorio01/07.htm. Acesso em 16 de agosto de 2008.

BASTOS, Hélder. **Jornalismo eletrônico**- Internet e reconfiguração de práticas nas redações. Coimbra/Portugal: Minerva, 2000b.

BAUMAN, Zigmund. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro, Agir, 1960.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo.**Porto Alegre, Sulina, ARI, 1980.

BERTOCCHI, Daniela. **A narrativa jornalística no ciberespaço**: transformações, conceitos e questões. Porto. Dissertação de mestrado, 2006, 215f.

BLUMER, H. **Public opinion and opinionpolling.** In: American Sociological Review, 13. 1948.

BOND, Fraser. **Introdução ao jornalismo**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1962.

CALVO, Santiago Tejedor. ***La enseñanza del ciberperiodismo em lãs licenciaturas de periodismo de Espana***. Tese de doutorado. Universidade Autônoma de Barcelona, 2006.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**, considerações gerais sobre o jornalismo na web. In: BOCC [on-line]. 2001. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt. Acesso em 15 de março de 2007.

_____. **Blogues políticos em Portugal**: o dispositivo criou novos atores?Universidade da Beira Interior. In: BOCC [on-line] 2004. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt. Acesso em 15 de março de 2007.

_____. **Do jornalismo on- line ao webjornalismo**: formação para a mudança. In: BOCC [on-line] 2005. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt. Acesso em 15 de março de 2007.

CASASÚS, J.Maria & Ladevéze, L.Núñez. (1991). ***Estilo y géneros periodísticos***, Barcelona: Ariel. 1991

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede -** A era da informação: sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____ **O poder da identidade -** a era da informação: sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____ **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.**Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2003.

CASTELLÓN, Lúcia A e JARAMILLO, Oscar C**. Los desafios de la educación superior em la Sociedadd de la información. In:** In: Sociedade do Conhecimento: aportes latino-americanos. (Org. José Marques de Melo, Paulo Rogério Tarsitano, Maria Cristina Gobbi, Luciano Sathler). São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Diferenças discursivas no jornalismo diário de língua portuguesa. In: **Atas do 1º Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação**, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1999.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d´aquém e d´além mar.**Travessia para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo, Summus Editorial. 2008.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro, do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

CORREIA. Novo jornalismo, CMC e esfera pública. 1998. disponível em: http://www.booc.ubi.pt. Acesso em 03 de Agosto de 2006.

DE QUADROS, Claudia Irene. **Jornalismo Público com a Internet**: uma proposta para incentivar a democracia, trabalho apresentado no III Seminário Internacional Latino-Americano de Pesquisa em Comunicação, São Paulo, 13 de maio de 2005.

DEUZE, Mark. **Online journalism**: modelling the first generation of news media the World Wide Web. Disponível em: www.firstmonday.org/issues/issue6_10/deuze/. Acesso em: 27 out. 2005.

DEWEY, J. **The public and its problems**. London: Allen and Unwin. 1927.

Discussão sobre o que são weblogs. [on-line]. Ponto Media. Disponível na Internet: <http://ciberjornalismo.com/oquesaoweblogs.htm>. Acesso em 22 nov. 2003.

DÍAZ NOCI, Javier & Salaverría, Ramón. (coord.) **Manual de Redacción Ciberperiodística**, Barcelona: Ariel. 2003.

DIZARD, Wilson. **A nova mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GARGUREVICH, Juan. **Gêneros periodísticos**. Quito, CIESPAL, 1982.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Ortiz, 1997.

GOBBI, Maria Cristina. **Introdução**. In: Sociedade do Conhecimento: aportes latino-americanos. (Org. José Marques de Melo, Paulo Rogério Tarsitano, Maria Cristina Gobbi, Luciano Sathler). São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.

GODECHOT, Jacques. **Contribuición a la historia del periodismo**. Quito, CIESPAL, 1964.

GOMES, Wilson. **Opinião pública na internet**. Universidade de Brasília, 2001. Disponível em:<www.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/2001.html>. Acesso em 28 de Outubro de 2005.

_____. **Opinião política pública**, uma investigação preliminar. Universidade Federal da Bahia, 2001. Disponível em: <www.facom.ufba.br/etica/txts/opiniaopolitica.pdf>. Aceso em 28 de outubro de 2005.

GOMIS, Lorenço. **Teoría del periodismo**: cómo se forma el presente, Barcelona: Paidós. 1991.

GONZÁLEZ, Maria Angeles. **Convivencia de la prensa escrita y la prensa on line em su transición hacia el modelo de comunicación multimedia**. 2001. Disponível em: www.ucm.es/info/emp/Number-07/7-4-Comu/7-4-01.htm. Acesso em: 22 fev. 2007.

GOULDONER, A. **The dialectic of ideology and technology**. New York: Continuum.1976.

GROTH, Otto. 1989 *apud* MARCONDES FILHO, Ciro. **Capital da noticia:** jornalismo como produção social da segunda natureza. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. 188 p.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____ **Teoria de la acción comunicativa**. Vol. I y II. Madrid: Taurus, 1987.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HERRERA, Damas Susana & Martinez Costa, M. Pilar. '***Los géneros radiofónicos en la teoría de la redacción periodística en España*** – Luces e sombras de los estudios realizados hasta la actualidad', Revista Comunicación Y Sociedad, Universidad de Navarra (Espanha), Volume XVII, n 1, Junho, pp. 115-143. 2004.

HOHLFELDT, Antonio e outros. **Teorias da Comunicação**. 2a. Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface** – Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

JONES, Steve, **Studying the Net**. In: Steve Jones (Org.), Doing Internet Research,Thousand Oaks, London and New Delhi. 1999.

KATZ, J. **Cidadão Digital**. Gazeta Mercantil. São Paulo, 3 de Abril 1998. Fim de Semana, p. 1-3.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**.São Paulo, Geração Editorial, 2003.

KUCISNSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/Editora UNESP, 2005.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo:** norte e sul. São Paulo: Edusp, 2001.

LANDOLOW, George P. Hypertext: **The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology** , Hopkins UP.

LAZARSFELD, P. F., & Merton, R. K. **Comunicação de massa, gosto popular e acção social organizada.** In: Cohn, Gabriel (org.), Comunicação e Indústria Cultural, São Paulo, T.A. Queiroz. 1987.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São

Paulo: Loyola, 1988.

_____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

_____. **Todos dizem "eu estou aqui".** Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 set. 1997. Caderno Mais, p. 53.

_____ **Cibercultura**. Rio de Janeiro: 34, 1999.

_____ **A revolução contemporânea em matéria de comunicação**.In: Para navegar no século XXI (org. Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva). Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo, Loyola, 2001.

LOPES, A.Carlos & Reis, Ana Cristina. **Dicionário de Narratologia**, Coimbra: Almedina. 2002.

MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos. **Manual de Jornalismo na Internet**. Salvador: FACOM/UFBA, 1997.

MACHADO, Elias. **Ciberespaço como fonte para jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

MARINHO, João. **Jornalismo de Blog - Como** uma página pessoal pode se tornar uma fonte confiável de informações. [on-line]. Disponível da Internet: <http://www.herege.jo.br> Acesso em 10 dezembro 2003.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Ed.UFSC, 1992.

MEDITSCH, Eduardo. **Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação** - ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo. Brasília, Compós, disponível em http://www.jornalismo.ufsc.br/, Acesso em 12/10/2007.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis, Vozes, 1985 (1 Ed) e 1994 (2 Ed).

MIELNICZUK, Luciana, PALÁCIOS, Marcos. **Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web**: o link como elemento paratextual. In: Encontro Nacional da COMPÓS. 10. GT de Jornalismo, Brasília, junho 2001. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/producao2001.htm. Acesso em: 12 abr. 2007.

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web.** In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Orgs.). Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003. p. 39-54.

MOHERDAUI, Luciana. **Diários paulistanos na web**. São Paulo: Universidade Bandeirante de São Paulo, 1999. Disponível em: http://bocc.ubi.pt/pag/moherdaui-luciana-jornalismo-online.html#_ftn1. Acesso em: 10/10/2007.

MOURA, Catarina,**O Jornalismo na era slashdot**, Universidade da Beira Interior, 2002. Disponível em: www.bocc.ubi.pt

MURAD, Angéle. **Oportunidades e desafios para o jornalismo na Internet**. In: Ciberlegenda, nº 2. Porto Alegre. 1999.

NOGUEIRA, Luís Carlos. **Slashdot, comunidade de palavra**, UBI. 2002. Disponível em: www.bocc.ubi.pt

ORDUÑA. Octavio I. Rojas et al. **Blogs:** revolucionando os meios de comunicação. Trad. Vértice Translate. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

ORIHUELA, José Luis. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUÑA. Octavio I. Rojas et al. **Blogs:** revolucionando os meios de comunicação. Trad. Vértice Translate. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

PALÁCIOS, Marcos. **Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line**: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Orgs.). Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003. p. 15-36.

PAVELOSKI, Alessandro. **Comunicação & Internet**: Visões e interpretações. Bauru:[s.n.] Dissertação de Mestrado. 2003, 188f.

PAVLIK, John V. ***Journalism and new media***. New York, Columbia: 2001.

RAMADAN, Nancy Nuyen Ali. **Jornalismo na era digital**: construindo uma filosofia de ensino. São Paulo: USP. Tese de doutorado. 2000

RAMONET (ed.) **Internet, el mundo que llega. Los nuevos caminos de la comunicación** . Madrid: Alianza Editorial, 1998.

RAMONET, I. **Pensamiento crítico x pensamiento único** . Madrid: Editorial Debate, 1998.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais**. 2003. disponível em: http://www.booc.ubi.pt. Acesso em 03 de Julho de 2006.

RECUERO, Raquel da Cunha. Warblogs, os blogs, a guerra no Iraque e o jornalismo on-line. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciencias da Comunicação**, Belo Horizonte- MG, setembro de 2003: Intercom, 2003. Disponível em: http:www.booc.ubi.pt. Acesso em 13 de julho de 2006.

RHEINGOLD, Howard. ***The virtual communities*** [on-line], 1998.<http://www.rheingold.com/vc/book/>

RÜDIGER, Francisco. **A Escola de Frankfurt**. In: HOHLFELDT, Antonio e outros. Teorias da Comunicação. 2a. Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

_____ **Elementos para a crítica da cibercultura:** sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação?São Paulo: Hacker Editores, 2002.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura**: a experiência cultural na era da informação. Lisboa, 1993.

RODRIGES, Catarina. **Blogs: uma ágora na Net.** Disponível em www.labcom.ubi.pt/agoranet (2004). Acesso em: Setembro de 2006.

SAAD, Beth. **Estratégias para a mídia digita**l: internet, informação e comunicação. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

SANTOS, Jair Ferreria dos. **O que é o pós-moderno?** São Paulo. Ed. Brasiliense, 2004).

SALAVERRÍA, Ramon. ***Redacción periodística em Internet***. 1ª Ed.. Pamplona/ Espanha: EUNSA, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Da cultura das mídias à cibercultura**: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, n.22, dez. 2003.

_____. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Palus, 2004.

SANTOS, Ana Lúcia Prado. **Informação fast-food**: um estudo de caso do jornal "Último Segundo" do portal iG. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2003. Disponível em: www.recensio.ubi.pt. Acesso em: 07 jul. 2005.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática.** São Paulo: Unesp, 1990.

SCHILLER, H. **Communication and cultural domination**. White Plains, NY: Pantheon Books. 1976

SCHITTINE, Denise. **Blog:** comunicação e escrita íntima na Internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCOTT, D. Travers. **Blog Invasion**! What are they? Where did they came from?, Writing & Presentation for Digital Media, CMU597, 26 de maio,2004, disponível em http://students.washington.edu/travers/blogs/BlogsScott.pdf ,acessado em 16 de junho de 2005.

_____. **O Jornalismo Contemporâneo no Brasil**: as mídias digitais como elo entre a crise e a busca de uma nova identidade. Disponível em: http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/bienal/Mesa%206/elizabethsaad.pdf . Acesso em: 5 set. 2007.

SHIRKY, Clay. **Communities, audiences, and scale**. Clay Shirky´s writings about the internet, 6 abr. 2002. <http://shirky.com.writings/community_scale.html>. Acesso em 11 agosto 2007.

SOARES, Tânia de Moraes. **A Imperialização da Cultur@:**Uma Introdução ao Estudo da Obra de Herbert Schiller, ISCTE. 1999. Disponível em: acedido em www.bocc.ubi.pt.

SOUZA, Mauro Wilton. **Recepção e comunicação**: a busca do sujeito. In: Sousa, Mauro Wilton (org.). Sujeito o lado oculto do receptor. São Paulo; Brasiliense, 1995.

SOUZA, Mauro Wilton. **Novas linguagens**. São Paulo:Editora Salesiana, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. 2001. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf. Acesso em: 30 jan. 2007.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Morais. **Aprender Telejornalismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. v. 1. 187 p.

SQUIRRA, Sebastião. **Jornalismo online**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

TARDE, G. ***L'opinion et la Foule***. Paris:Alcan. 1898.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo.** A tribo jornalística- uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TELLAROLLI, Taís Marina. **Gestão da informação on-line**: um estudo do Portal Campo Grande News. Bauru. Dissertação de Mestrado. 2007.168 f.

THING, Lowell**. Dicionário de tecnologia**. São Paulo: Futura, 2003. Weblog, p. 951.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade:** Uma teoria social da mídia. Petrópolis:Vozes, 1998.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América.** 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1977.

TURKLE, Sherry. **Life on the screen:** identity in the age of the Internet. Simon&Shuster, Nova York, United States, 1995.

VAN DIJIK, Teun A. **La noticia como discurso** – Compreensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.

VARELA, Juan. **Jornalismo participativo. O jornalismo 3.0.** In: ORDUÑA. Octavio I. Rojas et al. **Blogs:** revolucionando os meios de comunicação. Trad. Vértice Translate. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

WINER, Dave. **The history of weblogs**. Weblogs.com. [on-line]. Disponível na Internet: <http://newhome.weblogs.com/historyOfWeblogs>. Acesso em 22 nov. 2003.

WOLF, M. **Teorias da comunicação.** São Paulo: Presença, 1995.

WOLTON, Dominique. **As contradições do espaço público mediatizado**. In: Revista de Comunicação e Linguagens p. 21-22, Comunicação e Política, Lisboa,Cosmos. 1999.

YANES, Mesa Rafael. **Géneros periodísticos y géneros anexos**. Madrid: Fragua. 2004.

ZILLER, Joana. Tradução Intersemiótica no Jornalismo de Portal: estudo comparativo sobre o aproveitamento de potencialidades da hipermídia em 2005 e 2006. In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO-Intercom. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Santos- SP – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007: Intercom 2007.

ANEXOS

CORPUS DA PESQUISA

BLOG JOSIAS DE SOUZA

21/07/2007

Os verdadeiros culpados são os passageiros da TAM

Joel Silva/Folha

Parentes e amigos das vítimas da tragédia choram num protesto em Congonhas

Os passageiros do vôo 3054 cometeram vários crimes que justificam sua responsabilização sumária. O primeiro foi o de existir. Não satisfeitos, existiram em número expressivo: 187. Num flagrante desafio à ordem, compraram bilhetes sem perguntar se os reversos do avião estavam em ordem. Pior: aterrissaram em Congonhas, sob chuva, numa pista sem ranhuras. Finalmente, abandonando qualquer tipo de escrúpulo, tornaram-se vítimas. Um acinte.

Tenta-se agora, veja você, acomodar nos ombros do governo e da TAM a culpa pelos crimes dos passageiros. Coisa inaceitável. O Estado e a empresa têm do seu lado a lei. Estão protegidos pela “Lei de Murphy”. Todo mundo já ouviu falar da “Lei de Murphy”. Mas pouca gente conhece sua origem. Foi descrita nas páginas de "A Vingança da Tecnologia", livro do norte-americano Edward Tenner (Editora Campus). Informa o seguinte:

O capitão Edward Murphy, da Força Aérea dos EUA, acompanhava, com vivo interesse, os experimentos de seu chefe, o major John Paul Stapp. Cobaia de testes de resistência a grandes acelerações, Stapp desafiava a velocidade num trenó-foguete. Em 1949, bateu o recorde de aceleração. Mas não pôde comemorar o feito. Os acelerômetros do veículo não funcionaram.

Engenheiro, Murphy foi investigar o que dera errado. Descobriu que um técnico ligara os circuitos dos aparelhos ao contrário. E concluiu: "Se há mais de uma forma de fazer um trabalho e uma dessas formas redundará em desastre, então alguém fará o trabalho desta forma". Depois, em entrevista, o major Stapp referiu-se à frase do ajudante como "Lei de Murphy". Resumiu-a assim: "Se alguma coisa pode dar errado, dará". A "Lei de Murphy" foi injetada no folclore da tecnologia. Hoje, aplica-se a todas as situações. Inclusive ao infortúnio aéreo do Brasil.

Apresentado ao aerocaos dez meses atrás, o governo tinha duas formas de gerir a encrenca. A mais banal seria assumir a tarefa de governar, adotando providências. Preferiu a tortuosa alternativa de empurrar os problemas com a barriga. Em Congonhas, entregou tardiamente uma pista inacabada, sem ranhuras. Diz-se agora que o grooving, nome técnico das fendas que facilitam a drenagem da pista, não é essencial. Simultaneamente, informa-se que serão apressadas as obras de abertura das frinchas no asfalto. É Murphy levado às últimas conseqüências.

Três dias antes da tragédia, a TAM detectara um defeito no reverso da turbina direita de seu Airbus. De novo, havia dois caminhos. O banal: recolher o avião ao hangar e reparar a avaria. O tortuoso: barrigar o conserto, mantendo o avião nos ares. Optou-se pela barriga. Informa-se agora que o reverso não é lá tão relevante na operação de frenagem. Fica-se sem entender porque o fabricante perde tempo incorporando nos aviões uma geringonça de tamanha inutilidade. Só Murphy explica.

Como se vê, tudo está perfeitamente claro. Mas os parentes das vítimas cobram explicações adicionais. E exigem pressa. Uma evidência de que a índole criminosa é fenômeno genético. A pressão é adensada pelo ânimo acalorado de toda sociedade. Buscam-se nas caixas pretas do avião novas revelações. Novidades capazes de pôr em xeque as boas intenções –públicas e privadas—, as melhores frases (Marta “Relaxa e Goza” Suplicy) e os gestos mais espontâneos (Marco Aurélio “Top-top” Garcia). Esse ímpeto subversivo é um inaceitável desafio à lógica da Lei de Murphy.

Escrito por Josias de Souza às 19h24

Comentários (164) | Enviar por e-mail | Colunas | Permalink#

Manuais da TAM aconselham pilotos a usar reverso

Em seus documentos internos, a TAM recomenda a pilotos e co-pilotos o uso do reverso –ou reversor- das turbinas nos pousos de aviões a jato, inclusive o Airbus A320, modelo da tragédia de Congonhas. A

recomendação consta do manual de treinamento de pilotos e co-pilotos da companhia.

A informação foi confirmada ao *blog* por um pilto da TAM, sob a condição do anonimato. Segundo contou, o documento aconselha, no caso do Airbus, o uso do reverso em todos os pousos.

O Airbus do acidente que vitimou pelo menos 197 pessoas encontrava-se com o reverso da turbina direita defeituoso. A TAM soube do defeito três dias antes do acidente. A despeito disso, manteve a aeronave em operação. A companhia argumentou que o fabricante autoriza o uso do avião sem reverso por até dez dias, antes do reparo.

O piloto que conversou com o *blog* afirmou que os reversos são equipamentos auxiliares na operação de frenagem do avião. Antes do pouso, as turbinas jogam o ar para a trás. Uma vez acionados os reversos, o ar da turbina passa a ser liberado para a frente, auxiliando na redução da velocidade.

Segundo o piloto, pode-se, de fato, pousar um avião sem o uso do reverso. Disse que não tem condições de afirmar que o defeito no Airbus foi o causador do acidente. Esclareceu que acidentes costumam ser provocados por uma confluência de fatores. Mas declarou não ter dúvidas de que, se estivesse em perfeitas condições, o reverso teria sido essencial para ajudar a frear o avião, sobretudo na condição em que se encontravam o avião (lotado) e a pista de Congonhas (molhada).

A velocidade atípica que o Airbus do acidente desenvolvia no instante em percorreu a pista de Congonhas é um dos mistérios que a Aeronáutica tenta decifrar na investigação que realiza desde o início da semana. Espera-se que os dados que serão extraídos das duas caixas pretas do avião ajudem a explicar o problema. Neste sábado, descobriu-se que um dos equipamentos enviados para os EUA não era a caixa preta. O equívoco foi sanado com a localização da caixa autêntica.

A utilização do do reverso é mencionada também em textos do sítio TAM vitual. Organizado a pretexto de "homenagear" a empresa na internet, divulga informações acerca de simuladores de vôo. Num dos textos expostos no sítio, -"Pousando Aeronaves a Jato"-, anotou-se: "Imediatamente após o toque das rodas principais, o reverso dos motores deve ser armado e a roda do nariz levada ao solo, num movimento suave mas contínuo, quando, então, é aplicada a tração reversa. O máximo efeito de desaceleração do reverso é obtido enquanto o avião se encontra com velocidade alta".

Escrito por Josias de Souza às 18h44

Comentários (87) | Enviar por e-mail | Reportagens | Permalink

As manchetes deste sábado

- **Folha**: Governo limita uso de Congonhas

- **Estadão**: S. Paulo terá 3º aeroporto e Congonhas, menos vôos

- **Globo**: Após dez meses, sai pacote para a segurança aérea

- **Correio**: Lula, enfim, promete desafogar congonhas

- **Valor**: Presidente anuncia hoje pacote para o setor aéreo

- **Jornal do Commercio**: Morre ACM

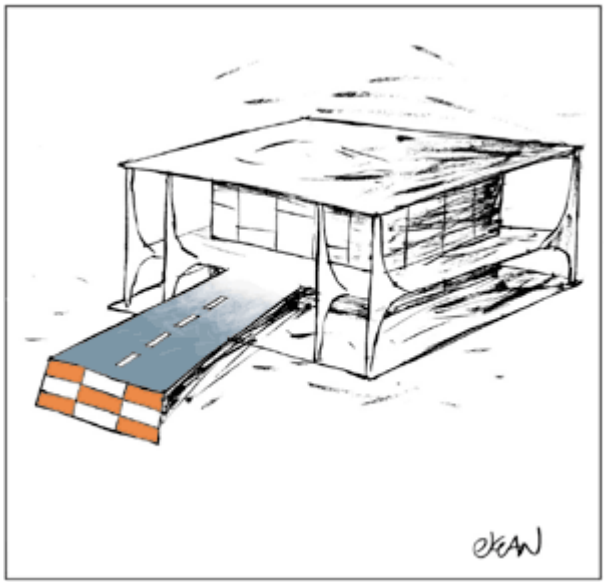
Leia os destaques de capa dos principais jornais.

Escrito por Josias de Souza às 09h28

Comentários (77) | Enviar por e-mail | Permalink

Sem grooving!

Jean



Escrito por Josias de Souza às 09h23

Comentários (33) | Enviar por e-mail | Permalink#

20/07/2007

Pronunciamento de Lula na TV é admissão da inércia

Ricardo Stuckert/PR

Com 72 horas de atraso, Lula falou sobre a tragédia de Congonhas. Deu-se, como anunciado na véspera, em rede nacional de TV e rádio. Fez o discurso possível. Solidarizou-se com os familiares das cerca de 200 vítimas e prometeu rigor na apuração das causas do acidente. No campo técnico, a fala do presidente soou como um reconhecimento da inércia de seu governo.

Lula reconheceu o óbvio: “Nosso sistema aéreo, apesar dos investimentos que fizemos na expansão e na modernização de quase todos os aeroportos brasileiros, passa por dificuldades. E seu maior problema hoje é a excessiva concentração de vôos em Congonhas". Em seguida, referiu-se às providências adotas por um governo acuado pelas circunstâncias.

Mencionou cinco medidas, detalhadas a toque de caixa. Disse que se destinam a "diminuir os riscos de novas tragédias". Deixou no ar uma pergunta incômoda: por que só agora, depois da ocorrência da maior tragédia aérea do país? Todas as providências mencionadas por Lula eram reclamadas por especialistas do setor. Nenhuma autoridade do governo as ignorava. No entanto, a gestão Lula demorava-se em adotá-las. Até o momento em que teve de fazer por pressão o que não fizera por obrigação.

O presidente age com o pragmatismo que lhe é peculiar. Mercê das informações que recebeu da Aeronáutica, aposta que as caixas pretas do avião da TAM não contêm informações capazes de deixar mal o governo. Ainda assim, sabe que, enquanto não for capaz de responder convenientemente ao caos aéreo, será visto como cúmplice de qualquer encrenca que venha a impor prejuízos aos usuários de avião.

O novo desastre parece ter arrancado o governo de sua inexplicável inércia. As providências adotadas nesta sexta-feira (20), embora necessárias, são insuficientes para pacificar o setor. Não foi sem razão que Lula prometeu “outras providências” para os “próximos dias”. Ele disse: “Tenho certeza de que o nosso sistema aéreo voltará a se adequar às necessidades do país”. Quando? Deus sabe.

Escrito por Josias de Souza às 20h41

Comentários (217) | Enviar por e-mail | Permalink#

Aeronáutica condecora dirigentes da ineficaz ANAC

Nunca na história desse país a administração pública foi tão democrática e igualitária. Os (muitos) servidores medíocres têm o mesmo reconhecimento dos (pouquíssimos) funcionários talentosos. Vem daí que, nesta sexta-feira (20), a Aeronáutica condecorou com a medalha “Mérito Santos Dumont” quatro dirigentes da inservível ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil).

Mercê dos “destacados serviços” prestados à aviação, foram agraciados, por exemplo, Milton Zuanazzi e Denise Abreu, respectivamente presidente e vice-presidente da ANAC. Coube ao vice-presidente José Alencar espetar a medalha no torso da dupla.

Ouviu-se durante a cerimônia um barulhinho incômodo. Era Santos Dumont revirando no túmulo. São desconhecidos da sociedade os serviços prestados à aviação por Zuanazzi e Denise. Aliás, desconhece-se a utilidade da própria ANAC. Vão abaixo, por oportunas, duas notas veiculadas na coluna de Mônica Bergamo (assinantes da *Folha*):

- EXPERTISE: Dos quatro diretores da Anac, apenas um, Jorge Velozo, é do setor. Aviador, ele é especialista em segurança de vôo.

- EXPERTISE 2 : O presidente da Anac, Milton Zuanazzi, diz em seu currículo que é "pós-graduado em sociologia, com ênfase em análise política", tendo sido "vereador de Porto Alegre" e assessor de Walfrido dos Mares Guia no Ministério do Turismo. A advogada Denise Abreu trabalhou com José Dirceu na Casa Civil, foi "chefe de gabinete da Secretaria de Saúde" de SP e "da Febem". Leur Lomanto "foi deputado federal por sete mandatos consecutivos", além de assessor parlamentar da Infraero. Josef Barat é economista.

Escrito por Josias de Souza às 17h01

Comentários (132) | Enviar por e-mail | Permalink#

Junto com ACM, morreu nesta sexta o 'carlismo'

Lula Marques/Folha

Morreu nesta sexta-feira (20), 79, Antonio Carlos Magalhães. ACM, uma logomarca política erigida sob o regime militar, leva para a sepultura uma frustração: não logrou, como desejava, passar o bastão do "carlismo" a um herdeiro. Maduro para assumir o legado, o filho Luís Eduardo Magalhães morreu antes dele, em 1998. Tinha 43 anos. Esboçava um primeiro vôo presidencial.

"O Luís Eduardo tinha todas as minhas virtudes e nenhum dos meus defeitos", gostava de dizer ACM. Tinha razão. Dono de um temperamento mercurial, ACM era o curto-circuito. Luiz Eduardo, o fusível. A morte do filho mergulhou o senador numa atmosfera de choque da qual não conseguiria mais se livrar.

Na Bahia, o ex-PFL, hoje rebatizado de DEM, será comandado pelo ex-governador Paulo Souto. Ele ascendeu ao Palácio de Ondina, por duas vezes, sob o guarda-chuva do carlismo. Mas manteve com o chefe do clã um relacionamento altivo. Evitou a vassalagem cultivada pelos demais integrantes do feudo.

Desde que foi desbancado pelo petista Jaques Wagner, nas eleições de 2006, Souto travava com ACM uma queda-de-braço pelo controle do partido no Estado. Levava a melhor. Desgostoso, ACM revelara a Jarbas Vasconcelos (PMDB-PE), há coisa de dois meses, o desejo de fundar um novo partido.

Dono de um histórico cardíaco complicado, a saúde de ACM começou a claudicar de maneira mais acentuada em março deste ano. Depois de um vai-e-vem de internações e altas hospitalares, foi novamente à maca em 13 de junho. Nas últimas semanas, submetia-se a sessões diárias de hemodiálise. Derrubou-o um quadro infeccioso que produziu uma falência múltipla de órgãos.

Entre uma e outra internação, ACM esboçou um movimento de reaproximação com Lula, a quem chamava de "ladrão" dia sim e outro também. O presidente o visitara no hospital. E ACM foi tomado de gratidão. Em 2003, José Dirceu tentara aproximar o recém-empossado governo Lula de ACM. Mas o senador já não dispunha de poderes suficientes para mudar a rota oposicionista do seu PFL.

ACM perdera a condição de referência da tribo pefelê no ocaso do governo FHC. Passara a referir-se ao presidente tucano como "um frouxo". Algo que desgostou o seu próprio partido. Abespinhara-se com o tucanato quando o governo decretou a intervenção no Banco Econômico, do amigo Ângelo Calmon de Sá.

Posteriormente, quando o governo FHC enfrentava uma quadra complicada no Congresso, protagonizou um episódio sem volta. Senadores sapateavam sobre o escândalo Marka-FonteCindam. Uma CPI ameaçava convocar o ministro da Pedro Malan (Fazenda). FHC pediu socorro ao PFL. Seguiu-se um diálogo enviesado com ACM, congelado em anotações feitas na agenda de uma testemunha:

"Preciso que vocês me ajudem nisso", iniciou FHC. "Tudo bem, mas você também precisa se ajudar", devolveu ACM. "Como assim?" "O seu estilo já não funciona, está superado. É preciso mais ação." "Com esse meu estilo ganhei duas eleições." "O Getúlio ganhou três e terminou dando um tiro no peito." "Não tenho o seu jeito. Não sou brigão. Nem por isso fujo da responsabilidade. Combati a Oban em São Paulo, colocaram um capuz na minha cabeça..." "Isso não me impressiona. Nessa época eu estava dando tapa em general", encerrou ACM, desde então, em permanente curto-circuito.

Escrito por Josias de Souza às 16h01

Comentários (76) | Enviar por e-mail | Permalink#

As manchetes desta sexta

- **Folha**: Avião da TAM tinha falha na frenagem

- **Estadão**: Falha no freio vira principal hipótese para queda do avião

- **Globo**: Governo discute aliviar Congonhas e reduzir burocracia do setor aéreo

- **Correio**: Avião da TAM voava com defeito grave

- **Valor**: Presidente anuncia hoje pacote para o setor aéreo

- **Jornal do Commercio**: Avião voava com defeito mecânico

Leia os destaques de capa dos principais jornais.

Escrito por Josias de Souza às 03h01

Comentários (98) | Enviar por e-mail | Permalink#

(Ul)traje a rigor!

Angeli

Escrito por Josias de Souza às 02h43

Comentários (11) | Enviar por e-mail | Permalink#

Renan se nega a convocar reunião sobre tragédia

Roosewelt Pinheiro/ABr

Menos de 24 horas depois de sinalizar concordância com a idéia de convocar a comissão representativa do Congresso para discutir o desastre com o Airbus da Tam, Renan Calheiros (PMDB-AL), deu meia volta. Mandou à gaveta o pedido formulado pelo PPS, com o apoio do PSDB.

"Ele [Renan] optou por mergulhar o Congresso na inércia", disse Raul Jungmann (PPS-PE), signatário do requerimento. Desejava-se convocar autoridades como o ministro Waldir Pires (Defesa) e o brigadeiro Juniti Saito, comandante da Aeronáutica, para dar explicações, em 48 horas, sobre a tragédia de Congonhas.

Prevista na Constituição, a comissão representativa, como o nome indica, tem a atribuição de representar o Congresso durante os períodos de recesso parlamentar. Integram-na oito senadores e 17 deputados. A lista inclui Renan, presidente do Senado, e Arlindo Chinaglia (PT-SP), presidente da Câmara.

Antes de apresentar o requerimento pedindo que os plantonistas do Congresso fossem chamados a Brasília, Jungmann telefonara para Renan, que prometera discutir a iniciativa com sua assessoria. Na quarta-feira (18), uma assessora do senador informara ao deputado que Renan concordara com a idéia. Veio a quinta-feira (19). E Renan não convocou a comissão.

Na noite de quarta e durante toda a quinta, Jungmann telefonou incontáveis vezes para Renan. Não foi atendido. Pediu a líderes partidários que ligassem para Renan. Aos líderes que o procuraram, o presidente do Congresso atendeu prontamente.

Sinalizou, porem, que não estava convencido de que deveria convocar a tal comissão representativa. A Jungmann restou espernear. O deputado protestou por meio de uma nota, levada ao sítio do PPS. Num instante em que busca o apoio de Lula para livrar-se do Renangate, o senador parece ter preferido afagar o Planalto a envolver formalmente o Congresso no debate sobre o maior desastre aéreo do país.

Escrito por Josias de Souza às 01h53

Comentários (61) | Enviar por e-mail | Permalink#

Assessor festeja falha no avião com gesto obsceno

Montagem das cenas captadas por Rafael Sobrinho na noite de quinta-feira (10)

O assessor especial de Lula para assuntos internacionais, Marco Aurélio Garcia, assistiu no televisor de seu gabinete à reportagem sobre o defeito no reverso da turbina direita do Airbus da TAM. Ficou eufórico. Traduziu a excitação em gestos: mão direita espalmada, desferiu tapinhas sobre o topo da mão esquerda, fechada de modo a compor um círculo com o indicador e o polegar.

Ao lado de Garcia, o assessor de imprensa do Planalto, Bruno Gaspar, também não se conteve. Executou movimentos que, embora distintos, conduzem ao mesmo significado obsceno: levou os dois braços à frente e, com as mãos cerradas, puxou os contovelos contra a cintura, adiantando levemente a pelve.

Para azar da dupla, a janela do gabinete de Garcia encontrava-se com as cortinas abertas. E o cinegrafista Rafael Sobrinho, postado do lado de fora do prédio do Planalto, filmou a cena (assista). Ouvido na seqüência, Garcia disse que as imagens, "tomadas de forma clandestina", não refletem uma comemoração, mas a "indignação frente a uma determinada versão que se quis passar à opinião pública atribuindo ao governo a responsabilidade por um acontecimento dramático". Então, tá!

Na véspera, por ordem expressa do Palácio do Planalto, a Infraero havia liberado o vídeo com as imagens que mostraram ao país a velocidade excessiva com que o Airbus da TAM cruzou a curta pista de pouso de Congonhas. Depois de lidar com o caos aéreo com uma inércia de dez meses, o governo age com rapidez inaudita para afastar das cercanias do Planalto os cerca de 200 corpos produzidos pela maior tragédia da aviação brasileira.

Escrito por Josias de Souza às 00h59

Comentários (918) | Enviar por e-mail | Permalink#

19/07/2007

Avião da tragédia tinha um 'rerverso' danificado

Antônio Gaudério/Folha
O reverso da turbina direita do Airbus da TAM, equipamento que auxilia na frenagem do avião durante o pouso, encontrava-se desativado no instante do acidente que produziu cerca de 200 cadáveres. A empresa aérea detectou o defeito quatro dias antes da tragédia. Ainda assim, manteve a aeronave em operação.

A novidade hedionda, veiculada no Jornal Nacional desta noite, foi confirmada pela própria companhia. Ruy Amparo, vice-presidente Técnico da TAM, admitiu em entrevista que o defeito no reverso fora detectado na última sexta-feira (13). Antes, portanto, do desastre que consternou o país na terça (17).

De acordo com o executivo da versão da TAM, o manual do Airbus permite que o avião voe sem o reverso por dez dias, "em qualquer condição de pista". E não há riscos? Não, "exceto em pistas muito contaminadas", corrigiu-se Rui Amparo. O que seria uma "pista contaminada"?, perguntou-se ao vice-presidente da TAM. E ele: "Debaixo de chuvas muito fortes."

No instante do pouso fatídico, chovia em São Paulo. Chuva amena, mas chuva. Para a TAM, nada que pudesse afetar a operação de seu avião defeituoso. Será? De concreto, tem-se que as imagens captadas pelo circuito de câmeras de Congonhas exibem um Airbus em velocidade acima do razoável.

Para complicar, a pista de Congonhas, recém-reformada, encontra-se sem o grooving, as ranhuras que facilitam a drenagem. As autoridades aeronáuticas asseguram que a ausência das fendas no asfalto não interfere nos pousos. E se o avião estiver sem um dos reversos, como no caso em questão? Pelo sim, pelo não, Lula anuncia nesta sexta-feira (20) um pacote de providências para tornar Congonhas um aeroporto mais seguro.

Descobriu-se também que, na véspera do acidente, o mesmo Airbus que se espatifou num prédio assentado na vizinhança do aeroporto tivera dificuldades para pousar em Congonhas. Em contato com a torre de controle, o piloto queixara-se da pista escorradia.

Era só o que faltava: à incompetência do governo, que, em meio a um caos aéreo que se arrasta por dez meses, libera uma pista inacabada para o uso, veio somar-se a irresponsabilidade de uma companhia aérea que não se incomoda de acomodar 186 passageiros no

interior de um avião desprovido de reverso. Quem poderia assegurar que São Pedro não despejaria sobre Congonhas as “chuvas muitos fortes” que, segundo reconhece o vice-presidente da TAM, sujeitariam o pouso a riscos?

Sob o impacto das novidades, a TAM levou à sua página na internet uma “nota de esclarecimento”. No texto, reitera que a desativação de um dos reversos “não configura qualquer obstáculo ao pouso da aeronave”. Anota, de resto, que a “informação” fora “confirmada” na véspera, em entrevista coletiva do presidente da empresa, Marco Antonio Bologna, e do próprio vice-presidente Ruy Amparo. Não é bem assim.

Durante a entrevista, um repórter rememorou o acidente com um Fokker-100 da TAM, em 1996 (99 mortos). Foi provocado por um defeito no reverso de uma das turbinas. E quanto aos reversos do Airbus, estavam em ordem?, perguntou-se. Os gestores da companhia limitaram-se a dizer que a nova tragédia não fora provocada pelo reverso. Nada foi dito acerca do defeito detectado quatro dias antes.

Você tem algo a dizer à TAM. Pressione aqui para falar com o presidente da companhia.

Escrito por Josias de Souza às 22h42

Comentários (122) | Enviar por e-mail | Permalink#

Lula decide falar sobre tragédia em rede nacional

- **Presidente anunciará pacote de medidas para Congonhas**

Sérgio Lima/Folha

Lula decidiu quebrar o silêncio. Encomendou à sua assessoria a convocação de uma rede nacional de rádio e TV. Falará ao país na noite desta sexta-feira (20). Será a sua primeira manifestação pública sobre a tragédia com o Airbus da TAM, o maior acidente aéreo da história da aviação brasileira.

Afora as inevitáveis condolências às famílias dos mortos, que podem ultrapassar a casa das duas centenas, o presidente anunciará um conjunto de providências para reforçar a segurança de Congonhas, palco da tragédia e aeroporto mais movimentado do país. A principal medida será a redução do número de vôos, providência reclamada pelo governador de São Paulo, José Serra (PSDB-SP).

O presidente fora aconselhado a falar no dia do desastre. Optou pelo silêncio porque considerou necessário obter informações mínimas sobre as causas da tragédia. Sentiu-se mais confortável para fazer o pronunciamento depois que a Aeronáutica lhe informou que são mínimas as chances de que o infortúnio tenha relação cm as más condições da pista de pouso de Congonhas.

Na manhã desta quinta-feira (19), com os ministros que compõem a coordenação de governo, Lula disse que, para pôr a cara na TV, precisava anunciar medidas práticas. Foi informado, então, de que havia uma reunião prevista do Conac (Conselho Nacional de Aviação Civil), órgão que assessora o Ministério da Defesa.

Lula ordenou que o Conac se reunisse nesta sexta. E a cúpula do governo pôs-se a detalhar as providências que o presidente anunciará ao país em seu pronunciamento. Neste momento, o próprio presidente encontra-se reunido, no Planalto, com alguns dos ministros que têm assento no Conac.

O conselho é presidido pelo indefeso ministro da Defesa, Waldir Pires, cuja cabeça voltou a ficar a prêmio. É integrado também pelos ministros Celso Amorim (Relações Exteriores), Guido 'Prosperidade' Mantega (Fazenda), Marta ‘Relaxa e Goza’ Suplicy (Turismo), Miguel Jorge (Indústria e Comércio) e Dilma Rousseff (Casa Civil), além do comandante da Aeronáutica, brigadeiro Juniti Saito.

Um auxiliar de Lula explicou ao blog que todas as medidas que serão anunciadas amanhã têm o objetivo de imprimir ao aeroporto de Congonhas uma gestão “mais conservadora”. Em todos os casos em que houver dúvidas que possam comprometer a segurança, o governo optará pela alternativa que ofereça mais segurança aos passageiros.

Trata-se de uma linha oposta à que vinha sendo adotada até aqui. Pressionado pelas companhias aéreas, o governo autorizara o aumento do fluxo de aviões em Congonhas. Na reforma do aeroporto, priorizara o mármore e as lojinhas do terminal em detrimento da pista de pouso.

De resto, ao lado de aviões apinhados de passageiros atemorizados, há no ar uma dúvida incômoda: por que o governo esperou por mais uma tragédia para agir?

Escrito por Josias de Souza às 18h37

Comentários (126) | Enviar por e-mail | Permalink#

CPI aérea da Câmara adota o estilo 'barata tonta'

Leonardo Wen/Folha

Perito inspeciona o local do acidente à procura de explicações para a tragédia

Nascida de um parto realizado pelo STF, a golpes de fórceps, a CPI do aerocaos da Câmara tornou-se um teatro de marionetes a serviço dos interesses do Planalto. Súbito, a comissão decidiu mover-se por conta própria. E, ao fazê-lo, passou a comportar-se como barata tonta.

Nesta sexta-feira (2), a CPI realiza, no ermo de um Congresso em recesso, uma reunião de emergência. Deve aprovar o envio de uma comitiva de deputados pra acompanhar, nos EUA, a transcrição das duas caixas pretas do Airbus da TAM. A providência, por inócua, produzirá um único e nefasto resultado: o desperdício de dinheiro público.

Em reunião com Lula, o comandante da Aeronáutica, Juniti Saito, informou ao presidente que os diálogos travados no cabine do avião e os dados sobre as condições dos instrumentos de vôo estarão no Brasil na próxima semana. Devem começar a ser analisados na próxima quarta-feira (25). Essas informações são essenciais para a investigação das causas do acidente.

Embora nada tenha sido informado acerca do conteúdo da conversa de Saito com Lula, sabe-se que o governo considera improvável que a desgraça tenha sido causada por defeitos na pista de pouso de Congonhas. Uma linha que foi reforçada pelas imagens que mostraram que o avião, ao pousar, desenvolvia uma velocidade acima do normal.

Em entrevista, o presidente da Infraero, brigadeiro José Carlos Pereira, disse que o avião "tocou a pista na velocidade correta e no ponto certo". Depois, curiosamente, não desacelerou. "É evidente que houve alguma coisa que fez com que ele não desacelerasse. É um acidente complexo, daquele tipo que só pode ser esclarecido com a caixa-preta", disse ele.

"Após o pouso", completou o presidente da Infraero, "alguma coisa aconteceu e isso é que é preciso esclarecer, porque o avião acelerou novamente... o avião não acelera por milagre... acelera porque o piloto empurrou a potência do motor do avião. Por quê? Porque ele precisava arremeter? Só a caixa-preta vai dizer". Vem daí que, a despeito da aposta, os investigadores ainda não descartaram a hipótese de que as condições da pista tenham influído no comportamento atípico do piloto.

Seja como for, a tragédia arrancou o governo de sua apatia. Dicidiu-se, por exemplo, adotar medidas para desafogar o tráfego aéreo de Congonhas. As providências serão discutidas em reunião do Conac (Conselho de Aviação Civil), convocada para esta sexta-feira (20). Trata-se de um órgão auxiliar ao Ministério da Defesa. Sob Lula, reuniu-se escassas duas vezes.

Simultaneamente, a Justiça Federal de São Paulo começou a analisar a ação do Ministério Público que pede o fechamento de Congonhas até o término das investigações. O juiz Clécio Braschi decidiu intimar a Infraero e a Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) a prestar esclarecimentos. Só depois decidirá se concede ou não a liminar pedida pela Procuradoria da República.

Escrito por Josias de Souza às 17h06

Comentários (44) | Enviar por e-mail | Permalink#

Sob chantagem, governo abre o cofre das emendas

Enquanto o Brasil chora os corpos da última tragédia aérea, congressistas associados ao consórcio governista ensaiam um sorriso maroto. Num instante em que o governo raspa o cofre e não encontra dinheiro para investimentos essenciais, o Planalto se prepara para liberar R$ 2,5 bilhões para cobrir despesas injetadas no Orçamento da União por meio de emendas de parlamentares.

Onze em cada dez escândalos que freqüentam o noticiário têm atrás de si as famigeradas emendas. São apresentadas sob o pretexto de financiar obras de interesse social nos fundões do país. Lorota. Destinam-se, em sua grossa maioria, a alimentar a engrenagem corrupta que injeta verbas públicas em bolsos privados –

de empresários desonestos e dos próprios autores das emendas.

Deve-se ao repórter Fábio Zanini a revelação de que o Planalto volta a ceder à pré$$ao dos “aliados” sob chantagem. Partidos como o PMDB e os mensaleiros PP, PR e PTB ameaçam negar a Lula a aprovação de dois projetos considerados essenciais: a renovação da CPMF e da DRU (Desvinculação das Receitas da União).

Na avaliação do governo, informa Zanini (assinantes da Folha), se a CPMF e a DRU fossem a voto hoje, seriam derrotadas. Por isso, o Planalto prepara já para a próxima semana, em pleno recesso legislativo, a liberação de R$ 540 milhões em emendas de congressistas. O resto deve sair entre agosto e outubro. O Brasil, como se vê, não retira de seus erros nenhum tipo de ensinamento.

Escrito por Josias de Souza às 15h39

Comentários (42) | Enviar por e-mail | Permalink#

As manchetes desta quinta

- **Folha**: Mortes de tragédia chegam a 192; Infraero cogita falha mecânica

- **Estadão**: 181 corpos retirados; MP pede fechamento de Congonhas

- **Globo**: Infraero, Anac, Decea, Cindacta, FAB... e não se sabe o que houve

- **Correio**: Em busca dos culpados

- **Valor**: Tragédia de Congonhas tira fôlego do setor aéreo

- **Jornal do Commercio**: Vídeo mostra avião acelerado demais

Leia os destaques de capa dos principais jornais.

Escrito por Josias de Souza às 03h22

Comentários (93) | Enviar por e-mail | Permalink#

Jogo$!

Glauco

Escrito por Josias de Souza às 02h55

Comentários (31) | Enviar por e-mail | Permalink#

Apagão fraseológico!

Visite o sítio Charges.com.

Escrito por Josias de Souza às 01h31

Comentários (18) | Enviar por e-mail | Permalink#

Governo estuda atrair verba privada para setor aéreo

Glauco

No rastro da tragédia de Congonhas, o governo decidiu elaborar um plano de atração de investimentos privados para o setor aéreo. A pedido de Lula, os estudos serão feitos pelo Ministério do Planejamento. Parte-se de uma conclusão óbvia: o Estado não dispõe de dinheiro suficiente para dotar o país de uma infra-estrutura aeroportuária compatível com o crescimento da aviação civil.

Há no Brasil 67 aeroportos, dos quais pelo menos 20, considerados de médio ou de grande porte, padecem de falta de investimento. Um assessor de Lula informou ao *blog* que, pelas contas iniciais, o governo se deu conta de que precisa gastar algo como R$ 12 bilhões até 2010.

Desse total, só há à disposição cerca de R$ 5,5 bilhões – R$ 2,5 bilhões em recursos próprios da Infraero e R$ 3

bilhões previstos no orçamento do PAC (Plano de Aceleração do Crescimento). Daí a decisão de realizar estudos sobre a conveniência de buscar na iniciativa privada o dinheiro que escasseia nos cofres do Estado.

São duas as principais alternativas sob análise: a transferência da administração de aeroportos, mediante concessão pública, a empresas privadas que se disponham a investir no setor; e a abertura do capital da Infraero. Ações da estatal seriam postas à venda na Bolsa de Valores de São Paulo. Discute-se também a hipótese de abrir linhas de crédito do BNDES às empresas interessadas em investir no setor aéreo.

Embora tenha autorizado a elaboração do plano, Lula não se deixou claro, por ora, se vai ou não adotá-lo. Em privado, o presidente diz apenas que, em condições ideais, preferiria manter o setor aéreo como está, sob responsabilidade integral do Estado. Acha, porém, que, em meio à crise, seria uma irresponsabilidade deixar de considerar todas as alternativas.

No Planalto, informa-se que o estudo deve ficar pronto em, no máximo, dois meses. Quando as análises aterrissarem sobre sua mesa, Lula deseja realizar um amplo debate interno, envolvendo todos os setores do governo que têm relação com o setor aéreo, sobretudo a Aeronáutica.

Se o plano vier a ser implementado, significará uma reviravolta no discurso que Lula vem ostentando até aqui. Na campanha eleitoral de 2006, o petista esgrimiu nos palanques reeleitorais um discurso de timbre antiprivatista. Foi a forma que encontrou para se contrapor ao adversário tucano Geraldo Alckmin.

Escrito por Josias de Souza às 00h49

Comentários (68) | Enviar por e-mail | Permalink#

18/07/2007

Investigação da nova tragédia vai demorar dez meses

Rogério Cassimiro/Folha
O governo estima que a investigação que apura as causas da tragédia com o Airbus da TAM deve durar cerca de dez meses. Ou seja, não será concluída antes de maio de 2008. As duas caixas pretas do avião, já encontradas, encontram-se avariadas. Na próxima segunda-feira (23), serão abertas em Washington (EUA), na agência de segurança de vôo norte-americana

Uma das caixas pretas contém o áudio da cabine. A outra registra os dados dos aparelhos de bordo no instante do acidente. De acordo com o cronograma estipulado pela Aeronáutica, as informações disponíveis chegarão ao Brasil na quarta-feira (25) da semana que vem. Só nesse dia os dados resgatados começarão a ser analisados.

A perspectiva de uma investigação longeva não impede o governo de tomar providências para corrigir eventuais falhas no sistema de segurança de vôo. As correções podem ser adotadas a partir de recomendações técnicas emitidas pela equipe escalada para apurar as causas de mais este acidente.

Embora não excluam a hipótese de que as condições da pista de Congonhas tenham contribuído para o acidente, a Aeronáutica e a Infraero apostam em outras linhas de apuração. “Posso afirmar que não existe possibilidade de derrapagem nessa pista nas condições atuais”, disse, em timbre enfático, nesta quarta-feira (18), Armando Schneider, superintendente de Engenharia da Infraero.

A julgar pelo que dizem os pilotos em contatos gravados pela torre de comando de Congonhas, a pista está mais sujeita a derrapagens do que deixa antever a convicção de Schneider. Há, de resto, imagens gravadas pelo circuito de câmeras do aeroporto. Mostram o momento do pouso do vôo 3054 da TAM.

Divulgou-se nesta quarta-feira (18) um vídeo que compara a aterrissagem do avião da tragédia com o pouso de outras aeronaves. Uma pista que costuma ser vencida em 11 segundos foi percorrida pelo Airbus em três segundos. Em seu trecho final, o vídeo exibe o clarão produzido pela explosão (leia e assista).

Escrito por Josias de Souza às 19h25

Comentários (91) | Enviar por e-mail | Permalink#

Marta sobre a neo-tragédia: ‘Não tenho nada a dizer’

A ministra Marta Suplicy (Turismo) desembarcou nesta quarta-feira (18) no aeroporto Tom Jobim, no Rio. Vinha de Lisboa. Instada a comentar a nova tragédia aérea brasileira, ela preferiu deslizar na pista: "Não tenho nada a dizer."

Em seguida, a bordo de um carro oficial, a ministra foi conduzida à Base Aérea do Galeão. Ali, embarcaria num jatinho da FAB, com destino a Brasília. A julgar pelas declarações anteriores de Marta Suplicy, o melhor que ela tem a fazer é mesmo guardar obsequioso silêncio. A sociedade não tem tido a oportunidade de relaxar. Muito menos de gozar.

Escrito por Josias de Souza às 18h52

Comentários (74) | Enviar por e-mail | Permalink#

Ministério Público pede fechamento de Congonhas

João Wainer/Folha

O Ministério Público Federal pretende protocolar na Justiça Federal de São Paulo, ainda nesta quarta-feira (18), uma ação civil pedindo o fechamento do aeroporto de Congonhas. O texto está sendo concluído. Pede a transferência dos vôos para outros aeroportos de São Paulo – Cumbica (Guarulhos) e Viracopos (Campinas) -, até que uma investigação esclareça as condições de uso da pista de pouso de Congonhas.

A ação será assinada pelos procuradores da República Fernanda Taubemblatt e Márcio Schusterschitz. São os mesmos que ajuizaram, em janeiro de 2007, uma ação que pediu a interdição da pista de Congonhas. Essa primeira ação foi extinta no último mês de abril, depois da assinatura de um acordo entre Ministério Público, a Infraero e a ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil).

Pelo acordo, chamado tecnicamente de TAC (Termo de Ajustamento de Conduta), os órgãos públicos assumiram o compromisso de reformar a pista principal de Congonhas. Fixaram-se horários de funcionamento do aeroporto até a conclusão das obras. A nova pista foi liberada para pousos e decolagens no final de junho. Não estava, porém, completa. Faltaram, por exemplo, as ranhuras (grooving, no jargão técnico) que facilitam a drenagem das águas da pista.

Na nova ação, os procuradores pedirão à Justiça que determine a interdição de Congonhas por meio de decisão liminar (provisória), antes do julgamento do mérito do processo.

PS.: Como noticiado acima, a ação do Ministério Público Federal já foi efetivamente protocolada.

Escrito por Josias de Souza às 16h13

Comentários (152) | Enviar por e-mail | Permalink#

Brasil produz uma nova causa mortis: incompetência

A maior causa de mortalidade no setor aéreo brasileiro é um mal implacável chamado incompetência. A julgar pelo desnorteio do governo, trata-se de moléstia endêmica e incurável. Em menos de dez meses, já levou à cova pelo menos 342 cadáveres –154 do Boeing da Gol e 188 do Airbus da TAM, 12 em solo. A menos que um milagre conduza à vacina, ninguém pode assegurar que o monturo de corpos não aumente.

Noves fora a mortandade, o caos aéreo já produziu sindicâncias, auditorias, inquéritos, processos, duas CPIs, uma infinidade de discursos e um par de tragédias –a segunda mais funesta do que a primeira. Só não deu à luz uma solução. E o país vai se habituando a um fenômeno hediondo: a lamentação depois do fato.

Tome-se, porque é mais recente, o exemplo do descalabro de Congonhas. A pista onde se realizam os pousos e as decolagens mede exíguos 1.900 metros. Desde a década de 80, pilotos e especialistas se queixam das deficiências desse naco de concreto. O que fez o governo? Na última década, torrou algo como R$ 530 milhões no embelezamento interno do terminal de passageiros. Por que?

Ora, para atender aos interesses de empreiteiras ávidas por obras, de gestores vorazes por comissões e de presidentes sequiosos por inaugurações. Privilegiaram-se o mármore e as lojinhas em detrimento da segurança. Premido pelas circunstâncias, o governo, sob Lula, reformou, a toque de caixa, a pista. Liberou-a para o uso, no final de junho, sem as ranhuras que permitem a drenagem das águas enviadas por São Pedro.

Confrontada com 188 vítimas novinhas em folha, Brasília difunde uma “informação” que antecede a realização das perícias técnicas. Diz-se que a nova mortandade de passageiros (176) e de funcionários do prédio em que o avião da TAM fez a sua aterrissagem improvável (12) nada tem a ver com as condições da pista do aeroporto. Pode ser. Mas a hipótese não passa, por ora, de uma

aposta de gestores públicos submetidos a novos e constrangedores apuros.

Afora a descoberta de controladores de vôo em absoluto descontrole, o caos aéreo é temperado com generosas pitadas de corrupção. São mutretas conhecidas do governo. Foram esquadrinhadas pelo TCU, pela Controladoria da União e pelo Ministério Público.

Nas diferentes esferas de investigação, encontram-se encalacrados algo como seis dezenas de funcionários públicos. Entre eles um petista que Lula acomodou na presidência da Infraero e uma penca de funcionários graduados da estatal que "administra" os aeroportos brasileiros. A lista inclui uma senhora que coleciona decisões temerárias desde a gestão FHC. Trabalhava em São Paulo. Sob Lula, foi promovida. E passou a praticar malfeitorias desde Brasília.

Some-se a tudo isso um estrondoso crescimento do mercado de aviação civil. Numa previsão conservadora, estima-se que o mercado cresce no Brasil à proporção de 12% ao ano. Não há coisa parecida no mundo. Numa China de PIBs vitaminados, o setor aéreo experimenta crescimento anual de algo como 10%. Com uma diferença: nesta terra de palmeiras e sabiás, a falta de investimentos, a descoordenação e a ausência de planejamento tonificam as dores do crescimento.

Tudo considerado, a aviação brasileira vai ganhando as feições de uma usina de potenciais constrangimentos e de cadáveres. No acidente da Gol, os corpos foram mergulhados na selva de Mato Grosso. No desastre da TAM, foram carbonizados no interior de uma aeronave convertida em algo semelhante a uma lata de sardinha em chamas. Até quando?

Escrito por Josias de Souza às 04h24

Comentários (475) | Enviar por e-mail | Permalink#

As manchetes desta quarta

- **Folha**: Airbus da TAM com 176 atravessa via, bate e explode em Congonhas

- **Estadão**: Avião explode e mata 176 em Congonhas

- **Globo**: Nova tragédia põe em xeque a segurança área no Brasil

- **Correio**: Avião com 176 a bordo explode em Congonhas

- **Valor**: Montadoras terão apoio para produzir 5 milhões de carros

- **Jornal do Commercio**: Tragédia em vôo da TAM

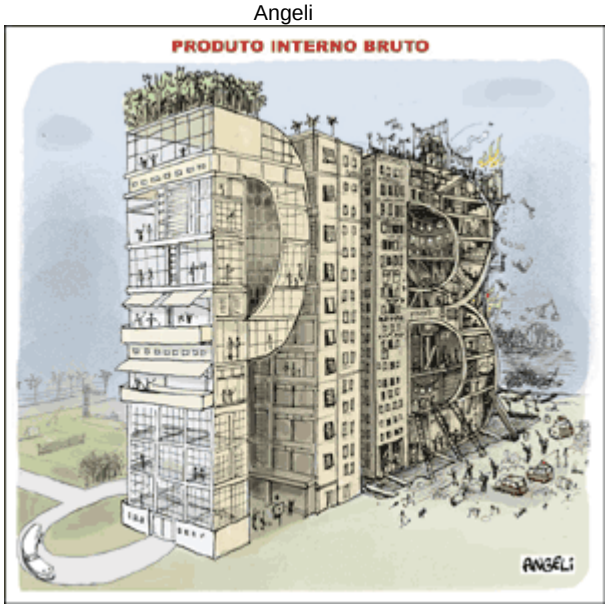
Leia os destaques de capa dos principais jornais.

Escrito por Josias de Souza às 04h23

Comentários (27) | Enviar por e-mail | Permalink#

Em obras!

Angeli



Escrito por Josias de Souza às 04h19

Comentários (12) | Enviar por e-mail | Permalink#

Uuuuuuuuuuuuuuu!

Visite o sítio Charges.com.

Escrito por Josias de Souza às 04h17

Comentários (13) | Enviar por e-mail | Permalink#

CPI do Senado cogita investigar a nova tragédia

Fábio Pozzebom/ABr

O relator da CPI aérea do Senado, Demóstenes Torres (DEM-GO), discute nesta quarta-feira com o presidente da comissão, Tião Viana (PT-AC), a hipótese de investigar a

nova tragédia aérea brasileira. Cogita-se inclusive a hipótese de trabalhar durante o recesso parlamentar, que começa hoje e vai até 31 de julho.

“Nós tínhamos decidido que, durante o recesso, faríamos apenas a análise de documentos. Mas, diante da gravidade do novo acidente, isso pode ser objeto de reavaliação”, disse Demóstenes ao *blog* na noite desta terça-feira (17). “Vou conversar com o presidente Tião Viana sobre isso. Independentemente do recesso, podemos tocar essa questão”.

Para Demóstenes, se ficar comprovado que o novo acidente foi provocado pelas más condições da pista de pouso do aeroporto de Congonhas, “trata-se de mais uma irresponsabilidade do governo. É algo que terá de ser averiguado.” A pista acaba de ser reformada. Foi liberada no final de junho.

Ficaram pendentes, porém, obras complementares, previstas para agosto. Entre elas a abertura de ranhuras na pista. No jargão técnico, são chamadas de "grooving". São fendas destinadas a melhorar o escoamento das águas da chuva. Na segunda-feira (16), véspera da nova tragédia, um avião da empresa Pantanal havia deslizado ao pousar em Congonhas.

Embora considere improvável que a causa do novo acidente sejam as más condições da pista, o governo não exclui a probabilidade de que a ausência das ranhuras tenha contribuído para que a aeronave da TAM se desgovernasse. No instante do pouso, garoava na capital paulista

No final da noite, o comandante da Aeronáutica, Juniti Saito, informou a Lula, pelo telefone, que, nesta quarta-feira (18), técnicos do Cenipa (Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos) farão uma inspeção da pista de Congonhas. A liberação da pista está condicionada a esta inspeção.

Na avaliação de Demóstenes Torres, todos os problemas detectados no relatório parcial aprovado pela CPI do aerocaos no último dia 7 de julho continuam pendentes de solução. “Vivemos um apagão de investimento e de absoluta falta de planejamento governamental”, afirmou. Ele repetiu ao blog um comentário que fizera dias atrás sobre o ministro Waldir Pires (Defesa): “Ele é um banana.” “Falta coordenação ao governo”, disse Demóstenes. “Agora, diante da nova tragédia, vamos lamentar de novo. E continua a desconexão entre a Aeronáutica, a Infraero e a Anac. Enquanto o governo se perde em conjecturas, ficamos à espera de novas tragédias.”

“Nosso relatório, que foi encaminhado ao governo, deixa claro que a estrutura atual não dá mais”, completou o senador. “Congonhas tem capacidade para 12 milhões de passageiros e está operando com 189 milhões. Precisamos de investimentos. O governo não tem dinheiro? Então é preciso recorrer à iniciativa privada. É urgente a construção de outro aeroporto em São Paulo. É preciso ampliar Guarulhos, ampliar Congonhas. Tem que reservar o aeroporto de Campinas exclusivamente para cargas.”

Escrito por Josias de Souza às 01h26

Comentários (35) | Enviar por e-mail | Permalink#

17/07/2007

Deputado tucano embarcou no vôo JJ 3054 da TAM

Folha

O deputado federal Júlio Redecker (PSDB-RS), líder da minoria na Câmara, embarcou no vôo JJ 3054 da TAM, que derrapou na pista do aeroporto de Congonhas e se chocou contra um prédio da empresa. Procedente de Porto Alegre, Redecker deveria encontrar-se com o presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia (PT-SP), em São Paulo. Ele integraria uma comitiva que, sob a liderança de Chinaglia, faria uma viagem oficial do Legislativo para os EUA.

O presidente da Câmara cancelou a viagem. Antes, Chinaglia obteve a confirmação de que, de fato, o nome de Redecker consta da lista de passageiros do vôo da TAM. Em Brasília, Lula convocou uma reunião de emergência com quatro ministros. A atmosfera é de desnorteamento.

A assessoria de Redecker telefonou para o líder do PSDB na Câmara, deputado Antonio Carlos Pannunzio (SP). De novo, confirmou-se que Redecker se encontrava no avião. Não há, por ora, informações acerca das vítimas dos acidentes. Sabe-se apenas que o avião transportava 175 pessoas, entre passageiros e tripulantes. Houve vítimas também fora do avião.

Pannunzio encontra-se em Maceió (AL). Informado de que a mulher de Redecker aguardava o marido num hotel de São Paulo, o líder tucano telefonou para o governador paulista José Serra. Pediu-lhe que oferecesse auxílio à mulher do colega.

Há pouco, também o líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), telefonou para José Serra. Informou-se acerca dos detalhes do acidente e obteve a confirmação de que Redecker estava mesmo no vôo. Virgílio disse que espera do governo "uma rigorosa apuração das causas" de mais este acidente. "Há meses que o PSDB denuncia os problemas sobejamente conhecidos que afetam o tráfego aéreo e os principais aeroportos do país, reclamando providências", acrescentou.

Escrito por Josias de Souza às 20h29

Comentários (94) | Enviar por e-mail | Permalink#

MP move ação para anular concessão de TV de Jader

- **Tenta-se desfazer uma manobra 'ilegal' do governo Lula**

Sérgio Lima/Folha
O procurador da República Rômulo Moreira Conrado foi ao Judiciário para tentar anular uma manobra do governo Lula que livrou o "aliado" Jader Barbalho (PMDB-PA) de uma dívida estimada em R$ 82,4 milhões com a Receita Federal e outros órgãos públicos. A ação do Ministério Público foi protocolada na segunda-feira (16) na Justiça Federal do DF. Mas a providência só foi divulgada nesta terça-feira (17).

Rômulo Conrado se insurgiu contra um negócio que começou a ser costurado em junho de 2006 e que foi efetivado seis meses depois, em dezembro. Deu-se o seguinte: com a providencial autorização de um Ministério das Comunicações chefiado pelo senador licenciado Hélio Costa (PMDB-MG), Barbalho logrou transferir a concessão da TV Bandeirantes no Pará, a terceira maior audiência do Estado, da empresa Rede Brasil Amazônia de TV para a firma Sistema Clube do Pará de Comunicação, da qual tornou-se sócio.

A Rede Brasil, dona da concessão pública de TV, encontra-se imersa em dívidas com o fisco, a Previdência e o FGTS. O Sistema Clube Pará, ao contrário, opera no azul. Ao transferir para a segunda toda a rendosa atividade da primeira, o deputado Barbalho deixou o governo na incômoda posição de ter de cobrar a dívida de R$ 82,4 milhões de uma organização sem faturamento.

Para o procurador Rômulo Conrado, a transferência da concessão de TV da endividada Rede Brasil para o saudável Sistema Clube do Pará não poderia ter sido feita senão por meio de uma licitação, aberta à participação de outras empresas. Daí a ação judicial. O Ministério Público pede que o negócio seja anulado já em decisão liminar (provisória), antes mesmo do julgamento definitivo do processo.

O grosso do contencioso de Jader Barbalho com o Estado resulta de uma série de autuações lavradas pela Receita Federal. Os auditores fiscais varejaram os livros da Rede Brasil depois que Barbalho, sob FHC, tornou-se protagonista do chamado "escândalo da Sudam". Um caso que compôs o rosário de suspeições que levou Jader a renunciar ao posto de presidente do Senado e ao próprio mandato. Com os direitos políticos intactos, o ex-senador pôde candidatar-se à Câmara. E o eleitor do Pará o transformou em deputado.

Hoje, Jader é um dos principais conselheiros do companheiro de partido Renan Calheiros, às voltas com um escândalo que ameaça despejá-lo da mesma cadeira de presidente do Senado. Jader converteu-se também em fervoroso aliado de Lula. No último dia 11 de abril, durante um jantar com congressistas do PMDB, o presidente da República fez questão de afagar os adversários do passado, entre eles Jader:

"Qual cidadão de pensamento progressista em 1974 não votou no Quércia para senador? Quem é o progressista que, em 1978, não votava em Jader Barbalho, no Pará, para deputado federal?" Sob a fluidez retórica de Lula escondia-se o acerto que o Ministério Público se empenha agora em anular.

Escrito por Josias de Souza às 18h04

Comentários (41) | Enviar por e-mail | Permalink#

Governo reajusta os benefícios do Bolsa Família

O Diário Oficial desta terá-feira publica um decreto reajustando os benefícios do programa Bolsa Família, motor da popularidade de Lula. O aumento foi, em média, de 18,25%. A partir de agosto, o maior benefício, pago às famílias "extremamente pobres" –renda per capita de R$ 60—passa de R$ 95 para R$ 112.

O reajuste custará ao erário, neste ano de 2007, cerca de R$ 400 milhões. O decreto foi divulgado um dia depois de dois dias depois da publicação de uma notícia constrangedora. Revelou-se que há irregularidades na aplicação dos recursos do Bolsa Família em 90% dos 120 municípios fiscalizados pela Controladoria Geral da União (aqui e aqui).

É a primeira vez que os benefícios do Bolsa Família são reajustados desde 2003, ano em que Lula chegou ao Planalto. Chegou-se ao percentual de 18,25% calculando-se a variação do INPC no período de outubro de 2003 a maio de 2007.

A partir de agosto, o menor benefício pago pelo Bolsa Família passa de R$ 15 para R$ 18. O valor médio dos benefícios sobe dos atuais R$ 62 para R$ 72. Pelas contas do governo, o Bolsa Família reforça o orçamento de 11 milhões de famílias em todo país. Vem daí a legião que mantém nas alturas a popularidade de Lula. Coisa que não há vaia que consiga abalar. Sobretudo porque o socorro aos brasileiros pobres vem, efetivamente, melhorando as estatísticas.

Escrito por Josias de Souza às 16h12

Comentários (47) | Enviar por e-mail | Permalink#

Senado pede, finalmente, ajuda à PF no Renangate

Depois de atropelar o bom-senso, Renan Calheiros tenta matar o tempo. Porém, a Mesa diretora do Senado transformou os ponteiros do relógio de Renan em espadas. Aprovou-se nesta terça-feira o envio do papelório que compõe a defesa de Renan à Polícia Federal. A decisão foi unânime.

Assim, durante o recesso do Legislativo –de 18 a 31 de julho—, a PF irá perscrutar os negócios bovinos de Renan. Numa primeira inspeção, realizada em escassos três dias, identificaram-se incongruências incômodas. A nova perícia deve consumir 20 dias de trabalho.

Sintomaticamente, a tropa de Renan, cada vez mais exígua, já trata de desqualificar o envolvimento da PF no caso. Argumenta-se que só o STF poderia ter autorizado a polícia a vasculhar os negócios do presidente do Senado, protegido pelo biombo do foro privilegiado.

O pedido de perícia no papelório de Renan já foi enviado ao ministro Tarso Genro (Justiça), superior hierárquico da PF. Ele informou que remeterá a requisição à polícia já nesta quarta-feira (18). Diante dos desdobramentos adversos, o presidente do Senado criticou a "esquizofrenia" da crise em que se vê enredado.

Escrito por Josias de Souza às 14h55

Comentários (29) | Enviar por e-mail | Permalink#

Transviados só queriam, veja você, 'zoar as putas'

El roto/El Pais

Os agressores da empregada doméstica Sirlei Dias de Carvalho foram ouvidos pela Justiça. Eles acomodaram nas páginas do processo um rosário de pérolas. Uma delas é especialmente cintilante. Os jovens bem-nascidos argumentaram o seguinte: na noite em que desceram a mão na trabalhadora, haviam saído de casa para "zoar as putas".

É enriquecedor observar a "defesa" dos filhos transviados da elite. Será que vale a pena tanto descaso social, tanta falta de oportunidade, tanta mais-valia, tanta má distribuição de renda, para enfurnar a grana no oco de mentes dementes? Desperdício!

Depois da inquirição dos réus, o juiz Marcel Laguna Duque Estrada, achou melhor manter a rapaziada atrás das grades. Negou o pedido de liberdade provisória formulado pelos advogados de dois dos cinco encrencados. Chegou a hora de a Justiça zoar com os p...

Escrito por Josias de Souza às 12h04

Comentários (38) | Enviar por e-mail | Permalink#

As manchetes desta terça

- **Folha**: Lula se diz "triste" com vaias no Pan

- **Estadão**: Lobby europeu articula veto à carne brasileira

- **Globo**: Vaias a Lula abrem guerra entre governo e oposição

- **Correio**: PT assume a conta do mensalão

- **Valor**: Produtores rurais preparam empresas para abrir capital

- **Estado de Minas**: PT paga conta do mensalão

- **Jornal do Commercio**: Professor não cede

Leia os destaques de capa dos principais jornais.

Escrito por Josias de Souza às 03h24

Comentários (75) | Enviar por e-mail | Permalink#

Pan (e circo) de Brasília!

Glauco

Escrito por Josias de Souza às 03h21

Comentários (26) | Enviar por e-mail | Permalink#

Renan não conta nem com apoio da cúpula do PMDB

- **Partido do senador se nega a soltar nota de desagravo**
- **Legenda dissocia união com Lula do desfecho da crise**

Fábio Pozzebom/ABr

A direção do PMDB, legenda de Renan Calheiros, tenta evitar que a crise que rói o prestígio do presidente do Senado contamine toda a legenda. Fez chegar a Lula a informação de que o apoio da legenda ao governo independe do desfecho do Renangate.

Nos subterrâneos, Renan vinha ameaçando envenenar as relações do governo com o PMDB, maior partido do consórcio governista, caso o Planalto lhe negasse apoio. A mensagem do partido a Lula sinalizou o contrário. O presidente foi deixado à vontade para adotar a posição política que lhe pareça mais conveniente.

Em avaliações internas, a cúpula peemedebista concluiu que não faria sentido exigir de Lula algo que o próprio partido negou a Renan. Há cerca de dez dias, o senador procurou o deputado Michel Temer, presidente do PMDB.

Sentindo-se isolado, Renan rogou a Temer que o apoiasse publicamente. Sugeriu a divulgação de uma nota oficial do PMDB. O deputado recusou-se a atender o pedido, sob a alegação de que já não há mais condições políticas para uma manifestação do gênero.

O malogro da embaixada de Renan junto a Temer é mais uma evidência da solidão do presidente do Senado. Antes da crise, o senador era um político de mostruário. Embora governista, mantinha relações amistosas com a oposição. O assédio da suspeição restringiu-lhe os movimentos.

Em nota, o "DEMO" exigiu que Renan se licenciasse da presidência do Senado. Inicialmente comedido, o PSDB viu-se compelido a seguir as pegadas do parceiro de oposição. Há uma semana, Arthur Virgílio, líder dos tucanos, pediu, do alto da tribuna, o afastamento de Renan.

Emparedado, o presidente do Senado, que "presidia" a sessão, reagiu com aspereza: "Se quiserem a minha cadeira, vão ter que sujar as mãos", deblaterou, socando a mesa. No dia seguinte, informado de que arrostaria um protesto urdido por deputados, Renan esquivou-se de presidir uma sessão conjunta do Congresso.

A fuga foi ao noticiário como a primeira evidência concreta de que Renan a suspeição e o comando do Congresso são coisas incompatíveis. A segunda evidência viria no dia seguinte. Munido das prerrogativas de "comandante" do Senado, o presidente Renan adiou a reunião em que a Mesa diretora da Casa decidiria sobre o envio à Polícia Federal de um pedido de aprofundamento da perícia dos documentos que compõem a defesa do réu Renan.

O encontro dos senadores que dirigem o Senado, que deveria ter ocorrido na semana passada, está agendado para as 11h desta terça-feira (17). Espera-se que a Mesa do Senado autorize a PF a completar a sindicância preliminar que apontou incongruências nas transações agropecuárias com que Renan diz, bovinamente, ter bancado os repasses financeiros à jornalista Mônica Veloso, com quem teve uma filha.

Escrito por Josias de Souza às 03h03

Comentários (41) | Enviar por e-mail | Permalink#

Entupa a caixa de e-mails dos dirigentes do Senado

A Mesa do Senado reúne-se logo mais às 11h. Os senadores vão decidir algo vital para a elucidação do Renangate: a continuidade da perícia da Polícia Federal sobre os negócios bovinos de Renan Calheiros (PMDB-

AL). Nos bastidores, articulam-se novas manobras protelatórias. Você pode interferir nos rumos da reunião.

O Congresso entra em recesso nesta quarta-feira (18). A folga dos congressistas termina em 31 de julho. Serão 14 dias de inatividade. A PF informa que precisa de 20 dias para esquadrinhar o papelório de Renan. Ou seja, se for autorizada a trabalhar, a polícia concluirá o seu trabalho uma semana depois do término da fase de sombra e água fresca dos senadores.

A reunião da Mesa será presidida pelo primeiro vice-presidente do Senado, Tião Viana (PT-AC). Nesta terça-feira (16), Renan fez o que pôde para inviabilizar a decisão do colegiado. Aparentemente, as manobras não surtiram efeito. Mas, a despeito das negativas, continuam boiando na atmosfera conspurcada do Senado as dúvidas quanto à disposição dos senadores.

Assim, talvez convenha a você, caro eleitor, lembrar aos dirigentes do Senado acerca de suas obrigações. O mínimo que se pode exigir, no momento, é a elucidação cabal de todas as dúvidas. Seguem abaixo os endereços eletrônicos dos integrantes da Mesa do Senado.

O repórter inclui na lista o e-mail do próprio Renan. Embora o senador, por razões óbvias, tenha se declarado suspeito para presidir a reunião, você talvez tenha algo a dizer a um político que, embora sitiado pelas dúvidas, julga-se em condições de continuar sentado na cadeira de presidente do Senado. Aí vão os endereços:

1) Presidente - Renan Calheiros (PMDB-AL);
2) Primeiro vice-presidente - Tião Viana (PT-AC);
3) Segundo vice-presidente - Álvaro Dias (PSDB-PR);
4) Primeiro-secretário - Efraim Morais (DEM-PB);
5) Segundo-secretário - Gerson Camata (PMDB-ES);
6) Terceiro-secretário - César Borges (DEM-BA); Escrito por Josias de Souza às 02h57

BLOG FERNANDO RODRIGUES

20/07/2007

Parecer técnico do IPT não encontra problemas na pista principal de Congonhas

Clique aqui para ler o fac-símile do documento
Parecer técnico parcial nº12792-301-ii realizado pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) na pista principal do aeroporto de Congonhas não identificou restrições ao uso da mesma. O documento é datado de ontem (19/07/2007). O resultado desse parecer é baseado, entretanto, em dados coletados até o dia 18 de julho de 2007 e também antes do acidente de terça-feira. As duas principais conclusões foram as seguintes:

1) **Características mecânicas do revestimento asfáltico**: segundo o relatório, o concreto utilizado na pista segue especificação da Infraero e é do mesmo tipo usado nos outros aeroportos. *"A camada de rolamento das pistas principal e auxiliar segue o projeto na Faixa 2 das especificações da Infraero (SAO/GRL/900.ET-247/R2, página 60). Trata-se de concreto asfáltico usualmente adotado para obras desta natureza, largamente utilizado no Brasil em praticamente todas suas pistas de aeroportos",* diz o texto. A avaliação do IPT é que "*a mistura asfáltica após compactação e resfriamento pode ser considerada tecnicamente como apta para o tráfego de aeronaves, veículos e equipamento de obras".* E segue: *"Portanto, no que tange à concepção do revestimento asfáltico quanto às suas propriedades mecânicas, esta camada de rolamento atende às especificações de projeto e todas as implementações adotadas adicionaram características positivas",* conclui o parecer.

2) **Características de superfície do revestimento asfáltico a partir de resultados de atrito obtidos com Mu-Meter**: nesse ponto, a análise aborda a questão do atrito em pista molhada. Uma das possíveis causas do acidente com o avião Airbus-A320 da TAM, em Congonhas (SP), seria a falta do "grooving" (ranhuras que ajudam no escoamento da água). Sem as ranhuras, dizem alguns, a pista ficaria mais escorregadia. O parecer diz que mesmo sem o "grooving" a pista está em boas condições. *"Os valores encontrados nos dois monitoramentos recentemente realizados, mostram-se acima dos valores recomendados do ponto de vista de atrito em pista molhada, tendo em vista os limites recomendados internacionalmente (ICAO-Anexo 14) e nacionalmente (DAC). Ressalta-se ainda que estes patamares de valores de atrito foram alcançados sem a execução de grooving"*, descreve o relatório. Na conclusão, o instituto afirma que o nível de atrito está acima dos limites mínimos e que, portanto, a pista encontra-se em condições para pousos e decolagens. *"Pela análise realizada, no que tange às condições de superfície do revestimento asfáltico, os valores medidos de atrito pela Infraero na pista principal por meio do equipamento mu-meter, na situação atual, revelam-se acima dos limites mínimos especificados"*, termina o texto.

Logo depois do acidente de terça-feira, o governador de São Paulo, José Serra (PSDB), contestou a informação vazada por autoridades do governo federal a respeito da existência de laudo técnico do IPT liberando a pista de Congonhas. O IPT é um órgão do governo do Estado de São Paulo --comandado, portanto, pelo tucano. O documento divulgado hoje demonstra que José Serra tem razão apenas parcial em sua reclamação. O laudo não é definitivo, só parcial. Mas o parecer não aponta nenhum óbice para o funcionamento da pista reformada do aeroporto paulistano.

post scriptum (23.jul.2007): o post acima tem 518 palavras. Faz um relato óbvio: o parecer do IPT não aponta óbices na pista de Congonhas. Não fala em liberação de pista. Relatou-se, portanto, um fato: a existência de um parecer. Pois o IPT produziu uma resposta de 1.184 palavras para dizer a mesma coisa... de outro jeito. É uma enrolação fantástica ("*há várias afirmações do jornalista que merecem ressalvas*"; waaal...). Essa gente é maluca?

::Escrito por Fernando Rodrigues às 19h15
[**(108) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**] [link]

ACM morreu
Um dos mais longêvos políticos brasileiros. Passou mais de 50 anos na política (começou em 1954 como deputado estadual).

A morte de ACM representa, em certa medida, o crespúsculo de toda uma geração. Não por causa da morte dele propriamente, mas porque parece ter realmente chegado a hora de um certo grupo geracional passar o bastão para os que estão chegando.

Ulysses Guimarães, Leonel Brizola, ACM. É uma lista e tanto.

Para 2010 há vários candidatos na corrida presidencial que eram crianças ou muito jovens no auge da ditadura militar (1964-1985). José Serra é, talvez, a única exceção.

Com a morte de ACM, sinal dos tempos, certas memórias vão ficando mesmo longe na história. Falar hoje para jovens de 20 sobre a ditadura militar era como nos anos 80 ouvir dos mais velhos a respeito de Getúlio Vargas e Juscelino Kubtischek.

::Escrito por Fernando Rodrigues às 12h59
[**(94) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**] [link]

César Maia (DEM) comenta fala de Lula

O prefeito do Rio, César Maia (DEM), deu uns pitacos no seu boletim diário de análise política (o ex-blog).

Maia é uma espécie de grilo falante da oposição. Goste-se ou não dele, trata-se do político mais presente em todos os embates contra o Planalto.

Eis o que ele comentou sobre o pronunciamento de Lula, previsto para hoje (20.jul.2007) à noite, em cadeia de rádio e TV:

"CAMA DE GATO:"
"LULA FALA HOJE NA TV SOBRE A TRAGÉDIA DE CONGONHAS!"

"Lula e seus assessores, devem estar passando horas de alta ansiedade para decidir o que Lula falará hoje em rede de rádio e TV. Os votos de pêsames já foram dados com os três dias de luto e nota oficial. E agora? O que dirá? Hipóteses:
"1. Se demitir dirigentes e adotar medidas contundentes estará reconhecendo a culpa do governo na tragédia de Congonhas e portanto a sua.

“2. Se quiser por a culpa na TAM reforçará a imagem negativa que tem de sempre encontrar culpados para que possa lavar as mãos.

“3. Se enrolar, sua desmoralização será terminal”.

E César Maia vai além com seu sarcasmo:

“FORMAS DE RELACIONAMENTO DOS MINISTROS DE LULA COM A POPULAÇÃO SOFRIDA!”

“1. Ministra do turismo: -Relaxa e Goza. [no youtube, aqui]

“2. Ministro ad hoc de relações exteriores: -F...m-se. [no “Jornal da Globo” de ontem, 19.jul.2007, aqui]

“3. Assessor do ministro: -Ó nós em vocês...
[idem, no “Jornal da Globo” de ontem]

post scriptum: sobre Marco Aurélio Garcia, como bem apontou um internauta, num episódio semelhante Rubens Ricupero perdeu a cadeira de ministro da Fazenda ao debochar da população. Em 1º de setembro de 1994, Ricupero esperava para ser entrevistado pela TV Globo, mas o satélite já transmitia sua conversa no estúdio. Antenas parabólicas (alguém ainda usa essas coisas?) capataram sua famosa frase sobre indicadores econômicos: "Eu não tenho escrúpulos. Eu acho que é isso mesmo. O que é bom a gente fatura; o que é ruim, esconde". Para matar as saudades, assista o vídeo aqui.

::Escrito por Fernando Rodrigues às 08h45
[**(112) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**]
[link]

Afinal, qual é a importância do reversor?

O Brasil conheceu palavras novas nos últimos dias. Primeiro, “**grooving**” (as ranhuras que serão feitas na pista principal de Congonhas). Agora, o **reversor** (ou reverso) das turbinas do avião.

Já se sabe que o Airbus-A320 do vôo 3054 da TAM estava com um problema mecânico detectado quatro dias antes. O reversor da turbina do lado direito (há uma turbina de cada lado) apresentou defeito. A companhia aérea optou por lacrar o equipamento e voar sem esse dispositivo –procedimento recomendado no manual do fabricante.

O dispositivo poderia permanecer lacrado, diz o manual da Airbus, por até dez dias antes de o avião ser submetido a uma manutenção.

Em condições muito adversas de clima (chuva muito intensa, por exemplo) não é recomendado o uso do avião com um dos reversos desativados.

O que é o reverso? É um mecanismo na turbina do avião. Acionado, o motor joga o ar para frente. É um freio aerodinâmico. "*O reverso desvia parte do ar comprimido pelo motor para ajudar na frenagem*", diz um especialista.

Há outro freio semelhante: os ~~flaps~~ spoilers (nas asas).

Correção excelente enviada por um leitor: "*Os flaps não são exatamente usados como freios aerodinâmicos. São "extensões" das asas que aumentam a sustentabilidade do avião em velocidades baixas (tanto que são usados também nas decolagens). Os freios aos quais que você se refere são aquelas "pás" localizadas em cima da asa que se levantam após o pouso, são chamadas de "spoilers". Elas sim, são responsáveis por ajudar a frear o avião. Informações: http://en.wikipedia.org/wiki/Spoiler_(aeronautics)*".

Mas qual é a importância do reverso?

Segundo vários sites sobre aviação, no Airbus-A320 a relevância do freio aerodinâmico é de aproximadamente 20%. O principal responsável pela paralisação completa do avião é o sistema de frenagem nos pneus (que tem um moderno sistema ABS). Um desses sites/blogs tem uma explicação didática a respeito. Acesse aqui (graças à indicação de um internauta).

Eis um trecho (tradução livre para o português): “Os freios nas rodas são a forma de parar o avião. Muitas pessoas pensam que os reversos têm um grande papel na aterrissagem: mas eles têm função marginal, não afetando a distância percorrida em mais de 10% a 20%. A maioria dos aviões tem um sistema automático de freios, que são acionados depois que o equipamento toca o solo”).

A distância necessária para frear um Airbus-A320 fica em torno de 1.300 jardas (cerca de 1.190 metros). A pista principal de Congonhas tem 1.940 metros. É desejável que a distância mínima seja equivalente a, no máximo, 60% da pista total. Nesse caso, Congonhas está no limite exato do que seria aconselhável. Não há nenhum espaço a mais disponível.

Ninguém sabe ainda ao certo a razão pela qual o Airbus-A320 da TAM não parou na terça-feira à noite. Sobretudo porque outra aeronave idêntica teve pouso perfeito cerca de 5 minutos antes –nas mesmas condições climáticas e na mesma pista. Pode ter acontecido algum problema extra com o reverso, o freio dos pneus pode ter falhado, a pista pode ter ficado muito pior em poucos minutos, o piloto pode ter se apavorado.

O que ninguém tem dúvida é a respeito da necessidade de Congonhas ter um movimento menor de aviões. E de se pensar numa possibilidade de restringir os pousos e as decolagens de aeronaves muito grandes. Esse é o ponto. Não adiante o governo comemorar (com o “top, top, top” de Marco Aurélio Garcia) o fato de o reverso direito do avião da TAM ter ficado defeituoso. Medidas de segurança para Congonhas poderiam ter sido tomadas muito antes. Mas é a tal história. Porteira arrombada, cadeado nela.

::Escrito por Fernando Rodrigues às 08h25
[**(138) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**]
[link]

O drive político do dia (20.jul.2007 - 6ª feira)

Lula e o pacote aéreo – O petista faz um pronunciamento em rádio e TV hoje à noite para anunciar medidas de mais segurança em Congonhas.
Comentário do blog: porteira arrombada, cadeado nela.

Conac – o Conselho de Aviação Civil reúne-se às 15h no Ministério da Defesa para discutir as medidas que serão posteriormente anunciadas por Lula.

Falha no reversor – a possibilidade de uma falha no reversor da turbina direita do Airbus-A320 da TAM ter causado a tragédia enfraquece as suspeitas de que a pista de Congonhas fosse uma das causas do acidente (embora isso não possa ser completamente descartado). O “Jornal Nacional” de ontem deu grande destaque ao assunto. A TAM diz nada ter escondido. Mencionou o defeito na entrevista concedida na quarta-feira. Sustenta que “o reversor direito do Airbus A320 que realizou o vôo

JJ 3051 foi desativado em condições previstas pelos manuais de manutenção da fabricante Airbus e aprovado pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC)". O "JN" deu a versão da empresa. Mas o governo comemorou o "JN" como se fosse final de Copa do Mundo. As imagens de Marco Aurélio Garcia no "Jornal da Globo" de ontem não deixam dúvidas (fazendo o notório "top, top, top" com as mãos).

Comentário do blog: essa história ainda vai longe.

CPI do Apagão – a comissão tem reunião nesta sexta-feira, às 11h, para aprovar requerimentos que pedem a convocação de autoridades federais que estão envolvidas no acidente com o avião da TAM. A CPI deve trabalhar durante o recesso parlamentar para discutir e investigar o agravamento da crise aérea após a tragédia.

Despedida – o deputado federal Júlio Redecker (PSDB-RS), um dos mortos no acidente em Congonhas, será enterrado hoje em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. O corpo será velado em Porto Alegre, na sede do governo estadual. O presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia, e o governador de Minas Gerais, Aécio Neves, confirmaram presença no velório.

Escrito por Fernando Rodrigues às 06h45
[**(28) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**]
[link]

19/07/2007

Palácio do Planalto nega que presidente da Infraero tenha devolvido o cargo

Ao chegar hoje ao Palácio do Planalto para uma reunião, o presidente da Infraero, brigadeiro José Carlos Pereira, disse que seu cargo está sempre à disposição do governo.

Dentro do Planalto, entretanto, Pereira não entregou o cargo, segundo informa a Presidência da República.

O presidente da Infraero e o ministro da Defesa, Waldir Pires, estão numa lista de possíveis autoridades a serem demitidas nos próximos dias. Mas nada ainda foi confirmado --até porque Lula recalcitrou várias vezes. Pereira e Waldir Pires foram "demitidos" na mídia umas dez vezes nos últimos meses, mas continuam nos seus cargos.

Agora, a situação parece bem mais deteriorada. Mas Lula, sabe-se, tem uma dificuldade enorme para demitir seus assessores. Demissão, com o petista, só vale depois de publicada no "Diário Oficial".

Escrito por Fernando Rodrigues às 18h57
[**(29) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**]
[link]

Lula vai à TV amanhã anunciar medidas de segurança reforçada para Congonhas

- vôos de jatinhos devem ser restringidos ou extintos
- peso total dos aviões deverá ser reduzido
- cargas serão desviadas para outros aeroportos

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva deve falar amanhã à noite em rede nacional de rádio e TV. Vai novamente expressar pesar por causa do acidente de terça-feira (17.jul.2007) com o avião da TAM, mas sobretudo anunciará medidas que visam a reforçar a segurança aérea do aeroporto de Congonhas, o mais movimentado do país.

Logo depois do acidente, Lula emitiu uma nota oficial. Depois disso, fechou-se no Palácio do Planalto em intermináveis reuniões com assessores. Demandou soluções. Disse que gostaria de aparecer em público com medidas concretas para oferecer. Hoje no final da tarde o desenho das soluções ficou quase pronto.

As medidas só poderão ser anunciadas oficialmente amanhã à noite por Lula, pois serão discutidas durante o dia pelo Conac (Conselho Nacional de Aviação Civil), que terá uma reunião a respeito do tema. São membros do Conac os ministros da Defesa (Presidente), Relações Exteriores, Fazenda, Turismo, Indústria e Comércio Exterior, além do chefe da Casa Civil e do comandante da Aeronáutica. O ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, que ajudou a formular parte das medidas, não participa desse órgão.

O pacote deve incluir, entre outros itens, os seguintes (ainda pendentes de finalização até amanhã):

1) **número de vôos em Congonhas**: hoje, o máximo por hora é de 44. Muitas vezes, entretanto, chegam a ocorrer até 48 pousos e decolagens por hora. O ritmo é frenético. Deve haver uma redução para um máximo de 35 (mas esse número pode ficar ainda menor em condições climáticas menos favoráveis). Os vôos desviados terão de se virar para encontrar espaço em Guarulhos e Viracopos. A ser mesmo levada a cabo essa decisão, Lula estará comprando briga com as companhias aéreas (que terão prejuízo) e com parte da classe média (que faz uso das facilidades de Congonhas);
2) **jatinhos**: Lula sempre insiste nesse ponto quando participa de reuniões a respeito. Acha que os vôos executivos devem ser todos retirados de Congonhas. "Quem tem dinheiro para alugar avião pode parar mais longe e arcar com os custos de alugar também um helicóptero para chegar ao centro da cidade", foi a frase ouvida hoje dentro do Planalto. Não será uma decisão fácil. No mínimo deve ser imposta uma redução drástica desse tipo de operação;
3) **peso total dos aviões**: a idéia é dar um desconto no que indica a norma internacional. Se, como afirmou a TAM, o limite de peso para um avião como o Airbus é de 64 toneladas numa pista como Congonhas, esse limite será reduzido ainda mais como forma de conferir mais segurança nas operações de pouso e decolagem;
4) **cargas**: embora os aviões cargueiros não parem em Congonhas, os vôos de passageiros acabam sempre ocupando espaço vago para transportar algum tipo de carga. Essa operação deve ser restringida ao máximo em Congonhas.

Há outras medidas, mas este blog não teve acesso ao pacote completo.

Lula também planeja demitir parte da cúpula do setor aéreo, mas essas alterações não foram finalizadas. Estão na lista de possíveis demitidos o ministro da Defesa, Waldir Pires, e o presidente da Infraero, brigadeiro José Carlos Pereira.

Ontem, o Palácio do Planalto negou que Pereira já tivesse entregado o cargo, como chegou a ser divulgado. Mas a negativa veio até com certo pesar. Até porque o pedido de demissão seria bem-vindo.

::Escrito por Fernando Rodrigues às 18h00
[**(75) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**]
[link]

O drive político do dia (19.jul.2007 - 5ª feira)

Vôo 3054 – Lula se esfalfa para evitar a versão de "tragédia anunciada". Planalto vende sem parar a versão de que ainda é "cedo" para apontar culpados. Nenhuma autoridade relevante do governo veio a público depois da tragédia. Só saem notas e comunicados. Lula deixou a tarefa de enfrentar as câmeras para o seu porta-voz.
Palpite do blog: só é cedo ainda para dizer o tamanho do rombo na imagem presidencial. Que haverá desgaste não mais dúvida.

Lula sem agenda – o petista cancelou todos os compromissos do restante da semana (lançaria o PAC da habitação nos estados do Sul e ir ao Rio de Janeiro para o evento comemorativo de 100 anos da Academia Brasileira de Letras). O presidente terá poucos encontros durante o dia, mas está sendo informado dos desdobramentos da crise diretamente pelo comandante da Aeronáutica Juniti Saito.
Comentário do blog: a única ação possível para Lula é arbitrar imediatamente uma redução drástica do número de vôos em Congonhas. Aí falta coragem de peitar as companhias aéreas e a classe média que seria prejudicada com a realocação dos vôos.

Congresso acompanha acidente – a pedido do deputado Raul Jungmann (PPS-PE), o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), autorizou a convocação da Comissão de Representação do Congresso. Essa comissão tem os mesmos poderes do Congresso e pode aprovar projetos e convocar autoridades, por exemplo. Jungmann quer convocar os comandantes das principais entidades ligadas à aviação (Anac, Infraero, Aeronáutica e Ministério da Defesa) para darem explicações.

Ações – o Ministério Público Federal entrou com um pedido de liminar na Justiça Federal para que as operações de pousos e decolagens nas pistas principal e auxiliar do aeroporto de Congonhas (zona sul de São Paulo) sejam interrompidas até que a segurança no local seja confirmada. E o ministro Augusto Nardes do Tribunal de Contas da União afirmou que irá propor que o tribunal faça uma "auditoria preventiva" nos principais aeroportos do país.

Juros menores – seguindo a linha da última reunião o Copom (Comitê de Política Monetária) reduziu a taxa de juros de 12% para 11,5% ao ano, um corte de 0,5 ponto percentual.

Azar – ontem, a TAP Portugal inaugurou seu vôo direto no trecho Brasília-Lisboa. Haveria festa. Tudo foi cancelado.

Comentário do dia – é o de Fábio Konder Comparato (presidente da Comissão de Defesa da República e da Democracia do Conselho Federal da OAB-SP), em curta correspondência para a seção de cartas da Folha de hoje (para assinantes): "Nas democracias autênticas, quanto maior o poder, maior a responsabilidade. No nosso serviço público é exatamente o contrário: quanto maior o cargo, maior a irresponsabilidade. Espera-se que o Ministério Público examine seriamente a responsabilidade dos dirigentes da Infraero por homicídio culposo, com a liberação indevida para o tráfego aéreo das mal acabadas pistas do aeroporto de Congonhas."

::Escrito por Fernando Rodrigues às 04h58
[**(59) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**]
[link]

18/07/2007

Uma dúvida para a Infraero esclarecer:
a obra da pista já foi integralmente paga?

Relato enviado ao blog por um funcionário público, consultor em licitações públicas e finanças públicas. A fonte não quer ter seu nome revelado. Pode ser prejudicada profissionalmente –"tenho relacionamento com empreiteiras em cursos que realizo".

Basicamente, o ponto a ser esclarecido imediatamente pelo governo é o seguinte: a Infraero tinha obrigação de receber a obra da pista de Congonhas verificando se todos os elementos do contrato estavam devidamente cumpridos. No caso, como se sabe, decidiu-se que a instalação das ranhuras (ou, como se diz em inglês, o "grooving") ficaria para uma segunda etapa. Quem tomou essa decisão? Com base em qual estudo técnico? A obra de R$ 20 milhões já foi paga? Quanto ficou para ser pago depois da instalação das ranhuras?

Eis, a seguir, o relato do técnico:

"A Lei 8.666/1993 estabelece que todas as obras públicas - como a reforma da pista de congonhas - devem passar, obrigatoriamente, por três tipos de etapas para sua entrega - parcial ou total".

"**1ª Etapa - Medição** – a empresa contratada recebe os pagamentos em conformidade com as medições aferidas pela contratante (parcela do serviço realizado). Por meio desse procedimento o Estado (Infraero) é obrigado a comparar o contratado (projeto básico/executivo) com o realizado. Assim, se havia previsão de construção de pista com os 'sulcos' [ranhuras] para drenagem, antes mesmo do pagamento das medições finais da pista, seria detectada a não-conformidade entre a obra contratada e a realizada".

"O pagamento da empreiteira ficaria retido ou seria descontada a parcela não-executada, pendente sua plena execução e fiscalização, para aprovação final".

"Se na parcela final da obra o 'sulco' não foi feito, o contrato não termina, porque a empresa contratada não o executou a contento".

"A obra, portanto, não se encerra e, no caso concreto, a infra-estrutura não é disponibilizada para recebimento provisório".

"É aqui que está o problema da obra da Infraero"

"**2ª Etapa - Recebimento Provisório** – obras de grande vulto –na verdade, dentro do interesse público, todas as obras públicas– devem passar pelo procedimento de recebimento provisório. Em outras palavras: feitas as medições todas, executadas as etapas do projeto e do cronograma físico-financeiro, CONFIRMADA A PLENA EXECUÇÂO CONTRATUAL, a contratante têm a OBRIGAÇÃO (não trata-se de direito, mas de obrigação do Estado) de verificar se todos os elementos foram efetivamente cumpridos, dentro dos critérios de qualidade e técnica estipulados em contrato. Havendo falhas, a CONTRATANTE solicita sua correção, ficando pendente o recebimento final da obra".

"3ª Etapa - Recebimento Definitivo - o recebimento definitivo –como o próprio nome indica– somente se realiza quando TODOS os elementos contratuais foram

checados, aprovados, pagos e atestados pelo recebimento provisório".

"Em suma: a lei já prevê –e o conhecimento técnico de engenheiros, tanto da Infraero, como das empreiteiras envolvidas no processo, todos os elementos de garantia para que uma obra pública seja entregue dentro das especificações estabelecidas em contrato".

"Se a construtora não entregou a obra, não pode ter recebido pela parcela integral da mesma".

"Pergunto: recebeu tudo ou não? Se não recebeu, quanto não recebeu? Se a obra foi entregue, como uma parcela relevante da mesma –a drenagem– foi deixada para segundo plano?"

::Escrito por Fernando Rodrigues às 08h00
[**(122) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**]
[link]

O drive político do dia (18.jul.2007 - 4ª feira)

A tragédia do vôo 3054 – em menos de 10 meses, os dois maiores acidentes da história da aviação brasileira. Lula cancelou os compromissos externos e mandou emissários para acompanhar os desdobramentos do acidente ocorrido em São Paulo com aeronave da TAM. O PSDB confirmou a presença do deputado Júlio Redecker (RS) no avião.
Comentário do blog: tudo fica secundário diante do acidente em Congonhas. É cedo para saber os efeitos políticos.

Renangate – a Mesa Diretora do Senado decidiu encaminhar à PF pedido para nova perícia nos documentos de defesa apresentados por Renan Calheiros. O ministro da Justiça Tarso Genro prometeu encaminhar ainda hoje o pedido à polícia e afirmou que investigações mais detalhadas sobre Renan só poderão ser realizadas com autorização do Supremo Tribunal Federal.
Palpite do blog: o caso agora entra em marcha lenta. O desfecho será no final de setembro. Ou depois.

Congresso – entra em recesso a partir de hoje e retoma os trabalhos no dia 1º de agosto.

Gim Argello – o suplente do ex-senador Joaquim Roriz tomou posse, aproveitando a brecha do recesso do Congresso. Mas o PSOL ingressou com representação por quebra de decoro contra o senador pouco depois de sua posse. Sobre as acusações que tem contra si, Argello pediu "tempo" aos senadores presentes na sessão para poder se explicar.

::Escrito por Fernando Rodrigues às 00h23
[**(54) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**]
[link]

17/07/2007

Avião tocou no ponto correto da pista e continuou em linha reta e alta velocidade

O comandante da FAB (Força Aérea Brasileira), Juniti Saito, recebeu informações dos funcionários da torre de controle do aeroporto de Congonhas atestando que o Airbus A-320 da TAM tocou a pista no local correto ao tentar aterrissar. Por alguma razão, disseram os funcionários, o avião continuou em alta velocidade. Esse dado terá de ser confirmado pela caixa-preta da aeronave.

Tocar o solo no local correto numa aterrissagem é o primeiro requisito para que a operação seja bem sucedida. Em seguida, o piloto deve empreender as ações necessárias para frear o equipamento. Ainda não se sabe a razão pela qual a velocidade não foi reduzida o tanto necessário.

Essa é a primeira informação técnica disponível, por enquanto, a respeito do acidente com o vôo 3054 da TAM no início da noite desta terça-feira (17.jul.2007) em Congonhas.

O fato de o avião ter continuado em alta velocidade depois de ter atingido o solo –informação pendente de ser oficialmente confirmada com dados da caixa-preta– reduz muito a hipótese de os supostos defeitos na pista de Congonhas serem os únicos possíveis causadores da tragédia. Quando o avião derrapa por deficiência da pista quase sempre ocorre uma mudança imediata na trajetória em solo. As informações preliminares (atenção: **preliminares!**) dão conta de que o Airbus da TAM seguiu em linha reta até praticamente o final da pista, sem frear nem perder a direção.

Como choveu nos últimos dias em São Paulo, haveria também a hipótese de aquaplanagem –o avião deslizando sobre uma fina lâmina de água. Mas essa hipótese parece não fazer sentido porque o avião ficou em linha reta quase até o final da pista.

Quando se dá o fenômeno da aquaplanagem é comum a aeronave jogar para um dos lados. A pista principal de Congonhas tem 1,9 km (esse, evidentemente, é um defeito sério da pista: é muito curta). Mas seria improvável em aquaplanagem o deslizamento em linha reta durante todo o percurso de 1,9 km. Além disso, ao aterrissar o piloto estaria, em tese, acionando o freio. Com aquaplanagem o avião poderia dar um "cavalo-de-pau" ou começaria a deslizar para um dos lados. Mas as informações disponíveis dão conta de não ter ocorrido o desvio de rota.

Em algum momento da aterrissagem, o piloto ou alguém na cabine de comando falou algo que teria sido identificado pela torre de Congonhas como uma menção a "virar" a rota do avião. Mas ainda não está claro em que momento esse tipo de informação foi captada --se logo quando o avião tocou o solo, se na metade da pista ou no seu final, quando o Airbus acabou fazendo a curva à esquerda e atingindo um edifício da TAM Express.

Por que isso teria acontecido? Não se sabe. Pode ter ocorrido algum defeito no aparelho que o impediu de frear (as turbinas não reverteram, os freios não funcionaram, enfim, várias possibilidades a serem estudadas e investigadas).

Espera-se que os dados da caixa-preta possam dirimir essas dúvidas.

Há grandes esperanças de a caixa-preta do avião ser encontrada intacta, pois nesse tipo de aparelho o equipamento fica conservado na cauda –a única parte que

não foi totalmente consumida pelas chamas nas horas que se seguiram ao acidente.

O fogo demorou várias horas para ser debelado por causa de duas possíveis razões. Primeiro, o tanque do Airbus estava relativamente cheio (o avião seguiria viagem sem abastecer em São Paulo). A segunda possibilidade é a proximidade com o posto de gasolina, atingido na queda.

Quem esteve no local do acidente acredita que o número de vítimas em terra possa subir para casa de várias dezenas. No avião, são poucas ou quase nulas as possibilidades de alguém ter sobrevivido.

Escrito por Fernando Rodrigues às 22h55
[**(457) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**]
[link]

O drive político do dia (17.jul.2007 - 3ª feira)

Dia D para o renangate – Renan nega ter preparado manobras protelatórias. A Mesa Diretora do Senado se reúne hoje para deliberar, às 11h, se envia ou não pedido feito pelo Conselho de Ética para que a PF aprofunde a perícia nos documentos de defesa apresentados pelo presidente do Senado. Renan deixou a cargo de Tião Viana (PT-AC), primeiro vice-presidente, presidir a reunião da Mesa. O risco de algum senador pedir vista do requerimento não pode ser descartado. O DEM e o PSDB prometem radicalizar caso isto aconteça.
Palpite do blog: Renan está desenganado por todos os aliados. Só Sarney e ACM (do seu leito no Incor) ainda estão ao seu lado.

Câmara – o presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia (PT-SP), marcou sessão no plenário da Casa com a intenção de colocar em votação uma medida provisória que tranca a pauta da Casa. Prometeu cortar o ponto dos faltosos.
Comentário do blog: a ameaça não resistirá a um pedido de verificação de quórum.

Gim Argello, o sub-Roriz – o suplente do ex-senador Joaquim Roriz estuda tomar posse no Senado hoje, véspera do recesso do Congresso. A estratégia é tirar os holofotes das várias denúncias que envolvem seu nome.

Apagão aéreo – a CPI do Apagão Aéreo (alguém se lembra) toma hoje os depoimentos de quatro analistas de Finanças e Controle Externo do Tribunal de Contas da União (TCU): Jorge Pereira de Macedo, Cláudio Sarian Altourian, Carlos Sebastião Costa e Elizeu Grosskops Schlottseldt Júnior. Eles devem falar sobre contratos da Infraero de obras em aeroportos do país.
Comentário do blog: as CPIs sobre o apagão aéreo (na Câmara e no Senado) são uma demonstração viva da falência desse tipo de instrumento de investigação dentro do Congresso.

E na Argentina... – ...a ministra da Economia, Felisa Miceli, renunciou após ser chamada a explicar sacola de dinheiro achada em banheiro do gabinete.

Escrito por Fernando Rodrigues às 05h48
[**(23) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**]
[link]

16/07/2007

Magno Malta se nega a pedir vista e processo contra Renan deve prosseguir

O senador Magno Malta (PR-ES) disse hoje a aliados seus que não pretende pedir vista do processo contra Renan Calheiros (PMDB-AL), presidente da Casa.

Malta é um dos 7 integrantes da Mesa Diretora do Senado. Amanhã, a Mesa se reúne para despachar um pedido do Conselho de Ética: encaminhar para a Polícia Federal uma solicitação formal de perícia nos documentos de rendimentos pecuários de Renan Calheiros –cujo faturamento foi de R$ 1,9 milhão em 4 anos.

A idéia dos renanzistas é tentar alguma saída para que a Mesa Diretora nada decida amanhã. Dessa forma, tudo fica adiado para agosto. O Congresso entra em recesso a partir de quarta-feira.

Uma saída fácil era um dos integrantes da Mesa fazer o pedido de vista. Trata-se de um procedimento comum, quando a pessoa não se sente segura para tomar uma decisão durante algum processo de julgamento.

Magno Malta era tido como o mais suscetível a esse tipo de manobra. Agora, seu nome parece descartado.

Outra possibilidade é não haver quorum para que seja realizada a reunião de amanhã. São necessários pelo menos 4 integrantes da Mesa Diretora (titulares ou suplentes). Eis os nomes (e seus respectivos e-mails):

presidente Renan Calheiros (PMDB-AL) renan.calheiros@senador.gov.br
1º vice Tião Viana (PT-AC) tiao.viana@senador.gov.br
2º vice Álvaro Dias (PSDB-PR) alvarodias@senador.gov.br
1º secretário Efraim Morais (DEM-PB) efraim.morais@senador.gov.br
2º secretário Gerson Camata (PMDB-ES) gerson.camata@senador.gov.br
3º secretário César Borges (DEM-BA) cesarborges@senador.gov.br
4º secretário Magno Malta (PR-ES) magnomalta@senador.gov.br
Suplente Papaléo Paes (PSDB-AP) papaleo@senador.gov.br
Suplente – A. C. Valadares (PSB-SE) antval@senador.gov.br
Suplente – João Vicente (PTB-PI) j.v.claudino@senador.gov.br
Suplente – Flexa Ribeiro (PSDB-PA) flexaribeiro@senador.gov.br

Escrito por Fernando Rodrigues às 11h03
[**(27) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**]
[link]

O drive político da semana (16 a 20 de julho)

segunda-feira (16.jul)
Semana política curta – o recesso congressual começa 4ª feira. Em tese, essa turma só trabalha até amanhã. Depois, férias –agora, oficiais.

Renangate – o presidente do Senado, Renan Calheiros, finaliza sua estatrégia. Vai ou não vai recorrer ao STF para embananar de uma vez o processo? Haverá quórum de pelo menos 4 dos 7 integrantes da Mesa Diretora do Senado nesta 3ª feira? Algum senador pedira vista do processo para jogar tudo para agosto?

Palpite do blog: ninguém sabe. Amigos de Renan dão opiniões diversas. Pode dar qualquer coisa.

Encontro petista – os líderes das bancadas do PT nas assembléias legislativas do país estarão em Brasília, na sede do partido, para uma reunião que debaterá temas como o PAC nos estados e municípios.

Lula – de volta a Brasília, quer esquecer as vaias do Pan. Recebe, entre outros, o presidente mundial do grupo Deutsche Bank, Josef Ackermann, o comandante da Aeronáutica, tenente-brigadeiro Juniti Saito, e o ministro da Fazenda, Guido Mantega.

CPI da CDHU em SP – reportagem de Rubens Valente, na Folha de hoje (só para assinantes), informa que "um terço dos deputados estaduais da Assembléia Legislativa de São Paulo recebeu doações financeiras, durante a última campanha eleitoral, de empresas contratadas para realizar o programa de construção de casas populares da CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano) do governo paulista". Essa turma apoiou manobra do PSDB na semana passada para enterrar uma CPI que apuraria suspeitas de irregularidades nesses contratos. Dado relevante: dos 32 que receberam doação de empreiteiras, 13 são filiados ao PSDB, partido que detém a maioria na Assembléia – 8 são do PT; 4 do DEM, 2 do PMDB, 2 do PSB, 1 do PDT, 1 do PPS e 1 do PTB.
Comentário do blog: em Brasília, o PT. Em São Paulo, o PSDB. Eles duelam na política, mas não sabem como se parecem.

ACM – continua com a saúde em estado delicado, no Incor, em SP.

terça-feira (17.jul)
Dia D para o Renangate – a Mesa Diretora do Senado deve se reunir para decidir se aceita ou não pedido feito pelo Conselho de Ética para que a PF aprofunde a perícia nos documentos de defesa apresentados por Renan Calheiros. A oposição promete fazer vigília para evitar novos adiamentos.

Câmara – está marcada sessão no Plenário da Casa, com a pauta trancada por quatro MPs. Alguém vai aparecer?
Palpite do blog: nem pensar... Os deputados já estão todos em ritmo de aventura.

quarta-feira (18.jul)
Juros – último dia de reunião do Copom, quando será divulgado a nova taxa básica de juro da economia brasileira.

Folga – O Congresso Nacional entra em recesso. Só volta a funcionar no dia 1º de agosto.

quinta e sexta-feira (19.jul e 20.jul)
Brasília vazia – sem novos escândalos e sem Congresso, a capital tende a ficar às moscas.
Comentário do blog: quando Brasília dorme o Brasil cresce.

::Escrito por Fernando Rodrigues às 05h58
[**(42) Comentários**] [**Regras**] [**envie esta mensagem**

BLOG LUIS NASSIF

Blog Luis Nassif
21/07/07 22:21

Trivial de domingo

Sob o som de Anat Cohen, vou avançando no sábado e entrando no domingo. De férias, as menininhas esticam a noite. Ficam arrulhando em torno da mãe, da televisão.

No DVD, vejo a entrevista do Zé Grandão ao Jô, em 1993, falando sobre seu livro "Sorte e Arte". Na semana passada teve um dia dedicado ao amigo. Pelo menos é o que diziam vários emails que recebi.

Esses dias em São Paulo, em plenas férias escolares, mas longe de Poços de Caldas, trazem um certo ar nostálgico. Minha idéia era passar uns dias por lá, mas marquei uma reunião de economistas por aqui, na segunda.

Acho que essa profissão de jornalista, e essa vida de Blogueiro, estão atrapalhando um tanto meu lazer. Está na hora de uma paradinha. Mas de que jeito?

Só o Trivial para falar sobre o tempo, as lembranças e a vida.

Enviado por: Neves

Aqui Rosinha de Valença solando.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (48 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
21/07/07 20:22

O choro israelense

O leitor Luiz Fernando M. passou a dica: ouçam que baita clarinetista, á israelense Anat Cohen e o Choro Ensemble, executando Migalhas de Jacob do Bandolim.

Enviado por: LUIZ EDUARDO

Que maravilha de clarinetista! E bárbaro o arranjo, misturando o choro com os ritmos cubanos. Corri no Google para encontrar alguma coisa a seu respeito, e descobri uma que pede uma retificação no seu post: não é O israelense, mas A israelense: Anet Cohen é mulher, e bonita! A foto está no seu site:

http://www.anatcohen.com/live/

Clique aqui para ver e ouvir o balanço cubano da Anat

Aliás, na home de Anat tem um choro-baião brasileiro embaladíssimo. Não consegui me lembrar do nome.

Ou ela aprendeu com o Proveta, do Banda Mantiqueira, ou o Proveta com ela. Recomendo o último CD do Proveta, uma obra prima.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (21 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
21/07/07 18:56

O Brasil sem a Bahia de ACM

enviado por: Luiz Horacio

Não se deve esquecer do Brasil de ACM, tão importante quanto seu papel na Bahia.

Já imaginaram o peso que não se tira, mas se transforma, na balança política brasileira? Digo, peso da atuação política, influência política e representante de um conjunto de valores e doutrinas. Não podemos nos esquecer que ACM tinha uma importância enorme também no debate doutrinário-ideológico brasileiro.

Se Luiz Eduardo estivesse vivo, a resultante seria ele, e isto implica num deslocamento para o centro e para a moderação, e talvez para um debate mais bem instruído. Mas agora restou um vazio, e o governo de Jacques Wagner. A Bahia tornou-se uma incógnita, e com ela boa parte do Nordeste.

Não tanto pela falta de valores, que a região os tem, alguns de destaque, mas pela falta de atuação mesmo, de presença no debate e de ocupação dos espaços. Mas não deixa de ser uma mudança gigantesca e fundamental na política brasileira, que apenas se inicia.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (46 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
21/07/07 17:36

A Bahia de ACM

Enviado por Humberto Miranda Nascimento

Caro Nassif, acho que vale uma nota sobre a morte do Sen. ACM nessa semana de tantas mortes.

Primeiro a ironia da história _ com ironia não estou querendo ironizar ninguém, bem entendido _, qual seja, o PT acabou enterrando o líder político mais longevo da Bahia. Pelas asas do avião presidencial e pelo velório no palácio de Ondina, sob o cerimonial de Jaques Wagner. Talvez seja um caso raro de última homenagem. Não há honra maior que o de receber o reconhecimento de seus maiores adversários. Uns vão dizer que nem tanto, mas eu estou falando do ponto de vista histórico e em função da derrota na eleição para o governo estadual.

A história pessoal de ACM acaba depois de uma sucessão de convalescenças: a perda do Filho, Luís Eduardo, da qual nunca se recuperou, a renúncia pela violação do painel do senado, desonrando o regime republicano, mas depois reeleito "pelo povo", como dizia, a derrota de seu candidato ao governo da Bahia em 2006, as inúmeras internações e recuperações, as inúmeras tentativas de aproximação com o governo Lula, críticas duras e o reconhecimento da liderança de Lula em seu Estado, afinal o povo baiano é lulista desde 1989.

De alma inquieta, hábil, maquiavélica e sagaz, esse velho líder conservador não se contentava com pouco. Quis tudo, conquistou quase tudo, perdeu pouco, um pouco-que-foi-muito, mas dificilmente se deixava saber vencido. Havia sempre uma forma de estender seus domínios. De todas as perdas acumuladas, a última de suas posses foi o próprio corpo. Sua alma teve de abandoná-lo, mesmo contrariada. Aqui em Salvador, a sensação é de que faltava-lhe apenas deixar a vida vivida, porque a vida política já o havia sepultado com a última pá de cal.

Nunca senti orgulho do velho líder, com seu ar imperial e cercado por vassalos. Todavia, ele foi capaz de dar sentido à luta de nós todos que fomos durante muitos anos anticarlistas. Seria uma heresia não reconhecer sua importância. A esquerda baiana e os adversários de ACM

enterram-no como se enterrassem uma bandeira de luta, como se finalmente o último soldado fosse avisado que poderia deixar o front. O culto à sua memória permanecerá, mas perdeu o sentido lutar contra o que ele. Fica o que ACM representou, para seus aliados e para seus adversários políticos e pessoais. A Bahia que tanto vai rende-lhe homenagens continua com alarmantes índices de desigualdades sociais, alguns até bem acima da média nacional. Esse é o front.

Que na Bahia nasçam lideranças de outra estirpe, mais serenos e eficazes que ACM.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (15 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
21/07/07 17:31

O espólio de ACM

Não tivesse sido derrotado por Jacques Wagner nas últimas eleições, o espólio de ACM certamente iria para Paulo Souto. De todos os seguidores de ACM, Souto era o único com luz própria, incapaz de vergar a coluna para o comandante máximo. ACM teve que aceitar sua candidatura. E Souto não escondia que sua ambição era ampliar o espaço, mesmo que tivesse que colidir mais à frente com ACM.

Com a derrota de Souto, confesso não ter informações suficientes para saber para onde irá o carlismo. Certamente é espólio grande demais para ficar nas mãos do ACMNetinho.

enviado por: J Augusto

Paradoxo dos paradoxos, muito irá para quem já estava indo: seus opositores, sobretudo Geddel V. Lima. Parece quem melhor capturou seus métodos e lições.

Seus seguidores ficarão apenas com uma parte. Talvez a menor.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (9 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
21/07/07 17:13

A saga de Álvaro Alberto

Nesses tempos em que se tenta, e não se consegue avançar na construção de novas instituições, nada melhor do que recordar a saga do Almirante Álvaro Alberto, em CRÔNICAS.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (envie esta mensagem) | (link do post)
21/07/07 16:17

ACM e a busca do status político

ACM era um coronel modernizador, mas era coronel. Tentava se cercar, sempre, dos melhores quadros técnicos. Quando começou seu reinado, na Bahia, expulsou de lá Rômulo de Almeida e outros grandes planejadores baianos. A Bahia era um exemplo de bons escritórios de planejamentos.

Os quadros técnicos do estado se dispersaram. Parte foi absorvida pelo próprio ACM. Aceitaram o jogo político porque era a única maneira de conseguirem trabalhar. E ajudaram ACM a produzir uma revolução modernizadora, porém parcial, na Bahia.

Salvador virou um brinco, mas tinha zero de tratamento de esgoto. O Pelourinho foi reformado, mas o interior totalmente abandonado. O turismo e a música se tornaram atividades econômicas relevantes. Mas a especulação imobiliária se tornou uma constante em Salvador, sufocando os projetos de Rômulo de Almeida, de urbanização com a apropriação pelo poder público da valorização dos terrenos recuperados.

Quando se aproximou de FHC, ACM se deslumbrou com esse pacto com os políticos tidos como os mais modernos do país. O fato de seu filho Luiz Eduardo desempenhar papel relevante em um governo tido inicialmente como modernizante era motivo de orgulho, mas também de certa ciumeira.

Na verdade, Luiz Eduardo tinha dois ídolos na vida pública: FHC e o maior adversário de ACM, José Serra. Quando FHC decidiu trazer Serra de volta para o governo, oferecendo-lhe o Ministério da Saúde, ACM se opôs fortemente. De viagem para o Rio, estava na sala com um dos porta-vozes de ACM, quando Luiz Eduardo ligou. A pessoa me permitiu acompanhar a conversa. Nela, Luiz Eduardo se insurgia contra o pai, e dizia que FHC tinha que se cercar dos melhores mesmo. E Serra era dos melhores quadros da República.

No fundo, o grande sonho de ACM era o mesmo da primeira geração de empresários que vende a alma para conseguir riqueza, e aspira nobreza para a segunda geração. Luiz Eduardo seria o passaporte da família Magalhães do coronelato para a elite político-intelectual brasileira.

Sua morte abortou completamente o projeto político de ACM. De lá para cá, entrou na contagem regressiva.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (11 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
21/07/07 16:05

Itamar e ACM

ACM era tão influente e poderoso, que permitiu o maior momento político do presidente Itamar Franco.

Com sua ascendência sobre a mídia, vivia acenando com dossiês a torto e a direito. Uma das ameaças foi contra um dos Ministros de Itamar. O Presidente convidou-o a apresentar o dossiê no Palácio.

ACM foi como o todo-poderoso da República. Ao entrar na sala da Presidência, em vez de fechar a porta Itamar abriu e convidou os jornalistas a acompanharem a reunião. ACM perdeu o rumo de uma forma nunca antes vista, nem antes nem depois.

Foi o maior momento de Itamar.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (17 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
21/07/07 16:02

ACM e o maior momento de FHC

Tive dois conflitos com ACM, assim como inúmeros jornalistas também tiveram.

O primeiro, no episódio Jáder Barbalho. Defendi a tese de que, até ser abatido pelas denúncias, Jáder havia sido vitorioso no confronto. Dois jagunços valentes que se

atracaram, afundaram na água. Mas Jáder não largou ACM até vencer a parada.

ACM tentara articular a CPI da Corrupção, como maneira de impedir a eleição de Jáder. Com a balbúrdia feita pela mídia, na ocasião, Jáder foi cercado por parlamentares pressionando-o a assinar o pedido de CPI. Ele disse que assinaria, com uma condição: que fosse incluída a pasta cor-de-rosa e o caso Banco Econômico. A CPI morreu ali.

ACM ficou indignado com minha coluna e mandou um fax me desafiando para um duelo (verbal). Seu assessor, Fernando César de Mesquita, me ligou dizendo que ACM estava louco da vida com FHC, porque o presidente falava uma coisa para ele, outra para Jáder, jogando com os dois.

Propus três saídas para o impasse criado pelo envio do fax de ACM. A primeira, publicar a carta dele com minha resposta. A segunda, ele conversar comigo e contar sobre esse ambiente criado entre ele, Jáder e FHC. A terceira, deixar por isso mesmo. Ficou por isso mesmo.

A segunda vez foi logo depois da mudança cambial, quando o governo FHC estava caindo pelas tabelas. ACM apossou-se do poder como se fosse dele. Chegou a anunciar uma medida qualquer em relação ao preço da gasolina. Escrevi uma coluna dizendo que ele deveria ter aprendido com o filho Luiz Eduardo (já falecido) normas de civilidade política.

Outro fax, me desafiando para um novo duelo (verbal) em local onde eu escolhesse. Respondi deixando a escolha por sua conta, sabendo de seu bom gosto por restaurantes, e agradecendo o convite porque me daria uma bela oportunidade de conhecer parte da história do Brasil. Entendeu a ironia, e ficou por isso mesmo.

O terceiro contato, ainda que indireto, foi nos episódios que se seguiram à eleição de Jáder, quando ACM acionou todos seus contatos na imprensa para um tiroteio terrível contra o governo FHC.

No sábado, quando saíram as primeiras capas de semanais com as denúncias de ACM, o clima era pesadíssimo. A "Época" chegou a escrever que a entrevista com ACM era mais relevante do que a da "Veja" com Pedro Collor, sugerindo que deveria ser razão para um "impeachment" de FHC.

Por coincidência, naquele sábado almocei com um Ministro do governo FHC. No almoço, ponderei que não havia lugar para empate na disputa FHC x ACM. Ou FHC vencia ou seria derrotado.

Na segunda, fui a Brasília para uma palestra de manhã. Quando estava a caminho do aeroporto, recebi um telefonema do Ministro, perguntando se poderia ir com ele ao Alvorada. Fomos.

Lá, pediu que repetisse para FHC o que havia dito no almoço. Repeti. A reação de FHC foi surpreendente, e revelou um ângulo do presidente que eu não conhecia. Conhecia o vaidoso, em momentos de brilho, o "fala-o-que-você-quer-ouvir", em momentos de crise. Mas ali, na minha frente, estava um presidente forte, com pleno conhecimento do seu poder e da autoridade do cargo.

- É claro que não vai haver empate. O Antonio Carlos está esperneando porque vai perder o cargo, nesse episódio de vazamento da votação no Senado.

O episódio ainda estava no começo. Meses depois, ACM tinha que renunciar para não ser cassado.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (9 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
21/07/07 11:51

Modelo de atuação

Enviado por: virgilio tamberlini

Nassif:

Li todas as matérias postadas sobre o acidente da Tam, e estou escrevendo este post para tentar corrigir uma grande omissão: A atuação explendida do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo.

Eles chegaram ao local em cerca de três minutos e de imediato já começaram refrigerar o posto de gasolina, onde havia mais de 105 mil litros de combustível. Sem esta ação o que poderia ocorrer?

Em menos de cinco minutos, toda a rede elétrica da região já estava cortada.

Vários bombeiros, que nem sequer estavam em serviço, foram de forma voluntária para o local, muitos não abandonaram o serviço mesmo depois de vencido o seu turno de trabalho. Trabalho este realizado sob forte risco.

Se compararmos esta ação do Corpo de Bombeiros com o filme 9/11 do Michael Moore, veremos que o CBESP em matéria de gerenciamento de crise deu de 100 a 0 nos de Nova Iorque.

Parabéns pessoal do CB, a população paulistana, mais uma vez deve esta.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (39 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
21/07/07 11:48

O problema não é Marco Aurélio

Nos últimos meses, a ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil) só fez aprovar novas linhas para a aviação comercial brasileira.

O pacote anunciado ontem por esse Conselho de Aviação Civil (CONAC) traz um conjunto de medidas óbvias, que jamais precisariam ser adotadas por um Conselho que se reuniu apenas duas vezes em sua existência. Tinha que ter sido tomadas pela própria ANAC.

Homenageado ontem pela Aeronáutica, o presidente da ANAC, Milton Zuanazzi, não tem condições de continuar à frente do órgão. Ao se limitar a aprovar o aumento do número de vôos, ao se eximir de decisões óbvias (como proibir vôos charts em Congonhas, ou impedir que se transformasse em hub da aviação nacional), Zuanazzi demonstrou não ter envergadura para o cargo.

Foi necessário o Sr. Crise tomar as medidas que ele deveria ter tomado.

Uma agência depende dos seus regulamentos, da sua governança. Mas depende fundamentalmente de seus primeiros dirigentes. Estes são as pessoas que montam o caráter da agência, os princípios que dali por diante irão nortear sua atividade.

O CNPQ não teria se transformado no que foi se não fosse o almirante Álvaro Alberto na sua criação. A Unicamp não teria se transformado em centro de

excelência sem Zeferino Vaz. O IPT, a Fapesp não teriam se transformado em instituições modelares sem seus pioneiros.Se se mantém um presidente que, nesse período todo, limitou-se a acatar as burocraticamente as demandas das empresas aéreas e convalidar essa busca incessante da rentabilidade, em detrimento da segurança, é evidente que não serve para o cargo.

Além disso, as decisões de ontem, óbvias, passam totalmente ao largo da reformulação do sistema de gestão da aviação civil. De estrutural, apenas a decisão de entregar à ANAC (a ela!) a incumbência de traçar um diagnóstico do setor.

Quando se fala em coordenação do setor, supõe-se um órgão que paire acima dessa multiplicidade de agências atuando de forma descoordenada. Esse órgão inevitavelmente tirará poderes dessas agências. E entrega-se a uma dessas agências a incumbência de pensar a saída estrutural!

Todo o trabalho de ampliação de Congonhas, os investimentos vultosos na parte comercial, no grande shopping construído, tinham em mente um crescimento do movimento de passageiros abortado pela decisão do Conac.

Não há nada que exponha de forma mais clara a descoordenação do sistema aéreo brasileiro. A Infraero construindo seus shoppings aéreos, a ANAC procurando rentabilizá-los, sem nenhum plano de vôo adequado.

Ontem prosseguiu o festival de exploração política do gesto do Marco Aurélio Garcia. Fosse um país mais racional, em vez de explorar os sentimentos de parentes de vítimas em um episódio irrelevante, essa energia toda deveria estar concentrada na pressão pela definição de um novo modelo aéreo, pelo afastamento do Ministro da Defesa Waldir Pires e do presidente da ANAC Milton Zuanazzi e pela criação de um grupo de trabalho independente, que possa estudar experiências internacionais e apresentar um novo modelo, consistente, de gestão da logística nacional.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (110 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
21/07/07 00:10

Trivial de um sábado musical

A semana chegou ao fim. E porque hoje é sábado, darei um jeito de me juntar a alguma roda de choro para uma sessão de descarrego.

Vou tocar "Sofre porque queres", "Lágrimas", "Murmurando", "Naquele Tempo". O grupo é harmonioso, tranqüilo, cada qual sabe o seu papel e tem espaço para o seu talento.

Não há abelhas assassinas, a perversão dos que se comprazem com a desgraça, a agressividade gratuita dos desequilibrados. Há uma celebração da amizade tendo como fundo o choro, o samba.

Bom Trivial para vocês e espero que neste sábado também celebremos, por aqui, a confraternização e a música.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (51 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
20/07/07 18:11

Radicalização irresponsável

A radicalização política está assumindo proporções assustadoras. Está se tornando um fenômeno amplo e que, a qualquer momento, pode fugir ao controle do bom senso.

Os gestos do Marco Aurélio Garcia e do seu assessor, comemorando a "barriga" da cobertura do "Jornal Nacional" são condenáveis. Mas filmá-los dentro de sua sala, na intimidade, equivale a um grampo ilegal. É crime. Qual teria sido o comentário dos editores da Globo quando receberam o material que permitiu desviar o foco da discussão da cobertura para o gesto do assessor?

Lembro-me quando a "Veja", em um de seus momentos típicos, crucificou o jornalista Ricardo Boechat, em cima de frases tiradas de um grampo, em uma conversa informal. Um ex-diretor da revista, Mário Sérgio Conti, comentou com o então diretor da revista que se tivessem sido grampeadas as conversas deles com Pedro Collor, ninguém sairia ileso. E isso porque termos e frases (até gestos) em uma conversa privada em tudo diferem de uma manifestação pública. Muitas vezes o problema não é da frase ou do gesto: é do grampo e da publicidade dada ao ato criminoso de grampear sem autorização judicial.

Mesmo assim, tanto o gesto de Marco Aurélio como a repercussão da mídia mostram que conveniências políticas se colocaram acima da solidariedade com as vítimas ou da busca de saídas para o impasse aéreo.

Tem-se um jogo, hoje em dia, em que se condena Lula por seus erros e por erros de terceiros, na outra ponta, se ataca José Serra meramente por ter divulgado o número de mortos. Acenam-se com cadáveres do Metrô contra os cadáveres da TAM. E toda essa luta para quê? Não estão em jogo projetos de país, modelos alternativos de desenvolvimento, princípios políticos e ideológicos. É um pega-pra-capar que tem a mesma falta de lógica dos efeitos-manada.

A imprensa se machucou seriamente no período eleitoral. Não aprendeu a lição. Tem que cobrar Lula pela falta de regulação do setor aéreo, pela incompetência da ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil), pela politização anterior da Infraero. Tem que se cobrar um novo modelo para o setor aéreo.

Agora, quem ganha com esse tiroteio destrambelhado, com esse festival de acusações apressadas, com essa tentativa de criar um fato político em cima de grampos televisivos? Quem ganha com essa montagem de colocar uma frase solta do Ministro da Defesa reclamando de salário, como se fosse uma resposta à crise aérea?

É um preço muito alto que o país paga para se desviar o foco da discussão principal: a incompetência do governo para resolver a questão aérea, a incompetência da mídia para fazer uma cobertura técnica e isenta.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (249 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
20/07/07 13:13

Das responsabilidade e do crime

Há duas situações claras e distintas nesse acidente.

Uma, as condições do espaço aéreo nacional, com toda sua precariedade, incluindo as condições de pouso em Congonhas.

Outra, tendo como dado objetivo esse cenário, a decisão

de manter em vôo uma aeronave com o reverso avariado, e de ter permitido uma decolagem com as condições de tempo registradas e o peso carregado pela aeronave.

O primeiro caso é uma discussão política relevante, com desdobramento nas áreas cível e, eventualmente, na área criminal.

O segundo caso é crime. Resta saber se a responsabilidade é apenas da TAM ou se compartilhada com a agência fiscalizadora.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (99 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
20/07/07 11:38

Vídeos sobre o Airbus

Aí vai uma relação de vídeos sobre o Airbus no Youtube. Para os especialistas do Blog assistirem e opinarem.

Vídeo 1
Vîdeo 2
Vídeo 3
Vídeo 4
Vídeo 5
Vídeo 6
Vídeo 7, mostrando o momento exato em que o spoiler é acionado.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (34 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
20/07/07 10:48

As responsabilidades da TAM

A mídia está tratando com cautela a responsabilidade da TAM no acidente com o Airbus. No acidente com a Fokker, o "Jornal Nacional" chegou a colocar uma entrevista de vários minutos com um piloto anônimo, despedido da empresa, desancando a companhia.

Os cuidados atuais se devem a outras razões. Como sempre acontece nesses episódios, sai-se atirando no que se vê. Esse viés estava mais presente nas manchetes e nos colunistas. A cobertura, em si, foi mais objetiva. Depois, há enorme dificuldade para o ajuste de rota, quando os fatos colidem com a versão inicial.

Não se condene a mídia por essa cautela com a TAM. Essa deveria ser a regra. Mas é flagrante a diferença em relação ao tratamento anterior.

Ontem, por exemplo, "O Globo" deu em manchete uma relação de órgãos governamentais que atuam no setor aeronáutico, e não apresentavam nenhuma explicação para o acidente. Agora, que o "Jornal Nacional" traz a hipótese mais concreta para o acidente, o jornal foi obrigado a dar o furo em uma tímida manchetinha de uma coluna.

Todos os jornais deram, com destaque, a explicação da TAM de que é possível aterrissar sem o reverso. Na "Folha", um especialista anônimo (porque o anonimato para uma avaliação técnica?) diz que "o problema no reverso direito do Airbus-A320 da TAM não seria suficiente, sozinho, para provocar o acidente de terça-feira, conforme especialistas ouvidos pela reportagem".

Claro que não. "Técnicos apontam ainda que a pista do aeroporto, além de escorregadia sob chuva, é curta e sem área de escape, algo que potencializa as dificuldades", diz ele. "A aeronave não depende dos reversores para frear nas situações normais. Isso porque, embora usado praticamente em todos os pousos do tipo, ele é só um instrumento extra para ajudar a frenagem do avião, que é projetado para parar com freios das rodas e aerodinâmico".

Tudo o que ele colocou é agravante para a TAM, mas o tom é de atenuante. Estava-se em situação normal? Claro que não. Chovia, o avião voava dentro do limite máximo de peso, do limite máximo de passageiros.

Não sei se me escapou, mas não me lembro de ter lido nos jornais os problemas com as cinco aeronaves da TAM que, em dezembro, foram tiradas de operação para manutenção extraordinária, agravando os problemas dos passageiros. Só se faz manutenção extraordinária em tamanha quantidade de aeronaves quando se deixa de fazer a manutenção ordinária.

É evidente que há tempos a TAM vinha perseguindo obsessivamente índices de rentabilidade da Gol, e se descuidando de aspectos básicos da operação. Aqui mesmo, no Blog, escrevi várias matérias sobre esse desmonte da empresa, a primeira, se não me engano, em meados do ano passado.

Esse desmonte foi mais amplo do que o que se observava no atendimento aos passageiros. A notícia da manutenção extraordinária dos cinco Airbus, em dezembro passado, indicava que havia mais coisas no ar do que aviões de carreira e a perda de qualidade no atendimento.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (61 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
20/07/07 07:00

O risco de um novo “apagão”

Na aba de ECONOMIA (clique aqui) a Coluna Econômica discute os riscos de um "apagão" elétrico.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (8 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 23:59

Trivial de sexta com James Brown

Divirtam-se no Trivial com esse Youtube com James Brown, selecionado pelo Gustavo Conde

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (33 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 23:24

A solidariedade do Presidente

Enviado por: Anônimo

Prezados

Como vários de vcs disseram, não se sabe a causa EXATA do acidente, se o reverso é o único responsável e é leviano culpar quem quer que seja.

Mas pela lógica de quem nada entende, necessário deve ser, senão não existiria, e como bem diz Nassif, seria ao menos um fator de risco a mais...

Quanto ao Lula, não é culpa dele e pouco me importa o

que outros ou a mídia achariam...

Mas, como quem perdeu um amigo de há 20 anos, pai de família, marido da minha melhor amiga, pai de dois filhos de 9 e 6 anos, tenham certeza, faltou a palavra do Presidente à nós.

Que temos que ir ao IML munidos de ficha dentárias e afins, como colocaram acima, para identificar corpos carbonizados.

Que vivemos o horror de ver famílias destruídas.

Que choramos a cada vez que não, aquele corpo não é daquela "nossa" pessoa amada....

Que temos apenas o desejo de encontrar um corpo já sabemos, sem vida.

Que temos que responder aos filhos porque papai não está.

Que temos que consolar mulher, pais, sogros, amigos, sempre de forma firme e sem chorar.

Que choramos escondido, porque há muito o que fazer pelas pessoas amadas para confortá-las...

Faltou o estadista (em que pese eu SEMPRE tenha votado nele), que se colocasse nos nossos lugares e se manifestasse.

Faltou solidariedade de quem comanda a nação....

Pouco importa o que diriam. Nós familiares, amigos, mesmo sabendo que isso não trará ninguém de volta, nos emocionamos e nos sentimos acolhidos com a tarja negra dos atletas do PAN.

Não queremos crucificar possíveis culpados antes da hora, queremos e merecemos um mínimo de solidariedade do governante da nação.

É só, nada mais consigo escrever sem que a tela magicamente se embace...

Abços

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (73 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 23:16

A questão do reverso

Estou procurando escrever com cuidado, para não haver precipitação nas conclusões. Mas é evidente que o reverso é fundamental para a freagem em Congonhas.

Nos últimos meses, pousei com vários aviões acionando o reverso ao máximo para conseguir chegar ao final da pista, ou aop ponto em que taxiam. Os passageiros tinham que se firmar no assento para não caírem. Objetos deixados em cima das poltronas eram arrastados para o chão. E tudo isso com céu aberto, sol. Como, agora, se vem com essa história de que o reverso é dispensável.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (50 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 23:07

O uso do reverso

Enviado por: Antonio Carlos de So

Caro Nassif, o reverso é primordial no pouso de uma aeronave a jato. Por ser um jato e pousar com velocidades maiores que um avião a hélice, o uso do reverso é essencial em pistas de pouca extensão como Congonhas. Os procedimentos para um pouso em pista molhada preconizam o uso do reverso no início da frenagem evitando o uso dos freios. Também deve-se evitar o uso de freios e reversos ao mesmo tempo para evitar a hidroplanagem. Além disso, é recomendado o uso dos freios com suavidade em uma pista molhada para evitar a hidroplanagem.

Na minha humilde opinião, errou a TAM em não parar a aeronave. Errou o piloto em confiar demais em sua larga experiência e pousar uma aeronave com havia apresentado problemas no reverso e sabendo que a pista de Congonhas não apresenta condições ideais de pouso em dias chuvosos. Deveria ter solicitado o pouso na pista interna. Mas, o piloto pode ter realizado o procedimento por medo de perder o emprego.

Além do problema do reverso, pergunto: está previsto passageiros viajando sem estar acomodado com cintos de segurança. A aeronave tinha excesso de passageiros, não está previsto a viagem fora dos assentos. Estas conclusões a que chego são apenas especulativas balizadas na minha pouca experiência de vôo.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (19 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 21:35

Tratado sobre as manchetes

Enviado por: lu dias

Nassif

A manchete de um jornal é o ponto central da informação,
o x da incógnita,
o abre-alas do informativo.

Quando criativa e sensível atrai os olhos do leitor, num primeiro momento,
depois lhe aguça a curiosidade de ler o lide,
a seguir provoca-lhe o desejo incontrolável de comprar o periódico,
ainda na rua, suscita-lhe a vontade de abri-lo,
e, finalmente, conquista-lhe o coração e o bolso, se satisfeito com o produto adquirido.
É assim que jornais inteligentes angariam leitores e fidelidade.

A manchete é a toalha mais trabalhada que se coloca à mesa, para atrair a atenção do visitante, mostrando o carinho do preparativo para o receber.
É a peça mais bonita da vitrine que chama a atenção dos passantes e os faz embrenharem-se pela loja, à cata de outras peças tanto ou mais atrativas.
É a foto mais charmosa da família que figura sobre o móvel mais visível da sala de visitas.
Assim deve ser uma manchete (mesmo quando o assunto é triste). Bem elaborada.

A manchete é a obra-prima do jornalista.
A manchete é a síntese do fato.
A manchete é o primeiro elo entre o jornal e o leitor.
A manchete é o primeiro vislumbre de qualidade de uma edição.
Uma boa manchete vale mil palavras.

Contudo, ela precisa seguir certas regras:

CONCISÃO, PRECISÃO, ELEGÂNCIA E INTELIGÊNCIA CRIATIVA.

Nada mais humilhante que ser enganado por uma manchete.
O leitor tem a impressão de ter sido aviltado na sua capacidade de compreender, julgar e opinar. Sente, claramente, o objetivo escancarado da manipulação grosseira e ardilosa.

E assim sendo,
perde o leitor, por ter jogado seus cruzados fora,
perde o jornalista pela falta de confiabilidade,
perde o editor crítico por sua incapacidade de enxergar o grotesco do "apelo",
perde a empresa jornalística por não acreditar que lida com seres pensantes.

Os jornais de manchetes manipuladoras, irresponsáveis, que jogam com o "quanto pior, melhor", não deveriam entrar em nossas casas, nem mesmo para enrolar o "cocô" de nossos bichinhos de estimação, pois estão impregnados de tanta maldade, que farão mal até a quinta geração dos animaizinhos.

O meu comentário é extensivo aos semanários, que andam abusando, na sua maioria, da capacidade reflexiva do leitor brasileiro.
Nós não usamos os textos como alimento para o corpo, mas como aperfeiçoamento do nosso intelecto.
Somos agentes da história e não espectadores passivos dos fatos que tentam nos enfiar garganta abaixo.
Respeito é bom e todos merecemos!

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (31 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 21:28

A propósito do furo do JN

Deixa ver o se entendi o furo do "Jornal Nacional", a respeito dos problemas enfrentados pelo Airbus da TAM.

Segundo o JN apurou, na sexta-feira o Airbus apresentou um problema no reverso. Segundo a Wikipedia, "modificação temporária da turbina de uma aeronave que permite que seu empuxo produzido seja direcionado para a frente (as turbinas geralmente geram empuxo para trás)". Segundo o diretor da TAM entrevistado pelo JN, o manual do avião diz que o reverso pode ser travado (isto é, anulado mecanicamente), e que o avião poderia voar dez dias sem precisar consertar a peça, desde que o tempo esteja bom e que a pista não esteja "contaminada" - termo para designar pista encharcada.

O avião não parou de voar desde então, embora o tempo tenha piorado significativamente nos últimos dias. Ou seja, tinha-se dois fatores de risco: o reverso não funcionando, e o tempo chuvoso. Na sexta-feira o avião já teria apresentado problemas na aterrissagem, mas que não foram reportados pelo piloto.

Segundo o diretor da TAM, o problema ocorreu em apenas um reverso o que, para um leigo como eu, não significa nada. Um reverso apenas funcionando faria o avião rodar (os leitores especialistas me corrijam, se estiver errado). Segundo ele, a torre não confirmou que a pista estaria "contaminada".

Mas chovia, mas se sabia que o reverso não estava funcionando, se sabia não se estava se trabalhando com a segurança máxima.

Solicito que os leitores especialistas expliquem melhor essa questão, para que se possa avaliar as seguintes questões:

1. Qual o grau de gravidade desse reverso não funcionando em dia de chuva?

2. Além da própria TAM, os reportes dos pilotos deveriam ser analisados por algum órgão regulador, ou a responsabilidade é exclusiva da empresa?

3. A partir dessas informações, dá para se atribuir a essa pane do reverso o fato do piloto não ter conseguido parar o avião? Qual a responsabilidade adicional da falta de ranhuras na pista?

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (61 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 19:49

FAA aprova sistema aéreo brasileiro

Enviado por Luzete

Adriana Stock, da BBC
De Nova York

Apesar da crise aérea no Brasil e do acidente com o vôo 3054 no aeroporto de Congonhas, a autoridade americana para aviação civil acredita que o sistema de aviação brasileiro está de acordo com os padrões internacionais de segurança.

"O Brasil está OK com os padrões internacionais da Organização Internacional de Aviação Civil (Icao, na sigla em inglês)", diz Les Dorr, porta-voz da Agência Federal de Aviação dos Estados Unidos (FAA, na sigla em inglês).

Desde o início da década de 1990, a FAA tem um programa que avalia as autoridades de aviação em cada país, isto é, se o governo está seguindo as regras internacionais de segurança determinadas pela Icao.

Os países são classificados nas categorias um e dois. Na categoria um, o país segue as regras. Na dois, não segue. O Brasil está na categoria um. (...)

Segundo o Conselho Internacional de Aeroportos (AIC, em inglês), associação com sede em Bruxelas que agrupa aeroportos comerciais de 178 países, a maior preocupação internacional em relação à segurança aérea no Brasil diz respeito ao sistema de tráfego aéreo.

"A situação no Brasil vem sendo observada desde o acidente com a Gol, no ano passado. Mais que o estado dos aeroportos, o que mais nos preocupa é o sistema de tráfego adotado no Brasil", afirmou Eduardo Flores, secretário da entidade para a América Latina.

(...) Para o especialista, o Brasil, assim como a América Latina de forma geral, enfrenta dois tipos de problema no tráfego aéreo: um de infra-estrutura e outro humano.

"No caso do Brasil, exige muita atenção o fato de o controle ser realizado por militares. Os requerimentos e procedimentos da aviação civil são distintos dos da aviação militar, e é muito importante que sejam compatibilizados adequadamente", disse.

Quanto à infra-estrutura, segundo Flores, toda a América Latina deixa a desejar em manutenção permanente das estruturas aéreas e em modernização de equipamentos. (...)

Segundo Flores, "o Brasil precisa implementar uma

política conjunta do mais alto nível, envolvendo linhas aéreas, aeroportos, controladores e Estado. O que se vê é que falta coordenação e unidade entre os diversos organismos".

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (11 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 18:00

A saga corintiana

Depois da longa discussão sobre a criação de um aeroporto no Parque São Jorge, que tal uma avaliação dos mitos da história corintiana?

Na minha infância, quase fui corintiano. Meu tio João, meu grande ídolo da infância. era corintiano fanático. Mas a influência paterna falou mais alto e me tornei saopaulino.

Agora tenho minha filha mais velha corintiana fanática, minha mulher que deixou de assistir aos jogos do Corinthians por não conseguir conter a palpitação, e uma de nove anos que tem no seu MSN a mensagem "hei hei Cotinthians, na vitória e na derrota".

Em homenagem a essas mulheres que me dão tanto trabalho, abro um post para o Corinthians.

Os jogadores que me impressionaram na infância foram Gilmar (esqueceram que começou no Corinthians, heim?), o reserva Cabeção, obviamente Luizinho "Pequeno Polegar" e Baltazar "Cabecinha de Ouro", o Cláudio e um centroavante que, depois que se mudou para o México, sumiu da lembrança dos corintianos: Zague.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (44 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 17:20

Os desastres aéreos

Recebo via email esse endereço do site Desastres Aéreos, com relação de problemas ocorridos com aviões da TAM e links para matérias publicadas.

Não sei a quantidade de problemas mecânicos ou fora de controle (tipo colisão com urubus). Nem sei se o quanto essa quantidade de problemas está acima da média mundial e nacional.

Não se trata de minimizar responsabilidade de ninguém. Se a incidência de acidentes for elevada, é problema da TAM e é das autoridades reguladoras e fiscalizadoras.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (18 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 15:33

O fetiche do mercado

Meu colega Carlos Alberto Sardenberg tem um respeito reverencial pela palavra mercado. Arrepia a qualquer menção sobre regulação, mesmo que seja no padrão das grandes nações liberais do mundo.

É o que explica sua análise sobre a concentração de vôos em Congonhas, que saiu em "O Globo" de hoje:

"O problema, argumenta-se, é que a ganância das companhias aéreas e a cumplicidade das autoridades impedem essa redução das operações (de Congonhas).

Bobagem.

Há demanda por Congonhas. Não voluntária, mas há. É evidente que os passageiros (e as companhias) prefeririam utilizar um aeroporto mais confortável, mais seguro e com bom acesso. Não são idiotas, muito menos suicidadas. Ocorre que essa alternativa simplesmente não existe no momento e não existirá por muito tempo.

Logo, ou é Congonhas ou ter oferta de vôo bem menor o que, aliás, aumentará o poder de mercado das companhias".

Onde estão os problemas no raciocínio do Sardenberg? É evidente que se a ANAC permitisse, e a capacidade de Congonhas fosse ilimitada, todos os passageiros iriam preferir Congonhas. Entre um vôo colocado em Congonhas e outro em Guarulhos, para um mesmo destino, Congonhas leva vantagem.

É porque toda a demanda está em Congonhas que as empresas de aviação e os órgãos reguladores acharam muito mais rentável manter a superlotação de Congonhas. Não é por causa da banca de engraxates, nem do cafezinho do aeroporto. A essa cumplicidade, em busca do aumento da rentabilidade, os leigos poderão chamar de "ganância", os especializados de "priorização da rentabilidade em detrimento da segurança". O sentido é o mesmo.

Dizer que haverá redução na oferta de vôos, se reduzir o número de vôos de Congonhas, é desconsiderar os níveis de ocupação das aeronaves. Essa redução já houve, para concentração dos aviões em linhas mais rentáveis. E se a ANAC não sucumbir à ganância das empresas aéreas (perdão: à priorização da rentabilidade sobre a segurança e o atendimento aos passageiros), ela tem plenos poderes para definir a frequência de vôos, porque essa é sua missão.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (36 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 14:57

Das manchetes perigosas

Não existe profissão mais ingrata no jornalismo que o "mancheteiro", especialmente o da primeira página. A manchete vai ajudar o jornal a brigar na banca, vai permitir diferenciá-lo dos concorrentes, é a parte mais visível do jornal.

Ainda nos anos 80, o velho e ainda insuperável "Jornal do Brasil" tinha uma receita mágica de manchete. Supunha que qualquer notícia de forte impacto seria explorada no mesmo dia pela televisão e pelas rádios. Por isso, sua manchete sempre focava o pós-evento. Se morresse alguém relevante, por exemplo, a manchete mencionaria o local do enterro, para ficar em um exemplo bem simples.

Hoje em dia, em plena era do excesso de notícias, com TV aberta e cabo, rádios e Internet, os jornais ainda não aprenderam a lição. Se for conferir, as manchetes de quase todos sobre o acidente da TAM baseavam-se na falsa percepção de que seria o primeiro contato do seu leitor com a notícia.

Um jornal que vem tentando avançar os limites da manchete é "O Globo", mas ainda sem conseguir chegar perto do ainda insuperável "Jornal da Tarde" do Murilinho e do Fernando Mitre.

Mas a veia artística do mancheteiro muitas vezes extrapola. É o caso de hoje: "Infraero, Anac, Decea, Cindacta, FAB... e não se sabe o que houve", é uma manchete forçada que não reflete as matérias internas.

O "mancheteiro" mesclou duas questões que nada têm a ver entre si. Uma, o da sobreposição de órgãos reguladores na aviação - tema relevante, mas de pouco apelo popular. Outro, a apuração das causas do acidente - tema de muito apelo popular, mas impossível de ser apurado em prazo tão curto. Deu um ornitorrico.

Aliás, a manchete poderia ampliar a lista de órgãos para Casa Civil, Estado Maior da Aeronáutica, Presidência da República, Santa Casa da Misericórdia, que o resultado seria o mesmo da submanchete da página 3: "Investigadores afirmam que é cedo para determinar as causas". Ao contrário do que supõe a manchete, dez órgãos investigando não tornarão a apuração dez vezes mais rápida.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (39 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 13:16

A radioweb da Guitarra

Estou ouvindo agora a rádio Classical Guitar ,on Sky.fm. O endereço é www.sky.fm

Está tocando, neste momento, a Sonata em E Major, com o duo Assad. Divino para aplacar o cansaço do dia.

E o pessoal ainda discutindo concessão radiofônica.

A propósito de rádios, para completar aquelas pinturas de autores iraquianos, que tal conhecer um pouco da música de lá?

O endereço é Rádio Iraniana. Não é das músicas mais emocionantes que já ouvi, mas é bastante relaxante.

As duas rádios podem ser ouvidas no iTunes.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (7 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
19/07/07 07:00

A aviação e o problema regulatório

Na aba de ECONOMIA (clique aqui) a Coluna Econômica discute a questão da regulação no setor aéreo.

No Fórum Online está sendo aberta uma discussão sobre o modelo aérea de regulação clique aqui), baseado em dois trabalhos.

O primeiro, do especialista Alketa Pecci sobre o modelo americano. Nele, mostra que existe autonomia executiva das diversas agências envolvidas com transportes, mas jamais autonomia operacional. Todas elas são submetidas à coordenação do Departamento de Transportes.

O segundo, do Major-Brigadeiro Washington Carlos de Campos, mostrando a disfuncionalidade e a justaposição das agências brasileiras, e propondo sua unificação sob o comando do Ministério da Defesa.

Há a dúvida: unificam-se todas as atividades ligadas ao transporte aéreo. Mas a logística, hoje em dia, pressupõe a coordenação integrada também com ferrovias, rodovias e hidrovias.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (55 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 23:35

Trivial de quinta com Ferrari

Já que vocês estão apreciando tanto a pintura, comecem quinta-feira com mais um quadro do Sérgio Alexandre.

ERRATA - segundo comentário do Sérgio, logo abaixo, essa "perfeição cósmica" não é dele. Foi apenas uma dica.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (53 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 21:23

A pintura de Sérgio Alexandre

Enviado por Sérgio Alexandre

Vi suas pinturas do pintor iraniano, uma amiga me mandou e falou assim: ISSO QUE É PINTURA! bom esse cara mas eu quando tinha 31 era melhor ainda, DEPOIS ATINGI A PERFEIÇÃO COSMICA E É ISSO.
em óleo sobre tela 70x100cm pintada no fim de março de 2007

Aqui, a perfeição cósmica do Sergião

O site dele

A coleção Ferrari.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (11 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 16:02

Petralhas e tucanalhas

Cada vez que leio comentários com as expressões "petralha", "tucanalha", "Lulla", "FHC boca de caçapa", confesso que o estômago revira.

A blogosfera tem blogs de todos os tipos, próprios para catarse, alguns para baixaria ampla e irrestrita, muitos parecendo comunidades de torcida organizada do Orkut.

Aqui a proporção de ofensas é consideravelmente menor. Mas sempre que ocorrem tragédias, volta a guerra. É sumamente antipático vetar comentários. Mas que tal mantermos o nosso Blog no campo das idéias? É a melhor maneira de espantar as abelhas de todas as matizes.

enviada por Luis Nassif

(comentar) | (133 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 15:58

Os objetivos do Milênio

Enviado por: Roberto Schwartz

Nassif,

Há cerca de um ano escrevi minha monografia de graduação em economia, sobre pobreza no Brasil na década de 1990. Tomei por base a experiência, as fontes de dados, e os traquejos conseguidos após alguns anos como bolsista na Rede de laboratórios do Milênio mantida pelo PNUD no Brasil para monitorar o desempenho do país em relação às metas estabelecidas na Cúpula das Nações.

Após as pesquisas (para o projeto e para a monografia) ficou muito clara a participação na rede de assistência social montada no Brasil após a Constituição de 1988 e ampliada progressivamente nos governos Itamar, FHC e Lula.

Vale lembrar que esses números não revelam que os gastos sociais têm impactos positivos não apenas na diminuição da "pobreza monetária" como em todas as camadas da "pobreza humana".

Para mais informações (inclusive como modelos estatísticos, muito bem feitos, relacionando crescimento e pobreza) estão disponíveis no Relatório do Objetivos do Milênio, que fechou o ciclo de avaliação nacional realizado pela UFRS (Instituição que foi responsável por acompanhar as metas de pobreza fome).

PS: Os relatório regionais atualizados estarão sendo lançado em Brasília ainda no começo do segundo semestre. Seria interessante acompanhar.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (4 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 14:20

Relatório preliminar do acidente

Aqui um relato da rádio CBN sobre um relatório preliminar da Aeronáutica sobre o acidente.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (41 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 14:01

A captura das agências reguladoras

Coloquei na Biblioteca do Projeto Brasil o trabalho abaixo, enviado pelo Filósofo. É um tema importante, para aprofundar as discussões sobre o problema aéreo.

O FENÔMENO DA CAPTURA DAS AGÊNCIAS REGULADORAS

Paulo Calmon Nogueira da Gama

RESUMO

Trata do problema da captura de algumas das agências reguladoras, as quais têm-se comportado como sindicato das empresas submetidas a sua atuação. Cita como reflexo desse fenômeno a ausência de independência do órgão regulador e de sua política administrativa.

Explica que o fenômeno da captura também repercute na esfera judicial, materializado na intervenção das agências capturadas nas causas afetas aos setores regulados, fator que induz a tramitação dos autos perante a jurisdição federal. Alega que o resultado da federalização indevida das ações manejadas pelos consumidores pode causar a estes dificuldades óbvias, além de consolidar uma subversão das regras processuais e das condições legais de intervenção litisconsorcial ou de terceiros nos processos.

Afirma que devem ser prementes os esforços para a contenção de todos os influxos de captura, a fim de evitar os graves problemas dela advindos, os quais ocasionam o descrédito dos órgãos reguladores por parte dos usuários dos setores

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (21 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 10:47

Congonhas e as normas de segurança

Enviado por: Afonso

Congonhas está fora das normas internacionais de segurança por não possuir área de escape adequada. Sabe-se (e a imprensa deveria ir atrás) que a distância entre a pista e os fingers está fora das normas de segurança. A obra (dos fingers) só pode ser realizada, pois a Infraero possui um "parecer independente" alegando que, apesar de fora da norma, o risco é bem pequeno de acidente. A obra não tem nem 1 ano, e já temos uma tragédia.
Sempre defendi o fechamento desse aeroporto maluco, a construção do trem bala ligando RJ/SP e um trem expresso para Cumbica. É mais seguro e econômico. Bem, optou-se pelo piso de mármore.

Enviado por: Ricardo Freire

Nassif,

Congonhas funcionava bem enquanto era um aeroporto regional voltado para executivos, com vôos mais caros. Com a exceção das ligações ao Rio, BH e Curitiba, qualquer vôo que partisse para alguma capital precisava, necessariamente, fazer escala numa cidade do interior. Os vôos para Salvador passavam em Ilhéus ou Porto Seguro, os para Porto Alegre, como o de ontem, faziam escala em Joinville ou Caxias do Sul, para ir a Brasília era preciso parar em Ribeirão Preto, Floripa, só parando em Navegantes antes (ou Curitiba).

(...) Foi quando se deu a uniformização da aviação brasileira: TAM/Varig reivindicaram, e conseguiram, os privilégios que a Gol tinha para voar para qualquer lugar a partir de Congonhas. As tarifas da Gol subiram quase ao nível de Varig/TAM, e o serviço de bordo de Varig e TAM desceram quase ao nível da Gol.

Num quarto momento, pós-Varig, Congonhas se torna não só o aeroporto preferencial do paulistano para viajar a qualquer lugar do Brasil, como se vê alçado à condição de "hub" de conexões. Passageiros de todo o Brasil vêm a Congonhas para trocar de avião!

Aí tem ganância das companhias aéreas, burrice do paulistano (já faz tempo que usar Congonhas é masoquismo) e má gestão da Infraero -- que está claramente mais interessada em obras de ampliação (do Santos Dumont? Para quê???), aeroshoppings, fingers, edifícios-garagem, viadutos de acesso (Porto Alegre,

Recife), túneis de acesso (Congonhas), contratos de licitação de publicidade, e menos focada na operação técnica -- pistas e equipamentos.

Não importa se foi ou não foi a falta de ranhuras na pista que causou essa tragédia. Mesmo com todo o caminhão de dinheiro gasto inutilmente, é preciso repensar já o modelo de uso de Congonhas.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (37 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 10:32

A falta do modelo aéreo

Enviado por: Ricardo Lima

Nassif,

O grooving é de suma importância e ajuda sobremaneira a frenagem da aeronave.

Esta pista de Congonhas sempre foi crítica (não é a primeira reforma que recebe). Há diversos relatos pertinentes de pilotos sobre a questão. Infelizmente (nenhuma novidade nisto), a pressão econômica dita as regras da aviação, como você muito bem expôs, desde a abertura dos céus, a desregulamentação do setor, momento em que a seriedade no setor deu espaço aos aventureiros. A verdade é que hoje em dia a segurança de vôo tem peso secundário nas decisões administrativas, e só tem impacto nos speeches bonitos que fazemos para justificar algum atraso ou decisões mais contundentes. As autoridades contam sempre com o fator estatística para suas decisões, e você sabe que a probabilidade de um acidente na aviação é sempre remota. Bem, demorou muito tempo, mais de década, mas aconteceu!

Enfim, nosso sistema de aviação é uma vergonha! A infra-estrutura é feita para o comércio. Shoppings sofisticados nos aeroportos, mas nossas pistas, nossos auxílios à navegação e ao pouso são obsoletos, inoperantes ou inexistentes. Ou será que a comunicação na rota Brasília-Manaus não apresenta mais problemas?! E a operação com chuva no Santos Dumont?! E o ILS da pista 29 de Brasília que nunca funciona?! E o ILS da pista 35L de Congonhas que tem a rampa de planeio tão deficiente?! Será que ele foi um fator contribuinte neste evento?!

Minha aposta é que chegarão a conclusão que os pilotos erraram e, mais uma vez, nada de significativo acontecerá. O Presidente da República não será instado a explicar por que contigencia (sic) dinheiro de tudo quanto é orçamento, o presidente da Infraero dirá que foi uma fatalidade, o governador do estado dirá que no próximo mês se concluem as obras do aeroporto etc. etc.

P.s. algo significativo seria impedir a operação de Congonhas em chuva, ou com aviões acima de 100 assentos etc. etc. O que acha?!

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (21 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 10:30

A hidroplanagem na aviação

Enviado por: Silvana

Do site Air Safety Group

Todo piloto sabe o que é pousar numa pista molhada e o perigo que isso representa. É quando se torna grande o risco de uma derrapagem, ou melhor, uma aquaplanagem. O fenômeno é mais comum do que se supõe, e não é tão simples como parece. Um estudo realizado pela McDonnell Douglas em 1997 aponta as pistas contaminadas por água ou gelo como a quarta maior causa de acidentes em pousos e táxis nos Estados Unidos entre 1992 e 1996. A Flight Safety Foundation define que a aquaplanagem (também chamada de hidroplanagem) inicia-se no ponto a partir do qual a elevação hidrodinâmica sob os pneus equivale ao peso do veículo conduzido sobre as rodas. A partir desse ponto, qualquer aumento da velocidade acima desse valor crítico elevará completamente o pneu do pavimento - é aí que a aquaplanagem se inicia. São vários os tipos de aquaplanagem e vários fatores podem desencadear o evento.

Mas, felizmente, nem tudo está perdido: há também várias técnicas para recuperar o controle da aeronave. Esse perigoso "escorregão" pode ser dos seguintes tipos:

Hidroplanagem viscosa: Com a pista já definida como molhada, uma pequena camada de água pode atuar como um lubrificante, permitindo que os pneus deslizem. Este tipo tem a agravante de poder ocorrer em velocidades menores que as dos outros tipos de hidroplanagem e numa camada de água extremamente delgada (cerca de um milionésimo de polegada). O pior é que a chuva não é a única vilã: a umidade de garoa e sereno também pode causar o fenômeno.

Hidroplanagem dinâmica: Ao contrário da viscosa, a hidroplanagem dinâmica ocorre normalmente em velocidades maiores, em água parada com a espessura de um décimo de polegada ou mais. Durante este tipo de hidroplanagem a água não consegue escapar pelos sulcos dos pneus e a roda gira sem a menor tração, literalmente sobre a camada de água.

Hidroplanagem de borracha retornada: Resulta do travamento dos freios em uma pista molhada ou úmida, o que cria uma super aquecida camada de vapor devido à fricção dos pneus contra a superfície da pista. Quando isso ocorre, a borracha do pneu funde-se enquanto roda sobre o vapor, deixando marcas de derrapagem acinzentadas ou brancas na pista. Vítimas desse tipo de aquaplanagem surpreendem-se com a sensação física muito semelhante a dos outros tipos de aquaplanagem, apesar das marcas deixadas na pista. Mas esse tipo normalmente não causa problemas em aeronaves equipadas com sistema de frenagem com modulating anti-skid, que impede o travamento das rodas.

Consultores e profissionais da indústria aeronáutica são unânimes em uma conclusão: o problema da aquaplanagem seria minimizado se todas as pistas fossem construídas de maneira igual, isto é, todas utilizando as técnicas de construção que minimizam os efeitos da aquaplanagem.

As técnicas são duas: a utilização de grooving (sulcos transversais) e a aplicação de cobertura PFC (Porous Friction Course).

Em 1968 a NASA já testava coberturas anti-aquaplanagem para pistas para determinar qual seria a melhor em condições de pavimento seco ou molhado. Tom Yager, engenheiro de pesquisas do NASA"s Aircraft Landing Dynamics Facility em Hampton, Virgínia, nos Estados Unidos, opina que a solução ideal é uma pista de concreto com 1,5 % de cobertura com fendas transversais (grooving) de ¼ de polegada (cerca de 6 mm) de profundidade e ¼ de polegada de largura com uma polegada (aproximadamente dois centímetro e meio) de separação entre elas.

Foi verificado que enquanto a média das pistas sem grooving fornecia uma razão de frenagem molhado para seco de dois para um, uma pista com fendas dentro das medidas acima fornecia uma razão de um para um.

No ponto de vista de custos, quanto maior o espaço entre as fendas, melhor. "Mas percebemos que a fricção (atrito) em uma pista com um espaçamento de duas polegadas entre as fendas ficava comprometida em 20%" informa Tom. Os padrões da FAA americana pedem fendas de ¼ por ¼ polegadas com uma distância entre elas de 1,5 polegadas (pouco mais de 3 cm), especificações que freqüentemente não são consideradas em aeroportos para aviação geral naquele país - é o que a FAA pretende corrigir em breve.

A causa dessa falta de uniformidade é o de sempre: a NASA alega que os testes de atrito realizados pela FAA são inadequados, do que a FAA, claro, discorda.

Entre o certo para uma e o certo para a outra, as pistas são construídas de diversas maneiras. O grooving na pista principal do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, ocupa uma extensão de 1.746 m. No caso da pista auxiliar, a extensão é de 1.437 m e, em ambos os casos, a largura da área sulcada é de 30 metros (15 metros de cada lado do eixo das pistas). A profundidade e a largura dos sulcos obedecem ao padrão de 6 mm por 6 mm, sendo que o espaçamento utilizado em Congonhas é de 3 cm entre cada sulco.

Já no caso de aeroportos que utilizam a cobertura PFC de ¾ de polegada (quase dois centímetros) a água escoa rapidamente através da cobertura e sai para as laterais através do substrato não-poroso. Mas, tão importante quanto o material usado, é a manutenção adequada. Principalmente durante os meses quentes de verão, o grooving na área de toque pode ficar cheio de borracha de pneu, reduzindo o coeficiente de atrito.

A superfície PFC pode igualmente acumular borracha, reduzindo ou anulando o atrito nestas áreas, tornando-as lisas. A manutenção da camada de grooving em Congonhas é realizada com uma periodicidade semestral ou anual, dependendo da utilização. A borracha e outros resíduos são retirados com jatos de água sob alta pressão e um equipamento avalia as condições de atrito e aderência da camada de concreto asfaltico. Quando há necessidade, os sulcos são refeitos utilizando-se um equipamento que risca o piso com discos de diamante. Um cuidado todo especial refere-se às áreas pintadas com faixas e números.

O engenheiro da NASA recomenda a adição de areia, saibro ou elementos equivalentes à tinta utilizada para as faixas ou números para tornar a área áspera. "Pilotos que tocam sobre eles perceberão que, quando molhados e sem aditivos antiderrapantes, são tão lisos quanto gelo e lá não há aumento da velocidade de rotação da rodas. Inclusive, alguns pilotos afirmam que mesmo secas essas áreas são tão escorregadias quanto pouso em asfalto molhado. Óleo, então, em uma pista molhada... nem se fala! O risco de hidroplanagem é evidente e imediato. O sistema anti-skid pode se tornar inoperante, pois as rodas não atingem o ponto de rotação em que ele começa a funcionar".

Foi o que aconteceu com um Learjet 35 em fevereiro de 1998 em Greenville, Carolina do Sul, EUA. O piloto aplicou os freios, houve hidroplanagem, as rodas atingiram a grama e só então a rotação das rodas atingiu o ponto de ativação do anti-skid, iniciando a frenagem da aeronave.

Naturalmente, as condições da aeronave também são muito importantes na hora do pouso. Pneus inflados abaixo dos parâmetros requeridos estarão mais propensos a aquaplanar. E os pneus do trem de nariz, que normalmente são inflados abaixo da pressão dos pneus do trem principal, irão aquaplanar antes das rodas principais. As aeronaves com dois pneus no trem do nariz, como é o caso das de grande porte, devem ter ambos inflados com mesma pressão. Caso contrário, a aeronave tenderá a puxar para a direção do pneu menos inflado, aumentando a possibilidade de aquaplanagem em pistas molhadas. Essa tendência de puxão para a direita ou esquerda será ainda mais evidente se houver pneus com pressões diferentes nos trens direito ou esquerdo.

A velocidade na qual a hidroplanagem ocorrerá em uma pista sem grooving e sem cobertura porosa (PFC) dependerá sempre da pressão dos pneus, de acordo com a NASA. A fórmula que a agência aeroespacial norte-americana utiliza para determiná-la é 7,7 vezes a raiz quadrada da pressão do pneu. É aconselhável utilizar, nesta equação, a pressão menor, do trem de nariz, para a determinação da velocidade.

Por exemplo: em uma aeronave cujos pneus do trem de nariz tenham sido inflados com 70 psi (pounds per square inch), a hidroplanagem em uma pista com significante acúmulo de água ocorrerá inicialmente a partir desse conjunto de trem e a 64,4 nós. Um pneu usado estará mais propenso a aquaplanar do que um pneu mais novo devido à diminuição da profundidade das fendas. Uso desigual (pneus novos e usados, juntos) também pode causar um efeito similar ao de pneus com pressões desiguais. Pista e pneus em condições adequadas, o fator restante a considerar é á técnica do pouso em si. Embora o NTSB (National Transportation Safety Board) tenha concluído que em muitos acidentes onde a hidroplanagem foi a causa determinante, o piloto deveria ter iniciado uma arremetida a partir do ponto em que determinou falta de ação dos freios, John Lowery, piloto de aviação executiva e professor da Embry-Ridle Aeronautical University analisa que, após o toque e acionamento de freios aerodinâmicos e reversores, a partir da descoberta da falta de tração dos freios restará um tempo mínimo para uma arremetida bem-sucedida. Em uma pista molhada, por garantia, evite tocar sobre os números ou faixas pintadas.

Mesmo nos EUA, apesar das recomendações resultantes de testes da NASA, ainda são poucas as pistas que possuem areia ou outro material que garanta o atrito das áreas pintadas. - O importante, como afirma John Lowery, piloto de aviação executiva e professor da Embry-Ridle Aeronautical University, é tocar firmemente e concentrar o máximo possível de peso nas rodas o quanto antes (método muito usual nos EUA). Além disso, desça rapidamente o trem de nariz, mantendo o manche para a frente para garantir um contato firme e atrito máximo das rodas com a pista e acione de imediato todos os freios aerodinâmicos. Eles devem ser aberto o mais cedo possível, ainda na fase de maior velocidade da rolagem na pista durante o pouso.

- Uma vez iniciada a aquaplanagem, para recobrar o controle o ideal é soltar os freios por completo, para a rotação das rodas atingir o ponto de ativação do anti-skid, e simultaneamente, leve o comando do reverso para idle. Isso vale para o tipo modulating anti-skid. Se não for este o caso, a pressão nos freios deve ser mantida entre firme para pesada para evitar que eles travem. Se a aeronave começar a guinar aplique mais empuxo para ajudar a recuperar controle direcional. Na derrapagem do trem de nariz, a aplicação de empuxo poderá ser o único meio de recuperar a direção.

- Se a hidroplanagem ocorre em um pouso com vento cruzado, a aeronave quase com certeza tenderá a aproar a direção do vento, à medida que as forças do vento ajam

sobre o estabilizador vertical. As forças do vento de través são proporcionais ao quadrado da velocidade do mesmo vento. Dez nós de vento de través, por exemplo, quadruplicará as forças laterais produzidas por um vento de través de cinco nós.

- Fique sempre alerta quanto à possibilidade de falha do sistema de frenagem já a partir do momento em que receber a informação de que a pista está molhada.

- Colaboração: Solange Galante (jornalista especializada em aviação)
Fonte: ATR News

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (16 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 10:06

O inventário do desastre

O noticiário de hoje dos jornais permite manter as análises preliminares sobre o acidente da TAM que escrevi ontem.

Para sistematizar de forma mais clara as notícias até agora divulgadas:

Causas indiretas

1. A sobrecarga do aeroporto de Congonhas, em função da falta de um modelo de planejamento da malha aérea, depois da desregulamentação do setor e da apropriação das agências reguladoras pelas grandes companhias aéreas.

2. A crise aérea continuada, desde o acidente da Gol, que provavelmente influiu na pressa da Infraero de liberar as pistas sem as tais ranhuras necessárias para aumentar a segurança.

Possíveis causas diretas

1. Pouso mal feito. Nos diversos jornais há a informação de que o piloto desceu fora do ponto a uma velocidade excessiva. Depois, a frenagem falhou. Há três hipóteses para isso:

a. Falhou devido à chamada hidroplanagem, excesso de água na pista.

b. Falhou devido a problemas no reverso do avião.

c. Falhou devido a uma falha pessoal do piloto.

2. A pista de Congonhas. Há indícios suficientes, nos últimos dias, de que estava escorregadia e arriscada para pousos. O argumento de que todos os demais aviões, com exceção do acidentado, conseguiram pousar não é atenuante. O grau de segurança de uma pista não se mede apenas pela ausência de acidentes em pousos bem feitos, mas pela maneira com que consegue prevenir pousos mal feitos.

Parte importante a ser levantada é o relatório do Ministério Público, quando pediu a suspensão dos vôos de Congonhas por falta de segurança.
enviada por Luis Nassif
(comentar) | (26 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 00:23

Trivial de uma quarta com luto

O Trivial está aí, com menos disposição para brincar e versejar.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (39 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 00:21

A apropriação da ANAC

Seja qual forem os resultados das investigações do acidente da TAM, a superlotação do aeroporto de Congonhas é a prova cabal de como as agências reguladoras - Departamento de Aviação Civil (DAC), antes, ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil), depois - foram apropriadas pelas companhias aéreas.

Até os anos 90 havia uma aviação extremamente regulada, com quase nenhuma autorização para novas linhas, preços administrados e nenhuma competição. Ocorreu uma desregulamentação em nível internacional, que foi implantada no Brasil à moda brasileira: sem a definição prévia das regras do jogo e dos órgãos reguladores.

Graças a esse modelo, a TAM conseguiu alçar vôo, VASP, Varig e Transbrasil rodaram, surgiu a Gol.

A aviação é um setor estratégico para o país. Caberia às autoridades definir a malha aérea, de maneira a distribuir melhor os vôos, ampliar os vôos regionais, redefinir os hubs (aeroportos onde cruzam vôos para várias regiões) nacionais.

Nada disso aconteceu. Não houve estudos técnicos, não houve reformulação. Provocou-se o esvaziamento da aviação regional e a definição de vôos e de aeroportos passou a depender dos interesses comerciais das companhias aéreas.

Nem assim se chegou ao livre mercado. A autorização para novos vôos continuou burocrática e os critérios de aprovação nunca foram suficientemente claros. Consolidou-se um oligopólio nefasto, concentrado nos principais aeroportos, deixando abandonados diversos aeroportos regionais.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (38 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 00:14

Prospectando as causas do acidente

Participei agora do "Jornal da Cultura". Foi entrevistado um especialista em segurança de vôo, pelo telefone, um coronel da Aeronáutica. Pelo que conversei fora do ar, pelo que ouvi no ar, pelo que ouvi nas rádios e li no noticiário online, há uma jogo complexo pela frente. Não dá para se chegar a conclusões precipitadas sobre as causas do acidente com o Airbus da TAM.

Aventou-se a possibilidade do avião da TAM ter pousado a uma velocidade superior ao normal. Não está confirmado, mas será fácil conferir através dos equipamentos de controle de vôo.

Se isso ocorreu, há duas hipóteses a serem analisadas. Ou foi um problema do piloto ou um problema mecânico. Como o Airbus é um avião que praticamente pousa sozinho, segundo os especialistas, seria mais um problema mecânico. Repito: caso se comprove que desceu, mesmo, em velocidade superior ao normal.

Mas essa é apenas uma hipótese. A segunda hipótese é a questão da pista de Congonhas, que teria sido liberada

sem estar plenamente segura. Também não será difícil comprovar essa possibilidade. Nesse caso tem-se um problema sério aí, independentemente do pouso do avião ter sido normal ou em velocidade excessiva.

Batendo na pista, teria ocorrido a hidroplanagem, o excesso de água fazendo as rodas do avião rodarem em falso. E aí, o piloto teria tentado inutilmente arremeter novamente, mas sem forças no motor. A questão fundamental é: mesmo que o avião tenha descido em velocidade superior ao normal, o estado da pista foi decisivo ou não para o acidente ter ocorrido?

***

Se a primeira hipótese se confirmar, minimiza um pouco a responsabilidade da Infraero com a pista de pouso. Se não se confirmar, tem-se uma encrenca administrativa e política das maiores.

A Infraero foi colocada na cota das alianças partidárias. No governo FHC, foi entregue ao grupo do governador mineiro Itamar Franco. No governo Lula, ao neopetista Carlos Wilson, deputado de Pernambuco. Nos últimos anos houve um festival fantástico de investimentos em modernização de aeroportos, e construção de novos aeroportos, ao mesmo tempo em que em várias cidades aeroportos regionais eram abandonados.

Não haverá como se fugir de uma investigação séria e profunda das causas desse acidente.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (56 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
18/07/07 00:02

Lula e o câmbio

É absurda a afirmação do Presidente da República Luiz Ignácio Lula da Silva, de que não tomará medidas "intempestivas" para conter a valorização do real. O Tesouro passou a isentar de tributação aplicações externas em títulos da dívida pública. Colocar de volta a tributação não configuraria nenhuma "medida intempestiva". Assim como não seria intempestiva a fixação de prazos de permanência para o dólar especulativo.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (26 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
17/07/07 23:54

A pintura de Pollock

Enviado por: Leão Machado Neto

Apenas para provocar: que tal sairmos um pouco das obras hiper-realistas ou do classicismo?

Que tal darmos uma olhada no abstracionismo?

Cito um pintor, absolutamente polêmico, amado ou odiado: Jackson Pollock. Também americano, amante de Peggy Guggenheim e autor da obra mais cara já vendida até hoje.

Confesso que não sou fã de Pollack, mas vale a discussão nesse blog tão versátil e plural.

www.artcyclopedia.com/artist/pollack _jackson.htm

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (14 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
17/07/07 23:50

Sobre a pista de Congonhas

Enviado por: Roberto

Ola Nassif,

após este acidente com a aeronave TAM, um ponto que apareceu nas reportagens e que parece ser importante é o fato da pista recem-inaugurada ainda não contar com os sulcos (grooving) para sua melhorar aderencia.

Pelo que andei lendo, este processo soh poderia ser realizado algum tempo apos a conclusão da pista, devido ao processo de cura da massa asfaltica. Fica a pergunta. Abrir a pista sem o grooving é um procedimento corriqueiro ou foi uma decisão de arriscada. Analisando os fatos agora, provavelmente vai haver uma disputa que impeça o raciocínio.

Não seria o caso de abrir aqui no blog uma consulta para que alguns especialistas indicassem qual é o padrão internacional para esse procedimento?

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (9 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
17/07/07 18:02

Hipocrisia política

A legislação eleitoral permite doações de entidades e empresas a partidos políticos ou a candidatos individuais. Esse tipo de doação legal está sendo utilizada como material de denúncia por parcelas da mídia. É o caso de empresas ligadas à saúde sendo "acusadas" de contribuições eleitorais a candidatos da bancada da saúde. Queriam o quê? Que doassem a representantes de bingos? As doações ilegítimas não aparecem nas declarações dos candidatos.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (21 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
17/07/07 18:02

Previdência e pobreza

Segundo dados do Centro Internacional de Pobreza, instituição de pesquisa do Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), 27% dos pobres das áreas urbanas do Brasil conseguiram sair da situação de pobreza em dez anos. Embora não mencione as causas, provavelmente a rede de proteção da Previdência Social seja o elemento principal desse resgate.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (13 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
17/07/07 10:21

A arte de Molina Campos

O site oficial de Molina Campos

Enviado por: felicio rodrigues

Outro artista singular. O argentino Molina Campos, que pintou e desenhou o homem dos pampas argentinos, uruguaios e rio-grandenses. Nasceu em Buenos Aires em 21 de agosto de 1891. Autodidata - dominava as técnicas da aquarela, pastel e têmpera - desenhava desde os 9 anos nas estâncias do seu pai, retratando a paisagem e a vida cotidiana dos paisanos.

Em 1930 foi contratado pela Alpargatas - fabricante do famoso calçado usado pela gente pobre da campanha, visto que as botas só estavam ao alcance dos ricos estanceiros - para ilustrar o almanaque do ano seguinte. Em cada uma delas representou a atividade campesina. O êxito foi tão grande que continuou realizando-os até 1945. Nesses doze anos 18 milhões de litografias foram distribuídas na República dos Psmpas (Argentina, Uruguai e Brasil). Seus almanaques formaram a pinacoteca popular dos pobres. Não havia boliche ou barbearia de cidades da fronteira gaúcha sem uma reprodução de Molina.

Na década de 1940 viveu nos Estados Unidos, contratado por Walter Disney. Entre 44 e 58 ilustrou almanaques para a fabricante de máquinas agrícolas Minneapolis Moline e expôs seus quadros em instituições do Texas. Califórnia e Nova York. Expunha e vendia com sucesso seus quadros em galerias particulares, mas só entraram no Museo de Belas Artes de Buenos Aires no ano de 1989, trinta anos após a sua morte. Hoje acham-se distribuídas por museus e coleções particulares e na Fundação que leva seu nome na cidade de Moreno.

A primeira vista seus quadros parecem caricaturas. Humor sim, mas não caricatura. E esta é a sua originalidade ao retratar o gaúcho não mais como um triste e misógino paisano, tantas vezes repetido na pintura e na literatura - desde o Martin Fierro de Hernandes até Érico Veríssimo. Um dos signos da sua pintura é a picardia no retrato humano, na exatidão e no detalhe dos costumes, dos "aperos" e vestimentas dos personagens, com seus cavalos cabeções, com olhos salteados, grandes cascos e costelas marcadas. E no fidedigno tratamento do céu e do horizonte - sempre tão baixo - pampeano.

"Un paisano domando no puede causar risa, un potro estaqueado, que tironea rompiéndose la boca en el esfuerzo de liberarse, tampoco. Una paisana que sorbe un mate, el gaucho que la mira con cariño un poco más lejos, y la otra mujer de larga trenza que saca algo del horno de barro ante el cielo impasible de la pampa, ¿por qué harían reír a nadie? Son gestos humanos consagrados por el paso de los días y no de bromas de circo. Instantes de unas vidas a las que sólo algún perro o unas gallinas, aparte del caballo atado a un poste, hacen compañía en medio de un campo vacío."

Comentário

No filme-desenho de Walt Disney "Alô, Amigos", a parte argentina é quase totalmente dedicada a Molina Campos.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (10 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
17/07/07 09:52

Trivial de terça

Ontem à noite deu pau na Internet aqui de casa. Por isso, sai agora o Trivial de terça-feira.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (39 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
17/07/07 07:00

A transposição e a desertificação

Na aba de ECONOMIA (clique aqui) a Coluna Econômica discute os riscos de salinização e desertificação na transposição das águas do São Francisco.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (5 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
16/07/07 20:53

A convergência digital

Um dos grandes nós regulatórios, a convergência digital dos meios de comunicação poderá começar a ser desenrolado proximamente. O presidente da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), Ronaldo Sardenberg, disse ontem que é intenção da agência apresentar uma proposta simplificada das regras. Irá também trabalhar junto ao Legislativo e Executivo para agilizar a aprovação. Hoje em dia existem mais de trinta tipos diferentes de licença.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (2 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
16/07/07 14:00

A pintura de Edward Hopper

Enviado por: André Oliveira

Já que a pintura tem tido muita atenção por aqui mando uns links com pinturas do Edward Hopper pintor americano singular

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (19 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
16/07/07 10:17

Novo trem da alegria?

Enviado por Eduardo Ramos

Prezado Luis Nassif,

recorro ao seu Blog para fazer uma denúncia sobre um assunto grave que vai afetar milhares de concursado no Brasil, gente séria que se matou de estudar em concursos acirrados, com até cem mil candidatos para poucas vagas, e estão esperando ser chamados após dois ou três anos.

Trata-se da PEC 02/2003, projeto de Lei que vai ser votado em regime de urgência, um trem da alegria inconstitucional e absurdo, que fará com que funcionários públicos requisitados por um órgão, possam ser efetivados neste órgão.

A maracutaia está no fato de uma pessoa que passou num concurso na Prefeitura de "Tribobó" e foi requisitado por um deputado, por exemplo, para trabalhar na Assembléia ou pelo Tribunal Eleitoral do seu estado,

concursos muito mais difíceis e disputados e com salários dez vezes melhores do que o pago pela Prefeitura de Tribobó.

Desde que comprove ter sido requisitado por três anos, por esta terrível PEC 02/2003 O funcionário em questão, poderá ser efetivado no atual órgão, como se fosse concursado.

Resultado? Milhares e milhares de brasileiros que estudaram anos a fio, sacrificaram suas famílias, gastaram dinheiro em cursos e apostilas, sonharam, acreditaram na Lei que lhes garantia a vaga por concurso, terão que assistir uma autêntica invasão de funcionários que, MUITAS VEZES, POR APADRINHAMENTO E NÃO POR MÉRITO, foram requisitados para prestar serviços a esses órgão públicos.

Comentário

Agradeço quem puder enviar mais informações sobre essa PEC 02/2003.

Enviado por: Marcelo Martins

Olá Nassif.

Segue abaixo a íntegra da PEC. Aproveito para salientar que essa Proposta de Emenda à Constituição têm sido amplamente debatida no Congresso Nacional, fato que pode ser confirmado no site da câmara, onde diversos requerimentos e alterações, dos mais diversos grupos políticos têm aparecido.

Essa PEC é, enfim, "culpa e responsabilidade" de muitos.

PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO
Nº_____,DE 2003.

(Do Sr. Gonzaga Patriota e outros)

Acrescenta artigos 90 e 91 ao Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, possibilitando que servidores públicos requisitados optem pela alteração de sua lotação funcional do órgão cedente para o órgão cessionário.

(...) Art. 1º - O Ato das Disposições Constitucionais Transitórias passa a vigorar acrescido dos seguintes artigos 90 e 91:

Art. 90 - Os servidores da União, Estados, Municípios e do Distrito Federal ocupantes de cargos efetivos que atualmente se encontrem em exercício há mais de três anos consecutivos, em órgão diverso do seu órgão de origem, através de requisição, poderão optar, no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data de publicação desta emenda, pela efetivação de sua lotação no órgão cessionário.

Art. 91 - O disposto no artigo precedente aplica-se aos servidores cuja investidura haja observado as correspondentes normas constitucionais e ordinárias anteriores a 5 de outubro de 1988, e, se posterior a esta data, tenha derivado de aprovação em concurso público de provas ou de provas e de títulos na forma do inciso II, art. 37 da Constituição Federal.

JUSTIFICATIVA

A criação de órgãos públicos implementada por ocasião da promulgação da Constituição Federal de 1988 e enfatizada nos anos posteriores através de Emendas Constitucionais e leis ordinarias esparsas, nem sempre tem sido acompanhada pela pertinente criação de cargos capazes de suprir as necessidades de material humano - servidores públicos - para que exerçam atividades nos mais diversos órgãos situados nas três esferas de Poderes da União, Estados, Distrito Federal e Municípios.

Ocorre que a crescente demanda por funcionários nestes órgãos tem ocasionado um contínuo deslocamento de servidores de seu órgão de origem para órgão diverso, por meio de requisição, que lá permanecem exercendo atividades por anos a fio.

A incongruência que se verifica na vida funcional do servidor, após tantos anos exercendo atividade diversa da que ordinariamente exerceria no órgão cedente, é relevante ao ponto de se observar que em alguns casos, como se dá, por exemplo, na Justiça Eleitoral e na Justiça do Trabalho, onde muitos servidores já atuam há mais de uma década, e, por isso, já não têm quaisquer afinidades com as suas atividades de origem desempenhadas nos Poderes Executivo e Legislativo.

Daí a necessidade de uma regra constitucional transitória, que sem afastar a prevalência do "princípio do livre acesso aos cargos públicos via concurso", inserto no art. 37, inciso II da Constituição Federal, ampare os servidores que se encontrem na situação de requisitados, em face da distorção imposta pelo desvio de função a que estão submetidos.(...)

Deputado Gonzaga Patriota

PSB/PE

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (47 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
16/07/07 07:00

Os custos da transposição

Na aba de ECONOMIA (clique aqui) a Coluna Econômica discute os custos da transposição das águas do São Francisco.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (3 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
15/07/07 23:59

Trivial de uma segunda ladina

O Mário, que eu não conheço,
Mas se pretende ladino,
Quando quer matar alguém
Contrata o assassino.
Empunha a arma, arma o cão,
Escreve o texto no mínimo
Detalhe como alguém
Que apruma a mão do menino
Um quarentão juvenil
Sem escrúpulos ou tino.
Que finge que é o autor
De libelos pouco finos.

Para o bem ou para o mal,
Escrevam pro Trivial.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (65 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
15/07/07 22:14

A mulher no Irã

De Paula Fontenelle, recém-chegada de lá

Hoje vou pra farra, o que no Iran quer dizer: vou tomar chá com algumas amigas. Dei a maior sorte. Minha guia em Shiraz é uma mulher, portanto, fiz todas as perguntas que já havia feito ao guia homem para checar a veracidade e ouvir o lado feminino. Conclusões? Sim, varias. Vamos às principais:

1. As mulheres se sentem livres? Sim. A exceção fica com as jovens (que foram, diga-se de passagem, repreendidas varias vezes pela Sepideh), hoje com 31 anos. Ela criticou as adolescentes que usam uma maquiagem que "nem as estrelas do cinema usam", por isso, o presidente teve que endurecer e mudar o código de vestimenta. Sepideh citou o próprio caso, uma mulher independente, trabalha ha vários anos, a sua mãe se aposentou agora, era funcionaria de um banco.

2. E sexo? É uma vergonha para a família a mulher não ser virgem. Sapideh me contou (bem baixinho para o motorista não ouvir) que a mulher, antes de casar, vai ao medico receber um atestado de virgindade. Caso ela já tenha transado com o noivo, não tem volta, ele é obrigado a casar com ela. Se descobrir que a noiva não era virgem, então tem todo o direito de rejeitá-la. Mas, os jovens tem quebrado a regra. Muitos namoram bastante tempo, transam, e depois casam.

3. Mahmud Ahmadinejad, o presidente do Iran. Como ele é visto? Nesse ponto, encontrei unanimidade. O povo não acredita mais nele. Houve muitas promessas durante a campanha presidencial (soa familiar?), principalmente no que diz respeito ao combate à pobreza. Puro vazio. E pior, eles tem consciência de que Ahmadinejad esta destruindo de vez a imagem do Iran perante a comunidade internacional, isso é difícil de perdoar porque as sanções dificultam a vida de todos. O turismo, por exemplo, é quase inexistente, menos de 200 mil pessoas por ano. Para um país rico como esse historicamente, é nada.

Perguntei a um vendedor de tapetes o que ele achava do presidente. A resposta disse tudo: "eu trabalho o dia todo, volto para casa só à noite para ficar com minha família. No Iran, não temos tempo para pensar nele". Curto, direto e espontâneo. Medo de uma possível guerra contra o Iran? Também não gastam tempo com isso, mas como o conflito Iran-Iraque foi tão recente, temem que o país venha a ser destruído novamente.

4. Aiatolah Khomanei, o líder religioso, verdadeiro chefe da nação. Não senti, em momento algum, uma relação de respeito incondicional por ele. Manoochehr, meu guia em Esfahan, confidenciou que os iranianos ainda não se sentem completamente à vontade de chamá-lo de Imam (líder maior) porque a imagem de Khomeini ainda é muito forte. "Ele sim, era nosso Imam", disse.

5. Comunicações:

INTERNET

Existem `café net` em todos os lugares, como em qualquer lugar do mundo. É baratissimo (cerca de US$ 2 a hora) e está sempre cheios de jovens. Tentei encontrar sites proibidos e tive uma grande surpresa. O UOL não entra de jeito nenhum, aparece uma tela branca dizendo que o site é bloqueado. Fui para a CNN e pasme!! entrou normalmente. O G1 também. Não sei como eles selecionam, mas me parece que as regras são pouco justificáveis.

TV A CABO

É proibido, assim como os bingos no Brasil. Todo mundo tem, mas não existe a variedade de canais que temos no nosso país. Fiquei em hotéis 5 estrelas e nenhum deles tinha CNN. Segundo a guia, uma mudança recente. Aljazeera e BBC Internacional, sim. Alias, ontem à noite, Lula deu uma entrevista (e se saiu muito bem) na Aljazeera. Falou da sua relação com o Chaves, do anti-americanismo na America Latina, do recente plano de planejamento familiar do Brasil. Estava seguro. Alias, assistir à Aljazeera acrescenta uma nova perspectiva a temas globais. O G-8, por exemplo, eles cobriram muito bem, mas sempre questionando a credibilidade das promessas, particularmente no que diz respeito à ajuda financeira à África.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (13 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
15/07/07 22:05

A nova arte iraniana

Além de Iman Maleki (que tem 31 anos), outro da mesma idade é Shahrad Malek Fazeli. Confira seus quadros.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (6 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
15/07/07 19:48

A UH, Wainer e Danuza

Estou mergulhado nos relatórios da CPI da Última Hora, no depoimento do acusador Carlos Lacerda e do acusado Samuel Wainer, para a biografia que estou escrevendo. Como o Jorginho Cunha Lima não coloca o que sabe no seu Blog, colocarei no meu.

Quando montou sua rede de jornais, no Rio, São Paulo e Porto Alegre, Wainer procurou Jorginho e convidou-o para ser diretor de redação. A razão eram as ligações de Jorginho com os quatrocentões paulistas e com a Arquidiocese.

Quando Jango foi derrubado, em 1964, Wainer teve que fugir. Não se sabia qual seria o futuro da UH.

Na ocasião, Jorginho foi procurado por dois grupos, um ligado a Carvalho Pinto (José Bonifácio Coutinho Nogueira, cujo grupo tem várias concessões da Globo no interior de São Paulo e Minas) e outro ligado a JK. A idéia seria cada qual ter 47,5% e Jorginho ficaria provisoriamente com 5%, que seriam devolvidos para Wainer quando ele voltasse do exílio.

Wainer acabou não topando. Não me lembro qual foi a solução encontrada. Mas Jorginho contou que, na volta do exílio, Wainer procurou de todas as maneiras tentar recuperar os jornais. Sua mulher, Danuza Leão, não vacilou em vender todas suas jóias e bens para ajudar o marido na empreitada, que acabou não sendo bem sucedida.

Mas foi uma grande companheira.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (12 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
15/07/07 18:05

Para não olvidar as verdadeiras causas

Na aba de ECONOMIA, comentários sobre artigo recente

de Edward Amadeo, analisando o governo FHC, que quase olvidei na correria da semana passada.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (11 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)
15/07/07 12:49

Das vaias ingratas

Não houve na história vaia mais ingrata, mais cruel, que a que levou o goleiro baiano que, em pleno estádio em Salvador, evitou milagrosamente o milésimo gol do Pelé.

Qual era o nome daquele injustiçado mesmo?

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (89 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)

15/07/07 00:10

Trivial de domingo

Nem sei se a semana termina
Sem sei se já começou
Nem sei se domingo é o fim
Ou a semana que iniciou
Só sei que durmo altaneiro
Depois dou uma volta na praça
E faço meia pirraça
Pro trabalho rotineiro

Depois, convido vocês
Sob esse sol invernal
Para o papo de boteco
Chamado de Trivial

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (59 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)